

ECOS *de* CAPITU



Fanfics escritas por alunas da FALE-UFMG

Organizado por Raquel Abreu-Aoki





ECOS *de* CAPITU

Alexandra Mirian L. E. Barbosa

Ana Clara Soares Freitas

Ana Luiza Feltrin Hubner

Anne Helena de Melo

Ariele Soares dos Santos

Barbara Fernandes Sena

Camila Contine

Deborah Célia Gomes Rodrigues

Jessica Rossmann Martins

Júlia Cadar Cunha

Júlia Lara P. Teixeira

Júlia Miranda de Oliveira

Lara Cadar Cunha

Laura de Assis Silva

Laura Ribeiro Araujo

Luísa Rocha Vasconcelos

Luíza Carolina O. Silva

Maria Laura P. Nogueira

Nayara de Almeida Faria

Rafaela dos S. Araujo

Sofia Moraes Coelho

Suyhanne K. Pena Leite

Taynara Zanandreis

Organizado por Raquel Abreu-Aoki



Textos: Alexandra Mirian L. E. Barbosa, Ana Clara Soares Freitas, Ana Luíza Feltrin Hubner, Anne Helena de Melo, Ariele Soares dos Santos, Barbara Fernandes Sena, Camila Contine, Deborah Célia Gomes Rodrigues, Jessica Rossmann Martins, Júlia Cadar Cunha, Júlia Lara P. Teixeira, Júlia Miranda de Oliveira, Lara Cadar Cunha, Laura de Assis Silva, Laura Ribeiro Araujo, Luísa Rocha Vasconcelos, Luíza Carolina O. Silva, Maria Laura P. Nogueira, Nayara de Almeida Faria, Rafaela dos S. Araujo, Sofia Morais Coelho, Suyhanne K. Pena Leite, Taynara Zanandreis

Organização: Raquel Abreu-Aoki

Curadoria: Alexandra Mirian L. E. Barbosa, Camila Contine, Deborah Célia Gomes Rodrigues, Júlia Cadar Cunha, Lara Cadar Cunha, Laura Ribeiro Araujo, Nayara de Almeida Faria

Capa, projeto gráfico e diagramação: Deborah C. G. Rodrigues

Vetores: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A162e Abreu-Aoki, Raquel

Ecos de Capitu / Raquel Abreu-Aoki (org.). – Belo Horizonte :
Editora Abelhas 2022.
268 p. : il.

Formato: pdf com 4.1 MB

ISBN: 978-65-00-41010-5

1. Coleção de contos. 2. Fanfic. I. Título.

CDD: B869.1

CDU: 821.134.3 (81)

And Books: André Queiroz – CRB-4/2242

Todos os direitos da obra reservados as autoras.

www.editoraabelhas.com

@editoraabelhas





“O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata-cavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. I: ‘Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti’. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.”

Bentinho



Sumário

Apresentação	7
Raquel Abreu-Aoki	
A alma é cheia de mistérios	11
Jessica Rossmann Martins	
Jogo de sentimentos	20
Ana Luiza Feltrin Hubner	
Sorvete de manga	32
Júlia Miranda de Oliveira	
Antelóquio à Dom Casmurro	41
Lara Cadar	
Prometida	49
Júlia Cadar	
Capitolinas	62
Arielle Soares dos Santos	
Através dos olhos de ressaca	71
Luísa Rocha Vasconcelos	
Capitu e a invenção impossível	80
Luíza Carolina de Oliveira Silva	
Pecados Tribais	90
Suyhanne Katarynne	
O ato de amar	107
Sofia Morais Coelho	
O amor liberta	117
Júlia Teixeira	

Além da Vida	127
Camila Contine	
O resto é silêncio	138
Laura Ribeiro	
Pelos olhos de cigana oblíqua e dissimulada	144
Rafaela dos Santos Araújo	
O dissimulado	156
Alexandra Mirian Lopes Emerich Barbosa	
O padre e o profano	166
Ana Clara Soares Freitas	
Yacy	177
Taynara Zanandreis	
O último piscar de olhos	191
Maria Laura de Paula Nogueira	
Ressaca	202
Laura de Assis Silva	
Real identidade	214
Nayara de Almeida Faria	
Jóias Raras	225
Anne Helena de Melo	
D. Capitolina	237
Bárbara Fernandes Sena	
As rosas de Capitu	248
Deborah Célia Gomes Rodrigues	
Sobre a Curadoria	257
Júlia Cadar	
Sobre a organizadora	260
Sobre as autoras	261



Apresentação

Raquel Abreu-Aoki



Decidi aventurar-me pelo mundo das *Fics* (apelido para *Fanfictions*) quando percebi o desejo dos meus alunos pela escrita criativa e livre. Meu objetivo foi proporcionar um espaço colaborativo e interativo como são os *Fandons* (em ambientes virtuais).

Mas o que são as *Fics* afinal?

Conhecidas como *Fanfictions/Fanfics/Fics*, ficções criadas por fãs, têm se tornado uma prática comum entre as comunidades de pessoas aficionadas por obras literárias e cinematográficas ou mesmo por artistas, bandas, filmes etc. Constroem um universo para-

lelo ao original e ampliam a relação dos fãs com as obras e artistas que admiram – sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática.

Minha percepção sobre as *Fanfics* vai bem além da questão do gênero em si. Eu as entendo como modo plural de compreensão, que abarca novas práticas de Letramento, estratégias de escrita colaborativa, uma eficiente ferramenta pedagógica – além disso, um movimento!

Os autores (*ficwriters*) de *Fanfictions* dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria¹.

Diferente dos gêneros mais comuns da literatura, as *Fanfics* permitem que espectadores manifestem sua autonomia em desenvolver sua própria versão de um fato ou história já existentes (preenchendo os *gaps*). A reescrita da história, partindo do ponto de vista do leitor, é a base para as *Fanfics*, que se qualificam por explorar ao máximo as entrelinhas do texto original.

Além disso, bem mais que textos de aspirantes a escritores, as *Fics* também cumprem um forte papel de preenchimento das lacunas existentes no âmbito representacional das figuras da sociedade múltipla em que vivemos. Suas manifestações têm se voltado para temas esquecidos pelas “literaturas canônicas” com uma atenção significativa aos temas da miséria, da fome, das desigualdades sociais e, ultimamente, da violência urbana. Tem-se percebido, nesse contexto temático, maior engajamento político e compromisso social do escritor².

Esse gênero é relevante não apenas por dar vazão à criatividade, mas também como difusor de questões socioculturais peculiares às minorias marginalizadas e que antes eram retratadas de forma precária ou replicada pela literatura tradicional. Sendo assim, garante-se um certo espaço e alcance aos *ficwriters*, conferindo-lhes maior visibilidade e representatividade.

O livro que está em suas mãos é composto por *Fanfics* escritas por

alunas do Estudo Temático que ministrei: *Oficina de Fanfiction*. Elas tiveram um grande desafio: transpor Capitu (a importante, enigmática e atemporal personagem de Machado de Assis) para o papel de narradora-personagem.

Diferentemente da obra *Dom Casmurro*³, em *Ecos de Capitu*, o foco narrativo é de Capitu. Ela ganha voz, ela nos contará histórias e nesse deslizamento e, conseqüentemente, mobilização de personagens, muitos paradigmas são rompidos!

Ressalto que cada uma das narrativas vem acompanhada de sua trilha sonora. Vocês podem conferir clicando no nome da música (abaixo do título da história) ou se preferirem podem acessar o *link* da *playlist* no *Spotify*: <https://open.spotify.com/playlist/7vLJ34KdmXclgvhgnToGD8?si=VsiKF8WIQMGy0DXnL8CygQ>.

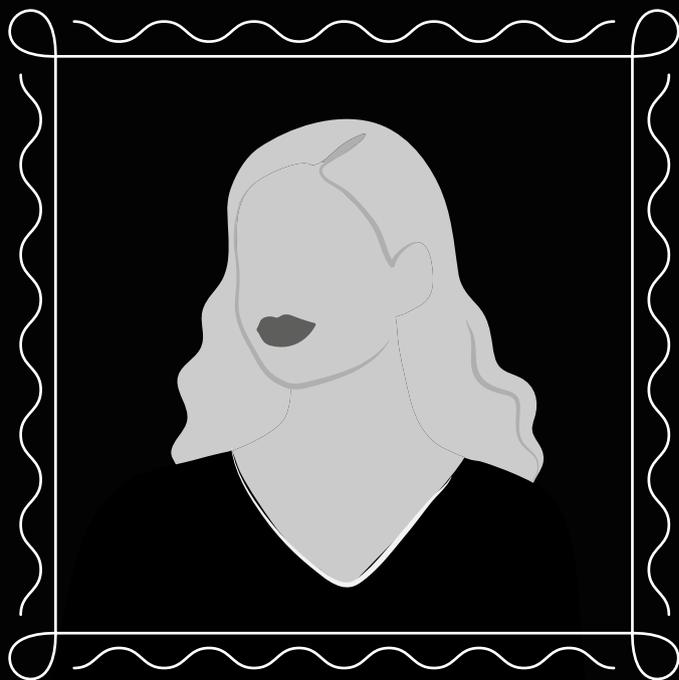
O resultado que tivemos demonstra a ascensão da figura do leitor-criador, autônomo e com uma escrita independente. Sintam-se livres também para modificar e expandir o universo das histórias.

Boa leitura!

¹ VARGAS, Maria Lúcia Bandeira. *O fenômeno Fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

² NEVES, André Jesus. *A literatura marginal na internet: o fenômeno Fanfiction como instrumento de disseminação e divulgação das/nas margens*. Pontos de Interrogação, Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, v. 2, n. 1, jan./jun., 2012.

³ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, Pariz: H. Garnier Livreiro-Editor, 1899.



Inocência



A alma é cheia de mistérios

Jessica Rossmann Martins

trilha sonora

Intoxicated

The Cab

Capitu sai da escola correndo ao tocar do sinal do fim das aulas, a alegria estampada em seu rosto em um grande sorriso. Em sua mente ela apenas exclamava “finalmente!” repetidas vezes; a sensação de alívio corria em suas veias após a tensão que a perseguiu durante o dia todo. Ela não via a hora de encontrar seu amigo e contar a novidade.

Dois quarteirões depois e ela finalmente chega à banca de revistas tradicional onde o amigo vendia um jornal para um cliente. Ao ver Capitu, Escobar não consegue esconder a ansiedade de seus olhos — ele estava a par dos planos da amiga, então não via a hora

de saber o resultado. Os amigos aguardam ansiosamente que o cliente vá embora para enfim poderem conversar.

— E aí?

— Você não vai acreditar!

Os dois falam em união.

— Tá, calma. — Escobar ri. — O que rolou?

— Ela aceitou! — Capitu revela enfim. — Ela aceitou Escobar!

Capitu rodopia na calçada em frente ao pequeno estabelecimento, balançando sua mochila para os lados. Escobar pouisa as mãos sobre o balcão, soltando um suspiro.

— Falei que ia dar bom, ela tá na sua total.

— Não sabemos disso ainda. — Ela para de rodopiar, voltando à racionalidade. — Mas com certeza foi um bom sinal.

Escobar pede licença à mãe e sai de trás do balcão da banca para acompanhar Capitu em sua caminhada até sua casa, como costumava fazer quase diariamente.

— Agora me conta como foi. — Ele pergunta assim que iniciam a caminhada.

— Fiz como você sugeriu, chamei ela no intervalo pra comer comigo em um lugar mais quieto e aí soltei o convite. E ela aceitou de primeira, sem nem hesitar!

— Você dizendo assim até parece que ela já estava esperando que você convidasse.

— Você acha? Acho que não... Ela parecia que nem iria na festa junina se eu não convidasse.

— Deixou a garota esperando, tsc tsc... — Ele estala a língua em tom de brincadeira. — Amanhã vai ser um grande dia.

— Vai mesmo. Mal posso esperar...

Os dois seguem conversando sobre a tão esperada festa junina do dia seguinte, que aconteceria na escola de Capitu. Todos do bairro costumavam frequentar, já que era bastante popular e cheia de comidas típicas — além da tradicional quadrilha e diversas atividades para todas as idades.

Quando os amigos viram a esquina da rua onde Capitu morava, eles avistam alguém parado diante ao portão da casa da adolescente. Ela desacelera seus passos, soltando um suspiro em frustração.

Era Bentinho, seu amigo de infância e vizinho de frente. Não era como se ela tivesse brigado com o antigo amigo, mas ele vinha mostrando um comportamento um tanto... *estranho* nos últimos meses. Sempre que ele a via fazia insinuações, como se estivesse dando em cima dela, e sempre ficava bravo quando a via com Escobar. E pior; as mães de ambos achavam que eles acabariam juntos um dia, o que só dava forças para o comportamento estranho do garoto. Assim, Capitu preferiu se distanciar na medida do possível.

Para o seu infortúnio, ela estava justamente acompanhada da pessoa que deixava seu comportamento pior.

— Ih, olha lá ele de novo. — Escobar comenta baixinho enquanto os dois caminham lentamente em direção a ele.

— Aff, nem fala. Se quiser já ir embora pode ir, não precisa lidar com ele.

— Nem, vou te acompanhar até o portão. Não é por causa dele que vou parar.

Quando estão perto o suficiente, Bentinho se vira para os amigos com o olhar sério e calculista que tem sempre apresentado para eles. Capitu revira os olhos.

— Capitu. — Ele diz em seu tom de voz baixo, olhando para Escobar de baixo a cima. — Gostaria de falar com você.

— Pode falar. — Ela responde meio impaciente.

— De preferência à sós. — Ele especifica.

— Tô com pressa pra almoçar Bentinho, minha mãe logo me chama. Desembucha.

Desconfortável, Bentinho ajeita a postura dos ombros.

— Pois bem. Capitu, quer ir comigo à festa junina da sua escola amanhã?

— Não, eu já tenho companhia. — Ela responde friamente. — Era só isso?

Bentinho faz uma expressão de choque com a notícia e, sem paciência para interagir com o garoto, Capitu se despede de Escobar e pega suas chaves para entrar em casa. Os dois garotos se entreolham por alguns segundos até ela entrar e Escobar decidir ir embora também.

— Espera. — Bentinho pede, e Escobar se vira para encará-lo. — É com você que ela vai na festa junina?

— Não. — Escobar responde simplesmente.

Escobar não fica para papo e segue andando após esclarecer a dúvida de Bentinho. Entretanto, o último franze o cenho e arfa com raiva, desacreditando.

— Como pode mentir na minha cara desse jeito... — Bentinho resmunga para si antes de ir para sua casa.



O dia seguinte é tomado de ansiedade por parte de Capitu. A festa só começaria no início da noite, mas seus preparativos começam logo depois do almoço. Primeiro ela fica horas decidindo uma roupa, depois toma um banho caprichado e por fim se dedica a secar e estilizar seus longos cabelos escuros e ondulados.

Ela havia combinado de se encontrar com seu par uma hora depois da festa começar em frente à escola, e uma hora antes ela já está no portão aguardando. Sua camisa xadrez combina com o clima da festa junina, e ela não se arrepende de ter decidido vesti-la ao ver que a maioria das pessoas que chegavam também estavam vestidas a caráter.

Claro que a espera apenas aumenta a sua ansiedade, mas para sua sorte, seu par chega alguns minutos adiantada. Seu coração acelera ao ver a outra garota andando em direção a ela, vestindo um vestido típico de festa junina e trancinhas no cabelo. Ela estava adorável.

— Capitu! Eu demorei? — Sancha, sua melhor amiga da escola, a cumprimenta.

— Não! Eu que cheguei cedo demais, e você tá adiantada... — Capitu explica, meio sem jeito.

— Que bom, não queria te fazer ficar esperando.

— Não se preocupa mesmo. — Ela deixa claro. — Adorei o vestido.

— Obrigada, fiquei com medo de ser a única vestida assim, mas aí deixei pra lá. — Sancha ri. — Adorei a camisa.

— Ah, obrigada. Quis entrar um pouco no clima também.

As duas logo concordam em entrar na festa e seguem juntas lado a lado em direção aos estandes. Não muito longe dali, entretanto, Bentinho caminhava em passos largos em direção à escola, ansioso para ver com os próprios olhos a mentira que lhe fora contada. E, em outra rua, Escobar também anda em direção à escola com alguns amigos, completamente despreocupado.

Capitu não pensava em outra coisa a não ser em aproveitar o tempo com Sancha. Elas brincam no estande de pescaria, onde Sancha consegue alguns quitutes para ambas comerem, depois brincam no tiro ao alvo, onde Capitu se dá melhor e consegue um ursinho de pelúcia, e o dá para Sancha. A noite estava sendo ótima.

Porém, ela não sabia qual seria o momento certo para abrir o seu coração. A festa estava lotada e tinha muitas distrações no caminho, será que era uma boa ideia fazer isso nesse momento? Mas depois de tanto juntar coragem seria um desperdício deixar essa oportunidade passar.

Certo momento Sancha sugere que elas façam uma pausa nas brincadeiras para comer e ambas arrumam uma mesa de plástico livre na quadra para se acomodarem com seus lanches: caldo de feijão, milho cozido e pipoca doce. Mesmo com tantas delícias em sua frente, Capitu não sente seu apetite muito forte; ela tinha outras preocupações em mente.

E com a mente cheia Capitu nem percebe que Bentinho as observa de longe, tendo facilmente visto as duas sentadas no meio da quadra. Meio descrente, ele fica paralizado, sem ação. Então era com Sancha que Capitu viria à festa? Não era uma mentira?

Mas, para sua surpresa, ele assiste o exato momento em que Es-

cobar aparece e se dirige até a mesa onde as garotas estão sentadas. Capitu se surpreende com a vinda do amigo, que cumprimenta ambas educadamente.

— Na real não queria atrapalhar vocês, só vim aqui para avisar que o Bentinho está aqui... — Ele avisa, cauteloso. — E está parado olhando pra cá, mas finge que não sabe disso.

— Aff sério. — Capitu evita olhar para os lados. — Espero que ele não encha o saco.

— O seu amigo de infância? — Sancha entra na conversa, curiosa.

— Sim... Ele anda meio esquisito, acho que ele gosta de mim. — Capitu solta a explicação, mas logo fica vermelha. — Mas eu não sinto nada por ele! Nunca sentiria.

— Ah sim... Situação complicada. — Sancha solta uma risadinha. — Mas não vamos deixar que ele nos atrapalhe hoje.

Capitu fica ainda mais vermelha com as palavras de Sancha. O que a garota queria dizer com isso? E Escobar, que ainda estava diante à mesa delas, percebe que é sua deixa para ir embora e o faz em seguida.

Bentinho, que ainda assistia a cena, vê Escobar se distanciando das garotas e decide ir atrás dele. Entretanto, o melhor amigo de Capitu se junta novamente a seus amigos, o que impede que Bento se aproxime imediatamente; não daria para chamá-lo com tantos conhecidos em volta. Sem opção, ele decide segui-los de longe até um momento oportuno.

Capitu e Sancha tornam a caminhar pela festa, que estava ficando cada vez mais lotada a medida que a noite avançava. Com o tanto de gente passando por elas entre os estandes, Sancha em certo momento acaba agarrando o braço de Capitu, que não evita corar com a proximidade. E o que vem em seguida faz seu coração acelerar.

— Vamos para um lugar mais vazio? — Ela fala alto, competindo com a música de festa junina e os barulhos ao redor.

Capitu apenas acena com a cabeça em concordância, meio perplexa ainda com o convite. Sancha as guia para o fundo da escola após

as quadras de esporte, onde havia menos gente, e a cada passo que elas dão o coração de Capitu aperta ainda mais. Talvez essa fosse a oportunidade que ela precisava, já que Sancha queria escapar um pouco da confusão. Teria ela coragem?

Entretanto, quando elas enfim encontram um espaço vazio perto do prédio principal da escola, as duas param em surpresa ao ver Bentinho e Escobar conversando em um outro canto, em frente à grande porta do auditório, sem notar a presença delas. Capitu já se prepara para ir interferir, imaginando que havia algo a ver com ela, mas Sancha a impede segurando pelo braço.

— O que foi? — Capitu pergunta, confusa. — Preciso ir impedir que eles briguem!

— Eles não parecem estar brigando...

Capitu olha para onde os dois garotos estavam novamente e decide observá-los. Agora vendo com atenção, os dois pareciam conversar com os sentimentos aflorados, mas não havia qualquer sinal de briga.

— Será que conseguimos escutar? — Sancha sugere, já puxando Capitu consigo.

— Ei, espera! Não vamos nos aproximar mais, eles não podem nos ver!

— Vamos esconder atrás daquela mureta!

E assim as duas se aproximam e se abaixam atrás da mureta que levava à rampa do prédio. Dali elas conseguem escutar a conversa, que seguia um rumo bastante inesperado.

— Você jura que não gosta da Capitu? — Bentinho pergunta a Escobar.

— Não cara, ela é minha amiga, já te disse. O que você quer afinal?

Bentinho pausa por alguns segundos, deixando todos apreensivos.

— Aff, se não vai falar mais nada eu vou embora. — Escobar anuncia. — Só deixa ela curtindo a festa com a Sancha em paz, não vai ser legal você atrapalhando...

— Não tenho interesse em atrapalhar elas. — Bentinho responde,

encontrando sua voz novamente. — Pois bem, vou acabar com isso de uma vez com todas.

— Acabar com o que?

— Escobar, é em você que eu tenho interesse. Não na Capitu.

Capitu acha que não escutou direito com tal revelação. Bentinho não gostava dela até pouco tempo?

— Como assim? — Escobar pergunta, confuso.

— Eu gosto de você, Escobar.

E todos ficam chocados. Escobar principalmente, que não esperava de jeito nenhum. Capitu e Sancha se entreolham, também surpresas, e soltam risadinhas discretas.

— Acho que você não precisa se preocupar mais, Capitu. — Sancha cochicha.

— Não mesmo. — Meio incrédula Capitu passa a mão nos cabelos. — Tô meio arrependida de ter ficado evitando ele, vai que ele queria conversar comigo sobre isso?

— É possível. Mas agora já tá resolvido.

Escobar acaba por pedir um tempo para pensar para o outro garoto, que concorda e diz estar feliz só de ter criado coragem para se confessar. E assim que os dois se afastam, Sancha e Capitu saem do esconderijo.

— Que noite, hein. — Capitu diz com um suspiro. — Muitas emoções.

— Falta a nossa, né? — Sancha diz, segurando o braço de Capitu.

O rosto de Capitu ferve.

— Como assim? — Ela pergunta, fingindo que não sabe de nada.

— Eu sei que você tem algo pra me dizer. Sei disso há meses, e fiquei só esperando. Sabia que do jeito que você me convidou toda nervosa pra essa festa você ia finalmente me falar.

Capitu fica sem palavras. Ela era tão óbvia assim?

— Sancha, eu... — Ela hesita um pouco pelo nervosismo. — Eu queria dizer que gosto de você. Não só como amiga.

Sancha acaba rindo com a confissão, o que deixa Capitu ainda

mais vermelha.

— Porque tá rindo? — Ela reclama.

— Porque você é uma boba! Eu gosto de você também. Ficava te dando sinais mas você nunca entendia...

E Capitu se sente boba mesmo, depois de tanto hesitar e achar que podia não ser correspondida. Enquanto seus pensamentos se organizam, Sancha puxa a beirada de sua camisa xadrez, chamando sua atenção.

— Vai ficar hesitando ainda?

E Capitu acaba rindo, percebendo que não havia mais com o que se preocupar. Tentando superar sua timidez, ela puxa Sancha pela cintura e beija lentamente, algo que ambas aguardavam ansiosamente que acontecesse.

E assim acaba a noite cheia de surpresas para os quatro adolescentes.



Jogo de sentimentos

Ana Luiza Feltrin Hubner

trilha sonora

“Trampoline”

SHAED – ZAYN

Depois de passar por uma noite inteira sem dormir levantei disposta a colocar num papel tudo o que atrapalhou meu sono. Seria genial que esta história virasse um livro, mas eu não pretendo escrever muito, caro leitor. Quem sabe eu coloque o Capítulo Único na minha futura autobiografia, mas acho que estaria me expondo demais.

Bom, todo o episódio fatídico começou no fim do ano passado. Eu, Sancha, Bentinho e Escobar — meus melhores amigos do mundo inteiro — decidimos passar o ano-novo juntos e, por isso, fomos para Ubatuba, na casa de praia do meu tio Cosme. A gente estava muito feliz! Passamos para o 2º ano do Ensino Médio, apesar

do Escobar ter tido dificuldades pra isso, e vencemos o Campeonato Paulista de Futebol Junior, tanto eu e Sancha no feminino, quanto Bentinho e Escobar no masculino. Além disso, o ano de 2019 prometia grandes realizações: seríamos avaliados por uma comissão técnica do Manchester City, time de futebol inglês, e teríamos a chance de ser escolhidos para compor o time profissional. Eu não podia conter a minha emoção.

— Vocês têm noção que eu poderei, simplesmente, pisar na mesma grama que a Esme Morgan¹ pisa? — eu exclamei, emocionada, enquanto olhávamos o pôr-do-sol na área da casa.

— Amiga, lembra que ela vai defender o Everton FC agora, pode ser que você nem a conheça. Não tô querendo acabar com a tua alegria, só não quero que você se decepcione! — disse Sancha, tentando acalmar meus ânimos. — Fora que a gente pode nem ser escolhida. Tem muita menina talentosa no clube.

— Relaxa, Sancha, eu acho que a Capitu tá certa em fazer grandes planos e imaginar como seria estar na grande liga! — disse Bento, olhando pra mim com aqueles olhos de bobo apaixonado. Ele sempre me dava muita moral, o que me fazia gostar ainda mais dele. — Eu também não vejo a hora da seleção chegar!

— Acho que todos aqui têm a mesma chance que qualquer outro nos times do clube. Por favor, né Sancha, você e a Capitu dão um show com a bola no pé! Se eles não escolherem vocês, vão sair perdendo e eu ganhando, pois não quero que a gente se separe, nunca. — O Escobar era o único que não estava animado com a convocatória dos ingleses. O sonho de consumo dele era que todos nós pudséssemos ficar grudados um no outro pra sempre.

— Só as meninas dão show com a bola, mano? — indagou Bento

1 Esme Beth Morgan é uma futebolista inglesa de 19 anos que joga como zagueira do Manchester City na Super League Feminina da FA. Ela passou a temporada 2019-20 emprestada no Everton.

— O pai aqui não é de se jogar fora também, não!

— Bento, querido, aqui não tem plateia pra você ficar se exibindo, não! — falei, colocando as mãos na cintura e provocando o riso em todo mundo.

O nosso verão foi muito tranquilo e divertido. Ouso dizer que foi o melhor que já tive. Estar com os meus amigos é tão bom, especialmente quando estamos só entre nós; e essa amizade está à beira da morte.

O problema do adolescente de hoje em dia é que ele é muito ousado. Uma menina pode chegar no menino e se declarar, sem discrição nenhuma. Não existe mais isso de que a menina tem que esperar pela abordagem do cara; se eu gosto, eu vou lá e digo e pronto. Mas e quando a menina gosta de dois? Ah, aí eu acho sacanagem se declarar pra dois caras. Então você é obrigada a avaliar a situação e se decidir. Cara, eu sou essa menina.

Aquele ano-novo me deixou ainda mais confusa. O Bentinho era só charme, olhando pra mim com aqueles olhos bobos, meio acanhados, fazendo de tudo pra me agradar e estar perto de mim. A Sancha sempre me disse que ele era a fim de mim, mas eu não tinha essa certeza toda até o fim de ano na praia. E eu tinha uma queda por ele, sim, mas confesso que não tava ligando pra isso até aquele momento.

Você está ansioso pra saber quem é o segundo cara, né, leitor!? Eu não vou te enrolar, mas que fique claro que eu nunca quis que isso acontecesse. Somos quatro amigos, amigos de infância que passam quase o dia todo juntos, juntos demais a ponto de eu ter sentimentos especiais por dois deles: Bentinho e Escobar. Eu sei, é a coisa mais terrível que pode acontecer. Por que? Porque tá cheio de gente compartilhando no Instagram que se declarou pro amigo ou amiga e acabou com amizade no mesmo instante. Não porque passou para o namoro! Não, colega. Foi porque manter a amizade depois da declaração de amor era muito difícil.

Eu estou com medo disso acontecer e eu sei que o Escobar tem esse medo também. Eu não faço ideia de como isso aconteceu; eu e o Escobar não temos muito a ver. Só que cada vez que eu chego perto

dele, minha barriga se enche de borboletas. Já diziam as Chiquititas que o verdadeiro amor de uma pessoa é aquele que provoca borboletas na barriga dela. É besteira isso, né? Será que é?

Eu só sei o que eu acho, e eu acho que gosto do Escobar, sim! Pense bem, ele é um cara muito carinhoso, gentil, bonito e aquele corpo dá o que falar. Eu não sou de ferro né, colega! Mas atração física eu também tenho pelos dois. Meu Deus, isso definitivamente não vai para a minha autobiografia!

2019 chegou e em janeiro começaram os treinos no clube. A gente treinou seis dias por semana no futebol júnior antes da peneira. E o esforço era maior, porque podíamos ser escolhidos pra ir jogar na Europa e tínhamos que dar nosso melhor. Nós quatro focamos nisso, deixando coisas como paixonites de lado.

A seleção foi no começo de abril e na noite anterior ao primeiro dia, a Sancha veio dormir aqui em casa. Nós estávamos muito nervosas e decidimos fazer uma noite das garotas, com spa e tratamentos caseiros pra relaxar. Até que a Sancha decidiu soltar a bomba pra mim enquanto estávamos com a máscara preta de limpeza no rosto.

— Amiga, preciso falar pra alguém e colocar pra fora uma coisa — disse ela, iniciando a conversa depois que deitamos nos sofás.

— Não entendo como você pode não ter me contado ainda, San. Que cerimônia é essa? Fala logo! — Respondi.

— É que eu não quero ser precipitada, Capitu. A gente tem muito em jogo.

— Eu sei, eu também não quero. Por isso estamos relaxando, pra não dar uma de emocionadas amanhã! — Falei, imaginando que o problema da Sancha era a insegurança em relação à seleção.

— Capitu, não é isso, não. Na verdade, faz uns dias que eu não paro de pensar em uma pessoa e acho que gosto dela, mas não tenho certeza.

Eu levantei na mesma hora, sentando no sofá.

— Sancha, isso é sério? Me conta tudo! Quem é? Eu conheço?

— É o Escobar.

Eu fiquei muda. Eu realmente não sabia o que dizer. E se o Escobar fosse o meu amor verdadeiro? Eu ia ter que disputar ele com a Sancha, a garota mais linda e simpática que eu conheço! E como eu não desconfiei disso, gente!? Ela é minha melhor amiga. Eu devia estar tão focada no futebol que acabei ignorando qualquer coisa que não tivesse a ver com uma bola, um campo, um time europeu e uma rede presa em três traves.

— Capitu, você vai ficar aí parada, olhando pro nada? — Sancha perguntou, abanando a mão na frente do meu rosto. Levei um susto na mesma hora, porque o pensamento não estava ali. Eu tava pensando em como dizer pra minha amiga que o menino que ela gostava, era o menino que eu gostava também.

— Só tô... surpresa. — Soltei uma risadinha em sequência. — Nunca... nunca imaginei que você gostasse dele, San. Mas me conta mais. Vai falando, enquanto eu pego uma água com gás pra gente.

Eu tive que sair da sala naquele momento. Eu não sabia onde enfiar a minha cara de desgosto por saber aquilo, e eu não sabia disfarçar. É claro que ela falou tudo: por que gostava, quando aconteceu, o que ela achava sobre aquilo, os sentimentos que o Escobar provocava nela e, inclusive, disse que suspeitava que os sentimentos eram mútuos. Como assim? O Escobar nunca demonstrou um pensamento, uma atitude, um sentimento em relação ao amor.

A gente achava até estranho ele nunca falar nada. Pensamos que ele poderia ser assexual, ou que gostasse de meninos e tivesse medo de dizer pra gente por algum motivo, ou que ele não confiasse na gente o bastante para falar do assunto amor. Fomos muito bobos em fazer suposições, porque descobrimos que ele só é tímido mesmo e prefere guardar os sentimentos pra si.

Depois da conversa com a Sancha, não estava mais nervosa pelo início da seleção, mas sim nervosa pelo que ela me contou. No dia seguinte, acordei pensativa. Enquanto ela ainda dormia, eu olhava pro teto pensando no que eu deveria fazer pra solucionar meu problema. Pensei muito e decidi que o melhor era descobrir se eu realmente gos-

tava do Escobar.

O primeiro dia da peneira foi bastante puxado, tanto para as meninas, que estavam nos campos 1 e 2, quanto para os meninos, que ficaram nos outros três campos do clube. Fizemos exercícios de aquecimento intermináveis, chutes a gol, troca de passes, cobranças de faltas ensaiadas e quando pensei que tínhamos terminado, nos dividiram em times para jogar algumas partidas. Mas o esforço e o cansaço valeram a pena, pois passei para a segunda fase, junto com a Sancha. Neste dia eliminaram mais de 15 meninas.

No fim do dia, eu e Sancha fomos na lanchonete em frente ao clube pra esperar os meninos e tomar uma vitamina enquanto conversávamos sobre o treino. Eu ainda não sabia como investigar sobre os meus sentimentos sobre o Escobar, mas decidi deixar pra lá, até a seleção terminar. Eu precisava focar naquilo. Os meninos chegaram e a Sancha ficou toda vermelha quando viu o Escobar, e simplesmente se calou durante toda a conversa. Mas nenhum deles notou, porque estavam muito eufóricos falando do treino.

— Vocês não vão acreditar, mas os caras da comissão técnica não paravam de elogiar o Bentinho. Mandou bem, irmão! — Disse Escobar, dando umas palmadas nas costas do Bento.

— Ah, que isso? Até parece que eles não fizeram o mesmo com você! Mas, obrigada, eu acho que consegui mostrar o meu talento! O que será que nos espera amanhã? — Perguntou o exibido.

— Mano, eu não sei. Só sei que se formos escolhidos, temos que acostumar com esse ritmo aí. Messi e Neymar não chegaram na Europa à toa, os caras mandam ver no treinamento — alertou Escobar. — E vocês, meninas?

Como eu já disse, a Sancha estava muda naquela lanchonete. Então disparei a contar sobre o nosso dia e em como estávamos felizes por ter passado. No dia seguinte, foi a mesma coisa: regime intenso de exercícios, dinâmicas e partidas. Mas eu estava confiante, porque fazia tudo que mandavam fazer e focava no objetivo: ser outra Esme Morgan, uma jovem com menos de 20 anos defendendo um time europeu.

Mas nesse dia, tudo começou a mudar. Depois de dizerem os nomes dos que passaram pra fase 3 de testes, anunciaram pra todos que somente uma pessoa de cada gênero seria escolhida para compor o elenco do Manchester. Eu tinha acabado de pular de alegria, porque tinham falado o meu nome e o da Sancha. E o meu semblante mudou da água pro vinho em menos de 30 segundos. Não era justo! Uma pessoa por gênero? Foi uma baita sacanagem. Mas eu tinha que continuar me esforçando e dando tudo de mim nesses testes, mesmo que eu tivesse que competir com a minha melhor amiga.

Depois de sair do clube, nos encontramos outra vez com os meninos na lanchonete. Ninguém gostou na novidade que nos contaram, mas ao mesmo tempo ficamos muito contentes em saber que todos ainda estávamos na jogada. O Escobar era o único que não ligava se não fosse escolhido. E acho que isso influenciou o seu desempenho, pois ele não passou pra fase 4.

— Sinto muito, Escobar! — Disse Sancha, mostrando sua solidariedade.

— Tudo bem, San. Eu acho que não almejava tanto essa oportunidade como vocês. Uma oportunidade assim tem que ser valorizada, e eu não sou o cara certo pra isso. — Respondeu Escobar, levantando os ombros. — Fora que o meu amigo Bentinho aqui é a menina dos olhos da comissão técnica! Hoje reparei nos cochichos entre eles, enquanto olhavam pro Bento.

Eu vou direto ao ponto, caro leitor. Depois que o Escobar disse essas palavras, meu coração disparou. Porque eu gostava muito do Bentinho e depois de escutar o Escobar elogiando ele todos os dias, percebi que poderia perde-lo para o time inglês. Nessa hora, percebi que era o Bento, era por ele que eu estava realmente apaixonada e respirei fundo pensando no alívio que seria deixar de pensar no Escobar e me preocupar com a Sancha.

Agora eu tinha outro problema: possivelmente Bentinho iria para a Europa e eu precisava dizer a ele que o sentimento que ele tinha por mim era mútuo. Só que estávamos no meio da seleção e de jeito

nenhum queria estragar nosso trabalho duro nos treinos com distrações amorosas. Então decidi esperar.

Eu e Bentinho fomos para a fase final da peneira. Sancha e Escobar torciam muito pela gente nas arquibancadas, enquanto conversavam e riam juntos

Fim de treino. Hora da decisão final. Éramos três meninas e três meninos, esperando ansiosamente — ou medrosamente — pela divulgação dos escolhidos. Eu estava tão nervosa que fechei os olhos e, de repente, senti alguém pegar na minha mão, me causando frio na barriga. Abri os olhos, virei pro lado e vi Bentinho, de olhos fechados também, pedindo a Deus que fosse escolhido, enquanto apertava a minha mão bem firme.

— A disputa foi bem acirrada, pessoal! — Exclamou o nosso treinador Ulisses. — Estou muito contente com o trabalho e desempenho de vocês. Acho que vocês todos demonstraram que merecem ir para a Europa, mas somente dois de vocês foram escolhidos. Do masculino, o escolhido foi...

— Por favor, por favor, Deus! — Repetia Bentinho, apertando a minha mão com muita força.

— Bento Santiago de Albuquerque!

— Isso! Obrigada, meu Deus! Obrigada, Obrigada! — gritou Bentinho, olhando pra mim em seguida e me abraçando.

Aquele abraço foi tão gostoso, que eu queria ficar ali pra sempre. Na sequência, anunciaram a jogadora escolhida e não fui eu. Na hora, eu disfarcei e bati palmas juntamente com todos que comemoraram a decisão da comissão inglesa. Logo depois, saí correndo chorando e Escobar veio logo atrás de mim. Bento teve de ficar no campo para acertar os detalhes e conversar com os estrangeiros e não percebeu que eu tinha saído. Pelo menos, achei que não tinha percebido.

Escobar havia dito à Sancha que falaria comigo a sós, para tentar me acalmar. Fui à lanchonete, me sentei no canto mais escondido que havia lá e disparei a chorar. Escobar sentou do meu lado e primeiro ficou em silêncio, passando a mão nas minhas costas para me consolar.

— Capitu, sinto muito por você não ter sido escolhida. Saiba que eu ainda te acho muito melhor do que aquela garota. Não esquenta, outras oportunidades vão aparecer! — Disse ele, aproximando-se mais, colocando o braço em volta de mim e apoiando a sua cabeça na minha. Abracei ele de volta, derramando lágrimas sobre o peito dele.

Fui pra casa nesse dia, muito decepcionada. Sancha veio mais tarde, mas pedi pra ela ir embora porque eu queria ficar sozinha. Dormi muito mal, mesmo depois de ter sido paparicada pelos meus pais, que tentaram fazer eu ficar melhor. Agora faz uma semana que não falo com os meus amigos direito. O Escobar e a Sancha vieram aqui algumas vezes, mas eu atendi eles na porta e disse que não tô no clima para fazer qualquer coisa.

Eu não quero nem ver a cara do Bentinho. Eu não sei como dizer que eu gosto dele, que estou feliz por ele, mas que ao mesmo tempo queria que ele não fosse para outro país. O mais estranho, é que ele não me procurou em nenhum momento. Eu sempre achei ele exibido e que, talvez, a fama subiria à cabeça, mas não achei que ele ia esquecer da gente tão rápido.

Como disse antes, a noite passada foi mais uma noite mal dormida. Não ser escolhida foi muito decepcionante. Somado ao fato de que o possível amor da minha vida vai embora, tudo vira uma bola de neve que gira comigo enrolada nela. Hoje de manhã liguei pra Sancha e decidi pôr pra fora minha situação e contei a ela meus sentimentos pelo Bentinho. Ela ficou tão eufórica com a notícia, que eu levei um susto pelo celular.

— Capitu, para de ser boba! Conta logo pro Bentinho que você gosta dele! — Disse ela, empolgada. — Ele vai ficar tão feliz, ele precisa saber disso antes de ir embora.

Encorajada pela minha amiga, decidi fazer exatamente o que ela propôs. Ao terminar de falar com ela, disquei o número do Bentinho. Chamando. Chamando. Chamando. Chamando. E nada do Bentinho me atender. Liguei de novo e de novo, mas não tive resposta. Ele oficialmente...



Perdão, leitores! A campainha tocou na mesma hora em que ia acusar o Bentinho de soberbo e exibido, de novo. Era ele na porta. Eu fiquei com tanta vergonha na mesma hora em que olhei pra ele, porque eu ainda estava de pijama. Pedi pra ele entrar e tivemos uma conversa muito, mas muito interessante.

— Bentinho, oi! — Disse, assustada.

— Oi, Capitu. Preciso conversar com você. Posso entrar? — Disse ele, sério e com olhos tristes.

— Claro, entra! Senta no sofá que eu vou só trocar de roupa. — Falei, olhando pro chão, morrendo de vergonha. Voltei em menos de cinco minutos. — Olha, Bentinho, antes que você fale alguma coisa, queria dizer que fiquei muito feliz por você. Naquele dia eu não consegui ficar pra comemorar com você, fiquei arrasada por não me escolherem.

— Tudo bem, Capitu. Na verdade, eu entendi a sua atitude. E me desculpe também por não ter ido atrás de você imediatamente, mas, você sabe, tive que ficar pra reunião com a comissão técnica. — Disse ele, bem sério e olhando pra qualquer lugar, menos nos meus olhos.

— Eu sei, Bento! Não se preocupe, sua vida de famoso já começou e sabemos que é uma vida cheia de compromissos. — Disse, com um sorriso falso. — Só não entendi por que não me procurou depois.

— Bom, é sobre isso que vim falar. — Ele fez uma pequena pausa e finalmente me olhou nos olhos. — Capitu, eu gosto muito de você e já faz algum tempo que queria te dizer isso. Te admiro muito, você é uma das pessoas mais incríveis que eu conheço e a mulher mais incrível que eu conheço. Como eu queria poder ficar com você, mas sei que você gosta de outra pessoa. Eu só queria te dizer o quanto te amo, porque sei que você desconfiava. Não sei o que você viu no Escobar que eu não tenha também! Apesar de gostar muito dos dois, não vou tolerar conviver com vocês. Nossa amizade não pode continuar, sinto muito.

— Bentinho, do que você está falando? Ficar com o Escobar? Eu nem gos...

— Capitu, eu vi vocês dois abraçados na lanchonete. Todo mundo sabe que o Escobar não abraça ninguém daquele jeito. Acho que ele aproveitou a sua dor pra se declarar, finalmente. Eu não sabia que você gostava dele e nem que ele gostava de você. Só acho que vocês poderiam ter sido mais sinceros comigo e com a Sancha.

— Bento, entre o Escobar e eu não existe nada disso. Pra sua informação, a Sancha gosta dele e acho que ele também gosta dela! E eu...

— Eu duvido, aquele abraço era mais do que abraço de amigos. O Escobar gosta de você, tenho certeza! Não precisa esconder de mim o que quer que tenha acontecido! — Disse ele, bravo.

— Pois você está errado, Bentinho! Não tenho nada a esconder e acho que você devia acreditar na minha palavra. Porque...

— Mas vocês... — Ele tentou insistir, mas eu dei um grito.

— Bento Santiago de Albuquerque, eu gosto de você! Eu gosto de você e fiquei muito triste em saber que você vai para a Europa e eu não vou. Duas coisas foram tiradas de mim, e eu não sei como lidar com isso! Você entende? Era isso o que eu queria te dizer, mas já não tenho certeza se quero ficar com você, depois desse seu surto. — Disparei, com os meus olhos cheios de lágrimas.

— O que? Você gosta de mim? Achei que não suportasse mais meus elogios. — Disse ele, surpreso.

— Gosto. Mas não sei se é uma boa ideia nós ficarmos juntos. Você é muito egoísta e demonstrou ciúmes sendo que nem é meu namorado. Imagina se fosse: seria capaz de bater no Escobar por causa de um abraço. Além do mais, você vai pra Europa. Talvez seja melhor para os dois ficarmos separados. — Eu disse, decepcionada e muito brava.

— Capitu, eu jamais bateria no Escobar! Eu fui muito errado em dizer pra você essas coisas, me perdoa. Eu fiquei com ciúmes, sim, porque achei que além de ter perdido você para o Escobar, vocês tinham agido pelas minhas costas. Por favor, me dê uma chance.

— Eu não faria isso com você, Bento. Eu demoro a dizer as coisas, mas sou sincera. Agora, me preocupa sua forma de lidar com tudo. Não sei se devo te dar essa chanc... — E fui interrompida de novo.

Bentinho se aproximou de mim num salto e me beijou. Primeiro, me assustei e fiquei de olhos abertos. Logo, fechei os olhos lentamente, colocando as minhas mãos no rosto dele, enquanto a mão direita dele acariciava o meu cabelo e a mão esquerda pegava na minha cintura.

— Me dê *uma* chance. Eu não sou perfeito, você sabe. Vou tentar dar o meu melhor por você. Mas vou entender se não quiser ficar comigo se eu agir assim de novo. — Disse ele, um tanto esperançoso. — Quer ser minha namorada, Capitu?

Eu respondi dizendo que aceitava a proposta. Decidi que darei essa chance, caro leitor, e eu espero que a gente dê certo! Mas não vou hesitar em terminar com o Bento, se ele não cumprir com a palavra dele. E eu espero cumprir com a minha.

Depois disso, lamentei a ida dele para a Europa, dizendo que esperava que ficássemos juntos dali em diante. Porém, caro leitor, vocês não vão acreditar. Bentinho disse que só vai pra lá no fim de agosto, então teremos tempo pra ficar juntos e aproveitar ao máximo a companhia um do outro, junto com Escobar e Sancha. Ele também ficou sabendo pela comissão técnica que ano que vem farão mais uma seleção no nosso clube e que, se eu continuar fazendo um bom trabalho como tenho feito, a vaga com certeza será minha!

Mal posso esperar para contar tudo pra Sancha! Vou nessa!



Sorvete de manga

Júlia Miranda de Oliveira

trilha sonora

Várias Queixas

Gilsons

A DUPLA

O sol já entrava pela minha janela quando acordei; isso significa que eu já estava atrasada. Levantei às pressas, tentando colocar o uniforme e andar até o banheiro ao mesmo tempo. Depois fui para a cozinha, já que precisava fazer o café. Olhei o relógio na parede. 6h45. Eu não estava tão atrasada assim...

— Bom dia, Capitu. — Meu pai disse enquanto entrava na cozinha. — Não posso demorar, hoje vou treinar o novo funcionário da loja.

— O café já está pronto. Quem é o funcionário? — Perguntei a ele, enquanto servia café em duas xícaras, uma para mim, outra para ele.

— O filho dos Sousa, Escobar. Aqueles que moram ali do outro lado da rua, sabe?

— Acho que já vi ele por aí junto com o filho da... Dona Glória? — Apesar de sermos todos vizinhos, eu nunca tive muito interesse em manter contato com os dois. Parecia que eles viviam no mundinho deles, sem permissão para mais ninguém entrar.

— É, os dois são muito amigos. Enfim, você já está atrasada para a aula, vá logo!

Já era de tarde quando decidi ir até a mercearia levar o almoço para meu pai. Chegando lá, vi que ele já estava instruindo Escobar e resolvi esperar dentro da loja. Nunca tinha reparado nele antes. Sempre considerei muito inalcançável manter alguma amizade com os meninos da vizinhança, principalmente porque todas as senhoras da rua falavam mal de mim quando eu conversava com algum deles. Não era bem visto uma menina, na adolescência, andar apenas com meninos, ainda mais quando a menina em questão era eu. Elas já falavam muito de mim, já que sou criada apenas pelo meu pai. De qualquer forma, acho que a convivência com Escobar aqui na mercearia vai ser inevitável, então preciso aprender a ignorar esses comentários.

Depois que entreguei a marmita ao meu pai fui cumprimentar Escobar, que estava repondo o estoque. Ele estava tão nervoso com o trabalho — meu pai disse que é a primeira vez que ele precisa trabalhar — que suas mãos suavam desesperadamente. Não me prolonguei na conversa, não queria deixar ele mais nervoso do que já estava.

Nos dias seguintes tive mais contato com Escobar toda vez que ia levar alguma coisa na mercearia. Aos poucos, nossos diálogos deixaram de ser uma troca de cinco palavras e se tornaram longas conversas que, muitas vezes, se estendiam até depois do expediente dele, e andávamos juntos até chegarmos em casa. Ele era uma ótima companhia.

Conversávamos sobre tudo. Sobre a escola - eu frequentava uma apenas com meninas e ele uma apenas com meninos -, sobre nossos pais e as diferenças na nossa criação, sobre a loja e os clientes que ele não gostava de atender, sobre as senhorinhas da vizinhança, tudo que

vinha na cabeça. Eu nunca tinha me sentido próxima de alguém assim na minha vida.

O TRIO

Um dia, voltando da escola, vi Escobar a caminho da mercearia, mas ele não estava sozinho e sim na companhia de Bentinho. Apesar de não conhecê-lo muito bem, imaginei que ele seria tão divertido quanto Escobar e decidi conversar com eles.

— Olha só quem encontrei por aqui! — Disse com o largo sorriso que sempre me acompanha quando estou perto de Escobar. Ele não pareceu tão feliz em me ver. Sendo bem sincera, parecia até um pouco nervoso.

— É... Oi, Capitu! Coincidência te ver por aqui... Esse é o Bentinho, te falei dele, né? — O mesmo nervosismo que vi no seu primeiro dia de trabalho se repetia agora. Quería entender o porquê.

— Sim! Prazer, eu sou a Capitu. — Estendi a mão. Ele parecia desconfiado e demorou alguns segundos, mas estendeu de volta e me cumprimentou.

— Prazer, Capitu, eu sou o Bentinho. Bom te conhecer, o Escobar fala muito de você. — Normalmente eu levaria isso como um elogio, mas o tom de voz de Bentinho não parecia muito feliz, e sim incomodado. — Uma pena te encontrar logo agora, a gente já tem que ir, né Escobar? — Ele continuou falando e, assim que acabou, pegou Escobar pelo braço e saiu andando, sem nem se despedir.

Desde esse dia tenho visto Escobar bem menos. Quando vou até a loja ele está sempre muito ocupado ou então troca de turno para trabalhar à noite. As poucas vezes que nos encontramos ele mal rendia assunto. Vai ver ele só tá meio ocupado... Não vou gastar meu tempo pensando nisso não, tenho muita coisa pra fazer.

No dia seguinte, novamente voltando da escola, senti que alguém me observava de longe. Olhei para trás, a silhueta se deslocou rapidamente para uma casa. Olhei para frente. Senti de novo os olhos de

alguém em mim. Olhei para trás. Mesma coisa. Que isso, gente? Apressei o passo para chegar logo em casa.

O incidente da perseguição não aconteceu de novo pelos próximos dias e, aos poucos, Escobar voltou ao normal. Eu sabia que não tinha razões para me preocupar! E, agora, Bentinho estava sempre na nossa companhia, o que não era ruim. Às vezes ele se mostra uma pessoa muito mal humorada quando está perto de mim, mas acho que é só o jeito dele mesmo. Com o aumento da convivência criamos o costume de todo sábado à tarde tomar sorvete - o meu sabor preferido é o de manga - no quintal da casa de Escobar, eu, ele e Bentinho. Em um desses inúmeros sábados, algo incomum aconteceu.

— Não, e minha mãe cismou agora que quer me mandar para o seminário. Não sei como confrontá-la, afinal é minha mãe. — Bentinho reclamava enquanto fazia uma pausa no seu sorvete. — Mas não quero ir. O que você acha, meu be-Eescobar? — arregalei os olhos, mas não falei nada. Bentinho parecia nervoso, mas Escobar agiu como se nada tivesse acontecido. Ele ia chamá-lo de “meu bem”? Será que ouvi errado? Errado ou não, achei estranho, mas não ia perguntar nada.

— Acho que você deveria conversar com José Dias. Ele sabe o que fazer pra convencer sua mãe de fazer outra coisa que não seja isso. Uma graduação no exterior, quem sabe... Né, Capitu? — Ele disse enquanto olhava pra mim com seus marcantes olhos verdes.

— É. Não sei, na verdade, pois não conheço sua família, mas é, confia no Escobar. — Eu sorri. Ele sorriu de volta. Bentinho fechou a cara e foi para casa, alegando que já estava quase na hora do jantar.

A DUPLA DE TRÊS

Mais uma segunda-feira. Hoje pelo menos não estou atrasada para a escola e posso caminhar tranquilamente pelo bairro. É bom poder observar um pouco das árvores das ruas sem estar correndo desesperadamente. Me distraí tanto que nem percebi quando Bentinho começou a caminhar ao meu lado.

— Bom dia, Capitu. Você está bonita hoje. — Essa frase me fez corar, apesar de estar acostumada com elogios.

— Olha só quem fala! — Não soube muito bem como responder, mas continuei falando mesmo na dúvida. — Não sabia que você fazia o mesmo caminho que eu para a escola.

— Eu não faço. Quis vir por aqui hoje só pra te encontrar. — De novo, sinto que estou corando. Ele continuou falando — Acho que sábado podíamos sair só nós dois, sem o Escobar. Ele anda muito cansado ultimamente, sabe como é, a loja demanda muito tempo dele...

— Sério? Não sabia. Meu pai disse que ele estava até pedindo para trabalhar mais dias... Enfim, pode ser. Te vejo sábado?

— Ficarei esperando ansioso! — E assim ele foi embora.

Hm.

Fiquei a semana inteira revisitando esse momento e pensando se significava alguma coisa. Essa história do Escobar me parecia tão suspeita... Tive um pensamento meio intruso, que na verdade eu sei que era uma loucura, mas e se o Bentinho.... gosta de mim? Não é a primeira vez que ele tenta uma aproximação longe do Escobar, e hoje ele me encheu de elogios que nunca fez antes. Não, não é possível... Mas até que ele é bonitinho, né...

Fez muito calor nessa semana, o que me fez ter vontade de cortar meus cachos bem curtinhos, mesmo sabendo que meu pai jamais deixaria, para amenizar um pouco o calor. Na falta de opções, na sexta-feira, enquanto enrolava para estudar, resolvi passar na mercearia para ver se meu pai precisava de alguma coisa e, além disso, para pegar um sorvete de manga. Obviamente eu sabia que encontraria Escobar e só esse pensamento fez eu sentir certo desconforto no estômago. Deve ser porque comi demais no almoço. Chegando na loja fui em direção à cozinha, que teoricamente só deveria ser usada pelos funcionários - e pela filha do dono -, mas antes de entrar ouvi duas vezes que até poucos meses atrás eu não saberia reconhecer, mas hoje reconheço.

Bentinho parecia sussurrar com Escobar, que estava chorando. Uma coisa que eu percebi convivendo tanto com Escobar é que ele

é muito sensível e chora com facilidade, basta um desentendimento. Vê-lo assim já me fez pensar que não era nada bom o que estava acontecendo ali dentro.

Fiquei tentando reunir na minha cabeça os últimos acontecimentos em busca de uma resposta: o incidente de sábado, Bentinho me chamando para sair e sua justificativa duvidosa... A única ideia que passava pela minha cabeça era a de que Bentinho estava apaixonado por mim, mas é absurda demais. Mas tudo bem, pois quando saí do meu devaneio, dei de cara com os dois olhando pra mim com os olhos mais arregalados do mundo.

— Capitu??!! O que você está fazendo aqui? — Disse Bentinho, afobado.

— O que VOCÊ está fazendo aqui, Bentinho? E por que Escobar tá chorando desse jeito? — Uma raiva que eu não havia sentido antes acabou tomando conta de mim.

— Por que nós dois namoramos e o Bentinho acha que eu gosto de você.

Assim, sem mais nem menos, sem nenhum aviso, Escobar anunciou o que nem em um milhão de anos passaria pela minha cabeça. Algumas vezes ouvi as senhoras da vizinhança fofocando sobre esse tipo de comportamento, mas eu pensei que era mentira. Não que seja da minha conta e não que seja algo errado, eu só gostaria que eles tivessem me contado antes. Agora, repensando, eles agiam mesmo feito um casal, pelo menos até a minha chegada. Isso me leva de volta às palavras de Escobar: “ele acha que eu gosto de você.”

— E gosta? Você gosta de mim? — Senti de novo aquele desconforto no estômago. Mas gente, eu já almocei há tantas horas!!

— Não, não gosto! Já falei um milhão de vezes, mas ele não me escuta!!! Somos amigos, não é Capitu?

— Sim. — Não sei porque pareceu tão difícil falar isso.

— Então pronto, Bento, pode parar de seguir a Capitu por todos os lugares, certo? — Ele se direcionou pra mim — Sabia que ele estava te seguindo? Depois da escola, à tarde... Mas consegui impedi-lo antes

que você percebesse. Na cabeça dele, estávamos nos encontrando às escondidas para viver nosso “grande romance”. Ele te chamou para sair sem mim um dia, certo? Era apenas para tentar arrancar alguma informação sua sobre eu e você. — E se direcionou para Bentinho — Não vai falar nada não?

— Não tenho nada pra falar. Basta olhar para vocês dois que é perceptível os sentimentos que vivem nos dois. — Ele foi embora assim que disse isso, e parecia bem magoado também. Não quis nem olhar para Escobar depois de tudo isso, e já era um milagre meu pai não ter percebido o aumento no tom de voz dos dois. Decidi ir embora e nem me lembrava mais do sorvete ou do calor.

UNO

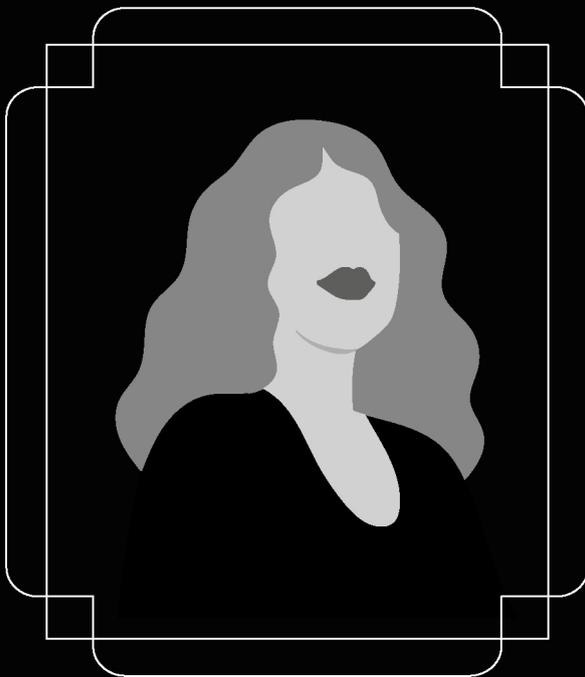
Hoje marcam três semanas desde o ocorrido da cozinha. Não falo com Escobar ou Bentinho desde então. Nem se eu quisesse eu conseguiria. Bentinho foi embora para o seminário, não conseguiu convencer sua mãe do contrário. Isso, em junção com sua crença incontestável dos sentimentos de Escobar por mim, trouxe o final do relacionamento dos dois. Depois que tudo aconteceu, não tive nenhuma escolha a não ser contar para o meu pai. Surpreendentemente ele já sabia do romance deles, pois Escobar confiou a ele esse segredo. Foi ele quem me contou do término.

Meu pai também me ajudou a descobrir que, na verdade, eu gosto mesmo de Escobar. Não é coincidência todas as vezes em que a presença dele me deixou nervosa. Mas é um sentimento leve que quase passou despercebido. Não pretendo fazer nada a respeito. Todas as vezes que vejo Escobar na loja eu passo sem olhar, não quero alimentar um sentimento que não é recíproco. Não concordo com nada que Bentinho disse a respeito de mim e de Escobar, nossa relação sempre foi de amizade. Nada era feito com malícia ou com intenção de magoá-lo, os sentimentos que criei surgiram sem que eu percebesse.

Para a minha surpresa, alguém bateu na porta bem na hora em



que eu estava indo em direção a ela, pois prometi à vizinha - Maria Flor, uma senhora muito fofa - que iria ajudá-la a limpar seu jardim. Quando abri a porta, dei de cara com os marcantes olhos verdes de Escobar e um picolé de manga em suas mãos. E aí soube que ele gostava de mim também.



Determinação



Antelóquio à Dom Casmurro

Lara Cadar

trilha sonora

Diamonds

Ben Howard

Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais história do que mulher. De outros nomes tinha a lembrança discreta, que volta e meia arrombavam-lhe a mente em uma procissão de sombras densas e inquietas. E se a sombra pretérita é indício de alguma coisa, há também de ser o vitral iluminado que a espanta. Pois é Capitu essa luz incidente, filtrada por recortes de vidro colorido. Ser Capitu era o que mantinha afastado todos os outros nomes, pois Capitu era Capitu.

E entre uma vida e outra não havia lacunas. Se das aparências não se mantinha constante, sabia como ninguém como conservar o

espírito. Ah, o espírito de Capitu! Era possível reconhecê-lo na súbita inspiração que acomete o poeta do trem e nas palavras de tinta negra que ecoavam do Cosme Velho.

Era ainda moça quando ocorreu-lhe a eternidade. Não que isso fizesse diferença, pois não fazia. Não, Capitu já era infinita antes disso. Reminiscência do mundo e prenúncio da humanidade, Capitu já nasceu história antes mesmo que pensassem em escrevê-la. De uma maçã mordida em um jardim qualquer para as páginas anêmicas que lhe distorciam a imagem.

Se fosse vaidosa, talvez fizesse questão de recordar e chamar qualquer biblioteca de sua biografia particular, mas de todos os pecados que pecara a vaidade não era seu predileto: “*O que se há de aproveitar de um mundo limitado pelas bordas de um espelho? Muito pouco, ou quase nada*”. Mas não havia imodéstia ou engano quando se reconhecia em outras narrativas consagradas.

Capitu, com seus olhos que o tempo lhe deu, enxergava promessas. Via também pessoas com os seus sonhos inacabados e seu agitar interno, e por cortesia, muito mais do que por apatia, fingia não ver. Isso é, reservava-se de fazer qualquer julgamento moral sobre o que encontrava para além das fachadas públicas.

Vira sua vida ser interpretada ao bel prazer dos outros mais vezes do que o necessário para entender que interpretação nenhuma se aproximava da verdade. Por isso, cabe dizer que qualquer perversidade não lhe era inerente, e se agia em prol de si mesma o fazia na sincera inocência peculiar aqueles que se entregam ao mundo.

A bem da verdade, fora esse seu ímpeto de andarilha alheia que a levava a ser Capitu.

De tantas ruas a percorrer, deu-se em Matacavalos o surgimento de Maria Capitolina. De Maria já havia vivido tantas outras vidas que essas poderiam facilmente apagar dessa qualquer premissa de euforia, mas eis então Capitolina, extrema-unção das Marias mal vividas. Eis então Capitolina, promessa de Capitu.

Maria Capitolina era figura ímpar e nome inédito, e há de se per-

doar a incompatibilidade de sua aparência ainda muito jovem com os seus ares de imortalidade. Não há como esconder os fantasmas de um olhar alterando a cor da íris. E se Capitu esquecia-se facilmente de seus fantasmas, esses não lhe retribuía a consideração.

Seus fantasmas não lhe assombravam mais do que tomavam seu tempo e podiam ser companhia bem vinda nas raras noites melancólicas se não fossem tão insistentes em sua inércia temporal. O passado era finito, pequeno demais para ser ocupado por uma Maria Capitolina que tinha à sua disposição toda glória das infinitudes.

E como boa Maria Capitolina que era, deixava-se vagar pelo quintal entre as raízes e folhas de árvores com meticulosa ingenuidade que não a permitia perceber os olhos que seguiam cada movimento seu.

Olhos esses que vazios de qualquer fantasma próprio, deixavam que os de Capitu os assombrassem. Foi olhando nesses olhos que se consagrou Capitu, numa célebre tarde de novembro.

— Capitu! — as palavras repetiam no sussurro de uma voz fraca o que os olhos e o coração gritavam.

— Pois se sou Capitu, tu és Bentinho — vinha a resposta da moça.

Bentinho era Bentinho, isto é, tudo o que Capitu tinha em excesso ele tinha em falta. Podia facilmente passar despercebido em uma multidão, não por falta de atributos físicos, mas pela fraqueza de espírito. Era Bentinho, não porque era Bentinho, mas porque Capitu era Capitu e lhe chamava Bentinho.

Onde Capitu cultivava seus sentimentos reconhecendo todas as disparidades de essência, nos delírios do jovem apaixonado eram almas gêmeas. E ao passo que problemas eram desventuras a serem superadas para Capitu, eram para Bentinho a condenação ao inferno absoluto.

— Mamãe me fará padre — queixava-se desolado. — Não há o que se fazer, não há o que se fazer. Serei padre, Capitu. Padre. Quando você se casar, caberá a mim presidir a missa.

— Pois antes de casar-me, deixarei que batize meu primeiro filho — Capitu devolvia irritada. Não lhe ocorria que nem todos tinham a competência necessária para viver a própria vida.

O prospecto da separação forçada, no entanto, é capaz de esquecer qualquer desavença conflitante para focar-se nas saudades. Saudades que ainda viriam, mas já afligiam a alma.

— Não case com mais ninguém, Capitu. Prometa — suplicava um Bentinho cego de emoções egocêntricas.

— Prometo que casaremos um com o outro, custe o que custar — prometia Capitu cuja sabedoria se estendia às leis dos romances.

E lá se ia Bentinho para o seminário, carregando consigo o beijo de Capitu, uma promessa, e mais nada que lhe era próprio. E em Matacavalos ficava Capitu, a cada dia mais Capitu do que no dia anterior.

O dom de Capitu era ser notável, assim como eram seus atos feitos memoráveis. Por certo, seu destino óbvio eram os livros e a posteridade. Não surpreende assim que tenha desenvolvido aptidão para detectar catalisadores de seu potencial.

Bentinho não possuía em si nada que anunciasse futura notoriedade, e fosse como fosse, o instinto de Capitu a levava até ele, mas não fora o responsável por fazê-la se apaixonar. Talvez a culpa fosse de sua natureza fértil que permitia mesmo os sentimentos mais efêmeros se transformarem em algo sólido o suficiente sobre o qual pudesse construir uma vida, mesmo que permanecessem um tanto oco para abrigar as ressacas da alma. Enraizado em Capitu estava Bentinho, com raízes por demasiadas profundas que não refletiam os galhos fracos e a infrutífera verdade.

Da época do seminário, há quase nenhuma ressalva digna de nota, mas notoriamente a que existe é de todas a mais importante, pois não tendo Capitu a quem recorrer, Bentinho sustentou-se em Escobar.

Capitu já havia notado certa mudança de caráter em Bentinho e se resolveu chamá-la de amadurecimento não foi tanto em vãs esperanças como foi por falta de outro nome qualquer que lhe ocorresse.

— Escobar — foi Bentinho mesmo quem por fim nomeou.

Escobar, o menino alto, de porte atlético e boas maneiras que Bentinho apresentava à família como um bom amigo que fizera no seminário. Escobar, que tão prontamente oferecia a Bentinho a solução

de uma vida inteira. Escobar, aquele que a encarava de volta quando Capitu olhava os olhos de Bentinho. Escobar.

Escobar tinha uma mente mais aguçada, voltada para as coisas lógicas. Se Bentinho era palavras, há de se concluir que Escobar era números. E Capitu, logicamente era arte. Logicamente, bem da maneira que Escobar parecia ver o mundo.

Veza ou outra Capitu podia ouvir algum nome antigo que já tivera quando Escobar lhe chamava.

— Capitu, minha amiga — ele dizia.

— Helena, minha querida, já causastes a queda de Tróia? — ela ouvia.

Certa vez, em meio a uma conversa casual, ele lhe oferecera um fruto que ela tinha certeza que já havia provado.

Escobar a enxergava muito mais do que era cômodo para os dois.

Bentinho porventura ainda era Bentinho, mas uma vez livre do seminário, partiu para estudar as leis. Tinha ambição vinda sabe-se lá onde de ser advogado. Não, não se podia dizer que era ambição, era o curso natural das coisas. Se não iria viver das leis de Deus próprio, podia muito bem viver das leis dos homens.

A distância dessa vez ao menos era mais gentil, pois os separava física e geograficamente, mas não apresentava perigo para um futuro juntos.

Escobar, que enxergava tão bem Capitu, conseguia enxergar ainda melhor Bentinho. Ofereceu-se como correio elegante, intermediando as conversas de Bentinho e Capitu por meio de cartas que ele jurava não ler, mas que sabia todo o conteúdo.

Capitu escolhia ignorar a insistência de Escobar em pessoalmente se responsabilizar pela entrega das cartas. Sabia que enquanto seu olhar escrutinador a incomodava, para Bentinho era um prazer incomparável.

O problema de Capitu não era a pessoa de Escobar, um jovem que definitivamente merecia a admiração que conquistara, e a bem da verdade, nem mesmo que ele parecia recordar quem Capitu era antes

de ser Capitu. Não, o problema de Capitu com Escobar era justamente Bentinho.

Escobar sabia ser Escobar e viver sua vida de Escobar. Lá pelas últimas cartas que ele fazia a gentileza de entregar apaixonou-se por Sancha, amiga de Capitu. Assumiu seus sentimentos sem pudores e, tendo a confirmação de que eram recíprocos, casou-se.

Bentinho só sabia ser o Bentinho dos outros e viver uma vida encomendada. Casou-se com Capitu, a quem amava verdadeiramente e a quem fizera uma promessa quando era mais novo. Casou-se e, portanto, agora só lhe era esperado ter filhos e uma boa aposentadoria.

Quanto mais próximo de Escobar, mais longe de Bentinho o próprio Bentinho se encontrava.

Coube que assim, por afetos espontâneos e inexplicáveis, Escobar e Sancha nomearam a filha, que tiveram tão cedo no casamento, de Capitolina. Fato esse que, por mais tocante que fosse, não seria mais que uma simples homenagem se Capitu fosse qualquer outra história ou Bentinho qualquer outra pessoa.

Sob toda a pressão para conceber uma criança, Capitu deu à luz a um menino, que por afeto sincero ou obrigação moral veio a ter o nome de Ezequiel, primeiro nome de Escobar. Uma homenagem por uma homenagem.

Com um filho no mundo, Capitu não precisava deixar nenhuma outra evidência de sua existência. Contentava-se em saber que todos os seus nomes estavam imortalizados, mesmo que Capitu constasse somente em uma certidão de nascimento. Mas Ezequiel não era a razão de Capitu encontrar Bentinho, a razão era Escobar.

— Ora vejam, e pensem bem antes de me dizer que exista algo maior que esse oceano imenso — Escobar dizia sentindo as ondas quebrarem em seus pés. O sorriso sereno bem combinando com os olhos fechados.

Haviam ido à praia como costumavam fazer aos domingos.

— Vais ficar doente, meu bem — Sancha ralhava de seu lugar afastado na areia. A roupa e os cabelos dançando ao vento.

— Pois o oceano é pequeno, meu amigo. Te digo que o céu é maior e há também de ser o Senhor Nosso Deus — Bentinho respondia enquanto lutava com a careta que as águas geladas o provocavam.

— Não é disso que estou falando, Bentinho — Escobar se virava olhando divertido para o amigo.

— Pois se não é... — Bentinho ria antes de se virar e se afastar na areia.

— Tu sabes, não sabes Capitu? — E lá estava o nome de Capitu misturado a tantos outros na voz de Escobar. Os olhos eram uma súplica e um bálsamo.

Capitu fechou os olhos. As ondas quebravam violentamente contra o rochedo próximo, o vento a atingia salgado e feroz, a areia se desfazia sob os seus pés e as gotículas de água acariciavam-lhe o rosto. Sim, Capitu sabia. Parte daquele oceano ela mesma havia chorado. Sim, sim, Capitu sabia.

Abriu os olhos para expectativa de Escobar.

— Há mais ondas do que mar — Capitu deu de ombros.

— Sim — Escobar disse após um silêncio — São sempre as ondas.

Um dia desses, Escobar entrou no mar e afogou-se. Não era como Capitu que possuía diversas vidas a sua disposição, e embora Escobar fosse capaz de enxergar o infinito ele não sabia o ser.

Dá-se aí, no afogamento de Escobar, o enterro de Bentinho e a ascensão de Capitu.

Bentinho era feito de escoras e um interior vazio. Tira-lhe um dos alicerces e o ruir é certo. Escobar junto de Capitu mantinha firme o fino arcabouço em que viva Bentinho. Capitu uma vez já fora o suficiente para sustentá-lo sozinho, mas se o tempo a fez mais resistente, também fez de Bentinho uma estrutura mais precária.

Recusou-se a sair de seu lado enquanto ainda houvesse quaisquer resquícios que ela era capaz de reconhecer. O adeus final de Bentinho veio com uma xícara de café, onde no fundo Capitu encontrou o resíduo derradeiro.

Bentinho não era mais Bentinho. Mas Capitu ainda era a promes-

sa de ser Capitu.

— Não se esqueças — amaldiçoou.

Há quem ponha malícia em Capitu. Deveras imortalizou-se através das memórias escritas de Bentinho e se orgulhava bastante desse feito. Mas há também de se reconhecer que assim o fez, pois assim o amou. Amou-o ao ponto de conceder-lhe o protagonismo sujo que distorcia-lhe a imagem.

Capitu se deixaria viver sua vida de Capitu, a mulher que conheceu Bentinho e que Bentinho não aprendeu a conhecer, até que chegasse a hora de não ser mais. Aí voltaria a ser o que sabia ser de melhor: história. Deixaria Capitu de herança, e se houvesse no mundo olhos sóbrios, desses precisos e francos, então que esses fossem chamados de olhos de Capitu. E a quem o nome servir, que faça bom uso.

— Capitu era Capitu — revelam as memórias de Bentinho.

— Pois se serei Capitu, tu serás Dom Casmurro.



Prometida

Júlia Cadar

trilha sonora

Take me to church

Hozier

CAPÍTULO I **Confissão**

Sentei-me bem ao fundo da igreja porque, apesar do que Sancha dissera, não estava ali para atrapalhar a missa de Bentinho. Tampouco estava lá para vê-lo celebrar sua primeira missa porque quando éramos crianças ele já pregava nas nossas brincadeiras que se não fosse a inocência seriam heresia. Queria mesmo era assistir ao povo assistindo Bentinho. Dona

Glória, prima Justina e José Dias estavam na primeira fileira e balançavam a cabeça orgulhosos a cada palavra do garoto como se ele estivesse profetizando um novo testamento e não comentando sobre o antigo. A chance de ele dizer algo novo sobre o batido Gênesis era pequena senão nula, mas dava gosto de ouvir sua homilia. Aquela gente estava descobrindo agora o que eu já sabia naquela época: Bentinho tinha vocação para ser padre. Lá atrás eu bem tentei convencê-lo do contrário para que ficasse em Matacavalos comigo, mas vá lá. Não funcionou. A promessa de Dona Glória foi mais forte que a minha.

Tentava abanar pra longe o calor que ameaçava fazer uma gota de suor escorregar pelo meu rosto, mas o leque não era páreo para o mormaço do Rio de Janeiro nem para o lenço que cobria meu rosto. Não queria que Bentinho me visse até eu ter terminado de observá-lo. Ele crescera muito no seminário, virara um homem. Onde antes havia um par de olhos ariscos vigiando o mundo para um magricela, havia agora um olhar velado num disfarce de padre. Doeu no meu peito ver que eu já não conhecia todas as faces de Bentinho. Nos primeiros anos que fora para o seminário, ele visitava à família aos sábados, mas o tempo foi passando e ele foi se entregando mais a Deus do que a mim. Não apareceu mais. Agora Bentinho já não era mais tão transparente e eu não sabia se ele havia aprendido por necessidade ou por prática.

Na confusão do final da missa, em que todos queriam apertar a mão do padre e ostentar suas virtudes, me esgueirei para o confessionário e esperei que a Igreja se esvaziasse. Ouvi muitos elogios a Bentinho e convites para almoçar, mas não ouvi suas respostas. Pareceu que fiquei lá por muito tempo, mas de repente havia só um par de passos ecoando pelo corredor. Esperei mais um pouco porque sabia, mesmo por trás daquele véu que eu não reconhecia em seu olhar, que ele tinha estado calado porque tinha estado nervoso. Parece que o primeiro amor da gente tem um jeito maldoso de nos conhecer antes de nós mesmos. Bentinho resistiu, a julgar pelos bons minutos que se passaram, mas no fim cedeu. Suspirou longa e pensosamente. Aliviado por ter sobrevivido ao seminário, a ordenação e a primeira missa.

Eu saí do confessionário com o pano cobrindo meu rosto e ele, logo que me viu, vestiu o olhar de padre. Me disse alguma coisa sobre horários para confissão, mas, quando não respondi, ele deu de ombros e afirmou que não havia de ter mal nenhum em confessar-se naquela hora mesmo. Eu sabia que ele não havia de adiar sua primeira confissão oficial apesar de eu e ele já termos confessado muita coisa um pro outra fora da Igreja. Ele se fechou na cabine dele e eu na minha. Pelo buraco, conseguia ver seus olhos, mas ele não podia ver os meus. Perguntei tentando não soar como a Capitu que ele conhecia:

— É pecado prometer, seu padre?

— Só se você não cumprir, minha filha — Bentinho disse prontamente, com a resposta ensinada na ponta da língua. Realmente ele levava jeito para aquela coisa de repetir o que lhe falaram no seminário.

— Então nós dois temos um problema — Eu respondi sem conseguir segurar o riso por mais um instante sequer. Talvez ele não tivesse reconhecido minha voz, mas reconheceu meus risos.

Ele se aproximou violentamente do buraco entre as cabines, de olhos arregalados. Os mesmos olhos vidrados que se apaixonaram pelas minhas risadas fora de hora e os mesmos que se marejaram por elas também.

— Capitu? — Ele exclamou espantado.

— Você foi sempre muito fácil de pegar na brincadeira, Bentinho — Eu continuei rindo. Ao ouvir-me dizer seu nome, ele sorriu como fazia quando éramos crianças - doce e involuntário. Mas então sacudiu a cabeça e protestou preocupado.

— Que história é essa de pecado Capitu, éramos moleques não sabíamos de nada.

— Fale por você. Eu nasci sabendo.

Bentinho não conseguiu conter o sorriso que novamente lutava para aparecer em seu rosto.

— Quer dizer que você cumpriu sua parte? — ele questionou surpreso e afável.

— Vai me dizer que não perguntou à sua mãe? — Eu provoquei sorrindo.

— Confesso que sempre quis saber se você tinha casado, mas José Dias me avisou que não seria bem visto que eu continuasse perguntando de você — Bentinho respondeu cabisbaixo.

Não me escapou a ironia de estar o padre confessando para mim.

— Só não cumpri a promessa que você não me deixou cumprir Bentinho. Nunca me casei porque não seria com você.

— Não faz assim, Capitu. Sabe que eu tive que me tornar padre, Mamãe não me deixou escolha — ele se adiantou desesperado para provar que não merecia minhas mágoas. Bentinho queria que eu dissesse que o perdoava por ter escolhido a mãe ao invés de mim. Mas eu não perdoava.

Tirei o véu e olhei para ele.

— Então o senhor me libera da promessa, seu padre?

Ele gaguejou embasbacado, tentou explicar que promessas eram para sempre, que Deus fazia questão delas, mas se conteve na própria hipocrisia.

— Não posso te liberar Capitu, nem a mim mesmo. Prometemos o que não podíamos cumprir — Ele concluiu finalmente. Mas então aquela coisa estrangeira se dissipou de seu olhar. Foi como se retirasse o próprio véu e eu reconheci o garoto que me fazia promessas por baixo do disfarce de padre nos seus olhos. — Talvez fosse melhor se você continuasse se confessando comigo. Já vai valer até como penitência...

Ele pronunciou as palavras de modo derrotado, como se realmente tivesse a intenção de nos torturar dessa maneira, mas eu compreendi o que aquilo significava antes de ele descobrir que era aquilo o que ele queria. A parede entre nós seria o castigo. A igreja ao nosso redor, o lembrete que nunca poderíamos cumprir a promessa e a ilicitude de continuarmos nos vendo seria o pecado pelo qual teríamos sempre que voltar para o confessionário.

CAPÍTULO II

Presente de Deus?

Os meses que se seguiram a este dia foram o paraíso na Terra. Eu passeava pela mocidade cega de amores e Bentinho discursava sobre o pecado nos Domingos com conhecimento de causa. Assim, suas missas foram se tornando um sucesso e eu fui conhecendo cada canto da Paróquia. Bentinho me contava tudo que o Seminário impediu que me contasse antes e eu tinha certo prazer em negar os pretendentes que me apareciam. Por mais degenerado que pareça, aqueles dias nos quais Bentinho fingia para todos que tinha me renegado, em nome da mãe e de Deus, foram a continuação perfeita do nosso amor de infância: Bentinho achando que era do mundo e o mundo achando que era mais esperto que nós.

Dizem que Deus castiga. Também dizem que um filho é um presente de Deus. Quando descobri estar grávida de Bentinho acreditei nos dois. Nem mesmo minha incerteza em ser uma mãe solteira aplacou a felicidade de pensar que eu e Bentinho teríamos um filho, mas então ele me lembrou o que Deus fizera com Adão e Eva depois deles o terem desobedecido. Bento conhecia mais da ira de Deus do que eu e, por isso estava aterrorizado. Mas também eu naquele dia descobri o significado de temer a Deus.

CAPÍTULO III

O plano

Certo Domingo, esperei por ele no confessionário, mas ele não apareceu. Se fosse outra pessoa talvez eu tivesse cogitado que tinha fugido, mas era Bentinho, então eu simplesmente fui entrando na casa paroquial que ficava nos fundos da Igreja. Ele estava sentado à mesa conversando aos sussurros com um homem que eu não conhecia. Ao me ver no beiral da porta, Bento me enfiou para dentro e nos trancou na salinha. Depois da notícia da minha gravidez, ele tinha ficado cada

dia mais paranoico com a ideia de que estávamos sendo perseguidos pela fúria de Deus, que seríamos expostos e humilhados. Eu era mulher; isso não me estremecia. Além disso, eu já tinha aceitado minha condição de reles pecadora, mas ele não. Bentinho insistia em pensar que fazíamos parte de um grandioso provérbio de Deus.

— Capitu, este é Escobar. Um grande amigo do seminário — Bentinho disse apontando para que eu me sentasse ao lado do convidado — É a solução dos nossos problemas! — ele exclamou extasiado de alívio.

— Meu filho não é um problema — declarei secamente para qualquer um dos homens que quisesse assumir a briga. Na hora não me ocorreu proteger nosso segredo.

— Claro que não! Filhos são sempre parte do plano de Deus — disse Escobar despojado e lisonjeiro.

— Temo que sim... — Bentinho concordou consternado.

Ficou claro que Bentinho já havia contado a verdade ao amigo, tinha a tendência de ser inocente com as pessoas até que fosse tarde demais. Escobar tinha olhos inquietos, mas depois de um tempo estudando-os impassivelmente, para averiguar se *eu* confiava nele, cheguei à conclusão de que eram apenas olhos agitados, não traiçoeiros.

— Escobar nunca foi ordenado — Bentinho disse para me afastar das minhas desconfianças — e nunca quis se casar.

— É o comércio e as lavouras que me atraem — o homem explicou — Meu coração pertence aos meus... negócios, não às mulheres.

— E o que é que eu tenho a ver com o voto de castidade do seu amigo? — Perguntei friamente. Bentinho acreditava nas palavras do amigo, mas eu sabia que todas as pessoas escondiam um pedaço da verdade bem longe dos olhos, para ninguém encontrar.

— Ora Capitu! Não seja difícil! — Bentinho exclamou enervado — Se vocês dois se casam, resolvemos três problemas de uma vez!

— Dois problemas, Bentinho. O meu e o seu. Não vejo o porquê do desespero do seu amigo. Ele não me parece necessitado de matrimônio.

Escobar se embolou com as palavras e tentou se explicar sem me olhar nos olhos. Assim que ele o fez, sem querer, eu encontrei. Ele queria ajudar o amigo a qualquer custo... Escobar também não queria se casar se não fosse com Bentinho.

— Escobar — eu o interrompi sem preâmbulos.

— Sim? — ele respondeu apreensivo cessando a enchente de desculpas que tramava. — Preciso conversar com Bentinho a sós — eu respondi fitando seus olhos perturbados — Agradeço sua ajuda — completei, na esperança de tranquilizá-lo. Não contaria a Bentinho seu segredo e, por isso, provavelmente ele nunca saberia. Escobar deixou o cômodo fechando a porta atrás de si. Ciente que nós dois seríamos sempre os únicos a entender de verdade a vida que Bentinho estava tentando erguer para si mesmo e para nós.

— Preciso que você me libere da promessa — eu disse resolutamente — Como padre — completei escondendo minha tristeza.

Ele se levantou da cadeira, na qual tinha estado de frente para mim, e se ajoelhou aos meus pés, claramente pego de surpresa pelo meu pedido.

— Você sabe que estou fazendo isso para o seu bem — ele sussurrou.

— Sim — eu respondi sem saber se acreditava.

— Você nunca teria paz nessa cidade, seu pai te desonraria se aparecesse com um filho sem se casar.

— Eu sei — respondi engolindo minha própria tristeza. Queria viver em um mundo onde eu e Bentinho pudéssemos ter sido felizes sem planos e enganação. Queria viver num mundo onde ele não fora padre e eu não fora pecadora. Mas nossa realidade era aquela casinha pároca nos subúrbios do século XIX.

— Te libero, Capitu — Bentinho disse com os olhos vendados de padre. Suspirei na angústia que era não ter aquela promessa dentro de mim, mas encarei Bentinho e disse:

— Mas eu não te libero, Bentinho. Me prometeu que se não nos casássemos nós dois, seria você o padre que me abençoaria.

A compreensão do sacrifício que nós dois tínhamos que fazer atravessou seu olhar numa tristeza que mais parecia uma facada. Ele pegou meu rosto nas mãos e me deu um beijo na testa.

— Serei eu o padre do seu casamento com Escobar, Capitu — ele pronunciou a sentença e depois me beijou novamente nos lábios.

CAPÍTULO IV

Casório

Acho que ele começou a se arrepender no dia em que ficamos eu, ele e Escobar enfurnados nos fundos da Igreja antes da cerimônia. Bentinho tremia tanto que Escobar tomou suas mãos e as esfregou nas dele para acalmá-lo. Pegou Bentinho de surpresa, mas ele respondeu com um sorriso, agradecido por tudo que o amigo estava fazendo por nós.

Escobar se virou pra mim, como quem pede permissão para aceitar o sorriso e eu sorri de volta, concedendo. Eu e ele tínhamos nos tornados amigos rapidamente, do jeito que acontece quando um sabe o segredo do outro mas decide guardá-lo assim mesmo. Eu e ele descobrimos em poucas semanas que tínhamos mais em comum do que Bentinho e me vi agradecendo a Deus por tê-lo enviado para mim. Ele podia pensar que fora para Bentinho, mas era a mim que ele estava salvando. Sabia que era anjo meu. Escobar leu meu sorriso e saiu da sala para me esperar no altar. Me agachei onde Bentinho se contorcia na cadeira e olhei para seus olhos ariscos. Em retrospecto, talvez ali ele já estivesse se remoendo de ciúmes, mas na hora pensei que era o nervosismo da transgressão, as beiradas da melancolia.

— Vamos enganar toda essa gente — eu o convidei sorrindo.

Ele pegou minha mão e levou ao rosto.

— Querida que fosse eu — ele disse fracamente.

— É você — eu respondi me virando para beijar a palma da sua mão — Seremos eu e você no altar da Igreja — levei sua mão à minha barriga — Eu, você, e nosso filho.

— E Escobar... — Bentinho resmungou.

— Ele é ideia sua — eu ri sem maldade — Mas é das boas.

Relutante, eu deixei a igreja pelos fundos e me postei na porta de entrada para que Bentinho casasse as duas pessoas que mais o amavam, uma com a outra. Tudo ao contrário e incompleto. Eu e Escobar fingimos bem, tínhamos prática, mas Bentinho evitou nossos olhos quando nos pronunciou marido e mulher e fechou os olhos quando nos beijamos pela primeira e última vez.

CAPÍTULO V

Não cobiçarás a mulher do próximo

Eu e Escobar éramos um casal devoto - eu mais do que Escobar, é verdade. Íamos na igreja o mais frequentemente que podíamos sem levantar suspeitas. Ele cuidava dos negócios e da fazenda e eu visitava todo mundo que precisava convencer de que eu esquecera Bentinho. José Dias foi o mais difícil, porque ele vira de perto nossas brincadeiras de criança. Porém, até mesmo ele se convenceu quando anunciei estar grávida. Dona Glória queria mimar o neném como se soubesse que era neto dela e Sancha ficou aliviada de eu estar finalmente deixando a infância para trás. Só quem não gostou nada do anúncio foi Bentinho. Detestava ver as pessoas elogiando Escobar pelo menino e desejando felicidades para nossa família.

Pensei que no dia do batizado ele fosse explodir e gritar pros quatro ventos que o filho era dele. Foi ali que comecei a me perguntar até quando Bentinho suportaria assistir Escobar vivendo a vida que era pra ser dele. Os dois costumavam chamar um ao outro de “irmão” na época do Seminário, então quanto mais minha amizade com Escobar crescia no matrimônio, mais frequentemente ele me chamava de “cunhadinha”.

No entanto, enquanto eu e ele aprendíamos a conviver com as máscaras, Bentinho envenenava a si mesmo com seus ciúmes. Apelidou o amigo de “Substituto” e Escobar, ferido, o chamava de Padre Casmurro.



CAPÍTULO VI

A cara do pai

Foi só o garoto crescer que o problema mudou. Eu e Escobar tentamos encobrir, cortamos os cachos e metemos-lhe um óculos que disfarçasse o fato, mas não havia muito o que fazer. Era só estarem os dois vestidos de túnica no altar aos domingos que os fiéis se colocavam a cochichar sobre a semelhança entre os dois. Bentinho tinha feito questão de fazer do filho coroinha e, no início, ele parecia fazer de tudo para que desconfiassem - era o jeito dele de se apoderar de nós. Fizemos tanto para acobertar que acabamos escancarando.

Me olhavam torto nos bancos da igreja e papai, se tivesse vivo, teria realmente me deserdado. Qualquer um que tivesse nos conhecido na infância sabia a verdade mesmo sem poder provar. Somente a Dona Glória fazia vista grossa pra continuar idolatrando o filho. Ela sempre tivera olhos vagos, assim de cego que não quer ver. Eu sempre fora mulher, estava acostumada a ignorar olhares e simular sorrisos. Escobar fingia bem e tinha dinheiro o suficiente para afastar de nós qualquer coisa mais séria que um boato de bairro. Foi Bentinho quem sofreu com a língua do povo. Quanto mais as pessoas insinuavam que Deus tinha mandado para mim e Escobar a coincidência em forma de filho, mais ele se dividia entre querer confirmar as desconfianças da cidade e negar até a morte para proteger sua reputação.

Eu sabia que toda aquela especulação sobre sua traição estava deixando ele maluco e mal falado, mas eu sabia que Bentinho não iria contar pra ninguém. Afinal, ele me prometera segredo e nada era mais sagrado pra ele do que eu.

CAPÍTULO VII

Traiu ou não traiu?

Fazia tempos que Escobar não visitava Bentinho sem minha companhia. Provavelmente desde a época que ele começara a ser mais pai

de Ezequiel do que amigo de Bentinho. Por isso, me surpreendi ao escutar as duas vozes conversando na casa paroquial. Quanto mais eu me aproximava, mais as vozes se elevavam e eu percebi que, na verdade, os dois estavam brigando.

— Eu nunca deveria ter deixado vocês se casarem! — Bentinho exclamou golpeando a mesa com o punho. A porta entreaberta revelava a fúria desmedida de Bentinho e a frustração calculada de Escobar.

— É um egoísta, Bentinho! Sempre foi! Se nós não nos casássemos, só Deus sabe o que teria sido de Capitu!

— Não finjas que sustentou essa mentira por todos esses anos porque estava preocupado com a reputação de Capitu — Bentinho respondeu amargurado.

Escobar passou os dedos por entre os cabelos, incrivelmente exausto.

— Não finjo... — ele respondeu abatido.

Bentinho olhou para ele como se o amigo o tivesse esbofeteado. Seus olhos foram encobertos por muitas emoções de uma só vez, ofensa, incredulidade, ciúmes e, finalmente, vitória por ter estado certo em todas as suas suspeitas.

— Você sempre será somente o meu substituto. Capitu vai querer vir comigo! — Bentinho bufou desvairado.

— Ir para onde? — perguntei entrando no cômodo.

Bentinho se jogou aos meus pés e tomou minhas mãos.

— Vão me mandar pra longe Capitu. O bispo mesmo mandou me avisar. Você tem que vir comigo! Fugimos daqui eu, você e nosso filho.

A notícia me surpreendeu talvez só um pouco menos do que o pedido que Bentinho me fazia. Fiquei tão abalada com a perspectiva de que finalmente o momento da penitência tinha chegado que não consegui não olhar para Escobar. Como Bentinho poderia sugerir que nós o largássemos para trás? Ele que sempre fora a solução dos problemas que não havia criado, o amigo conformado, o amante interrompido, o marido adulterado.

Bentinho percebeu o olhar e se levantou enfurecido.

— Você prefere o substituto.

— Não chame ele assim, Bentinho. Você não entende, o Ezequiel... — Eu comecei a protestar

— Você não vai levar meu filho para lugar algum — Escobar me interrompeu calmamente — Faz tempos que não tenho ilusões quanto a esse casamento, mas Ezequiel você não vai me tirar.

Eu sabia que Escobar tinha direito sobre a criança e sabia que Ezequiel era apegado a ele. Os dois haviam se juntado como se soubessem que jamais poderiam esperar de mim ou de Bentinho qualquer coisa que não um papel secundário. Eu não poderia largar tudo e seguir Bentinho pelo mundo sem meu filho e sem meu mais leal amigo. Não tive tempo de responder. Bastou minha troca de olhares com Escobar, minha hesitação para que o ciúmes de Bentinho lhe fornecesse todas as conclusões. Eu tentei pará-lo e explicar a situação, mas ele estava decidido a ir embora. Ia ser padre sozinho em algum lugar do interior em que as pessoas não conheciam Capitu.

CAPÍTULO VIII

A mulher do padre

Eu resisti ao silêncio sem cartas de Bentinho. Quando ele se foi, uma raiva sem limites se apoderou de mim. Eu fizera de tudo para que nós ficássemos juntos, mas Bentinho tinha deixado mais uma coisa ficar entre nós, a mãe, o seminário, a Igreja, o ciúmes.

Foi Escobar quem amoleceu primeiro. Dizia que Ezequiel havia de ver Bentinho de vez em quando e que eu não podia ficar brava para sempre. Ele sempre arrumava um jeito de perdoar o amigo antes mesmo do outro apresentar um bom motivo pra isso. Acabei por permitir a bendita visita porque queria matar minha saudade tanto quanto a do resto de minha família.

Bentinho foi pego de surpresa pouco antes da missa. Seus olhos estavam diferentes, solitários. Pareciam estar de ressaca da sua loucura. Por um instante pensei que fosse expulsar-nos da paróquia, mas sorriu

algo pequeno e abraçou Escobar. Bentinho não o conhecia tão bem quanto achava que conhecia, mas sabia o suficiente do amigo e de Capitu para saber que a visita fora ideia dele. Os dois suspiraram no abraço e o mundo entrou nos eixos novamente mesmo que só por uns minutos. Bentinho pegou Ezequiel no colo e lhe mostrou os detalhes da Igreja enquanto eu esperava sentada no banco, assistindo aos três. Bentinho ficava tão descontrolado quando o assunto era eu que às vezes achava que eles formariam uma família mais feliz sem mim.

Eu planejava conversar com Bentinho. Fazê-lo se arrepender pelo abandono, gritar com ele e depois dar-lhe um beijo, mas os fiéis começaram a chegar e fui obrigada a assistir a missa ao lado de Escobar e Ezequiel, na primeira fila.

Nós iríamos embora naquela manhã mesmo. No fundo, eu sabia que voltaríamos para visitar Bentinho de tempos em tempos. Podia sentir minha mágoa se dissipando enquanto Bentinho falava no altar. Podia sentir seus olhos se demorando uns segundos a mais em mim antes de olhar para o resto dos ouvintes. Até minha raiva ameaçava passar e dar o lugar de Bentinho no meu coração de volta pra ele. Escobar já tinha perdoado o amigo e perdoaria todas as vezes que o ciúmes de Bentinho o cegasse para o amor do amigo. Havia de ser um caos, mas ao menos estaríamos juntos.

Estava tão absorta em meus devaneios que só reparei nos olhares que miravam em mim e na minha família no final da missa. Ezequiel estava de cabeça e mãos erguidas para receber a bênção assim como Bentinho. Eram o reflexo um do outro.

No silêncio da bênção final escutei duas senhorinhas cochichando.

- Reparou como eles dois se parecem?
- Será? O padre jamais faria uma coisa dessas...
- Será?

Tentei morder o lábio para evitar, mas não consegui. Por baixo do véu, eu estava sorrindo.



Capitolinas

Ariele Soares dos Santos

trilha sonora

Fera Ferida

Maria Bethânia

Em minha última noite no casarão igual à antiga casa da rua Matacavalos, tratei de pegar apenas o mais importante; Bento dormia sossegado. Quando ele tomava os remédios para dormir eu podia agir sem pisar em ovos constantemente, mas até o final desta noite, eu fugiria da minha vida de tormentos ao lado de Bento Santiago. Corri no pequeno altar do corredor, pedi à Nossa Senhora que me abençoasse e entrei no quarto, evitando qualquer barulho que o acordasse.

Sentei-me na antiga penteadeira diante do espelho emoldurado pela madeira delicadamente entalhada com desenhos circula-

res. Parecia o formato de um coração, pois as bordas também eram arredondadas. Havia três gavetas no móvel. Retirei a chave que usava no pescoço como um pingente, mas que na verdade abria uma delas, Bento nunca desconfiava do acessório. Peguei de lá o diário que havia sido presente de Sancha, que compreendeu que existiam coisas que eu não poderia falar em voz alta; Tentava confessar-lhe com um olhar, mas até isso estava se tornando difícil.

Na primeira página estava a carinhosa dedicatória feita por minha melhor amiga:

*Para minha amada amiga Capitu,
Escreva seus sentimentos, sua dor e conte comigo.
Com amor, Sancha.
Maio de 1997.*

Saí do quarto com cuidado, com a única mala que levaria já pronta. Ainda eram 2 da manhã, Sancha só viria me buscar às 4 horas. Eu tinha tempo para finalmente escrever o que se passava comigo durante esses últimos anos e deixar de vez no passado todo esse amor que se transformou em um castigo.

“Em 10 de maio de 97, Sancha me presenteou com esse lindo caderno. Segundo ela, eu deveria desafogar minha mágoas e a dor de perder um filho na escrita, mas minha dor parece ser muito maior do que palavras podem expressar. Acredito que em parte ela queira que este seja um modo de nos comunicarmos sem que Bentinho nos ouça. Ele sempre foi muito desconfiado, mas agora, sem Ezequiel, que infelizmente era constante vítima das paranoias do pai, ele se voltou completamente para mim. Entendo que amo muito o Bento, mas seu comportamento às vezes me entristece e me mantém acuada porque, na verdade, ele precisa mais de mim que eu dele.

Agora, sete meses depois, contarei tudo neste caderno. Todos os segredos que guardo para este homem que amo serão revelados ape-

nas ao papel. A verdade é que Bentinho é doente, suas desconfianças ultrapassam o nível normal, ele precisa que eu cuide dele, porém me dá medo pensar que ele não é forte o suficiente para lutar contra o que quer que o faça ficar agressivo comigo de diversas maneiras. Sancha desconfiava, Escobar também, mas não sabiam o que fazer... Eu disfarçava tudo com um sorriso.

Outro dia, Escobar me disse que poderia tentar convencer Bentinho a se internar ou tomar os remédios, eu o impedi. Ainda me lembro de quando, em um momento de crise, Bento me pôs contra a parede, questionando a paternidade do pequeno Ezequiel... Meu pequeno menino... Desse dia em diante o considereei somente meu porque ele não merecia ser de um pai que o negava.

Dessa vez, ameacei fugir. Já faz dois anos, mas ainda penso o que teria sido de nós dois no Rio de Janeiro sozinhos. Uma mãe solteira, sem emprego, de família nobre, porém destruída... Imaginei que se o fizesse terminaríamos num dos complexos que o governo tem criado para colocar os pobres, meu menino poderia se envolver com diversas coisas ruins, fiquei por Ezequiel... Me pergunto porque demorei tanto tempo para me libertar...

Bentinho nunca ligou para o que eu tenho a dizer, mesmo que eu escreva. Nem imagino como ele reagiria se soubesse que escreverei tudo o que se passou nesses últimos meses.

Voltando à história, certo dia visitei Sancha e ela descobriu sobre as agressões. A pequena Capitolina, crescia saudável e curiosa. Diversas vezes a pegava me encarando, sempre querendo participar das conversas que eu tinha a sós com sua mãe, ficava ali brincando com a boneca, mas eu sabia que ela ouvia tudo. Eu era assim quando criança, talvez seja mal do nome. A pequena ainda insistiu em ficar no meu colo no fatídico dia, foi mexendo, mexendo até levantar a manga de meu vestido e revelar um pequeno hematoma que estava ali. Não havia como negar quem havia sido o culpado. Implorei para que Sancha não fizesse nada, ele estava doente, não tinha controle do próprio corpo, mas eu bem sei que não é justo que ele tenha tanto controle sobre o meu.

De algum jeito, fiquei aliviada por Sancha saber sem eu precisar falar. Eu estava cansada de dissimular tudo o tempo todo, as minhas dores nunca podiam jorrar de meus olhos. Bentinho me dissera um dia que os meus olhos me condenavam, a cada olhar lançado eu parecia estar pronta para dominá-lo mais uma vez. Quem me dera ter esse poder.

Depois disso, eu e Bentinho tivemos um mês difícil. Foi aniversário de morte de Ezequiel: um ano. Dessa vez não me contive, chorei na missa de domingo e insisti que me levassem ao mar, Escobar foi também com Sancha e Capitolina. Bentinho ficou no calçadão sentado num banco, observando completamente indiferente enquanto eu molhava os pés. Sancha tentava conter Capitolina, que queria me acompanhar nas águas agitadas do mar, Escobar chegou ao meu lado, pôs uma das mãos em meu ombro e me ofereceu consolo. Foi o que bastou...

Bentinho, de repente, chegou perto de nós dois e me puxou pelo braço, ele não faria uma cena ali na frente de todos, não brigaria com Escobar, não mancharia nunca sua reputação; Mas me olhou nos olhos e eu pude ver sua fúria. Decidi não lutar contra ele, continuei sendo puxada por ele até chegarmos no carro, o qual ele arrancou e saiu pela avenida em disparada. Em casa, Bento me deu um tapa no rosto e acusou a mim e a Escobar de estarmos sofrendo pela morte do nosso filho.

Volto a chorar ao lembrar destes momentos... Bentinho de repente não era mais aquele menino, meu vizinho que ia ser padre e por quem me apaixonei. De uma hora para outra, ele virava um monstro, me acusava de ser dissimulada, dizia que eu não tinha classe, que era muito dada, que eu o havia enfeitado e que estava sendo sua ruína. Assim como eu havia sido uma péssima mãe.

Me tranquei no quarto antigo de Ezequiel e não saí durante todo o domingo. À noite, Bento chorou na porta, pediu perdão pelo descontrole, alegou que o dia também fora difícil para ele, pois estava sentindo toda a dor de perder seu filho. Saí do quarto e dessa vez dissi-

mulei. Fingi que o perdoaria, abracei sua cabeça como se ele fosse um menino e me perguntei como eu faria para me livrar de vez daquele homem horrível.

O tempo corre, então passado alguns meses conversei com Sancha sobre uma possível fuga para o exterior. Ela tinha família e conhecidos na Suíça, eles poderiam me acolher por um tempo, Bentinho nunca desconfiaria...

Mas me faltava coragem de deixar tudo para trás... Meu pequeno Ezequiel está aqui, junto com meus pais e todas as minhas lembranças de quando eu ainda corria solta pela rua Matacavalos com meus cabelos negros ao vento. Seria muito difícil, mas viver aqui também está sendo.

Vi Bentinho esconder um frasco de veneno há uma semana atrás, não sei o que ele planejava com isso. Colocou o vidro atrás dos livros na estante, coincidentemente atrás de seu exemplar de Otelo, a obra de Shakespeare. Estremeci quando me lembrei do enredo da história: marido mata esposa por ciúmes. Ela era inocente.

Bento já não era mais o mesmo, sua doença estava o fazendo perder completamente sua moral e seu juízo já tinha se esvaído. Estava sempre inquieto e desconfiado, enquanto eu me retraía cada vez mais, me escondendo dentro de mim mesma, já que era tudo o que eu tinha.

Escobar já havia me ajudado a tirar passaporte e outros documentos necessários para me mudar para Suíça - esse era o único modo -, Bento era muito influente e conhecido, em qualquer lugar que eu fosse no Brasil ele me acharia.

Meu marido seguia violento e paranoico. Outro dia, quase me quebrou um dos braços, depois chorou arrependido, confuso dentro de si mesmo. Não sei se ele desconfiava de minha fuga. Acredito que ele me veja como sua propriedade, só porque a minha família era pobre e a dele rica. No contrato do casamento Bentinho viu um comprovante de compra, mas estava enganado, eu era só minha.

Eu espero que a próxima geração aprenda com os erros da anterior. Olho nos olhos da pequena Capitolina e desejo a ela uma melhor sorte,

quanto ao pequeno Ezequiel, às vezes chego a pensar que talvez ir para o reino dos céus tenha sido melhor do que viver e sucumbir à loucura, se transformando em um monstro como seu pai.

Nos últimos dias, Bento tem aparecido em horas inesperadas e se zanga com coisas pequenas. Para que meu plano de fuga desse certo, precisei me comportar como se nada fosse acontecer. Segurei-me para conseguir sobreviver aos últimos dias de meu inferno pessoal.

Finalmente eles chegaram às 4 horas da manhã. Peguei mala de mão e corri para o carro onde Escobar e Sancha me esperavam, sequer olhei para o casarão azul e branco uma última vez. Bentinho ainda dormia quando saí. As luzes do Rio de Janeiro nunca pareceram tão bonitas quanto estavam enquanto o carro seguia pela baía.

As ondas do mar quebravam violentas e crescentes, prontas para envolver e levar o que vissem pela frente. Era dia de ressaca na praia, não pude conter o desejo de me deixar ser puxada e tragada ao tomar um último banho de mar, mas o tempo era curto demais e vida nova me esperava do outro lado do mundo. Era preciso que eu mantivesse a força e a esperança.

Escrevo estas páginas enquanto esperamos no aeroporto. Sancha continua do meu lado, mesmo com a pequena Capitolina adormecida em seus braços. A excitação da viagem me atordoia, mas acredito que seja necessário focar em lhe escrever isso, minha afilhada...

Querida Capitolina, nunca abaixe a cabeça. Nunca pense que um homem pode medir o seu valor ou determinar suas escolhas e seu futuro, nunca deixe de acreditar na sua inteligência e não se contente com um casamento, porque um homem pode a abandonar e a maltratar. No final das contas, você tem a si mesma.

Creio que você sempre poderá contar comigo e com sua mãe, nós possuímos uma ligação inexplicável, você foi a primeira a descobrir minhas feridas e agora, quando irei alçar meu voo de liberdade você também está aqui. Mesmo sendo muito pequena para compreender isso, você é parte fundamental dessa união entre mim e sua mãe.

Espero que um dia você possa vir visitar a madrinha, tentarei lhe

escrever cartas, espero não ser apenas um fantasma da mulher agredida e silenciada que você teve que conviver. Quero que você conheça também o meu outro lado, mas antes eu preciso me reconectar com ele.

Pequena Capitolina, espero que você cresça bem. Deixo instruções com sua mãe para lhe dar a penteadeira com espelho em formato de coração e deixar este caderno trancado dentro da gaveta para você. Quero que você conheça toda a história.

Com amor e gratidão, Capitu.”



“Foi um custo tirar daquele avarento do Bentinho essa penteadeira para ficar com você, Capitolina, você tem que dar valor. Sua madrinha deixou para você.” Disse minha mãe quando carregamos o móvel pesado para o meu quarto, ela me ajudou a colocá-lo contra a parede e saiu para seu trabalho como professora de Literatura numa escola aqui do bairro.

A madrinha Capitu tinha falecido há um tempo já, mas deixou um testamento que obrigava Bentinho a deixar a tal penteadeira para mim. Foram meses até que ele finalmente deixasse que eu e minha mãe retirássemos ela de lá. Era estranho ter ali uma coisa tão significativa para ela, só conversamos por cartas, mamãe diz que ela era assim mesmo, dizia mais em seu silêncio. Pegou o costume de tanto precisar esconder os problemas que tinha com Bento.

Eu estava com 2 anos quando ela partiu para Suíça e nunca mais voltou, mamãe foi visitá-la sozinha uma vez e voltou tranquila, pois a amiga estava bem, mas depois disso nunca mais se viram e Capitu morreu por lá mesmo, onde tinha encontrado novos amigos e nova vida. Tinha se tornado atriz, me mandou alguns vídeos de suas apresentações no teatro, me encantava ver que ela tinha muita liberdade vivendo lá, mas mesmo assim eu conhecia tão bem suas personagens e não conseguia capturar muito dela.

Bentinho nunca procurou por ela, se fechou em sua casa, andava

sozinho à noite e ainda vive lá completamente solitário e paranoico. Se desesperou quando soube da morte de Capitu, de alguma forma ele ainda acreditava que ela ia voltar... Sempre me perguntei por que não o denunciámos pela violência doméstica, mas mamãe disse que Capitu quis assim, só queria interromper seu sofrimento.

Peguei a chave que mamãe tinha me dado e abri a gaveta, finalmente tinha chegado a hora de descobrir o que ela tinha guardado com minha mãe, para deixar na penteadeira... Mamãe guardou um embrulho de presente aqui dentro assim que chegamos com o móvel, me sorriu com os olhos lacrimejando, eu estava louca para descobrir que segredos escondem dona Sancha e Capitu.

Sempre me chateou essa necessidade de um presente ter que ser acompanhado pelo outro, mas ao ver que era um caderno, bem parecido com um diário, de capa dura vermelha, com escritos de Capitu, entendi o motivo dela desejar que eu conhecesse sua história só após sua morte: ela queria ser vista como uma estrela, a mulher que se mudou para Europa e ganhou os palcos.

Comecei a leitura do diário antigo, ela havia o escrito antes de partir. Pude notar seu tom decidido e esperançoso, mas ainda havia uma necessidade de deixar claros os seus motivos, pois ela sabia que poderiam julgá-la por abandonar o marido doente, mas ninguém sabia da doença, só Capitu. A medida que a história se mostrava eu compreendia porque ela se esforçou tanto para me mostrar o seu lado feliz.

Eu via em Capitu tudo o que eu queria me tornar, uma mulher forte, independente, que teve sucesso, que teve coragem... Eu estava com meus 22 de anos sem saber ao certo o que faria da vida, tudo ainda era muito incerto. Mamãe e papai falavam que eu deveria esperar e descobrir com o tempo o que eu faria, que eu ainda tinha tempo para tudo, nunca acreditei, sempre fui de querer o agora e para ontem. Vendo agora tudo que a madrinha precisou passar para viver a vida que sempre quis, eu percebo que temos mesmo muito tempo, mesmo que ela tenha partido muito cedo...

Quando terminei de ler, eu estava em prantos. Não conseguia

conter a saudade que encheu meu peito, de repente, era como se eu me lembrasse de observá-la enquanto conversava com mamãe, de brincar em seu colo e acabar expondo suas dores. Logo compreendi que muito do que eu sou veio dela, sempre admirei sua figura silenciosa e distante que parecia esconder um mundo inteiro, e de fato escondia.

O sol se pôs e eu ainda estava de frente para velha penteadeira... Como eu queria abraçar Capitu e agradecê-la. Eu me sentia, mais do que nunca, parte dessa união secreta que sempre existiu entre nós, me tocava profundamente o cuidado que ela teve para continuar presente mesmo depois de já ter partido. Como eu me sentia grata por mamãe por ter cumprido sua promessa e me feito encarar meus presentes como algo extremamente valioso.

No final do caderno havia ainda uma foto de nós três no jardim da casa de Bentinho: eu estava no colo de Capitu e mamãe sorrindo atrás, envolvendo os ombros dela. A foto era antiga, mas ali estávamos nós três juntas, chorei de saudade pelos momentos que infelizmente não consegui recordar completamente, mas senti o abraço da madrinha e sua gratidão se confundiu com a minha.

Olhando aqueles escritos eu consegui perceber que eu realmente poderia ser o que eu quisesse. Talvez começasse escrevendo, misturando trajetórias, nomes e o presente com o passado ao narrar a história de uma mulher silenciosa, incrivelmente linda, forte e independente que, coincidentemente, se chama Capitolina.



Através dos olhos de ressaca

Luísa Rocha Vasconcelos

trilha sonora

A Place In This World

Taylor Swift

Londres, 1811
Capitolina

A carruagem parou abruptamente quando alcançou o seu destino. Os cavalos ofegantes estacaram sob o comando das rédeas, me despertando com um solavanco. Minha cabeça foi de encontro a janela da carruagem.

— Ai! — Abri os olhos, pronta para passar de “dormindo tranquilamente” para “sonolenta mal-humorada” quando me dei conta de que a pequenina janela que eu havia encarado durante todo o

trajeto finalmente emoldurava o que eu sempre quisera ver. As ruas atribuladas de Londres, um céu cinzento e, o mais importante, oportunidades. Londres era o lugar perfeito para que eu conquistasse tudo o que sempre quisera.

Saltei da carruagem, enlameando as botas de viagem, e sorri alegremente para minha anfitriã. Sancha, grande amiga da família, me esperava ansiosamente do topo dos três degraus que conduziam a sua casa.

— Capitu, querida! — Ela abriu os braços e rapidamente fui ao seu encontro — Como foi a viagem? A estrada estava muito acidentada? Conseguiu descansar? Vamos, eu a ajudo com as malas, vamos para dentro e você poderá me contar tudo com mais calma. Estou tão feliz em tê-la comigo na cidade! Faremos um tour completo. E teremos uma noite incrível amanhã!

A tão antecipada noite chegou rapidamente, uma vez que nos mantivemos ocupadas durante o restante do dia e do seguinte. Durante esse tempo, desfiz as malas e desfrutamos de longos passeios agradáveis a fim de ambientar-me ao meu novo lar para a temporada.

Sancha e eu adentramos o grande salão decorado elegantemente e levei alguns segundos para absorver a importância do momento que eu vivenciava. Enfim, eu estava debutando diante da sociedade londrina. Para qualquer garota — normalmente mais novas - esse era um marco que lhe apresentava todas as possibilidades de seu futuro. Possibilidades de casamento, claro. Mas, observando todos os nobres bem vestidos que já conheceram o mundo e, melhor ainda, tinham vastas e influentes conexões, tudo o que eu via ali eram todos os contatos que eu precisava reunidos em um único ambiente, apenas à espera de que meus objetivos se concretizassem. E além disso, é claro, havia a oportunidade de se divertir. Nunca antes havia estado em um baile, com música e comida espetaculares. E eu pretendia tirar o maior proveito disso.

Fui apresentada a todos os conhecidos de Sancha, muito agradáveis e simpáticos. Caminhávamos em direção às mesas laterais, a fim de nos servirmos de ponche quando minha amiga e responsável avistou

alguém que possivelmente não queria ter visto, pois habilmente nos desviou, afastando-nos do indesejado. Porém não passamos tão despercebidas assim.

— Sra. Soares? Boa noite! Como está passando?

Observei Sancha se virar elegantemente, seu rosto impassível, mas respeitoso, direcionando-se àquele que se introduzira na conversa.

— Boa noite, Sr. Santiago. Esta é uma noite agradável, não concorda? Espero que o senhor esteja se divertindo - Respondeu, polida.

— De fato, esta é provavelmente a melhor abertura de temporada a que tive o prazer de participar. E já participei de um número considerável. É uma pena que haja tantos rostos conhecidos, no entanto. — O cavalheiro respondeu, encarando-me longamente antes de retornar seu olhar para sua interlocutora

Assustei-me com o comentário tão abertamente indiscreto, mas Sancha apenas arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Ah, sim, o senhor claramente notou minha acompanhante. Meu marido e eu estamos hospedando uma amiga de família em sua temporada debutante. Esta é Capitolina Miranda, nossos pais são grandes amigos. Capitu mora no campo e eu me ofereci para acolhê-la e providenciar sua temporada aqui em Londres. Querida, este é o Sr. Bento Santiago.

— Baroneite — corrigiu com um pigarro, mas a desenvoltura de Sancha não falhou nem por um segundo.

— Sim, é claro. O Sr. Santiago herdou o título de baroneite de seu falecido pai.

Santiago pegou minha mão protegida pela luva e pressionou seus lábios contra o tecido. Ele era um homem bem cuidado, alto como a maior parte dos homens naquele salão, embora fosse claramente um dos mais vaidosos. Os cabelos e a barba estavam impecáveis assim como as roupas sob medida. Ele exibia um ar pomposo e achei que talvez ele pensasse muito de si, definitivamente mais do que deveria. Não que nada daquilo fosse relevante para mim. Era apenas um conhecido. Um conhecido que poderia ter contatos com a imprensa!

— É um prazer conhecê-la, srta. Miranda. Você me concederia uma dança, talvez?

— É claro, senhor, eu adoraria.

Sancha acenou brevemente para mim enquanto Santiago me conduzia para o meio do salão. Dançamos uma quadrilha extremamente divertida e agitada, dando-lhe pouca oportunidade para se enveredar em qualquer assunto, o que não me abalou nenhum pouco. A dança era revigorante e não havia a menor necessidade de se trocar amenidades. Mas então a quadrilha alcançou seu fim, dando-se início a uma valsa. Santiago perguntou se poderíamos continuar dançando e eu aceitei.

— Então, srta. — ele começou a falar, quanto me girava lentamente — Quais são suas primeiras impressões de sua temporada até o momento? Encontrou muitos bons partidos?

— Ah, talvez eu houvesse encontrado, se estivesse procurando — ri — Receio não ter prestado a menor atenção a isso, de modo que não posso respondê-lo apropriadamente.

Santiago ergueu as sobrancelhas, incrédulo.

— Ora, srta. Miranda, esta não é uma tática muito competitiva. Com tantas adoráveis moças a procura de um marido, os melhores partidos serão arrebatados rapidamente — e piscou para mim. Não pude deixar de rir novamente.

— Por favor, pode me chamar de Capitu — ele estava fazendo com que eu me enjoasse de meu sobrenome — Então, todos os bons partidos são rapidamente arrebatados, é? É por isso que o senhor continua solteiro?

Observei Santiago piscar três vezes, tentando entender. Sancha, era sempre educada demais para fazer qualquer coisa, então senti que a havia vingado naquele momento.

— O que isso quer dizer?

— Nada — sorri, agradavelmente e, simples assim, ele esqueceu.

— Se não quer um marido, então por que está aqui? — ele trouxe novamente o assunto após girarmos mais algumas vezes pelo salão

— Ora, isto é um baile. Gosto de dançar — Ele me encarou, claramente confuso com minha resposta — Nunca estive em Londres e achei a ideia de passar um tempo com uma grande amiga e ter a oportunidade de vivenciar uma temporada eram motivos suficientes.

— Mas... sem marido?

Suspirei. Era necessário explicar-lhe sobre uma decisão que eu tomara para minha própria vida, da qual ele não fazia parte. Um grande partido, realmente

— Tenho certeza que uma vida de filhos e responsabilidades domésticas seja satisfatória. Eu mesma adoraria criar uma criança. Porém, antes disso, quero conhecer novos lugares, novas pessoas, vivenciar o mundo e depois escrever sobre ele.

— Escrever? Como em um diário?

— Hmm, talvez em uma coluna de jornal?

Ele arfou, consternado.

— A senhorita não se importará com o que as pessoas pensarão?! Isto seria um escândalo!

A música finalmente chegou ao fim. Nos separamos e despedi-me com uma leve reverência.

— Sou filha de um escândalo. A opinião alheia não controla minha vida. Boa noite, senhor.

Afastei-me, nem um pouco incomodada e sem olhar para trás.

Bento

Enquanto esperava impacientemente na sala de visitas do Sr. e da Sra. Soares, eu tentava antecipar a expressão de surpresa e contentamento que veria no rosto de Capitu ao ver-me novamente, em menos de 24 horas.

Capitolina certamente era criatura mais singular com a qual já havia me deparado. Tinha algumas ideias absurdas, um berço duvidoso e precisava de um pouco de polimento, mas nada que um título de baronete não consertasse. Sua beleza era inigualável, os olhos densos

e os cabelos longos e escuros lhes davam um ar indomável, mas que se encaixaria perfeitamente no posto de uma exuberante esposa. Eu estava disposto a aceitar o desafio e percebi o seu interesse na noite anterior, sempre tão agradável e risonha. E ainda havia pedido para que eu a chamasse pelo seu nome de batismo!

Um pigarro retirou-me dos devaneios, quando o mordomo anunciou sua presença.

— Pode entrar agora, senhor. A srta. Miranda se encontra no jardim dos fundos.

Ajeitei os ombros e avancei a passos largos, ciente de que ela estaria observando atentamente, à espera de minha entrada. No entanto, fui eu quem a avistou primeiro, sentada em um banco de cimento, de costas para mim. E acompanhada de outro homem. Aproximei-me lentamente.

Eles conversavam animadamente e ela segurava um caderno cuja capa de couro surrada mal acomodava as páginas preenchidas de tinta em todos os pedaços possíveis. O cavalheiro, se é que fosse um, alto e magro, apontava para os escritos e tecia comentários que rendiam largos sorrisos de Capitu.

— Bom dia, senhorita. Como tem passado? — postei-me diante deles

— Ah, Sr. Santiago! — Ela ergue-se, ajeitando o vestido. Sorria despreocupadamente, o que me irritou — A que devo essa visita? Ah, permita-me apresentá-los antes. Este é Ezequiel Escobar, nos conhecemos no final do baile de ontem. Sr. Escobar, este é o Baronete Bento Santiago.

Trocamos algumas cordialidades secas que rapidamente se transformaram em despedidas assim que eu inventei uma desculpa esfarrapada para partir imediatamente. O mais irritante foi Capitu não ter demonstrado a menor tristeza quanto a isso. Mas decidi ignorar. A verdade indiscutível era que aquele Escobar me parecia de origem extremamente duvidosa. Seu sobrenome era claramente desconhecido dos círculos privilegiados londrinos e suas roupas podiam ser melhor cortadas. Eu

arranjaria uma maneira de desvendar a verdade e revelar a Capitu. Assim que este empecilho fosse resolvido, levar Capitu ao altar seria apenas uma agradável consequência natural.

Capitolina

O Hyde Park era para mim, um dos melhores entretenimentos de Londres. O azul convidativo do céu e a temperatura agradável apenas contribuíam para o máximo aproveitamento da experiência. A companhia também era um fator de grande importância. Ezequiel era um cavalheiro tímido, extremamente culto e aberto a discussões sobre qualquer assunto. Ele definitivamente era o que eu esperava que a capital teria a me oferecer, de modo que fiquei muito contente ao esbarrar com ele há duas noites, no baile. A conversa fluía fácil e muitos de meus planos finalmente tornavam-se mais nítidos com o seu encorajamento.

Caminhávamos às margens do Serpentine, absortos em nossas ideias para o futuro, quando escutei alguém me chamar. Virei-me a tempo de ver Bento Santiago caminhando apressadamente em nossa direção.

— Nossa, o Sr. Santiago apegou-se rapidamente a senhorita — comentou Escobar

Apenas suspirei em resposta. Permanecemos onde estávamos, à espera do baronete. Santiago era o tipo de pessoa facilmente esquecível para mim. Infelizmente, ele também era o tipo de pessoa que forçava sua presença e sua lembrança.

— Srta. Miranda. Capitolina. Poderia me conceder alguns minutos do seu tempo? — ele finalmente alcançou-nos. Não se preocupou em olhar para meu acompanhante, no entanto — A sós.

Ezequiel afastou-se enquanto Bento e eu nos aproximávamos mais do rio. Imediatamente, ele começou a falar em tom triunfante e levemente maníaco.

— Você não pode se casar com ele, Capitu! Escobar esteve men-

tido para você o tempo todo. É um pobretão! Não passa de um jornalista! Ele jogará sua reputação na lama. Ou jogaria, mas eu pude intervir a tempo. Mas não se preocupe, meu bom nome nos livrará que qualquer eventual escândalo. Sua beleza e minha nobreza juntos serão o suficiente para superarmos isso. — Ele abriu os braços e sorriu, satisfeito. Eu nunca estive tão chocada.

— Perdoe-me, Sr. Santiago, o meu interesse no Sr. Escobar não lhe diz respeito. E não tenho a menor intenção de me casar com o senhor, de modo que toda esta discussão torna-se completamente irrelevante. Então, se me der licença...

— Você não pode estar falando sério! Eu claramente percebi o seu interesse — Ele segurou meu pulso e meu peito esquentou. De raiva. Afastei-me, puxando o braço, meus sapatos deslizaram nas pedras soltas da margem do Serpentine.

— Sinto muito, mas a minha educação não é flerte. Não sou responsável pelo modo como você a interpretou. Na verdade, o senhor deveria prestar mais atenção ao que os outros dizem e não ao que quer ouvir. Dessa forma teria percebido o que eu já disse: não desejo me casar e não me importo com escândalos. Sou fruto de um casamento completamente rechaçado em Londres e não me importo com isso. Meu grande objetivo é viajar e viver de minha escrita e impressões que eu tenho sobre o mundo. Sou inteiramente o que você não deseja em uma companheira. Então, pare de correr atrás de mim. Não vou mudar quem eu sou para me encaixar a sua realidade.

Santiago me encarou e me senti um brinquedo diante de uma criança birrenta. Não me surpreendi quando ele bateu o pé. Saltou para frente, agarrando meus braços e nossos pés se molharam com as leves marolas do rio.

— Não! Não precisa continuar com o charme. Você sabe que sou a melhor opção para você e para o seu futuro! Ninguém mais está à minha altura!

— Então case consigo mesmo! — Gritei, tentando empurrá-lo. Meu salto deslizou no cascalho e nós dois fomos em direção a água

congelante do Serpentine.

Ergui-me com dificuldade devido ao peso de meu vestido encharcado. Escobar rapidamente veio ao meu encontro, conduzindo-me novamente para a grama. O baronete vinha atrás de nós, cuspidando água e olhando para o chão.

— Olhe o que você fez! Estão todos encarando, que coisa mais desagradável.

Só então percebi a multidão que havia se formado a nossa volta. Não pude deixar de sorrir ao respondê-lo.

— Ora, foi o senhor que começou a fazer pirraça. Talvez seja melhor aprender a ouvir um não. Aproveite seu escândalo.

Caminhei tranquilamente ao lado de Escobar, deixando os olhares curiosos se voltarem para Santiago.

— Ezequiel, acho que tenho o nome perfeito para o nosso projeto.

Bento — três meses depois

Foi com extremo desprazer que, ao abrir aleatoriamente a página 9 do jornal matutino, deparei-me com uma coluna intitulada *Através dos olhos de ressaca* — “a sua coluna de reflexões e dicas dos melhores lugares para visitar em toda Grã-Bretanha! Por E.E & C.M”

Logo abaixo, se encontrava o primeiro texto, comentando sobre as atrações mais divertidas de Londres, incluindo o Hyde Park. Os autores, inclusive, comentavam sobre os rumores de que as águas do Serpentine eram tão frias que eram capazes de restabelecer o bom-senso de quem ali mergulhava. E convidava a todos a um dia tentar.



Capitu e a invenção impossível

Luíza Carolina de Oliveira Silva

trilha sonora

You Can't Stop The Girl

Bebe Rexha

Em um ambiente escuro, desanimado e mórbido, como se a falta de esperança por dias melhores já tivesse tomado completamente o ânimo de todos os moradores daquele distrito, a engenhosidade e entusiasmo de Maria Capitolina podia ser tanto uma visão de alento para os que ainda guardavam um resquício de fé bem no fundo de seus corações, quanto uma visão deplorável para os que apenas esperavam o momento em que o ser humano enfim veria sua história na Terra chegar ao fim.

Em dezembro de 2081, apesar dos longos e excruciantes esforços de uma pequena parcela da humanidade consciente, em confli-

to com outra que levou o negacionismo científico a níveis exorbitantes, o planeta finalmente viu o declínio de seus biomas naturais chegar a um ponto sem volta. O aquecimento global se agravou de forma muito mais intensa do que se esperava e o clima se tornou hostil para a sobrevivência das pessoas na superfície da Terra.

Eventos climáticos catastróficos e desastres naturais passaram a ocorrer com uma frequência muito acima do que era considerado normal no início do século XXI. Terremotos consecutivos que destruíram países inteiros, tsunamis e enchentes que varreram nações litorâneas do mapa, tempestades que caíam por semanas, nevascas que duravam o inverno inteiro, um calor insuportável no verão, secas e alagamentos em proporções descomunais, erupções vulcânicas, furacões, incêndios descontrolados... Tudo ao mesmo tempo. Foi assim que, direta ou indiretamente, três quartos da população humana pereceram.

Os que conseguiram escapar dos desastres viviam agora em cidades subterrâneas, construídas em locais onde a chance de haver abalos sísmicos era menor. A tecnologia da época já permitia a construção de veículos muito resistentes, capazes de suportar as agressões da superfície por um tempo. Graças a eles, encontros entre líderes de cidades próximas se tornaram possíveis, propostas de aliança foram aceitas e, com a união política de várias cidades, os países ressurgiram no mundo. Abençoado por uma localização com pouquíssimas falhas geológicas e desastres naturais ligeiramente menos violentos, o Novo Brasil logo se tornou uma potência por abrigar a maior concentração de cidades no planeta.

É nesse contexto que Maria Capitolina nasceu, doze anos após a grande migração do ser humano para o subsolo. Ela cresceu vendo as notícias dos avanços que os poucos cientistas que restaram no mundo faziam no desenvolvimento de pesquisas e tecnologias para tentar levar a humanidade de volta à superfície da Terra, tornando-a habitável novamente, ou a sair do planeta que traíram e viver à deriva no espaço sideral. Ela achava aquilo o máximo, queria ser igual a eles quando crescesse, mesmo quando todos a sua volta faziam de tudo para tirar essa ideia de sua cabeça. Mas Capitu, como era chamada por seus

familiares e amigos, não ligava, sentia algo forte em seu coração direcionando-a para aquele caminho, quase como um chamado vocacional da ciência. Então não poupou esforços para conseguir ingressar na Universidade Federal do Novo Brasil, a única do país, e se formou em Engenharia Aeroespacial.

A princípio, quando entrou para o doutorado em Estruturas e Sistemas Aeroespaciais logo após a graduação, Capitu queria desenvolver um projeto para facilitar a manutenção da estrutura das “cidades espaciais”, uma das soluções às quais a ciência tinha chegado para salvar a humanidade. No entanto, em um súbito momento de inspiração, teve uma ideia ainda mais prática, porém mais complexa de ser executada: a construção de uma “Redoma Atmosférica Artificial”, uma estrutura gigantesca que seria capaz de controlar o clima da região que cercasse. Assim, mesmo que fenômenos naturais assolassem o local, dentro da Redoma nada se alteraria, as pessoas que vivessem ali estariam muito bem protegidas da violência da natureza, e a humanidade não precisaria vagar indefinidamente num ambiente ainda mais hostil e desconhecido como o espaço.

Além disso, enquanto desenvolvia esse projeto tão ambicioso, Capitu sempre tirava um tempo em sua agenda para promover palestras e eventos para crianças e adolescentes em regiões mais marginalizadas do Novo Brasil, na tentativa de incentivá-las a se juntarem ao time de profissionais que dedicavam suas vidas para salvar a humanidade. Com a drástica redução da população, mais do que nunca era preciso que as poucas mentes disponíveis fossem estimuladas a desenvolver seu potencial para que, então, pudessem contribuir para a retomada da superfície. Foi graças aos esforços de Capitu que o número de estudantes na UFNB começou a aumentar gradativamente ano após ano, e os ânimos da comunidade científica iam se renovando junto aos novos rostos que surgiam.

— O que você está fazendo é ótimo, muito bonito e tal, mas inútil — disse o rapaz que ajudava Capitu a colocar umas caixas no porta-malas do carro, após mais uma tarde de evento muito produtiva.

— Lá vem você com esse negativismo de novo — ela respondeu, revirando os olhos.

— É o cenário mais lógico, Capitu. Não adianta colocar mais gente na UFNB agora se o mundo provavelmente vai acabar na próxima geração. É o que as pesquisas apontam. A gente devia se preocupar em construir moradias mais confortáveis, para que ao menos as pessoas não sofram tanto no processo de extinção da raça humana.

— Como você pode ser tão pessimista quando o meu projeto está tão perto de dar resultados? — Ela fechou o porta-malas com um pouco mais de força do que gostaria e colocou o indicador no peito dele logo em seguida. — Olha aqui, Bentinho, eu não briguei com a sua mãe para fazê-la desistir de te mandar para o seminário à toa, ok? Você veio para a faculdade comigo para conseguirmos ajudar o mundo a voltar ao normal.

— Não é com invenções mirabolantes e projetos impossíveis que se salva o mundo, Capitu. Você tem que ser mais realista. — Ele deu de ombros e desviou o olhar para o lado. — Uma máquina que controla o clima, francamente...

— Se você tivesse aceitado entrar para a minha equipe, veria o tamanho do progresso que já fizemos.

— Prefiro usar meu conhecimento em obras que vão realmente ter utilidade.

— Ah, Deus, você está insuportável hoje. — Ela se sentou à frente do volante e fechou a porta. — Entra logo, vamos embora.

O rapaz em questão era Bento, melhor amigo de Capitu. Os dois eram vizinhos e se tornaram amigos logo que se conheceram, quando ainda eram crianças. Capitu o convenceu a ir para a faculdade de Engenharia Aeroespacial quando ela estava terminando o Ensino Médio e ele, prestes a ir para o seminário para se ordenar padre, pois era vontade de sua mãe, que sempre foi muito religiosa. Desde então os dois começaram a se distanciar nos caminhos que queriam seguir na área científica. Capitu conquistava cada vez mais destaque no meio acadêmico, com artigos e projetos premiados no Novo Brasil e no exterior,

e Bentinho, como era chamado pelos familiares e amigos, apostava mais na parte prática do curso, indo a campo para aprimorar habitações com tecnologia espacial e melhorar o conforto de seus moradores. Mesmo assim, os dois ainda conseguiam se encontrar com frequência fora do *campus*, principalmente nesses eventos de divulgação científica que Capitu realizava, ainda que, de uns anos para cá, o número de farpas trocadas entre eles estivesse aumentando rapidamente.

No dia seguinte, após as aulas de uma disciplina do doutorado que os dois tinham em comum, Capitu perguntou a Bentinho:

— Você vai almoçar com Escobar hoje? Sancha disse que surgiu um imprevisto no hospital, não vai poder almoçar com ele.

Escobar era o melhor amigo de Bentinho. Os dois se conheceram no primeiro período da faculdade e, desde então, se tornaram inseparáveis, faziam praticamente tudo juntos, tanto dentro quanto fora do *campus*. Apesar de terem frequentado as mesmas disciplinas no início de seus cursos, Escobar era da Civil e agora fazia especialização em Engenharia Estrutural, enquanto Bentinho estava na mesma área que Capitu. Sancha era a melhor amiga de Capitu, desde os tempos do colégio, e estava no último período de Medicina. Ela e Escobar namoravam há três anos.

— Vou, por quê?

— Quero conversar com ele. Vou precisar de um especialista em estruturas da construção civil para começar a construir o primeiro protótipo da Redoma.

— Lá vai você gastar mais verba da universidade nesse projeto ridículo.

— Você pode dizer se é ridículo ou não quando ele ficar pronto.

— Não se preocupe, eu vou ser o primeiro da fila para falar um belo e alto “eu te avisei” quando for um fracasso — ele respondeu, sorrindo com cinismo.

Capitu ficou olhando para ele por alguns instantes, a expressão inalterada no rosto, pensando em como o amigo havia mudado. Lembrou-se de como a amizade deles era tão forte na infância, como sem-

pre estavam juntos em qualquer passatempo, em qualquer encrenca, e como ele era seu maior parceiro nas brincadeiras que inventava com tanta criatividade naquela época. O que teria acontecido na vida dele que passou despercebido por Capitu? Quando ele havia se tornado alguém tão desagradável?

— Quando a gente era criança, você costumava me acompanhar em toda aventura que eu inventava, adorava toda ideia maluca que eu tinha, e a gente se divertia demais daquele jeito, mesmo quando sua mãe e o José Dias brigavam comigo por ficar te arrastando nessas “molecagens” — Capitu disse, os lábios se curvando num sorriso nostálgico. — A gente até criou uma modalidade nova de corrida de flutuador magnético que fez a rua inteira querer participar também. — Ela, então, levantou o olhar, agora sério e com um teor de reprovação. — Por que você está agindo como se fosse meu inimigo? Por que não me apoia como antes?

— Pelo motivo que eu venho dizendo desde que você enfiou essa ideia estúpida na cabeça. Capitu, pelo amor de Deus, você quer controlar o *clima*! Isso é impossível, não dá para simular tantas variáveis naturais e convertê-las em um punhado de linhas de códigos de programação que vão gerar, mesmo que minimamente, alterações atmosféricas reais!

— Quem disse que não dá para fazer isso? Quem disse que é impossível? Foi para ser capaz de criar esse tipo de coisa que eu estudei tanto por todos esses anos! A academia não deveria te formar para reproduzir conhecimentos que já existem, você tem que criar novos a partir dos que você aprendeu!

— Mesmo que tivesse alguma possibilidade de uma máquina milagrosa dessa existir — ele ignorou o que Capitu disse —, com certeza não vai ser *você* que vai inventá-la. Outro gênio cientista já deveria ter feito isso em outro lugar com mais recursos.

— E se esse outro “gênio cientista” por acaso for alguém que está bem na sua frente?

Bentinho piscou os olhos, perplexo, observou o rosto bravo de Ca-

pitu por alguns instantes e, logo depois, soltou uma gargalhada muito alta, muito debochada.

— Agora você passou de todos os limites possíveis da arrogância.

— Então é isso que você acha que eu sou. Arrogante.

— Você literalmente se chamou de “gênio cientista”.

— Entendi. Certo. Tudo bem. — Capitu respirou fundo. Uma decisão importante e triste se formava em sua mente. — Não precisa falar nada para Escobar, eu mesma entro em contato com ele. Tenham um bom almoço. — Ela pegou sua bolsa e começou a andar para fora da sala, deixando Bentinho para trás, mas ele logo a alcançou e a segurou pelo braço.

— Capitu, eu só estou dizendo a verdade.

— Isso que você me disse... não, que você vem me dizendo desde que comecei a desenvolver esse projeto não é uma verdade, é só injúria. Não sei por que você resolveu não acreditar no sonho e no esforço da sua melhor amiga, não sei o que te fez virar as costas para mim, mas espero que no final você fique satisfeito com o resultado de suas ações.

— Claro que não vou ficar satisfeito. Você é teimosa demais, nunca vai ouvir meus avisos e ainda vai achar que sou o vilão da história. Eu só estou tentando te prevenir do fracasso gigante que você vai ter com esse negócio absurdo que tirou da sua imaginação fértil de criança. Não quero que fique decepcionada quando falhar no futuro.

— É isso que você pensa?

— É.

— Entendi.

Bentinho olhava para Capitu com certo nervosismo. O brilho enigmático em seu olhar firme, impassível, era impossível de se decifrar. Ela podia muito bem ter finalmente concordado com ele ou rejeitado completamente cada palavra que ele disse. Porém, conhecendo Capitu tão bem, Bentinho sabia que aquela calma momentânea precedia algo intenso, algo que ela ainda estava processando para tomar uma decisão final. Assim que ouviu o suspiro dela ecoando pela sala vazia, seu coração se acelerou levemente.

— O sucesso do meu projeto só depende de mim e da minha equipe, então eu preciso estar em minhas melhores condições para dar o meu máximo nessas etapas finais. Isso significa que não posso continuar permitindo que suas palavras me atormentem nem mais uma vez. A partir de hoje, *Bento*, não quero que fale mais comigo. Me parte o coração ter que fazer isso, mas eu preciso escolher. E eu não quero escolher um lado que me diminui.

— O que está dizendo? — ele perguntou, surpreso.

— Que não somos mais amigos.

Capitu ajeitou a alça da bolsa no ombro e saiu da sala, deixando Bentinho boquiaberto sem acreditar no que tinha acabado de acontecer.

Mais tarde naquele mesmo dia, Capitu recebeu Escobar no laboratório em que trabalhava. Ele explicou que não poderia aceitar o convite de participar do projeto da Redoma, pois Bentinho havia lhe dito, depois de contar sobre aquele episódio mais recente e passar quase meia hora inteira reclamando, sempre em um tom enfurecido e cínico, que se entrasse no projeto dela, cortaria relações com ele também. Contudo, o rapaz logo mudou de ideia quando Capitu lhe mostrou os avanços que já tinha feito com sua equipe, o quanto estava perto de tornar reais todas as suas previsões teóricas. Ela o deixou maravilhado com as possibilidades que poderiam alcançar se a Redoma realmente funcionasse. Então, depois de pensar no que faria para manter a amizade com Bentinho e trabalhar com Capitu, Escobar decidiu ajudá-la em segredo. Após aquele acordo, um ano se passou.

Foi em dezembro de 2121, exatamente 40 anos após o recolhimento da humanidade para as cidades subterrâneas, que a Universidade Federal do Novo Brasil anunciou orgulhosamente que receberia no próximo fim de semana vários representantes da NASA no *campus*. A agência espacial estadunidense se tornou a responsável por coordenar os esforços mundiais para a recuperação da sociedade logo que o mundo entrou em colapso, e estaria nas dependências da universidade para aceitar formalmente, em uma solenidade especial, a implementação

de um projeto inédito desenvolvido por um grupo de alunos da UFNB em todos os países do mundo, a começar pelo Novo Brasil, como foi exigido pelos autores do projeto.

Ao receber aquela notícia, Bentinho se estremeceu por inteiro. No impulso, pegou o celular para enviar uma mensagem para Capitu, mas viu que a última que havia mandado tinha sido há mais de um ano. Pensando melhor, desistiu imediatamente da ideia. Não tinha como aquele projeto ser o dela. Não tinha, então não precisava se preocupar, nem perguntar nada para ela. Controlar o clima? Criar uma atmosfera artificial? Isso era impossível.

Tentando afastar a ideia de que o projeto que a NASA implementaria no mundo podia mesmo ser o de Capitu, Bentinho entrou em contato com Escobar. Perguntou, em uma mensagem de tom irônico, quais eram as chances de a notícia se referir àquela brincadeira fantasiosa de Capitu, mas não obteve resposta. Ele estranhou, pois o amigo sempre respondia as mensagens rapidamente. Resolveu, então, conversar com Sancha, na esperança de que ela soubesse o paradeiro de Escobar. Ela respondeu, de forma seca e distante, que também não sabia, pois haviam terminado o namoro há três meses. Aquela notícia deixou Bentinho profundamente chocado. Ele não fazia ideia de que isso tinha acontecido. Por que seu melhor amigo não teria contado algo tão importante assim?

No final, Bentinho não conseguiu falar com Escobar pelo resto da semana, mas finalmente o viu no sábado. Ele estava ao lado de Capitu e dos outros membros de seu grupo de pesquisa, no mesmo palco em que os representantes da NASA, a reitora da universidade e os diretores das faculdades de Engenharia Aeroespacial e Engenharia Civil estavam, todos sorridentes e empolgados com o futuro brilhante que aquela parceria ofereceria ao mundo inteiro.

Os aplausos eram fervorosos na plateia, mas o aperto de mão entre Capitu e a líder dos representantes da NASA era uma visão que fazia o estômago de Bentinho revirar. A terrível verdade que passou anos rejeitando havia voltado para atormentá-lo mais uma vez. Capitu era

mais inteligente que ele, mais esperta que ele, mais sociável, mais bonita, mais interessante, mais engraçada, mais esforçada, mais criativa, mais tudo. Via-se inferior a ela em todos os sentidos, por isso fazia de tudo, até de forma inconsciente, para derrubá-la com palavras falaciosas, para tentar convencê-la de que ela não era tudo isso, para que ele tivesse a chance de ao menos se equiparar a ela. Não conseguiu, pois ela também era mais honesta consigo mesma que ele.

Lágrimas de culpa e remorso rolavam sobre suas bochechas enquanto via sua melhor amiga salvar o mundo, e quem estava ao seu lado não era ele, era outro, que havia chegado depois. Sentia-se traído, não por Escobar, não por Capitu, mas por si mesmo. Quantas vezes Capitu o havia chamado para fazer parte de seu projeto tão ambicioso? Quantas vezes insistiu que ele ao menos visse os experimentos, analisasse os cálculos? Se não tivesse sido tão orgulhoso, tão estúpido, Bentina também estaria sorrindo, também estaria de pé ao lado de tantas pessoas importantes que sempre admirou, também teria contribuído para salvar a humanidade. Assim, deixando o remorso corroê-lo ainda mais, forçando-se a testemunhar cada segundo do momento mais feliz da vida de Capitu, ele desejou, de todo o coração, apagar toda besteira que tivesse dito a ela, cada palavra perversa que tivesse saído de sua boca, para estar no lugar que Escobar ocupava agora, confortável e radiante, recebendo os beijos de Capitu.



Pecados Tribais

Juyhanne Katarynne

trilha sonora

Yellow Flicker Beat

Lorde

NÃO ERA TEMPO PARA SONHOS, mas o quão fácil era projetá-los em ínfima distração, que vinham aos montes, cuja a necessidade incendiava chamas e mais chamas de pensamentos. Uma menina como eu não devia precisar conter os próprios impulsos por mais infortúnios que fossem, uma menina como eu devia ser incapaz de pensar. Mas penso. Penso sobre tudo. E ainda preservo em mim a rebeldia de sonhar.

No alto da colina há um pequeno campo aplainado, onde o mato cresce verde como a floresta lá embaixo. Eu não tenho medo de altura, mas a sensação aqui em cima é de desequilíbrio, como se

estivesse sempre a ponto de cair e rolar abaixo até atingir uma daquelas pedras enormes. E é isso que dispersa todos os meus pensamentos. Quando alcanço o topo e o mato me cobre, volto a ser a menina que deveria ser, volto a ser pequena, insignificante e esmagada, incapaz de formular sonhos e pensamentos.

Cobar não sente o mesmo, ele gosta da sensação que a natureza produz, e costuma chamar de liberdade. E isso não está errado, acredito eu, porque ali em cima, somos livres. Olhando para a floresta que cerca o horizonte, onde o sol se põe, sinto-me mais inclinada a concordar com ele. A colina tem sua cota de independência. Sancha discorda de ambos, ela gosta de matar o tempo, seja em qualquer lugar; quando alcança a colina, ela não precisa trabalhar, basta deitar e se esconder.

Sancha não é uma de nós, mas passou a ser desde que seu corpo boiou no lago há alguns meses, quase sem vida. Ela não se lembra do antes, do que a levou ali, mas percebo como minha mãe a olha esquiava. Como se a conhecesse, como se soubesse sobre os segredos dela. Mas minha mãe também não é uma de nós, embora tenha estado há mais de 20 anos nessas terras. Talvez seja isso que elas têm em comum, uma certa cota de estrangeirismo.

— Venceram a guerra — Cobar diz brincando com o mato alto que quase nos cobre por inteiro. — Será que vão chegar mais deles amanhã?

— Acho que só depois da colheita — respondo incerta, esperando para que demorem toda a eternidade. É egoísmo desejar que não retornem, pois é o meu povo também, mas eles abriram mão de suas origens há muito tempo, e agora, mais deles partirão quando for a hora de uma nova Caçada. Eles sempre partem para se juntar a um exército que nos domina e nos invade, um exército que corre pelo mundo conquistando inimigos, terras e morte.

Todos os conquistados de guerra se tornam escravos, assim como eu, Cobar e Sancha. Assim como todo o meu povo.

— Como você acha que são? — ele pergunta e Sancha suspira.
— Os campos de batalha — Seus olhos escuros brilham com cautela.

— Sujos — ela brinca.

O rapaz se fecha em uma careta.

— Devem ser mais limpos do que as minas ou as carvoarias — ele faz uma pausa, com os olhos perdidos no mundo que nos cerca. — Pelo menos, eles têm um propósito — acrescenta. — Qualquer coisa que não seja trabalhar até morrer.

— Eu não sei se roubar a terra de alguém é um *propósito* — digo.

Cobar me encara por um momento e procura qualquer traço verdadeiro, mas o que encontra em mim é uma velha insatisfação.

— Não quer que os nossos voltem? Não gosta mais deles? — ele pergunta.

Dou de ombros.

— Você não ouviu as histórias da Mater Glória antes dos nobres entrarem na floresta?! De como era a nossa vida no Antigo Império e como era tudo tão melhor antes da Tomada de Matacavalos? Não pode me culpar por não gostar das Caçadas. Por não querer que os nossos se juntem a eles. Essa sensação aqui... — aponto para a campina — Sentíamos todos os dias, sentíamos sempre. Não tínhamos donos, não servíamos a ninguém. Éramos todos livres.

Cobar se volta para o horizonte, decidindo o que fazer com as minhas palavras e eles as reflete por um tempo.

— Nem tudo de ruim que acontece no mundo é culpa dos nobres ou da invasão. Quer dizer, todo mundo tem sua parcela de culpa quando as coisas estão dando errado.

— Pelo menos você percebe que *há* algo errado — declara Sancha.

Não discuto, porque Cobar tem o mesmo pensamento que fora criado para ter. “É *assim que eles precisam ser*” — a voz de Mater Glória ecoa alta dentro da minha cabeça. Às vezes, gostaria de ser como ele e não pensar sobre o que veio antes ou sobre quem poderíamos ter sido, mas Mater Glória fez de mim sua aprendiz, e sendo ela nossa segunda líder, aprendo coisas que gostaria de não precisar aprender. Mas Sancha me olha com cautela, como se me entendesse, como se fosse capaz de entender tudo o que eu dizia e pensava. Às vezes, penso que

Sancha também é capaz de pensar.

— Você ouviu dizer que o príncipe Bento vai ser mandado para inspecionar pessoalmente as escavações? — pergunta ela e o rosto de Cobar se contorce. — Mater Glória me disse que ele virá junto com os nossos.

— O príncipe herdeiro? Isso não pode ser real, pode? O que...

— Mater Glória não costuma se enganar — reflito.

— Não tem como ele sobreviver a um dia na aldeia. Imagina o tamanho da tenda que vão montar para ele? — Cobar zomba e encara os próprios dedos. — Será que o rei vai mandar arrancar nossas cabeças se o filho dele se machucar aqui?

Nego.

— Primeiro, ele precisa de nós para deixá-lo mais rico, mas quando voltarmos a sermos inúteis... quem sabe — Dou de ombros e meu gesto incomoda Cobar, embora satisfaça Sancha, que sorri maldosa.

— O que quer dizer?

— Ela quer dizer que primeiro precisamos descer nos buracos das minas e tirar toda a pedra vermelha que lá existir e só assim estaremos livres para morrer — Seu sorriso tão pouco condiz com as suas palavras e Cobar percebe a pouca veracidade do seu rosto.

— Não é engraçado que o rei nos use para roubarmos a nós próprios? E que ele nos jogue nas valas que abrimos? — pondero e Sancha me encara como um consolo.

— Seu ódio ao rei ainda vai matar nós três — Cobar brinca.

— É o que eu espero.

Sancha não diz nada, mas me observa de soslaio por um tempo.

— Não é o rei que vai matar você... *sou*... — Sua voz desaparece ao ponto que nem mesmo ela consegue se ouvir.

Sancha tem muitos mistérios e às vezes penso que é melhor não os desmascarar, mas não me deixam em paz enquanto descemos a colina. Sancha costuma se demorar na colina, para aproveitar mais, embora sua descida precise ser numa corrida disparada para que não se atrase. Sua ausência nos deixa mergulhados em silêncio e pensamentos e sou

levada de novo a uma nova corrente de reflexões.

As árvores no verão parecem mais altas e formam uma sombra maior com suas copas largas e isso mergulha a floresta um pouco mais na escuridão. Cobar não parece notar, costuma dizer que é impressão minha, mas não sei se concordo com ele: é estranhamente notável a mudança. Ele diz que vejo coisas, mas ele não está errado, eu vejo *mesmo* coisas. Aqueles detalhes que ninguém nota, uma sombra na escuridão, um movimento rasteiro entre as raízes, um olhar enviesado. Eu vejo tudo. Cobar parece não ver nada.

Olho sobre os ombros quando a sensação de ser observada me toma os sentidos. Mas não há nada lá. Então continuo olhando, girando o corpo para fitar melhor a escuridão. Há um movimento entre as árvores, há uma sombra ali, posso sentir seus movimentos.

— Você viu? — pergunto apontando para frente. Cobar cessa os passos e varre o horizonte limitado com o olhar, mas não consegue enxergar além do negrume. — Sancha, é você?

Ninguém responde.

— Não era nada — digo por fim e sigo adiante. Mas eu ainda sinto aqueles olhos me observando, sinto os passos me seguindo. Há algo ali, eu sei que há.

— Boo! — Sancha pula na minha frente. Ela apoia a mão no cabo de sua adaga e percebo que está mal colocada no cinto, mas não menciono, embora me questione o que a fez guardar a adaga com tamanha pressa e descuido. Sua feição está manchada pela luz carente e à medida que nos aproximamos da aldeia não consigo mais reconhecê-la.

O sol ainda é uma mancha amarelada nos alpes, mas a aldeia já se prepara para deixá-lo ir. Estão todos rodeando a fogueira de mãos dadas. Os noventa e quatro irmãos se juntam e formam três círculos em torno do fogo. As rodas giram ambas para a direita, mas a do centro, toma o sentido contrário. Os tambores ditavam o ritmo de uma dança que acontecia no centro do círculo. Quando nos avistam, abrem caminho. Nós vamos para o centro da roda e a dança agoniada se perde rapidamente e dá lugar a um som alegre.

Meus braços doem quando os estico para cima, minhas pernas latejam quando me mantenho nas pontas dos pés. Todos nós temos dores, mas ninguém confessa em voz alta, mas o sol reconhece nosso esforço e ameniza nossas dores. Somos feitos do aço que nossos inimigos veneram, mas também somos feitos do barro que eles enjoam. Somos muitas coisas ao mesmo tempo que não somos nada. E é por isso que celebramos a vida, dançando diante do fogo e do sol, para os Deuses saibam que os enxergamos mesmo na escuridão que nos assola.

Nossos fantasmas nos atormentam desde que a floresta fora invadida. Agora, nossos homens são em menor número porque as minas e as carvoarias os matam facilmente. É por conta da nossa dívida com o rei, desde a queda do Antigo Império, que só viveremos nestas terras se o nosso povo se sacrificar ao trabalho ou ao exército. E agora, todas as mulheres jovens foram mandadas para as minas de escavações de pedra vermelha e ninguém pode impedir. O rei nos cobra além do que oferece, cobra em cima de uma terra que é nossa.

Como se meus pensamentos escorregassem para além de mim sinto que eles tomam conta de tudo quando a música se cala e um vento turbulento rasga a aldeia e deixa o ar pesado e silencioso. Percebo que é a presença daquelas que deixaram a floresta.

O príncipe chegou em uma comitiva cercado por outras dezenas de soldados, incluindo, aqueles que eram do nosso povo. A dança cessou quando suas botas de combate tocaram a terra de cascalhos. Não era propriamente um príncipe, não tinha nada de especial pelo que eu já vira nas passeatas de retorno das Caçadas, era como qualquer outro dos seus soldados, que à primeira vista, em nada se diferenciavam. Mas o príncipe Bento tinha detalhes no uniforme, como o brasão da família real no lado esquerdo do peito e adornos. Mal notei, ajoelhando-me no cascalho durante a reverência, que ele tinha traços proeminentes duros e retilíneos. Eram seus olhos cinzas que o tornavam nobres, eram de uma terrível indiferença.

Não tocou em nada e em ninguém, se por higiene ou nojo, não deixou transparecer. Seguiu para as minas das quais nem sequer passou

pelas entradas. O príncipe via de longe, analisava de longe. Era quieto e irreverente e se permitia comunicar quase inteiramente com gestos de cabeça. Foi assim que tratou os soldados que montaram sua tenda ao lado da bandeira de Matacavalos fincada na terra, sem agradecimentos, sem consideração ou apoio. Diferente do que Cobar havia sugerido, a tenda do Príncipe era um pouco maior do que a de seus soldados, era razoavelmente adequada, modesta à sua maneira.

— Aos seus postos! — o príncipe gritou à certa altura e as árvores atenuaram os rugidos de contingência que tomaram a aldeia. Os novos soldados se voltavam para o príncipe. — Montem o acampamento!

Os trabalhos começaram e logo em seguida, guardas e mais guardas andando de um lado para o outro, passaram o dia buscando água no lago e montando armadilhas para protegê-los. Enquanto o resto da aldeia era mandada para as escavações em uma dinâmica de revezamento que o príncipe pareceu compreender. O trabalho era pesado e por isso nos alternamos. Ontem, fui mandada para os fundos das minas, assim como Sancha, para arrancar pedras com os dedos; hoje, estamos do lado de fora, movimentando montantes de terras solta com pás e enxadas.

— Deve ser terrível deixar todo o luxo do palácio para se enfiar em acampamentos — Sancha diz raspando a terra espalhada. Observo o príncipe por um momento. — Deve ser terrível ter tanto dinheiro que a vida dos outros são pormenores.

Há uma fúria nos olhos de Sancha, desde a primeira vez que a vi, quando ela tentara me afogar no lago do qual tentei socorrê-la. Eu ainda me lembro dos seus olhos claros mergulhados em vermelhidão, como se ela pretendesse, de fato, matar-me. Como se essa fosse sua única missão. Seu único desejo.

— Não me diga que odeia o príncipe também. Ao menos, você se lembra dele? — brinco, embora minhas palavras fossem verdadeiras.

— Devíamos matá-lo! — ela diz. — Se um atacar, então todos os outros atacarão. Só é preciso uma pessoa para revidar. Podemos fugir para o sul, eles nunca nos alcançarão, estão em menor número e não

conhecem a floresta como o povo da aldeia. Eles não têm a menor chance.

— Pare de enlouquecer, San, e volte ao trabalho — digo apressada por medo de quem nos ouça. Conspiração é crime com pena de morte, mas Sancha não demonstra se importar, mesmo que o príncipe esteja logo ali.

O príncipe Bento não trabalha como os seus soldados, durante os dias seguintes, ele estende folhas enormes de papel sobre a mesa improvisada, traçados por linhas e mais linhas que desconheço. Quando a noite cai e dançamos à beira da fogueira e nos banhamos no rio o príncipe nos observa de longe. Ele só adentra o lago quando todos se retiram e não avança quando a água lhe alcança a cintura. O que me diz que ele tem medo de água e esta descoberta me toma o rosto de satisfação.

No dia seguinte, o príncipe está atrás da mesma mesa posta no centro do acampamento. Ele não se senta, mal se move com a coluna curvada sobre o tampo improvisado. Ele ergue a cabeça, depois de horas e horas revirando as páginas e rabiscando o papel de um lado para o outro. Há metros e metros entre mim e o futuro rei, mas ele não nota. Não estou no seu campo de visão e chegar até ele sem ser notada não seria uma tarefa simples, embora não seja mais impossível. Meus dedos se apertam no cabo amadeirado da pá e nem percebo que a ergo à altura da cintura. Eu poderia acertá-lo e até matá-lo com um único golpe e assim, eu morreria logo em seguida, diante de uma tropa de fuzilamento, assim como todos da aldeia. Eu condenaria a todos nós, mas já estávamos todos condenados de qualquer maneira.

— Onde está a líder? — o príncipe pergunta para todos e ao mesmo, ninguém em específico. Espero para ter certeza de que é Mater Glória quem ele chama e não um dos seus. Cravo a pá na terra e limpo a poeira das mãos e ergo uma delas, mas antes que eu possa dizer, o príncipe me fita por cima dos ombros, ele nota meu gesto, embora não note meu rosto. — Eu disse Glória!

— Eu ouvi, alteza — respondo contendo meu tom para que não

beirasse ao equívoco. — É que Mater Glória foi deixar as crianças na carrovia, ela precisa ir para garantir que elas...

O príncipe ergue a mão e volta sua atenção para a mesa por um instante e se vira para mim, observando minha sujeira, minha estatura curva e esquelética, sinto o impulso de reverenciá-lo, mas meu gesto não passa de um sutil aceno.

— Você é...?

— Capitu, alteza.

Ele ergue os olhos de um cinza tempestuoso, mas sua risada sem humor libera relâmpagos pela minha espinha. Basta um passo em falso para que me arranquem a cabeça por olhar do jeito errado, por dizer o que não devia, pelo simples capricho de um homem, qualquer coisa poderia me arrancar a cabeça não sendo, eu, uma nobre.

— Sinto-me inclinado a considerar se estou lisonjeado por fazê-la acreditar que tenho tamanha cortesia para perguntar seu nome ou ofendido por fazê-la acreditar que seu nome me seria válido — sua voz é gentil, mas seu tom é cortante.

— O que deseja saber então, alteza? — Desta vez, eu não me encolho.

— Sua posição na hierarquia da aldeia.

— Sou aprendiz da Mater Glória, alteza.

Ele concorda.

— Muito bem. Você ao menos sabe ler?

Faço que sim e ele faz um gesto para que eu me aproxime. Basta um passo em direção ao futuro rei que os soldados de escolta cravam os olhos em mim e os dedos no coldre de suas armas. Embora não se mexam à medida que me aproximo.

Quando alcanço a mesa, o príncipe aponta para o papel.

— Isso é um mapa e eu preciso que me diga o lugar exato onde começaram a extração.

— Eu sei o que é um mapa... — minha voz chama a sua atenção e seus olhos me analisavam com cautela. — Alteza.

— Sabe apontar onde começou?

Observei os nomes que marcavam de tinta preta: *escavações, aldeia, lago, floresta*. Toquei o ponto entre a floresta e o lago, mas o papel era tão claro e minha mão tão suja que meu toque ficou eternizado na folha.

Meu corpo tremeu e o príncipe sorriu.

— Você não só disse onde estava como já deixou marcado para mim, agradeço — Seu semblante neutro logo se desfez numa expressão dura. — Você tem certeza que foi aqui?

Anuo.

— Como sabe?

Apontei para a área de beira do lago.

— Ali é onde enterramos aqueles que se foram. Consegue ver uma diferença com o restante da aldeia?

— Não há cascalho.

Seus olhos se iluminaram e ele se volta para o horizonte contrário, onde as escavações começaram.

— Terra remexida. Claro! Como não pensei... — sua voz caiu para um sussurro.

— Com licença, alteza — sigo para o montante de terra.

— Eu não ordenei que você se retirasse.

— Alteza — Cravei meus pés no chão. — Em que mais posso ajudá-lo?

— Você é observadora e sabe ler mapas. Há muitas garotas do seu povo que são aceitas pelo exército do rei. Não é nenhuma surpresa, já que nas Caçadas, você trabalha menos, come melhor, se veste melhor...

Neguei.

— Não acho que eu serviria para o cargo, alteza.

— Não acho você que tenha escolha — suas palavras cortam todo o ar dos meus pulmões. — Você não duraria mais do que alguns meses nas minas. As taxas de sobrevivência são baixíssimas, não estou certo? Vocês eram mais de mil, agora não chegam a cem. Se ficar aqui, vai morrer como todos os outros.

— Você abandonaria os seus soldados porque está perdendo a guerra, alteza?

Ele pondera sobre o mapa.

— Eu faço isso todos os dias, é o meu trabalho. Eles vivem por mim, vivem pela coroa. Todo mundo que entra para o exército está disposto a entregar sua vida pela minha.

— Isso só reforça o que eu disse, alteza, eu não serviria para o cargo.

Havia uma sombra pairando por seus olhos, eram cinzas feito nuvens carregadas. Eram quase negros.

— Você está rejeitando a minha ordem? Acha que pode me rejeitar, *Capitu*?

— Não, alteza.

— Você partirá conosco quando for a hora. As caçadas a farão muito bem. Enquanto isso, ajude-me com os mapas.

Eu aceno porque fui criada para assim fazer. Mas espero a noite chegar, para planejar, dia após dia. O príncipe é um livro aberto; é fácil desvendar que sua arrogância é sua carência, e qualquer sinal de gentileza é eternizada por ele. Mas certa noite, paro de planejar e quando o príncipe adentra a água, mergulho pelo lado contrário do rio onde não podem me ver. Um movimento me chama atenção e percebo que os soldados na beira do lago foram derrubados. O príncipe percebe, mas está longe das roupas e de qualquer arma. Ele se inclina sobre a água como se tentasse se camuflar na própria escuridão, mas não há nada lá para atacá-lo, só os corpos desacordados sobre o cascalho.

Vejo outro vulto e os cabelos loiros cintilam quando passam ágeis por uma tocha. Percebo que é Sancha. Ela adentra tenda por tenda e percebo como é invisível na noite, como é cautelosa, como é habilidosa e isso é o bastante para me assustar. Sancha é uma assassina e visto que tenha tentado me matar no lago, imagino que não tenha sido a primeira vez.

O príncipe não escuta quando me aproximo, está tão concentrado na beira do lado que não consegue impedir que eu o agarre pelo

pescoço e o afunde. Nunca lutei contra ninguém, nunca tentei matar ninguém. E era óbvio que não conseguiria desta vez.

Mal tenho tempo de empurrá-lo água abaixo quando ele puxa e se livra do meu toque. Ele é rápido e experiente, e a rapidez da sua defesa me faz refletir quantos foram aqueles que tentaram atacá-lo e quantos deles morreram por isso.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — ele grita e sua voz alcança a colina. Não consigo dizer nada, sequer consigo me mover, apenas me deixo ser arrastada para fora do lago e jogada sobre o cascalho. O príncipe está alerta e verifica o pescoço de um dos seus homens. Eu não tenho outra escolha, agarro as pedras do chão e arremesso contra ele.

Eu nunca matei uma pessoa, mas não é isso que passa pela minha cabeça quando me joga sobre ele, acertando o cascalho preso entre os dedos contra seu rosto nobre. Só quero que ele morra.

Isso o desnorteia, mas não mais do que a ideia de que ninguém chega para socorrê-lo.

Olho para as tendas e vejo uma tocha de fogo andando no escuro. Sei que é Sancha, sei que é ela porque o fogo brilha em seu rosto quando ela incendeia as tendas. Ninguém sai de dentro delas, não sei se Sancha os matou ou se tirou deles a consciência, mas sei que não sobreviverão a isso. É o que também passa pela cabeça do príncipe, sei que é isso que seus olhos marejados significam, sei que é por isso que ele me empurra e avança sobre Sancha. Ele grita e homens aparecem na floresta. Ninguém da aldeia ataca, nem mesmo quando o príncipe acerta o rosto de Sancha. Eu não sei se ele percebe quando ela puxa a adaga e por um segundo, desejo que ela o mate no meu lugar.

Eu me lembro das palavras de Sancha “só é preciso um para revistar”, este é o pensamento que passa pela minha cabeça quando vejo Cobar correr para cima do príncipe. Ele é jogado no chão e os guardas se amontoam sobre ele. Parece só mais um tipo de abate, do qual já fui vítima, mas algo inesperado acontece, algo que eu nunca vi acontecer. Uma mulher da aldeia corre para ajudar com uma pedra na mão e

ataca um soldado. Então outro homem da aldeia faz o mesmo e então outro e outro e outro. São muitos agora, machucados, irritados, injustiçados. Eles vão se amontoando, vão despedaçando os guardas que gritam para outros guardas para logo em seguida serem atingidos por pedras.

Mas guardas têm armas — e pedras não vencem armas —, pedras não matam como elas. Os soldados que restam atacam e a aldeia inteira revida. Estamos exaustos, desarmados e indefesos. Somos massacrados pelo poder deles, que atiram para matar. E então mais mortes, mais sangue, mais dor. É assim que é a guerra? — eu me pergunto, enquanto me levanto e recuo, sentindo-me a covarde que sempre fui.

Então uma sombra surge rápida o bastante e agarra a cintura de um guarda e o derruba. Reconheço o corpo alto e musculoso, a pele avermelhada, os cabelos escuros e falhos, reconheço o braço direito maior que o esquerdo.

— Cobar! — grito, mas ele não me ouve, está com toda e qualquer atenção na arma que lhe é apontada pelo Príncipe. Este, olha-me, como se me procurasse na multidão. Vejo um rosto satisfeito, um brilho nos olhos que fazem parecer estrelas. Mas ele não atira, ele nem nota quando Cobar se levanta agora com os olhos em mim.

Mas Cobar não consegue se mexer, está petrificado. Penso em ajudá-lo, mas Sancha me agarra pelo braço.

— O que você está fazendo? — ela grita. — Ajude!

Olho para ela que tem os olhos no horizonte de caos.

— Você queria me matar — sussurro e seus olhos dobram de tamanho.

— Não temos tempo para isso! — Ela se afasta. — Mire na cabeça! Mire na cabeça!

— Não! Não! Você queria me matar! — Corro atrás dela, mas um rasgo queima no meu ombro e me derruba. Quando toco, sinto um líquido quente.

Sancha se ajoelha e checa.

— Foi de raspão! Sorte a sua!

Eu lhe agarro a mão para impedi-la.

— Você...

— Sim! Fui enviada para matar você. Você é a próxima líder deles e sua morte enfraqueceria seu povo. Eu estou aqui a mando do rei, pelos menos, eu *estava*. Mas não vale a pena lutar por eles, nunca serei livre assim.

— Por isso queria matar o príncipe!

Ela nega.

— Não, matar o príncipe é nos libertar daqui, é a única chance que temos de fugir. *É agora*. Vamos conseguir ou morrer tentando. Essa é nossa Caçada, Capitu.

Procuro o príncipe entre aqueles que lutam e o encontro resgatando um de seus soldados. O fogo torna tudo um inferno, o calor e a fumaça nos sufocam. Eu me torno um daqueles que tentam ajudar, um daqueles que fazem o caos. Tomo uma pedra na mão, mas mal tenho tempo de senti-la antes de acertar com toda a força o rosto de um soldado. Sempre joguei pedras em frutos no alto de árvores, mas nunca mirei em algo vivo. O homem recua e cambaleia — e como os frutos das árvores, às vezes caem, às vezes não — então me olha com o sangue escorrendo pela bochecha e vem em minha direção disposto a fazer qualquer coisa que me torne arrependida.

— Seu inseto repugnante! — Ele acerta-me um tapa no rosto que me faz cair. O chão tem cascalhos escuros, agora, manchado com a névoa negra que paira sobre ele e se impregna na minha pele. O soldado aponta a arma na minha testa e leva o dedo no gatilho. Espero pelo disparo, mas ele não vem.

— Ela não! — a voz do príncipe ecoa sobre as outras. Ele agarra o ombro do soldado e o dispersa. — Você não vai morrer hoje, eu preciso de uma moeda de troca! — Ele me levanta. — Vou esconder você!

— É isso! — sussurro e Sancha o acerta com o pedaço de uma tocha apagada.

— Merda! — ele xinga, agarrando a nuca.

— *Você não vai morrer hoje, eu preciso de uma moeda de troca,*

vossa alteza — Sancha zomba encarando o príncipe de joelhos. Aos poucos, os soldados vão cessando os passos, abaixando as armas, porque Sancha tem uma adaga apontada para o príncipe.

— Vamos lá. Acabe com isso! Vocês perderam! — Sancha o cutuca com a lâmina e o príncipe bufa. — Você quer morrer e deixar seus homens morrerem também? Vocês não podem vencer! *Vocês perderam*, Vossa Alteza! — ela cospe.

— Achei que você estivesse do nosso lado, assassina! Ela sabe que você foi enviada para matá-la? Eles sabem quem você é?

Sancha solta uma risada.

— Você não é tão inteligente quanto pensa, *Bentinho*.

O apelido faz seu rosto nobre se contorcer, então ele se volta para mim.

— Eu devia ter matado você, Capitu. Devia ter te afogado no lago como você pretendia fazer comigo! — Seus olhos cinzas me analisam e o fogo reflete sobre sua fúria.

— É, devia mesmo! — Sorrio. — Se você não tivesse me obrigado a segui-lo, Vossa Alteza, eu jamais teria feito isso. Eu jamais o tornaria um prisioneiro de guerra!

— Eu teria tornado você um grande soldado, eu teria te tornado *alguém* — ele confessa com os olhos amargurados. — Tudo isso por causa do seu amiguinho?

Eu o observo por um instante e minha expressão elucida seu rosto.

— Eu tenho visto vocês dançando todas noites. Eu vejo *tudo*!

— Parece que ele se apegou a você — Sancha zomba. — Vamos lá, acabe com isso!

Ele rosna e suspira.

— Cessar fogo!

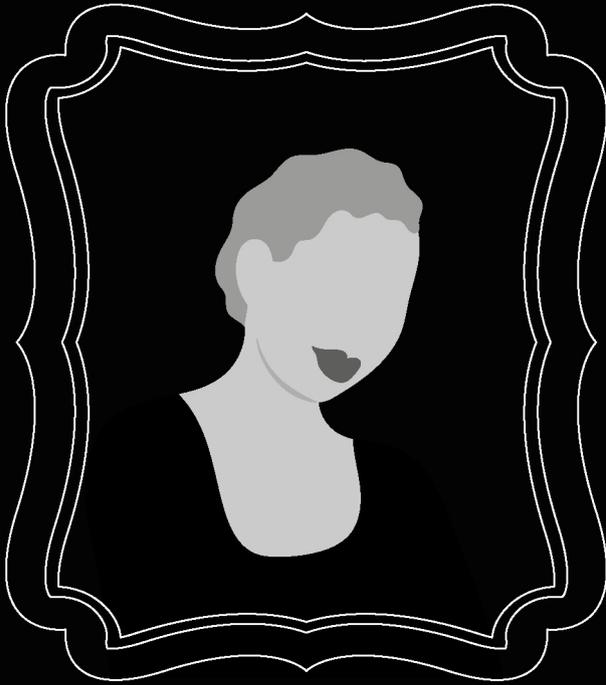
Quando o príncipe grita, é hora de fugirmos. É hora de nos apresarmos pela floresta ao sul à procura de uma nova terra, de um lugar onde a mão de ferro do rei não alcançou. Vamos levar o príncipe até que o rei no alcance e quando for a hora, trocaremos sua vida pela extinção do tratado. No fim, a prisão do príncipe é nossa a liberdade. E



isso é tudo o que importa agora.

Agora sim era tempo para sonhos, porque lutamos por eles.

E vencemos.



Frustração



O ato de amar

Jofia Morais Coelho

trilha sonora

Trigger

Hayley Williams

Lembro de me perguntar pela primeira vez o que era o amor quando tinha uns oito anos.

Ora, era uma criança: para mim, amor era minha família, meus brinquedos e os desenhos na TV. Não tinha muito mistério. Podia ter pensado também em meus amigos da escola, mas naquele dia em específico, estava brigada com todos por qualquer motivo que fosse, então propositalmente não os considerei. É claro que, como qualquer briga de criança, já tínhamos feito as pazes no dia seguinte, mas então eu já não pensava mais naquela questão.

Pensei de novo quando tinha dez anos, e ouvi minha mãe co-

mentar na cozinha com a mãe de Bento sobre o quanto nós dois éramos inseparáveis desde bem novos.

— Imagina se dá casamento? — ouvi Dona Glória dizer, em meio aos risos da minha mãe.

Saí antes que elas pudessem me ver bisbilhotando e voltei para o quintal, onde Bentinho me esperava da minha pausa para o banheiro. Comentei sobre a conversa que tinha ouvido, esperando que ele achasse ridículo, que era o que eu me inclinava a sentir. Em vez disso, vi seus olhos brilharem.

— A gente vai casar, Capitu?

— Criança não casa, Bentinho!

— Mas e quando a gente for mais velho? — ele insistiu, nem um pouco abalado.

— Vou pensar — concedi.

Esquecemos daquilo por um tempo, mas logo Bentinho retornou ao assunto, até que se tornou uma coisa recorrente — dizer que, um dia, seríamos casados. O estranhamento que senti logo na primeira vez desapareceu rápido. Afinal, ele era o meu melhor e mais próximo amigo, e pelo que eu sabia sobre casamentos, parecia apenas natural aquele possível cenário.

Quanto tínhamos treze anos, de novo sozinhos no quintal da minha casa, Bentinho perguntou:

— Capitu, vai mesmo casar comigo?

Pensei que ele estava fazendo o tipo de brincadeira que fazíamos, na qual criávamos possibilidades para nosso futuro, então não poupei palavras:

— Bentinho, quando a gente for mais velho, vamos nos casar, morar em uma casa com vista para o mar e ter três filhos! Você vai ser um advogado famoso e eu vou...

Ele me interrompeu, segurando minha mão e parecendo chateado.

— Mas e se você casar com outro homem? O que vai ser de mim?

Parte de mim quis dizer “ora, case com outra mulher!”, mas a ou-

tra parte não gostou de imaginar aquela cena, também. Como não respondi de imediato, Bentinho continuou:

— Capitu, promete que só vai casar se for comigo?

— Se eu prometer, você também promete? — perguntei, mas já erguendo meu dedo mindinho. Bentinho deu um enorme sorriso, cruzando seu dedo com o meu.

— Sim! Prometo que só vou casar se for com você.

Com treze anos, pensei que, talvez, aquela promessa de mindinhos fosse amor.

No auge dos meus dezessete anos, eu sabia o que era amar e ser amada. Bentinho e eu começamos a namorar pra valer quando tínhamos quinze anos, e com muita convicção de mantermos nossa promessa. Quer dizer, ele sempre gostava de se lembrar dela, muito mais do que eu, mas não por isso achava menos romântico. A família de Bentinho era bem mais religiosa do que a minha: se dependesse deles, já estaríamos casados. Ele tinha sido educado assim então compartilhava das mesmas crenças, mas não era tão fiel quanto eles — ambos concordamos que não tínhamos pressa.

— Eu acho um pouco brega.

Soltei uma risada alta com as palavras de Sancha, sua espontaneidade ultrapassando qualquer indignação que eu pudesse sentir.

— Como assim? Por que *brega*?

— Não me leve a mal, Lina, é fofinho e tal e eu super assistiria o filme clichêzinho de vocês no cinema, mas é meio brega sim, fala sério.

Tentei atingir Sancha com seu próprio travesseiro, mas eu ria demais para ter uma boa mira. Entretanto, isso não a impediu de revidar, e foi assim que a guerra foi declarada.

Sancha tinha se mudado para a mesma escola que eu e Bentinho estudávamos no ano passado, quando estávamos no segundo ano do Ensino Médio. Mesmo assim, foi só no terceiro ano, que caímos na mesma turma e consequentemente começamos a conversar. Fazia ape-

nas dois meses, mas eu sentia que Sancha estava se tornando uma das minhas amigas mais próximas.

Eu gostava que, para todo mundo, eu era Capitu — exceto para os momentos de sermão dos meus pais, ou na chamada da turma, quando eu era Maria Capitolina —, mas para Sancha, eu era Lina. Quando ela me deu o apelido, achei um pouco estranho: tivera o mesmo a vida toda, por que ter outro? Só que descobri que eu gostava de ouvir Sancha me chamando de Lina.

Ela não era a única — Escobar também me chamava de Lina, vez ou outra. Ele também tinha se matriculado na escola no ano anterior, junto de Sancha, mas também só o conheci de verdade no terceiro ano. Não tinha me aproximado dele da mesma forma que de Sancha, mas Bentinho, sim. Até o momento, Escobar tinha se enturmado bem no seu grupinho de amizades. Mais do que ninguém, entretanto (bom, talvez competindo apenas comigo e Bentinho), ele e Sancha eram carne e unha desde que os pais se mudaram para casas vizinhas, quando eles tinham nascido.

Os cadernos meus e de Sancha estavam abertos no chão do seu quarto, porém ignorados. Na teoria, eu só tinha ido para sua casa para fazermos o trabalho em dupla de história, mas não progredimos muito além de pegar os materiais. Deitadas lado a lado na sua cama, sem fôlego por causa da disputa, nós duas nos olhamos, sorrindo, e eu me senti muito feliz por ser amiga dela.

— Você e o Escobar também seriam bem clichêzinhos. Amigos de infância, vizinhos a vida toda...

Foi a vez de Sancha rir, como se eu tivesse falado algo ridículo.

— É, mas eu e o Escobar somos um casal impossível.

— Por quê? Eu achava que vocês namoravam, todo mundo na escola acha isso.

— Todo mundo *sempre* achou isso, é um saco — ela revirou os olhos. — Mas eu sou lésbica.

Eu não sei qual expressão eu fiz, mas foi o suficiente para Sancha franzir o cenho e sentar-se na cama. Imediatamente, senti que eu esta-

va estragando alguma coisa, e mesmo assim não conseguia pensar em uma resposta rápido o suficiente.

— Você fez uma cara estranha — ela disse.

— Não! Foi sem querer, é só porque eu não sabia — tentei justificar, sentando também. — Desculpa, desculpa.

Abracei Sancha, esfregando minha bochecha no seu ombro para ter mais efeito. Quase que imediatamente, ela estava rindo de novo, dando tapinhas na minha cabeça como se eu fosse um cachorro.

— Tá bom, tá bom, relaxa. É só que eu pensava que você já sabia. Eu não estava exatamente escondendo.

O assunto não rendeu muito, e logo começamos a realmente fazer o trabalho, pausando apenas quando a mãe de Sancha nos trouxe lanche. Era uma tarde quente de sábado, o sol já se punha quando finalmente terminamos. Meu celular só vibrou com mensagens depois de, talvez, meia hora de conversa jogada fora entre nós duas.

[18:45] Bentinho: vc já tá em casa??

[18:45] Bentinho: onde vc tá?

[18:45] Bentinho: já voltou da Sancha? tá escurecendo

[18:45] Bentinho: manda uma foto e me liga depois, tá?

Sancha não era de bisbilhotar onde não era convidada, mas as várias mensagens seguidas fizeram com que ela me olhasse com uma pergunta nos olhos. Comecei a digitar uma resposta o mais rápido possível, assegurando Bento que eu já estava voltando, e tirando uma foto da minha mochila e de Sancha juntas encostadas na cama. Só então eu a disse:

— É o Bentinho. Ele quer saber por que eu tô demorando.

— Ah. Eu achei que era a sua mãe.

— Não, minha mãe não liga tanto pra hora que eu volto. Meu pai, um pouco, mas é só não voltar de madrugada.

— Seu namorado liga mais pra hora que você volta pra casa do que seus pais? — Sancha perguntou, parecendo chocada. Foi inevitá-

vel me colocar um pouco na defensiva.

— Ele só se preocupa comigo — respondi.

Pela segunda vez no dia, senti que o clima tinha ficado um pouco estranho, e de novo por ter dito alguma coisa errada. Eu não estava errada. Era tão estranho assim Bentinho se importar comigo? Imagine se ele não ligasse! Não sabia como consertar aquilo, e tive medo de Sancha ficar brava caso eu tentasse explicar mais, ou de eu ficar brava com ela se ela não entendesse. Mas o que ela tinha que entender? Eu já precisava ir embora, de qualquer jeito, então rapidamente juntei minhas coisas e me despedi.

Sancha e eu não costumávamos trocar mensagem *todos* os dias, mas por causa do jeito que nos despedimos no sábado, não nos comunicarmos no domingo teve um significado diferente. Por sorte, tive distração o suficiente, passando quase o dia todo com Bentinho e sua família — fomos na missa de manhã, e depois almoçamos na casa dele. De tarde, ficamos sozinhos, dando a desculpa que íamos assistir um filme no seu quarto. Não era mentira, mas era uma maneira de dizer indiretamente para nos deixarem a sós, de acordo com ele. Às vezes, o filme era só um plano de fundo para o que quer que fizéssemos.

Naquele dia, a longa-metragem que tínhamos escolhido não estava me prendendo muito. Bentinho estava quieto, mas eu estava agitada: queria conversar, fazer alguma coisa. Tentei puxar assunto:

— Você terminou o seu trabalho de história com o Escobar?

— Por quê? — Bentinho me olhou pelo canto dos olhos.

— Só perguntando. Eu e Sancha ficamos um tempão ontem fazendo.

Não era minha intenção falar de Sancha, mas acabou acontecendo. Torci para que Bentinho mudasse logo de assunto, e eu não precisasse me remoer mais sobre o que quer que estivesse acontecendo.

— Ele veio aqui ontem e a gente fez — Bentinho se mexeu na cama, ajeitando o notebook que estava apoiado nas nossas pernas. Pela sua cara, ele não queria mais falar, então decidi não perguntar mais

nada para que ele não se chateasse.

À noite, demorei para dormir. Segunda de manhã, acordei cedo demais. Temia ver Sancha, ao mesmo tempo que antecipava. Já na escola, eu e Bentinho estávamos juntos antes da aula começar, como geralmente ficávamos, a não ser que ele quisesse conversar com algum amigo dele. Foi quando ela chegou, mais ou menos dez minutos antes da aula começar.

Trocamos olhares: ela, na porta da sala, a mochila ainda nas costas, enquanto eu estava sentada na mesa de Bentinho, seu braço em volta da minha cintura. Algum entendimento não-verbal se passou entre eu e Sancha, porque eu disse para Bentinho que ia ao banheiro e ela imediatamente me seguiu. Considerei apenas ir para o fundo do corredor, mas este estava barulhento com as milhares conversas simultâneas entre as turmas, então desci as escadas, Sancha ao meu encalço.

Apesar de ter tomado a atitude, não soube o que dizer quando entramos no banheiro. Foi Sancha que quebrou o silêncio, com uma pergunta que me deixou momentaneamente sem resposta:

— Tá tudo bem?

— Sim... Por quê? Quer dizer, eu achei que você tava brava comigo.

— Eu não fiquei brava, Lina — balançou a cabeça. — E você tem todo o direito de ter se zangado comigo. Eu sei que eu me intrometi, seu relacionamento não é da minha conta. Só que você é a minha amiga, e eu também me preocupo. Enfim, desculpa. Não queria te chatear.

Eu olhava completamente embasbacada para Sancha, nenhuma resposta vinha na minha cabeça.

— Não foi minha culpa? — foi a pergunta que escapou da minha boca.

Sancha me olhou como se quisesse me abraçar. E, de fato, foi o que ela fez.

— Não, não foi.

Por algum motivo, senti vontade de chorar. Não o fiz, apesar do nó

na minha garganta, mas abracei Sancha com uma força maior do que eu planejava. Acho que eu só estava aliviada por estarmos bem. Pensei que, talvez, aquilo também fosse amor.

Os meses se passaram e com eles, algumas coisas mudaram; outras, não. Sancha e Escobar continuavam próximos, mas ele não era mais tão amigo de Bentinho. Bentinho e eu continuávamos namorando, é claro. Sancha e eu nos tornamos melhores amigas, e Escobar virou algo similar para mim também. Eles eram as primeiras pessoas da minha vida que eu me aproximava tanto, sem contar Bentinho. É claro que eu evitava o assunto com ele, porque naturalmente, meu namorado não gostava que eu fosse tão próxima de outro homem. Sancha não gostou muito de ouvir isso.

— Lina, não é normal ele ser tão possessivo.

— Ele não é possessivo! Ele só tem medo de me perder, é normal. Eu também sentiria ciúmes se ele passasse tempo demais com outra menina.

— Mas você tem o direito de ter amigos! Por que vocês namoram se ele não confia em você?

Ouvindo aquilo, senti uma onda de culpa que me deu náuseas. Não exatamente por causa das palavras de Sancha, mas porque, desde a última briga que tive com Bentinho, passei a esconder que vinha para a casa de Sancha. Por serem vizinhos, ele pensava que eu ia sempre para ver única e exclusivamente Escobar. Quando eu dizia que não era verdade, duvidava. Passei a ter várias fotos no meu celular que pudesse mandar para ele como álibi para fingir que estava em casa.

Não era incomum eu e Sancha termos aquelas conversas. A maioria delas não acabava bem: ela me perguntava ou dizia coisas que eu não era capaz de responder ou refutar, e às vezes acabava brigando com ela, ou simplesmente ficando magoada (só que ela também me consolava e pedia desculpas). Sancha tinha uma paciência infinita: nunca ia além dos meus limites e, aos poucos, eu passava a ver coisas que não via antes.

Eu não sabia identificar ou colocar em palavras o que estava acontecendo ainda, nem sequer queria reconhecer que alguma coisa mudava, mas no fundo, eu sabia. Não por isso me senti preparada quando tudo desandou.

Era só mais um dia comum na casa de Sancha quando Escobar nos chamou para ver um filme na casa dele, por meio de uma mensagem não tão necessária — ele podia ter chegado no quintal e gritado, teríamos ouvido. Apesar disso, não havia nada de estranho, então fomos. Foi quando chegamos lá que entendemos o motivo.

Escobar esperava por nós na sala de estar, mas não sozinho: Bentinho também estava.

Era fácil sentir a tensão no cômodo, e durante alguns minutos, ninguém falou ou fez nada: só Bento que se mexeu para olhar para mim, com tanto ódio que eu tive medo que ele me batesse. Tudo aconteceu muito rápido: em um momento, eu me encolhia, e no seguinte, meu namorado explodiu, seus gritos fazendo com que Sancha e Escobar se colocassem na minha frente para me proteger.

Não era um comportamento tão atípico de Bentinho, mas nunca o vi tão agressivo, ainda mais na frente dos outros. Só consegui ficar paralisada pelo medo enquanto ouvia ele gritar as piores obscenidades que já vi saírem de sua boca: sobre como eu era uma vagabunda que me fazia de santa, como ele sempre soube que eu estava traindo ele, como eu adorava aparecer para os outros homens, e era só Escobar chamar que eu vinha correndo como uma cadela. Ao mesmo tempo em que eu guardava as palavras na minha memória como uma marca que nunca iria sair, era difícil processar inteiramente tudo o que ouvia, até que ele quis exigir que eu voltasse para casa com ele.

Bento deu um passo na minha direção. Foi o suficiente para que Escobar agisse para o restringir fisicamente, o que o fez ganhar um soco no nariz. É difícil lembrar de tudo em detalhes, mas sei que implorei para que Sancha não chamasse a polícia na condição de que ele fosse logo embora — sozinho. Não sei como conseguimos, mas finalmente, ele partiu.

Foi a primeira vez que Sancha disse para mim, de forma tão direta, depois que eu parei de chorar:

— Lina, você precisa terminar com ele.

Levou mais dois dias, e Bentinho batendo na minha porta com um buquê de flores e pedindo mil desculpas, para que eu terminasse. Finalmente percebi que não era a primeira vez que ele dizia coisas horríveis para mim (o que ele gritara na casa de Escobar ainda se repetia na minha cabeça), jogando-me toda a culpa, e depois voltava, arrependido. Prometia que não o faria de novo, mas sempre fazia. Eu estava cansada.

Dessa vez, não aceitei suas desculpas. Como era de costume, refugiei-me na casa de Sancha, pedindo para que ela me distraísse e escondesse meu celular de mim, para que eu não decidisse voltar atrás. Sancha me abraçou e beijou meu rosto e prometeu que tudo ficaria bem. Mais tarde, Escobar também apareceu e levou sorvete que comemos até sentirmos dor de barriga, ajudando a me consolar mesmo com o nariz ainda roxo.

Aos meus dezessete anos, percebi que o que eu e Bentinho tínhamos não era mais amor. Entretanto, entre Sancha e eu, não havia outra palavra que eu poderia usar para descrever melhor.

Nunca soube dizer em que momento comecei a devidamente me apaixonar por ela, nem ela por mim. Só sei que precisei de meses para devidamente me afastar de Bentinho, o que não era nada fácil quando ainda estudávamos na mesma sala — não é preciso dizer que meus colegas presenciaram muito mais do que eu gostaria. Depois, passei a ser simplesmente livre: ia à festas que nunca ia se Bentinho não fosse; era eu. Descobria o que era ser eu. Nem sempre Sancha e Escobar estavam lá, porque às vezes, queria e precisava estar sozinha. Mas era sempre a eles que eu voltava depois.

Como sempre fora, Sancha foi paciente. Encontrava meus limites e não os ultrapassava. E me amava, sem culpa, restrições ou condições. Ensinou-me a amar de volta daquele jeito.

Aos dezoito anos, eu sabia de verdade o que era amar e ser amada.



O amor liberta

Júlia Teixeira

trilha sonora

Save Myself

Ashe

Olha, eu estava tendo um dia daqueles! Já comecei discutindo com Bentinho, meu namorado, ele me ligou mais cedo e eu não atendi porque estava no meio do ensaio com a banda. Dá para imaginar a confusão que isso causou, né? Ele nunca aprovou a minha entrada na “Dead Memories”, banda em que eu participo como vocalista e guitarrista ao lado de Pablo, um dos meus melhores amigos, também conhecido como Escobar, e Sancha, a namorada dele. O Bento sempre foi meio ciumento, principalmente em relação a Escobar... Antigamente nós éramos melhores amigos, três crianças vizinhas que cresceram jun-

tas e se conhecem desde sempre, mas quando eu e Tinho começamos a namorar as paranoias dele começaram a aparecer também e logo Escobar acabou se afastando, bom, pelo menos dele, porque por mais que meu namorado não gostasse, nós continuamos muito amigos.

Bentinho não gostava da ideia de eu fazer parte de uma banda, “Você merece coisa melhor meu amor.”, mesmo que esse seja o meu maior sonho. Cantar, tocar, entreter pessoas, eu sinto que nasci para isso, porém, eu entendo o lado dele. Ele só quer o melhor para mim e para o meu futuro, uma carreira estável, segura e “sem marmanjos olhando para mim o tempo todo”. Ele também não gostava do fato de eu tocar justamente na banda do Escobar, jurava que seu ex melhor amigo planejava me “roubar” dele, mesmo que isso estivesse completamente fora de cogitação. Na verdade, Bento sentia ciúmes de qualquer um, não importa quantas vezes eu repetisse que amo ele e somente ele, não adiantava ele sempre dizia “Eu confio em você Capitu, não confio é nos outros.”. A questão é que ele me amava de mais, e eu sempre fui muito grata por isso.

Quando vi a ligação perdida eu sabia que era questão de tempo até a bomba explodir, ele estaria nervoso e preocupado por não saber onde eu estava. Quanto mais demorasse para retornar maior seria a discussão então, assim que pude, tratei de ligar para ele.

“Cadê você Capitu? Te liguei e caiu na caixa postal, mandei mensagem e você nem respondeu... E se algo acontecesse? Como eu saberia onde te encontrar se você não me atende ou me diz onde está?”

“Você sabia onde eu estava Bentinho, todos os sábados pela manhã eu tenho ensaio com a banda, não tinha como te atender naquela hora...”

“Eu odeio essa história dessa sua bandinha com o Pablo! Sabe que isso não vai dar em lugar nenhum né? Você deveria estar focando no seu futuro, amor, e não perdendo tempo com uma besteira dessas!”

“Bento, eu não estou a fim de discutir agora. Daqui a pouco dá a

minha hora no trabalho e eu ainda tenho que almoçar, depois a gente conversa.” Eu realmente estava atrasada para o trabalho e não queria me estressar naquele momento. Mais tarde eu passaria na casa dele e conversaríamos direito. De qualquer forma, eu deveria ter ouvido o telefone tocar, sabia como ele era preocupado com essas coisas, não custa nada avisar, sabe? Mas eu não escutei mesmo, o som estava muito alto e era impossível ouvir qualquer coisa fora o que saía dos amplificadores.



Já passavam das seis quando vi Escobar e Sancha passarem pela porta do restaurante onde eu trabalhava por meio período desde o fim do ensino médio. Eles pareciam ansiosos e disseram que tinham algo muito importante para me contar, pedi para que eles esperassem um pouco já que meu expediente estava acabando e eu logo poderia me juntar a eles.

“Capitu, você não vai acreditar no que aconteceu!” exclamou a garota ansiosa assim que me aproximei da mesa onde estavam, “Lembra daquela minha tia que contei a vocês? Aquela que trabalha numa casa de shows em São Paulo?”, assenti não sabendo onde ela queria chegar com isso, “Então, eu enviei um vídeo da nossa última apresentação para ela. Ela adorou e mostrou para um amigo do trabalho, que por sua vez mostrou para um conhecido na gravadora parceira deles e esse cara acabou de me ligar oferecendo um contrato! Ele disse que adorou o nosso som e que amaria trabalhar com a gente, porque nós aparentemente temos um ‘grande potencial’.”

Eu estava em choque. Nunca, nem em meus sonhos mais loucos, eu imaginaria que receberíamos uma oportunidade boa como essa. Meus sonhos finalmente estavam se realizando! “Meu Deus! A nossa oportunidade finalmente chegou! Eu não consigo acreditar que isso está acontecendo! Quando a gente vai poder se encontrar com ele? Se for um sonho, por favor não me acordem!”

“É mas...” Escobar me encara com o olhar receoso, “Capitu, para

aceitarmos a oferta teríamos que nos mudar para lá, você sabe né?”, completou.

E bem naquele momento, parecia que um balde de água fria havia caído sobre mim. Me mudar? Isso nunca esteve nos meus planos, eu gostava da vida por aqui. Meus amigos, minha família, meu namorado... Eu não poderia abandoná-lo. Ele sempre esteve ao meu lado quando precisei, não poderia deixá-lo para trás assim. Foi exatamente isso que disse a eles, não poderia aceitar dessa vez. Eu entenderia se eles fossem sem mim, mas eu não poderia fazer isso agora. O Bentinho... ele com certeza não gostaria dessa ideia.

“Quem tem que gostar é você Capitu! O sonho é seu, a vida é sua! Não abandone seus sonhos assim! Tenho certeza que ele vai te apoiar, é isso o que namorados fazem.” comentou Sancha me encarando profundamente enquanto juntava suas mãos às de Pablo e trocavam um sorriso cúmplice. Aqueles dois realmente faziam um casal lindo.

“Meu namorado nunca aprovaria uma ideia maluca dessas. Deixar tudo para trás por conta da banda? Ele enlouqueceria só em pensar sobre. Ele nunca me permitiria ir para tão longe.”

“Isso me parece meio tóxico, amiga. Ele é só seu namorado, não tem direito de permitir ou não você fazer as coisas. Isso deve ser uma escolha sua!”

“Você acha que eu já não falei isso para ela antes, amor? O Bentinho sempre foi tóxico demais, mas ela não me escuta...” disse Escobar com o olhar cansado, ele sabia que eu não gostava quando falava assim de Bento.

“Ele não é assim!” exclamei.

“Ah não? Lembra da vez que você queria pintar o cabelo de rosa para o festival da escola e ele te convenceu de que isso não era coisa de ‘garota que se preze’?”

“Olha, a cor realmente não combinaria comigo...”

“Ou quando você fez aqueles novos amigos na turma do teatro e ele te convenceu a se afastar e ainda assustou eles para não se aproximarem mais de você?”

“Em defesa dele, aqueles garotos realmente eram má influência...”

“E quando éramos crianças, e ele nunca te deixava ser a líder da equipe porque isso não é ‘coisa de menina?’”

“Ele já mudou Escobar! As pessoas evoluem sabia?” Respondi irritada com todas aquelas acusações que, no fundo, eu sabia serem verdadeiras.

“É mesmo? E quanto ele não apoia os seus sonhos mesmo você apoiando todos os dele? E o canal do YouTube que você criou no ensino médio, e que ele criticou tanto até você apagar? Quer que eu continue? Por que eu sei que tem muito mais.” Eu já não tinha mais respostas. Sabia que nosso relacionamento não era o melhor de todos, mas ele me amava e eu não poderia deixar para trás tudo o que havíamos construído juntos.

“Capitu.” ele me encarou nos olhos, “Você tá abrindo mão do seu futuro por esse cara!”

“Poxa gente, é o jeitinho dele sabe... Ele tem medo de me perder e gosta de me proteger também. Eu sei que ele às vezes exagera, mas a gente sempre conversa depois e ele sempre entende o erro e pede perdão. O Bento só é um pouco preocupado demais...” falei em um tom mais baixo, eu sabia que eles não entenderiam.

“Amiga...” retornei meu olhar para Sancha, que falava pela primeira vez desde o início da discussão, “Eu não conheço muito da sua relação com ele e entendo que, quem não teria ciúmes de você? Olha esse mulherão? Linda, talentosa, cheia de atitude, uma verdadeira estrela! Mas o que ele faz não é saudável, nem para você e nem para ele. Te privar de escolher o que quer? De ter amigos? Dos seus sonhos? Isso não é relacionamento. É prisão!”

Um clima pesado se instaurou na mesa, ninguém se atreveria a falar uma palavra sequer. Eu estava absorta em meus pensamentos, entendia o que eles estavam tentando me dizer, mas só eu sabia como meu relacionamento funcionava e o que eu estava disposta, ou não, a arriscar por ele. “Gente, eu já me decidi. Eu não vou. Não estou disposta a trocar o meu namoro por isso...”

“Eu falei que ela não aceitaria, não adianta...” escutei Escobar sussurrar para a namorada.

“Olha Capitu, você não precisa terminar o relacionamento. São Paulo fica à apenas três horas daqui e, se é isso o que você quer, da para continuar o relacionamento a distância.”

“Eu conheço o meu namoro Sancha.”, suspirei falando em um tom mais calmo. “Bentinho nunca apoiaria isso, e nem vale a pena arriscar o que temos por uma chance que pode nem dar certo...” Novamente o silêncio se instalava na mesa, minha cabeça estava a mil, eram muitas coisas para pensar sobre. Não era uma decisão fácil, meu sonho ou meu amor. Eu nunca havia realmente reparado no que eles disseram, mas eu sabia que não era bem assim... “*Bentinho me ama muito e é isso que importa, certo?*”

Meus devaneios foram interrompidos pela melodia de Youngblood, da banda ‘5 Seconds of Summer’, que ecoava pelo ambiente, era o sinal de que alguém ligava para o celular de Sancha. Ela rapidamente atendeu, a conversa foi breve e logo ela já juntava suas coisas e se despedia de nós. “Eles já chegaram amor?” perguntou meu amigo encarando a namorada apressada.

“Sim eles estão me esperando do lado de fora. Espero que não se importe Capitu, mas eu tenho que ir agora.” disse rapidamente enquanto se despedia de mim e deixava um beijo casto nos lábios do namorado. “É realmente uma pena que você não vá com a gente, chances como esta não costumam aparecer duas vezes... Agora tenho que ir. Até mais pessoal!”

Observei ela correndo afobada até a saída do restaurante. Seria cômico se eu não estivesse a beira de uma crise de ansiedade, por conta de tudo o que já havia acontecido naquele dia. Me perguntava o que ela teria de tão importante para fazer a esse horário, devia ser quase dez da noite. Antes que eu verbalizasse meu questionamento Pablo já explicava tudo, aquele cara me conhecia muito bem. “Hoje é inauguração do bar de um amigo dela. A antiga equipe de judô deles combinou de irem juntos e passaram aqui para buscá-la. Não é nada de mais.”

“Como não é nada de mais? Você deixa ela sozinha com outros caras desse jeito? Para um bar ainda...”. Para ele parecia não ser nada de mais, mas para mim era bastante coisa. Bentinho nunca havia me deixado sair assim com os meus amigos, tinha medo de eles ficarem dando em cima de mim ou algo do tipo. Se ele sequer soubesse que eu estava ali com Pablo, provavelmente surtaria.

“Olha Capitulina, a base de um relacionamento deve sempre ser a confiança. Eu confio nela e ela em mim, isso basta.”

Essa fala me afetou mais do que eu esperava. “*Porque bentinho não podia ser assim também? O problema sou eu?*” Logo tratei de deixar esses pensamentos de lado, estava tarde e eu ainda tinha que passar na casa dele para resolver a discussão de mais cedo. Escobar e eu saímos do restaurante e eu o agradei pela carona, já que nós somos vizinhos e estava tarde para voltar de ônibus.

Quando estacionamos na rua de casa, nos despedimos rapidamente e avisei que ainda passaria na casa de Tinho um pouco. “Qualquer coisa é só gritar! Estou na casa ao lado!” ele disse enquanto ia em direção a própria casa e soltou uma alta gargalhada. Falar isso era como uma brincadeira para nós, fazíamos desde crianças.

“Você sabe que não vou precisar!” gritei em resposta, e ele apenas soltou uma última alta gargalhada antes de atravessar o portão. Segui então para a porta da casa de Bentinho, eu sabia que isso era o certo a se fazer.

O que quer que acontecesse naquela noite, seria decisivo para o restante da minha vida. Senti isso no instante em que toquei a campainha.

Bento me atendeu. Ele estava sozinho em casa, o que nunca seria uma novidade já que seus pais sempre saíam durante as noites do final de semana. No momento em que olhei em seus olhos, percebi que o clima estava mais tenso do que o habitual. Algo não estava certo.

Só queria resolver logo tudo isso, não gosto de brigas ou desentendimentos. Só queria a minha paz de novo. Adentrei a casa e segui em direção ao sofá da sala, ele ainda não havia dirigido uma palavra a mim,

parecia esperar que eu o fizesse primeiro. Seu semblante sério e irritado me encarava ininterruptamente durante todo o percurso e assim que tentei iniciar uma conversa, ele me interrompeu.

“Você estava com ele, não estava? Eu sei que sim, vocês nem sequer são discretos para esconder que estão tendo um caso.”, ele disse com toda a acidez que o ciúme possuía em sua voz.

“Quantas vezes eu vou ter que repetir que eu e o Escobar não temos nada? Ele é meu amigo! E tem namorada! Os dois foram lá no restaurante hoje para conversarmos alguns assuntos sobre a banda. Ele me ofereceu uma carona e eu aceitei, qual o problema nisso? Não confia em mim?”

“Você sabe que eu confio, é nele que não. E de novo essa história de Banda?! Eu não aguento mais! Você sabe que isso não vai te levar a lugar algum, por que continua?”

“Porque é o meu sonho! Olha... eu não vim aqui para discutir mais, se você for continuar me avisa que eu vou para minha casa.”, falei cansada com a direção que tudo estava tomando. “Eu vim aqui para conversar sobre mais cedo...”

“Eu sei. Eu sei. Me desculpa, vamos só esquecer tudo isso e seguir em frente. Sem mais discussões hoje”, falou em um tom mais calmo e doce, e me puxou para um abraço apertado, como se seu mundo dependesse disso. Esse é o bentinho que eu conhecia e amava.

“Ótimo, eu só quero que você entenda que eu realmente não tive como te atender mais cedo. Sinto muito por isso.” respondi baixo ainda contra seu peito. Ele se afastou um pouco, apenas o suficiente para olhar em meus olhos e acariciar meu rosto por um momento.

“Está tudo bem, meu amor. Da próxima vez só mantenha o celular mais perto para poder escutar quando eu ligar, ok? E no mais, como foi o seu dia? Finalmente desistiu de trabalhar naquela espelunca? Sabe que eu tenho dinheiro o suficiente para mim e para você...”

“Você sabe que eu nunca vou me deixar ser sustentada por ninguém, amor, eu sou uma mulher independente. Mas tem sim uma coisa que aconteceu hoje... A tia da Sancha arrumou uns contatos para a

banda e agora a ‘Dead Memories’ vai finalmente assinar contrato com uma gravadora grande lá de São Paulo! Eu estou tão animada por el...”

A reação foi instantânea. Nem mesmo cheguei a terminar minha frase e ele havia me empurrado para longe. “Como assim assinar contrato? Quantas vezes eu já falei que namorada minha não fica se amostrando para marmanjo assim? Eu até tolero essa história de bandinha porque eu sei que você gosta, mas isso aí é demais para mim! Eu não vou deixar você participar disso!” Ele agora estava vermelho e gritava como eu nunca o havia visto fazer antes.

Eu estava assustada e com medo, sequer conseguia responder suas acusações naquele momento. Sempre odiei quando ele falava assim dos meus sonhos e da banda, mas relevava porque sabia que tínhamos ideias diferentes de mundo e acreditava que nosso amor era maior que isso. Mas ele sequer me deixou dizer que não aceitei a proposta, nem por um momento ele ficou feliz por mim. Talvez Sancha e Pablo tivessem mais razão do que eu imaginava. Eu estava cheia disso tudo, e quando percebi, já gritava de volta “Você não consegue demonstrar felicidade por mim mesmo, não é Bento? Essa ‘bandinha’ que você tanto desdenha é muito importante para mim, e essa é uma grande chance para ela! Um bom contrato, uma boa gravadora, um convite para ir para a capital...”

“Pera, você vai se mudar? Se mudar com o Escobar? E depois tem a coragem de dizer que não tem nada entre vocês. Você acha que eu sou trouxa Capitulina? Que eu nasci ontem? Você não vai fazer isso... Ou essa bandinha de merda, ou eu. Você escolhe. Vamos ver o que é mais importante aqui.”

Ele gritava cada vez mais alto. Estava furioso e vinha na minha direção, mas eu não iria fugir agora. Essa foi a gota d’água para mim. “Pois saiba então Senhor Bento de Albuquerque Santiago, que eu escolho a ‘Dead Memories’. Não porque ela é mais importante para mim, mas, porque você não é um bom namorado. Não importa o quanto eu te ame, você não me respeita como indivíduo e nem minhas vontades, é incapaz de me aceitar como eu sou, me impede de ter amigos e

seguir os meus sonhos. Eu escolho a minha banda porque, se nós tínhamos algo, isso acabou agora. Eu não iria aceitar a proposta, eu iria abdicar dos meus sonhos por você! Mas você sequer consegue ficar feliz por uma conquista que eu trabalhei duro para conseguir! Você não me ama bentinho. Você ama a ideia de me ter e isso termina por aqui.”

Aquelas palavras o atingiram em cheio, ele se transformou em algo que eu apenas havia visto em filmes e novelas. Parecia um bicho. Gritava e quebrava tudo o que via pela frente. “Você não tem esse direito! Todo esse tempo em que eu me dediquei a você foi em vão? Mas não foi mesmo! Eu te amo mais do que minha vida, Capitulina, e eu vou te provar isso.” ele me agarrava com força, impedindo que eu conseguisse sair de perto. Eu gritava por socorro. Só queria sair dali e ir para a minha casa. Não sei como namorei esse cara por tanto tempo e nunca percebi. Ele me apertava cada vez mais forte e eu quase não conseguia respirar.

E então um grande estrondo foi ouvido. A porta da casa havia sido arrombada e lá estava Escobar junto de uma equipe policial. Logo eles tiraram Bento de cima de mim e finalmente me levaram para fora daquela casa. Eu nunca mais pisaria ali em toda a minha vida.

Já do lado de fora, a primeira coisa que fiz foi correr para os braços do meu amigo. Nunca conseguirei agradecer-lo o suficiente por aquele dia. Não sei o que seria de mim se ninguém aparecesse ali, e sinceramente, prefiro nem pensar. “Eu disse que se precisasse era só gritar...” comentou me abraçando de volta, “Estou feliz que você está bem agora.”

Desde então, nunca mais vi Bentinho. Assinei o contrato com a gravadora, me mudei para São Paulo e junto a Escobar e Sancha levamos o nome da “Dead Memories” para o mundo. Demorei muito para conseguir me apaixonar novamente, me envolver em relacionamentos se tornou algo complicado por um período, mas com o tempo aprendi como é o amor de verdade. Ele não te prende, ele te liberta.



Além da Vida

Camila Contine

trilha sonora

The Night We Met

Lord Huron

Era começo de maio de 2019. Chovia muito em Niterói naquele dia. Para ser um pouco mais previsível que o usual, ousou dizer que os céus choravam por mim. Pareciam sentir pena do meu estado lamentável. Ou seriam lágrimas de riso? Menina tola, ainda chorando por algo que aconteceu há tanto tempo?

Naquele mesmo começo de maio, há dois anos, recebi a notícia de que meu namorado, Escobar, sofrera um acidente de carro numa rodovia. Chovia daquela mesma forma, e o carro perdeu o controle. Assim como, então, eu o perdi.

Daquela data em diante, perdi toda a noção que algum dia tive sobre mim. No início, parei de comer e só queria saber de usar as roupas que ele havia deixado no armário da minha casa. Escutava o álbum preferido dele tantas vezes por dia, que os vizinhos batiam à porta da minha casa para reclamar. Continuei assim por mais um tempo, até que minha mãe decidiu vir para cá viver um pouco comigo e tentar me ajudar nesses tempos difíceis.

Já não faço tanto escândalo, nem ouço aquele álbum. Escobar tinha um gosto peculiar para músicas, nem eu aguentaria ouvi-las por muito tempo.

Contudo, isso não quer dizer que, de alguma forma, eu o superei. E o pior é que sei que todos ao meu redor conseguem perceber que eu continuo implorando pela volta dele.

Nunca pensei que eu fosse perder aquele que eu jurava ser o amor de toda a minha vida. Também nunca pensei que, por achar que ele fosse o amor da minha vida, todo esse processo de superação se tornaria infinitas vezes mais difícil.

Às vezes, me sento à mesa para comer, mas passo tanto tempo inerte que a comida chega a esfriar. Sei que é porque fico esperando pelo momento em que Escobar vai se sentar na cadeira da frente e me acompanhar em qualquer uma das minhas refeições. Sempre fazíamos isso. Estávamos vivendo praticamente uma vida de casados.

Tento tomar cuidado com essas pequenas coisas que ainda deixam tão claro o meu desespero, mas por pensar nele o tempo todo, ao tentar não cometer nenhum deslize entre meus atos e falas, acabo passando o dia inteiro em silêncio.

— Capitu? — ouço a voz de minha mãe, instantes antes dela adentrar meu quarto. Viro de lado na cama, para poder encará-la. Ela solta um suspiro, agarrando o batente da porta e inclinando sua cabeça. — Não foi trabalhar hoje? — perguntou, em um tom inocente.

— Sabe que não — respondi.

Ela soltou outro suspiro. Dessa vez, um mais longo, mais penoso. Talvez quisesse me fazer ter a certeza de que eu era a única parada

no tempo, ainda presa em 2017, enquanto todos os outros já haviam seguido em frente. Certa vez, enquanto ela preparava o jantar e eu varria o chão da sala, ela até tentou comentar comigo sobre como os pais de Escobar parecem estar tão felizes com a nova casa para onde se mudaram.

— Comprei isso aqui para você, estava num estande de livros em promoção — disse depois de um tempo em silêncio, com nós duas apenas nos encarando. Ela, possivelmente, julgando meus olhos inchados. Eu, tentando engolir o choro na frente dela.

Levantei-me na cama e estendi a mão. Ela me deu um livro, e eu dei a ela um sorriso.

— O que é isso? — perguntei, já segurando aquele objeto. Estava claro que era um livro, mas era um livro diferente. Era azul, num tom de céu ensolarado, e havia os dizeres “Além da Vida” grafados em um tom de dourado. Arqueei uma sobranceira, encarando minha mãe com uma expressão séria. — Mãe! Outro livro de autoajuda? Já disse que estou bem, que não preciso disso.

— Não, filha — ela rapidamente me respondeu. — Não é nada disso, Capitu. É um romance... Ao menos, foi o que o dono do estande me disse.

— Ah, nesse caso...

— Acho que ler esse livro pode fazer você se distrair um pouco, vai ser bom para sua mente. Não fique triste, Capitu, afinal, já faz dois...

— Eu sei, mãe. Obrigada pelo conselho — levantei-me da cama pela primeira vez naquele dia, indo fechar a porta do meu quarto.

Sentei-me novamente, apoiando os cotovelos no colchão e começando a folhear o livro. Ele não tinha muitas informações, e estava até meio amarelado. A cada página virada eu ficava com mais vontade de espirrar, pela quantidade de poeira encontrada nele. Onde é que minha mãe foi achar isso?

Na folha de rosto, havia apenas a informação de que o livro era de 1891, com a sigla S.E. logo abaixo, e nada mais. Aquilo estava caindo aos pedaços.

Comecei minha leitura por dois motivos: queria agradar a minha mãe e tentar me distrair. Não existia nenhum outro fator que me impulsionaria a fazer aquilo.

A história falava sobre uma mulher que se chamava Capitolina, e foi aí que percebi que minha mãe poderia ter comprado esse livro apenas pela semelhança em nossos nomes. Abri um sorriso, contente por ela ter reparado nesse detalhe.

Bocejei ao chegar no quarto capítulo, mesmo que eles fossem relativamente curtos. E a partir de então, ficou cada vez mais difícil continuar lendo. Na página vinte, meus olhos piscaram mais forte; na página vinte e um, lacrimejei pelo sono que sentia. Na página seguinte, caí no sono, e então, tudo ficou distante demais para que eu pudesse voltar.

Acordei-me em um susto. A cama fez um barulho esganiçado. Olhei para os lados e só pude encontrar paredes brancas, molduras de gesso e lâmparas pelo quarto. Aquela não era a minha casa. Precisei de tempo para recuperar-me a consciência, tentar decifrar a arte da troca que havia me ocorrido. Troca de plano, de perspectiva, de vida. Tudo dentro de um sonho. Parecia que haviam arrancado-me os olhos, pois somente enxergava coisas que nunca havia visto antes.

A porta do quarto abriu-se, um homem adentrou-o em seguida. Levantei-me tão depressa quanto ele agarrou meus pulsos. Era alto e esguio, os cabelos repuxavam para trás assim como os lábios. Carrancudo, desanimado. Senti um arrepio pela forma como ele encarava a minha imagem. O aperto em meu pulso era um pouco forte, e intimidava-me.

— Levantou agora, Capitolina? Viu já que horas são? Passa do meio-dia... — disse-me com um olhar pontiagudo. — Ezequiel chora desde manhãzinha. Não há nada que cesse os berreiros daquele moleque.

— Ezequiel?

— Filho seu, Capitolina! — gritou, afrouxando-me os pulsos. — Filho seu!

Saiu do quarto. Parecia mais bravo comigo por dormir do que pelo filho a berrar. Filho. Desde quando eu pari um filho? Desde quando morava com um homem daqueles ou tinha uma casa dessas?

Corri até a janela e arregacei as cortinas. A luz veio direto na face e aquilo ardeu-me por dentro. Nada era igual à minha casa em Niterói. Belisquei o pulso momentos antes apertado. Eu ainda podia sentir dor. Sonhos realistas talvez pudessem trazer este mesmo efeito, pensei.

Olhei para o lado e uma escrivadinha de madeira encarou-me de volta. Fui atordoada até lá, puxando de cima dela um calendário solto. *Rio de Janeiro, 1891*. Prendi o grito na garganta, soltando-o na forma de um soluço. Depressa foi como saí do quarto, tropeçando em meus pés.

Este foi o sonho mais longo, lícido e realista que um dia tive. Longo, pois vi-me presa neste acaso de fatos por dias a fio, e os outros dois adjetivos referem-se à minha consciência original, mesmo presa no corpo de Capitolina, e aos toques e às falas que eram tão bem sentidos.

Com o passar dos dias, descobri que Capitolina, dona do corpo que eu habitava, era casada com Bento, rapaz que conheceu na infância. Tinham uma boa relação, mas ultimamente era preciso apaziguar as feições de Bentinho com muito esforço. Isto quem contou-me foi a criada, quando tranquei-me com ela no quarto de louças. Perguntei o motivo, mas ela não soube responder, ou talvez não quisesse, por agora achar-me louca.

Capitolina certamente era uma mulher paciente e dedicada, pois Bentinho sempre arranjava maneiras de iniciar discussões sem pé nem cabeça comigo. Eu ficava o dia todo ao lado de Ezequiel, neste sonho que parecia não ter fim. Era um garoto doce, tinha bochechas avermelhadas que mais lembravam um alcaçuz, mas sua feição murchava sempre que o pai ia ter com ele, pois já ficava pronto para levar uma surra.

Não presenciei Bentinho bater no filho em nenhum dia que estive ali, mas notei que não havia ternura em seu jeito de tratar a cria. Era áspero, com barreiras invisíveis cobrindo-lhe o rosto e o resto. Também não tratava-me com desdém, mas parecia não fazer diferença alguma minha presença naquela casa.

No sábado de manhã, a criada preparou a mesa do café, e logo quando sentei-me para comer, Bento começou seus resmungos.

— Aprese-se e coma isto logo, pois hoje iremos ter com o padri-

nho do seu filho. Do jeito que anda desmazelada, nem se importará com as vestes e os sapatos.

Encarei-o com um relance curto de olhar. Nunca fui capaz de controlar meus sonhos, mas aquele estava praticamente impossível.

— Realmente não é mais a mesma Capitolina por quem ousei apaixonar-me.

Com a raiva possuindo-me a cabeça, joguei a xícara com força na mesa. O café derramado tomou conta de tudo. A criada surgiu em instantes, pegando Ezequiel no colo e levando-o para fora da sala.

— E você realmente não é mais Bentinho, aquele por quem me apaixonei. Agora já arrependo-me de ter casado.

Bento subiu o olhar de encontro ao meu como quem sobe uma mão para dar um tapa em alguém. Não sabia quem Capitolina era, mas eu era Capitu, e em sonhos ou realidades, não é desse jeito que planejo passar o resto da minha vida.

— Não tem ainda trinta anos, mas age como um velho amargurado — tentei decifrar sua idade pelos jovens traços de seu rosto. — Está sempre a reclamar de tudo e nada lhe agrada. Você não era assim antes, Bentinho — eu disse, mesmo apavorada. Eu não conhecia Bentinho, ele poderia ter sido assim a vida toda.

Para meu alívio, Bentinho provou-me certa:

— Os homens mudam, Capitolina.

— Pois foi o único dos homens que mudou para pior.

— O trabalho desgasta-me até os ossos. Seu filho é um preguiçoso, que com três anos nem falar ainda consegue! Quer como que eu seja feliz? Peço a Deus que leve-me logo, ou hei de ir sozinho! — Bentinho levantou-se.

— Isso mesmo, vá andando até o inferno, e aproveite para pensar nas coisas que fez pelo caminho. Se ousar falar comigo ou com nosso filho dessa forma novamente, pedirei o divórcio! — respondi, levantando-me em seguida.

A campainha da casa tocou e a expressão de Bentinho mudou no instante seguinte.

— Não aguenta mais um sermão... — disse, afastando-se, como se a briga houvesse sido iniciada por mim. — O padrinho de Ezequiel chegou, pois acho bom que você vá lá ter com ele. Aproveite e conte o que anda fazendo, que está malcriada, pedindo até divórcio.

— E para onde vai?

— Esqueci-me de um compromisso. Diga a Escobar para esperar até que eu volte. Ou melhor, nem diga nada. Foi ele o apressado. Combinamos o contrário, iríamos até ele.

Deixou-me sozinha na sala e sumiu. Aquele homem era de difícil convivência, e cada vez mais dava-me conta da situação em que Capitolina estava metida, mesmo que tudo fosse criação de meu sonho.

Custou um pouco de tempo para que eu percebesse a palavra contida na frase de Bentinho. Escobar. Há tanto não diziam esse nome tão naturalmente, que pensei ser um desejo do meu inconsciente de revivê-lo.

Ouvi quando alguém bateu à porta, em um aviso que antecedia a entrada no cômodo. Deveria ser Escobar.

Pela segunda vez no dia, provei-me certa, ao encarar a entrada da sala. No instante seguinte, desejei estar errada. Minhas mãos passaram a tremer como se tentassem desprender do meu corpo e meu coração seguiu o mesmo ritmo delas.

Era Escobar. Não somente o Escobar do mundo de Capitolina, mas o Escobar do meu mundo também. Dei um passo para trás e a cadeira caiu no chão, rebatendo com um estrondoso barulho. Ele ficou parado na porta, olhando-me. Estranhando-me. Parecia notar que algo estava errado, que não era a reação que esperava da esposa do amigo.

Eu era realmente a esposa de seu amigo? Capitolina quem devia ser. Aquele era apenas um sonho onde eu estava presa ali, de alguma forma, no corpo daquela mulher. E lá estava o meu Escobar. Seu cabelo castanho pendia para o lado, do jeito que ele costumava usar. Seus olhos redondos casavam aparência com o cabelo. A boca sempre aberta em um sorriso encantador.

Quando dei por mim, envolvia a cintura de Escobar em um abra-

ço apertado. Meu queixo repousou em seu ombro. Chorei como se chorasse em qualquer início de maio.

— Céus! Eu só posso estar sonhando... Escobar, meu Escobar... Você está bem? Não está ferido? Machucado?

Ele agarrou-me os pulsos, como Bentinho fez quando o vi pela primeira vez. Seus dedos prenderam meu braço suavemente.

— Está maluca, Capitolina? — continuava olhando-me estranho. — O que está fazendo?

Fui ao corredor. Espiei os lados, os tetos e as paredes. Não havia ninguém por perto. Agarrei uma mão de Escobar e pus-me a correr, subindo as escadas. Ao chegar no quarto, tranquei a porta e pedi para ele fazer silêncio. Abracei-o mais uma vez.

— Capitolina, pare com isso. Estou assustado. O que lhe deu hoje? Ainda não parou de chorar? — perguntou-me assim que consegui livrar-se do meu toque.

De alguma forma, eu conseguia controlar bem o meu sonho agora.

— Escobar, não sou Capitolina! — respondi. Olhei ao redor. Tudo aquilo era de Capitolina, menos eu.

— És quem, então? — devia achar-me louca. Pois eu não o culpava, também acharia.

— Olhe só, olhe! — andei até o calendário, apontei-lhe a data. — 1891! Não sou daqui, não sei como vim parar aqui, mas não sou daqui!

Ele ia se afastando, chegando perto da porta. Parecia estar pronto para fugir dali. A mão quase alcançava a maçaneta.

Suspirei fundo, virando-me para a janela. Abri as cortinas mais uma vez.

— Chamaria-me de louca se eu lhe dissesse que não sou Capitolina? Não sou de 1891. Sou de 2019. Isso deve ser um sonho, mas de alguma forma, não acordo. Estou há tempo demais sonhando... — virei-me para olhá-lo. Como antes fazia, ainda encarava-me estranho. — Escobar, desculpe-me. Naquele meu mundo, você era o meu namorado, mas eu o perdi. Só estou feliz de poder rever você — voltei-me para a janela mais uma vez.

Muito tempo passou sem que Escobar dissesse algo. Eu queria aproveitar aquela chance para perguntar se ele estava bem, e mesmo que em sonho, sentir sua presença.

Era um sábado ensolarado. Vi Ezequiel brincando no jardim. Desejei poder ter uma vida dessas com Escobar. Casar-me e ter um filho, era tudo o que eu queria com ele.

— Eu me chamo...

— Capitu — sua voz foi de encontro ao meu pescoço e seus braços rodearam os meus. Abraçou-me por trás, de um jeito rápido e forte que fez-me falhar o coração.

Despreendi-me daquele aperto e virei o corpo para encará-lo.

— Escobar? Lembra de mim?

— Sim, Capitu.

— Isso não é um sonho? — minhas lágrimas voltaram a cair. Prendi o rosto dele com minhas mãos.

— Isso não é um sonho. Realmente estamos em 1891.

— O que faz aqui? — não sabia como ele conseguia entender minhas palavras, com aquela minha forma tão desajeitada de proferi-las. — Por que estamos aqui?

Ele agarrou minhas mãos, tirando-as de seu rosto. Passou a segurá-las, prendendo nossos dedos. Desculpe-me por isso, Capitolina, onde quer que esteja.

— Capitu, minha doce e querida Capitu, escute-me — ele começou. Tirou uma de suas mãos da minha para passar o polegar em meu rosto, arrastando as lágrimas para longe. — A morte não é o fim. O passado, o presente e o futuro continuam vivos, mesmo após o que já passou. Somos seres vagando por este infinito espaço de tempo que é a vida. Você foi o amor daquela minha vida e eu jurei que traria você para mim, pelo menos uma única vez, em todas as outras vidas que eu tivesse. Então, se está aqui hoje, é porque atendeu ao meu chamado.

Seus olhos pareciam conversar mais comigo do que sua boca. Aquele brilho que cintilava ao longe era realmente o brilho dos olhos de Escobar.

— E por que vim encontrar-me com você assim, casada? Não brinque comigo, Escobar.

Ele riu, e eu perdi o chão. Apertei meus dedos nos seus.

— Você não veio casada. Capitolina é casada. Capitolina não é minha — disse, passando sua mão pelo meu rosto, acariciando minha bochecha. — Mas você é, Capitu.

— Não posso ficar com você aqui, para sempre?

— E casar e ter dois filhos, como você sempre disse que queria?

— Sim — afirmei.

— Não, pois este corpo é de Capitolina. E se ficar aqui comigo, perderei o propósito de continuar vivo para lhe encontrar novamente.

— Escobar...

— Numa próxima vida minha, podemos nos casar, e na outra, podemos ter nossos filhos. O que acha?

Dei um sorriso. Meus olhos ardiam pelas lágrimas incessantes.

— É isso o que chamam de amor além da vida? — perguntei.

Ele acariciou o topo da minha cabeça.

— Além da vida.

— Acha Capitolina parecida comigo? — perguntei, depois de um tempo.

Escobar encarou-me.

— Capitolina tem os cabelos longos, como pôde perceber. Seus olhos brilham mais que o dela, e seus lábios são mais atrativos. Mas vocês são parecidas no jeito de ser. Capitolina, depois de casar-se, ficou um pouco mansa. Costumava ser arisca e teimosa. Bentinho deve ter deixado-a assim.

— Tome conta dela, então. Bentinho é bastante grosseiro.

Escobar concordou, com um sorriso largo e atrativo.

E então, repeti em voz alta o que eu tanto repetia em pensamento:

— Desculpe-me por isso, Capitolina, onde quer que esteja...

Instantes depois, puxei o corpo de Escobar para mais perto e dei-lhe um beijo. Desculpe-me, Capitolina. Suas mãos prenderam a minha cintura e as minhas apertaram-lhe os ombros. Desculpe-me, Capi-

tolina. Isso não se repetirá novamente.

Parecia que havíamos parado no tempo. Ou melhor, Escobar havia parado no tempo, e forçavam-me a continuar sem ele. Mesmo após o beijo, meus olhos não abriam mais. Percebi uma fraqueza repentina, e pude apenas ouvir sua voz suave ao fundo de meus pensamentos.

— Até algum dia, Capitu.

Acordei banhada em suor. Fiquei um tempo parada, processando o sonho que eu havia acabado de ter. Era tudo culpa daquele livro. Durante meu sono, ele havia caído no chão. Levantei-me para pegá-lo de volta, e assim que o agarrei, folheei-o para retomar a leitura.

Vazio. As páginas estavam todas em branco. Joguei-o na cama, apavorada.

Levei a mão até a boca. A maciez dos lábios de Escobar parecia ainda estar presa ali. Não foi tudo um sonho? Como posso ainda me lembrar de cada detalhe?

Peguei o livro mais uma vez, folheando-o em outra tentativa de encontrar algo. Quase todas as folhas continuavam em branco, com exceção da primeira e da última. Na primeira, agora havia um novo ano que indicava a publicação do livro. 2021. E na última:

*Se não me encontrares por perto, me acharás em seu coração.
E se isto não lhe bastar, então irei de encontro a ti no pensamento.*

*E se mesmo assim, continuar sentindo minha falta,
construirei outra vida, então, para que possa me ver.*

*Em meio a infinitos fins e recomeços,
será você quem buscarei.*

Até além da vida, Capitu.

Souza Escobar



O resto é silêncio

Laura Ribeiro

trilha sonora

Nara

E.S. Posthumus

Cara leitora, não fosse o papel de protagonista que me fora forçadamente conferido, conceder-lhe-ia, de bom grado, a dura pena de narrar. Pergunto-lhe: a quem convém a re-experiência dos tormentos do seu último dia? Bastar-me-ia o humilhante decesso imposto em vida. Agora, em morte, afirmo: o prazer sádico de testemunhar a própria queda nunca apelou aos meus sentidos. Memórias Póstumas são para Brás Cubas, não para Maria Capitolina.

Ainda assim, narro.

Não espere, porém, descrições escatológicas sobre vermes e a

certa putrefação que ocorre sob os sete palmos de um gramado mal cuidado. Não. Meu cadáver jaz ainda tépido sobre a escrivaninha do exílio. Entre ruas de Schaffhausens e Hoffhousens, a cela disfarçada de casebre abriga o último suspiro que eu não tive tempo de soprar.

Agora, no entanto, banho-me na eternidade do pós-vida com tempo suficiente para soprar ou *desassoprar* qualquer que seja o suspiro que me teime nos lábios. Atravessei os portais e deixei lá a esperança.

Uma vez na escuridão do vestibulo sem estrelas, entretanto, nada vi. A morte despiu-me não apenas dos parcos bens materiais que acumulei em vida, mas, nos primeiros segundos de vaziez, despiu-me também da muita fé que cultivei. Decepcionei-me, cara leitora, ao não encontrar nem céu, tampouco inferno no desprender da carne. Meu destino póstumo se encerrava na repetição de meus últimos instantes e, por essa mesma razão, não o narro agora.

A causa da morte fica para o fim.



— Não, eu não sou teu pai!

Os desvarios de Bentinho não me eram estranhos. Seus olhos espreitosos, mãos inquietas e passos propositadamente silenciosos compunham o quadro de perene desconfiança que lhe adornava o ser. Com o tempo, tais traços agravaram o barroco de sua composição, e Bento tornou-se mais sombra que luz.

Era em razão desse trágico personagem que eu dissimulava. Ao espetáculo da vida escasseiam as cortinas, assim que escasseia também o descanso para o papel que um dia escolhemos encenar. Sobre o palco, toda eu era artesã da fina arte de destrançar: destrançava os avariados nós de Bentinho; primeiro, nos meus cabelos, depois, em nosso casamento.

A certeza com que se isentara da paternidade de Ezequiel, no entanto, pegou-me de surpresa. Lembro ainda dos olhos claros de meu rebento marejarem ante a violência com que Bento, todo sombra, professara: “Não sou teu pai!”. O mar, se me permite o parêntese, sempre

fora guarnição dos delírios de Bentinho, e agora entendo por que razão não se fez comovido diante das lágrimas da criança: eram salgadas, assim como as águas que levaram embora seu Escobar.

Sim, *seu*, nunca *nosso*. Mas essa matéria é outra, porquanto trato ainda da rejeição de Ezequiel.

Voltemos à cena:

Obediente que era, Ezequiel arranhou de deixar-nos a sós. Vi-o escapar com o choro ainda preso à garganta, e senti algo molhar-me também os olhos. Lágrima nenhuma desceu-me a face, porém. Não se tratava do dissímulo do qual eu era frequentemente acusada, mas do pouco orgulho que me restara após tantos destrances de nós que não eram meus.

Bento, de pé, não esperou a partida de Ezequiel para acusar-me de qualquer barbárie com berço nas próprias loucuras. Minha atenção, contudo, desviava: a xícara de café ia intocada sobre a mesa e, em sua estante, um velho tomo de Plutarco destacava mal arranjado. Algo mais ia mal, e foi o rastro de pó sobre a escrivanhinha o delator do crime que vi Bento de Albuquerque Santiago antecipar.

Nunca desdisse seu impulso criminoso e, anos mais tarde, seria esse o recurso escolhido para oferecer-me o entreato que tanto ansiei.



A devoção de Bentinho a seu Escobar também não me era estranha, já adianto. Os anos no seminário coseram-lhe as afeições a tal ponto que a mim restaram apenas as arestas de seu coração.

Lutei, estimada leitora, com as armas que me eram permitidas. É imperativo lembrar, e abro aqui mais um parêntese, que sou *apenas* mulher: artesã em casa de louco, patente criminosa de ato por outrem cometido. Privei-me dos olhares, das festas e da vida para assegurar o vértice de um amor que jamais me pertencera. Os ciúmes de Bento eram todo ele, e fora sob esse caráter que eu abraçara as migalhas de sua algibeira.

Abraçara também o crime e o castigo que hoje dizem mais de mim que meu próprio nome. Capitu é menos Capitolina que adúltera, e a Bento bastou apenas uma suspeita para que a prova se fizesse concreta.



Atalho a narração, leitora, portanto não te preocupes que o fim, e a causa da morte, já vêm.

Rogo à memória expor também os fatos da noite anterior ao decesso de Escobar. Sancha, amiga sinceríssima, certamente deixou-me à par de sua confiança com Bentinho. Daí em diante pus-me a observá-lo com olhos não de cigana, mas de juíza bem amparada.

É fato que de Bento Santiago cada minúcia me era conhecida, e, portanto, não passariam despercebidas as alterações de ânimo e trejeitos que sucederam essa confiança.

Cobiçou-a, é claro, e ao destino calhou tal transgressão de anteceder o afogamento do único merecedor das afeições de Bento. Não há miséria pouca e, na consciência do pecador, tal fato serviria apenas para agravar a fraqueza de carácter que desde a infância lhe fora particular.

Não suportando as próprias injúrias, Bento transferiu-as para mim, delegando-me o amor que não podia sentir, a traição que não pôde consumir e a privação que fora obrigado a suportar.

Viveu acreditando-se Othelo; mas não passara de Hamlet: louco, assassino e dissimulado. Nessa aventura levo como herança de sua miséria também o destino de Ofélia.

O resto é silêncio.



A esta altura creio que já entendera a causa que propositadamente tardei em narrar. Ora, toda a razão está explícita na trama, mas se teus olhos, cansados deste elóquio, traem-na o testemunho, abrevio:

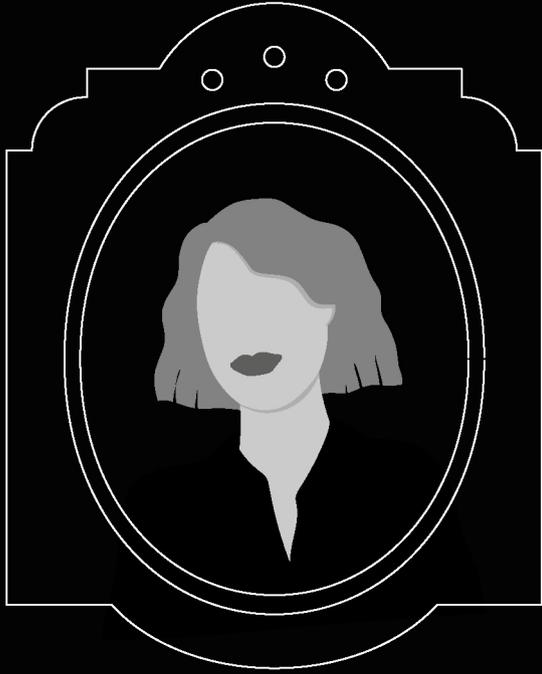
A última carta de Bentinho viera com não mais que seis palavras e um frasco.

“Há cousas que se não dizem.”

Quanto ao frasco, provei-o, leitora, com o luxo de ter às mãos um tomo de Platão. Agora entendo que foi sua falta que impedira Bentinho, àquela tarde, de dar cabo de seu plano. Plutarco não oferece o consolo da eternidade da alma. Assim que, tal qual Sócrates, vou não menos cativa, mas sem a cicuta a me abraçar. O veneno que me tinge os lábios de púrpura é cianeto.

E agora repouso, de cortinas cerradas, sob a dádiva do *deus ex machina* ao qual tanto supliquei.

FIM



Medo



Pelos olhos de cigana oblíqua e dissimulada

Rafaela dos Santos Araújo

trilha sonora

Moral of the Story

Ashe

Eu quero contar uma história que não me foi permitida narrar antes. A história de uma garota que saiu do interior com todos os sonhos do mundo. A história de um casal que se amava demais, e em segredo. A história de dois amigos que pareciam inseparáveis. E também a história do que deu errado e destruiu tudo que existia entre todos os envolvidos.

Eu era uma outra pessoa naquela época e agora consigo ver o que não conseguia, mas, embora tenha me deixado consumir pelas aparências, não me culpo totalmente pelo que aconteceu. Não sei quem vai ler meu relato e nem SE alguém vai lê-lo, mas eu gostaria que as meninas que são ingênuas como eu era não sofressem o que

eu sofri nas mãos de Bento Santiago. Meu nome é Capitolina Santiago e esta é a minha história.

Tudo começou no final do verão em 2018. Eu havia me mudado para a capital de São Paulo há apenas um mês e iria começar a faculdade na cidade. Estava eufórica com a ideia de conhecer o mundo fora da pequena cidade na qual eu cresci e queria me desprender das raízes do interior. Logo no primeiro dia, estava irreconhecível para qualquer um que me conhecesse da cidade onde eu nasci: roupas novas que ressaltavam as curvas que eu escondia em casa, cabelos pesados e escuros soltos ao redor dos ombros e, por fim, maquiagem leve, apenas para destacar os olhos claros. Se minha mãe me visse naquele dia, com certeza desmaiaria. Foi naquele dia que o vi pela primeira vez.

Estava sendo acompanhada pela minha colega de apartamento, Sancha, que se ofereceu para me mostrar o campus. Ela era uma menina bonita, com cabelos e olhos no mesmo tom castanho, a mesma estatura que eu, embora um pouco mais magra, mas sem aquele algo especial que chamava a atenção. Mesmo assim tinha um ar de maturidade e respeito que me fazia querer ser reconhecida por ela. Por isso, mesmo tudo sendo muito novo, não queria me mostrar impressionada. Isso não me dava o crédito que eu buscava.

Ele se aproximou com um amigo. Era todo luz e sombras. A imagem musculosa com cabelos e olhos escuros, pele clara e dentes alinhados brilhantes expostos num sorriso tentador. Não consegui desviar os olhos quando ele se apresentou: Bento Santiago, amigo de Sancha. Mal sabia eu que ele era a definição da expressão grega: *khalepa ta kala*.

O amigo que o acompanhava tinha um tipo diferente de beleza. Era bem mais alto, porém muito mais magro. Cabelos escuros lhe caíam nos olhos azuis que comportavam um par de óculos quadrados. Se apresentou como Ezequiel, também amigo de Sancha. Minha colega de quarto parecia ser mais próxima dele do que de Bento, a quem olhava intrigada enquanto ele tentava engatar uma conversa comigo. Demorei meses para descobrir o que, por um tempo, acreditei ser o motivo da preferência de Sancha, mas eu estava apenas em parte certa.

Naquele dia, os rapazes insistiram em nos acompanhar até o nosso destino. Eu aceitei na mesma hora. Bento era extremamente belo pelo meu ponto de vista. Ezequiel não pareceu se importar com o fato de eu estar dando mais atenção para o amigo, mas Sancha dava olhadas rápidas em nossa direção a cada minuto. Logo em meu primeiro dia na faculdade fui acompanhada por Bento Santiago até a porta do meu prédio.

Quando voltei para casa no final daquela tarde, Sancha estava sentada na frente do computador, mas fez questão de se levantar para conversar comigo sobre meu dia. Me fez diversas perguntas sobre a faculdade, mas também perguntou com quem eu me encontrei. Queria saber de Bento.

— Veio direto pra casa depois que acabou as aulas? -ela perguntou, tentando parecer despreziosa.

— Sim — respondi. Estávamos sentadas em uma namoradeira de madeira com assento estofado, que era a única opção de assento na nossa sala minúscula. — Tem alguma coisa acontecendo, Sancha?

Minha colega de apartamento me encarou por uns segundos. Ela era apenas um ano mais velha que eu, mas tinha um ar tão maduro que parecia muito mais velha. Quando falou novamente, parecia receosa da minha reação.

— Olha, Capitu... Você se lembra daqueles meninos que nos acompanharam mais cedo?

Ao invés de responder a pergunta, decidi provocá-la:

— Vai dizer que tem uma queda pelo bonitão e quer me pedir pra não dar bola pra ele?

— O quê? -Sancha começou a rir na mesma hora. Eu realmente acreditei que ela pudesse se sentir atraída por ele, já que não parava de nos encarar enquanto conversávamos — Não! Bentinho e eu juntos é uma impossibilidade! — ela então limpou a garganta e ficou séria — Olha, eu conheço Bentinho e Escobar desde a escola e...

— Espera aí — decidi interrompê-la — Quem é esse tal desse Escobar?

— Escobar é o apelido de Ezequiel — Sancha respondeu com calma — Ele não gosta muito do nome, mas isso não vem ao caso, Capitu! A questão é Bentinho... Ele é um cara até legal, mas pode ser um pouco insistente e você é tão...

— Sancha! — eu sabia o que ela queria dizer. Provavelmente iria me chamar de boba ou de ingênua. Era o que todos achavam. — Eu sou uma mulher adulta. Posso cuidar de mim mesma!

Me levantei sem nem esperar o que mais ela tinha pra dizer e me tranquei em meu quarto. Quando saí da minha cidade no interior do Rio de Janeiro foi pra me livrar do destino de ficar igual a todas que eu conhecia. Por lá as garotas casavam cedo, uma vez que o pensamento tradicional e antiquado era perpetuado. Era um escândalo que uma mulher tivesse um namorado sério e se casasse com outro rapaz. Por isso, ouvir Sancha falar sobre Bento como se ele fosse um dos rapazes que desvirtuavam meninas da minha cidade e arruinavam a chance de casamento delas me incomodou tanto.

Eu não queria ser a Capitolina que era no interior do Rio, casada com o primeiro que tivesse beijado, cuidando da casa e costurando roupas velhas. Queria ser Capitu moderna da cidade grande e, por isso, ignorei a primeira bandeira vermelha.

Sancha e eu não ficamos brigadas. Logo na manhã seguinte, nossa vida seguiu normal. Pelos meses seguintes, ela evitou tocar em assuntos muito particulares. Dividíamos as contas, fazíamos compras, íamos juntas para a universidade, etc. E eu continuei vendo Bentinho. Não eram encontros marcados, mas ele sempre aparecia em meu caminho. Uma vez na lanchonete do meu prédio da faculdade, mesmo ele tendo aulas do outro lado do campus. Outra vez, no estacionamento onde ele me ofereceu diversas caronas, mas eu sempre recusava. Até o dia da festa.

Já era Julho e o semestre estava acabando. No início, eu havia ignorado todas as calouradas pois, por mais que quisesse me enturmar, eu queria primeiro me acostumar com a rotina da universidade. Sendo

assim, já que eu achava que entendia o ritmo de estudos da faculdade, me dei a liberdade de ir a algumas festas. Bento me convidou para uma “festinha” do curso dele e eu aceitei o convite. Me sentia maravilhosa com toda a atenção dele. Não contei a Sancha pra onde e nem com quem estava saindo. Apenas fui.

A festa foi no campus, logo depois das aulas da tarde, então eu só precisei ir até o local. Era em um campo aberto que parecia mais um formigueiro devido a quantidade de pessoas. Honestamente, era como se minha cidade inteira estivesse naquela festa. Foi a primeira vez que me senti pequena na cidade grande. Mal conseguia me locomover pela multidão, mas tentei me guiar pelas bandeiras esticadas no morro ao lado do campo. Bento disse que estaria na bandeira laranja e eu só queria chegar até ela. Senti meu braço ser puxado diversas vezes e ouvi vários assobios em minha direção, mas apenas segui em frente. Por alguns minutos, a preocupação com o comprimento da minha saia e a música muito alta me impediram de perceber a mensagem de Sancha querendo saber se eu demoraria pra chegar em casa.

Quando cheguei na bandeira laranja ficou claro que encontrar Bentinho ia ser bem mais complicado do que eu imaginava. Peguei meu telefone e respondi a Sancha que era provável que eu chegasse bem mais tarde. Logo estava procurando o telefone de Bento, até me lembrar que eu não o tinha salvo. Ele tinha o meu. Fiquei ali alguns minutos esperando, enquanto rapazes se aproximavam e eu ria os recusando e dizendo que só estava esperando um amigo. E então ele chegou.

Gostaria de dizer que foi um momento bonito, mas na verdade foi uma bagunça. Um rapaz estava insistindo para que eu passasse meu número, assim ele podia “trocar uma ideia” mais tarde e eu apenas ria e falava que não era assim que funcionava. Bento chegou por trás de mim e me segurou pelo quadril. Mas não foi pra me proteger. Na hora meu coração disparou enquanto eu olhava quem eu acreditava ser meu príncipe salvador, mas ele me empurrou para o lado e avançou no outro rapaz.

— Qual é a sua, irmão? — ele disse com uma voz tão agressiva que quase não a reconheci como sendo dele. Bento sempre foi tão doce e educado. — Quer arrumar briga?

— Foi mal Bentinho! — o rapaz que tentou pegar meu número parecia ter diminuído de tamanho e estava com as mãos para cima- Eu não sabia que ela...

— Ela é minha, moleque! Vaza!

O rapaz apenas se afastou. As pessoas que estavam por perto não pareceram abaladas com os acontecimentos e eu fiquei ali, olhando para aquele Apolo enquanto tentava me convencer que ele apenas queria me proteger. Após confrontar o rapaz, Bentinho veio na minha direção e me abraçou sem dizer nada. Ele cheirava a álcool e diversos perfumes misturados.

— Oi linda! — ele falou depois de me soltar. Estava escuro, mas dava pra ver que os lábios dele estavam bastante vermelhos, de uma maneira fora do normal — Demorou a chegar...

Eu respondi algo, mas ele não me ouviu. Minha voz não era párea pro volume da música. Bentinho apenas riu e colocou o braço ao redor dos meus ombros. Eu fiquei tensa o tempo todo e ficava repetindo para mim mesma que era apenas por conta da confusão anterior, não tinha nada a ver com a mão de Bentinho ter descido dos meus ombros para minha cintura e depois para o meu quadril. Não me lembro quanto tempo passei naquela festa nem com quantas pessoas Bentinho falou, mas em algum momento tomei coragem para dizer que queria ir pra casa.

— Eu te levo — ele disse prontamente.

Tentei argumentar que ele havia bebido, mas ele me ignorou e mais uma vez me guiou entre a multidão até seu carro. Lá no fundo eu já não estava confortável, mas eu insisti que era apenas a estranheza do novo. Minha primeira festa, os primeiros toques, a primeira carona. Meu apartamento não era longe do campus, então tentei engolir a preocupação mesmo que Bentinho cheirasse a álcool.

Quando chegamos ao carro dele, eu o olhei mais uma vez. Ele

não abriu a porta pra mim como eu sonhava que alguém fizesse, mas mais uma vez engoli o sonho. Entrei no carro moderno e antes mesmo que eu colocasse o cinto de segurança ele já estava tirando o carro da vaga com uma mão no volante e outra na minha coxa, exposta pela saia. Ele dirigiu por todo o caminho sem falar nada e eu apenas tentei entender a situação.

— É bem aqui — eu disse apontando para o meu prédio. A luz do apartamento que eu dividia com Sancha no quarto andar estava apagada, mas havia uma fraca luminosidade.

Bentinho estacionou de qualquer jeito na frente do edifício. Pelo pequeno percurso entre a faculdade e meu apartamento ele havia dirigido de forma perigosa. Entrou na frente de vários carros, ultrapassou o limite de velocidade e ignorou completamente todo e qualquer semáforo. Eu queria tomar um banho e pensar no que havia acontecido. O Bentinho daquela noite não era o que eu conhecia. Me virei então para me despedir dele.

Eu nunca consegui agradecer. Ele me agarrou de maneira brusca com a mão prendendo meus cabelos e me forçando em sua direção. A outra mão, que ainda estava em minha coxa, só me segurou mais forte enquanto ele forçava o beijo. Fiquei completamente paralisada. Nunca havia beijado ninguém de verdade. A boca dele se movia contra a minha, mas eu não consegui fazer nada. E aí ele parou.

— Qual é Capitu? — ele disse sem me soltar — Vai se fazer de difícil?

Meu coração estava disparado. Algo parecia muito errado. Eu não o respondi, apenas alcancei a maçaneta e praticamente corri até a portaria do meu prédio. Enquanto eu subia de elevador tudo que eu conseguia ouvir era o som do meu sangue correndo pelos vasos sanguíneos. Demorei um pouco pra encontrar minhas chaves na mochila, embora elas estivessem no mesmo lugar de sempre e quando abri a porta fui surpreendida mais uma vez.

— Escobar? — perguntei ainda parada no portal com as mãos segurando as chaves e a maçaneta.

Escobar e Sancha estavam abraçados na namoradeira, dormindo. A tela de descanso da Netflix piscava na tela enquanto os dois se assustavam e tentavam se levantar. Automaticamente pensei que era por isso que Sancha parecia mais próxima de Escobar no dia que eu os conheci. Os dois me olharam como se tivessem sido pegos no meio de um crime e eu só conseguia olhar pra eles com uma enorme surpresa.

— Eu... — Escobar começou a falar algo, mas parou quando o telefone dele tocou. Ele olhou de mim, para o telefone, para Sancha e de volta pra mim.

— Pode atender enquanto ELA me explica tudo -eu disse sorrindo e apontando para minha colega de apartamento.

Escobar foi atender o telefone na cozinha enquanto eu saltitava até Sancha, que estava corada. Engoli todo o nervosismo e a ansiedade de antes. “É a falta de familiaridade...” eu dizia a mim mesma. Era a primeira vez que eu tinha uma amiga com um namorado.

— Por que escondeu isso? — perguntei me sentando ao lado de minha colega de quarto.

— É meio complicado... — ela respondeu dando uma risada sem graça- Meus pais são bem difíceis, acham que eu só faço escolhas erradas e... bem — ela ficou ainda mais vermelha — Eles são bem preconceituosos. Acham que Escobar é um péssimo partido porque os pais dele não tem um grande patrimônio.

— Mas Sancha... Eles não precisam saber de tudo que acontece na faculdade! Podia ter me contado!

Ela olhou pra mim como um adulto olha pra uma criança animada pela chegada de Papai Noel: como se soubesse de algo que destruiria minha felicidade, mas mesmo assim achasse meu entusiasmo algo incrível. Ela ia voltar a falar quando Escobar saiu da cozinha afobado. Ele nem se dirigiu a nós, apenas foi em direção a porta, o que fez Sancha se levantar.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou preocupada.

Escobar parecia apreensivo e irritado. Mesmo assim parou e se virou para Sancha.

— Bentinho foi parado em uma blitz — respondeu com a voz forçadamente neutra — Você sabe o que acontece depois...

Sancha apenas suspirou. Eu observei a interação dos dois com o coração apertado. Senti uma grande inveja quando Ezequiel delicadamente pegou a mão de Sancha apenas pra chegar mais perto e lhe dar um beijo rápido nos lábios e na testa. Ele acenou um adeus antes de sair pela porta. Naquela noite fiquei acordada com Sancha até tarde fazendo diversas perguntas sobre o relacionamento dos dois enquanto tentava ignorar os acontecimentos da minha noite.

No dia seguinte, acordei cedo por nenhum motivo. Era sábado, então fui assistir TV e acabei dormindo sentada. Quando acordei novamente já era meio-dia e meu celular vibrava com força em minha mão. Olhei para a tela pra ver quem estava ligando. “Desconhecido”. Eu sabia exatamente quem era.

— Oi Capitu — aquela voz era falsa, mas eu ainda não sabia. Bentinho sabia fingir remorso — Dormiu bem?

— Oi Bento — respondi educadamente.

Sancha, que eu não sabia que estava acordada apareceu da cozinha na mesma hora. Fiquei calada. Não sabia o que responder. Não tinha dormido nem um pouco bem, mas não queria que ele soubesse e nem que achasse que era culpa dele. Ainda acreditava que tinha exagerado em minhas reações. Então ele mesmo voltou a falar.

— Olha, acho que fui meio rude ontem à noite! Passei da conta com o álcool e, bem, — ouvi uma risadinha do outro lado da linha— você estava tão linda, Capitu!

Ri com ele. Era um elogio, certo? O perdão foi automático. Claro que tinha sido o álcool e eu realmente estava vestida pra chamar a atenção. Conversamos por mais um tempo e, antes de desligar, deixei claro:

— Bento, por enquanto devíamos manter só a amizade, ok?

Ele apenas riu e disse tchau. Nenhuma resposta. Sancha estava com os braços cruzados e com o corpo apoiado na parede. Parecia a minha mãe quando queria me dar uma bronca. Ela ameaçou falar alguma coisa, mas eu levantei as mãos e falei antes dela:

— Bento Santiago não é bom partido. Eu sei. Você mesma já me disse.

E assim eu ignorei outra bandeira vermelha.

Eu gostaria de dizer que a vida seguiu normalmente depois daquela noite, mas não foi bem assim. Bento Santiago começou a aparecer com mais frequência. Quando voltei das férias que passei com meus pais, ele estava em todo lugar. Me encontrava no estacionamento da faculdade, na porta do prédio da faculdade, em supermercados e até mesmo na rua da minha casa. Ele sempre ria e falava que achava que era uma incrível coincidência. E eu acreditava.

Ao mesmo tempo, Escobar e Sancha pareciam mais tranquilos para se encontrar uma vez que eu já sabia do relacionamento secreto. Ela contou que não o tornava público porque tudo que a faculdade sabia, Bentinho sabia e tudo que ele sabia, chegava nos pais dela já que o colega os conhecia. Achei que, talvez por isso, ela gostasse ainda menos dele.

Minha colega de quarto continuava me alertando sobre Bentinho. Eu ainda conversava bastante com ele e vivia comentando os encontros “espontâneos” que tínhamos. Escobar comentou uma ou duas vezes para que eu tomasse cuidado se isso continuasse acontecendo. E eu sentia raiva. Tinha inveja do que os dois tinham e acreditava que eles estavam me impedindo de ter o mesmo. Por isso, continuava aceitando o comportamento de Bentinho, mas deixando claro meu desejo de manter apenas uma amizade. Até o dia da tragédia.

Escobar tinha dormido no nosso apartamento e estava de saída pela manhã. Eu precisava ir ao banco e pedi uma carona. Depois de nos despedirmos de Sancha, descemos de elevador, como num dia normal, e andamos juntos na direção do carro dele. A porta do motorista estava aberta e eu estava com a mão na maçaneta da porta do passageiro, quando ele surgiu. Eu não tenho a menor ideia de onde ele veio, mas não demorou dois segundos para que ele arrancasse Escobar pela blusa.

— Você é um aproveitador! — Bentinho gritava enquanto o amigo o olhava incrédulo.

— Bento! Solta ele! — eu gritei sem conseguir me mover.

Os dois estavam no meio da rua.

— É tudo por conta daquela vadia da Sancha, não é? — isso pareceu acordar Escobar, que olhou com raiva para o amigo — Só porque ela disse que gostava de mim primeiro... Sempre fica com os restos, não é Escobar? Por isso se aproximou da gente! E agora quer pegar o que é meu porque aquela porca me quis antes!

Era previsível o que ia acontecer, mas mesmo assim me assustei quando Escobar socou o rosto de Bentinho. Daí eles se engalfinharam no chão, rolando por cima um do outro, até que Bentinho ficou por cima do amigo e começou a desferir socos sem parar. Eu corri na direção deles, mas uma mulher que estava passando me segurou e disse algo sobre eu me machucar se me envolvesse. Algumas pessoas apareceram e tentaram separar os dois, mas nada parou Bentinho. Até que a polícia chegou.

Não sei quem acionou as autoridades, mas a cena era horrenda. Escobar estava ensanguentado e desacordado. Sancha desceu quando eu liguei desesperada pelo que havia acontecido. Bentinho e eu fomos levados para a delegacia. Ele distorceu tudo, como se tivesse sido atacado primeiro. Usou minha versão, pois sabia o que eu tinha visto, para fortalecer a sua. Ao final, ficou parecendo que ele era meu namorado, que Escobar era meu amante e a briga tinha surgido daí. Quando chegou a ligação do hospital, meu coração congelou. Escobar estava com hemorragia interna e sofreu com traumatismo craniano.

Bentinho saiu andando da delegacia pela porta da frente no mesmo dia após pagar fiança. Depois disso, quando a história chegou na faculdade, ele a distorceu mais uma vez. Contava a todos sobre como eu havia seduzido ele e Escobar a fim de terminar a amizade. Dizia que os olhos que choraram no dia que a notícia da cegueira de Escobar foi anunciada eram olhos de uma pessoa oblíqua e dissimulada. E assim fiquei conhecida, a cigana oblíqua e dissimulada que cegou Escobar e destruiu a amizade de infância entre Bentinho e Ezequiel.

Me manter na faculdade foi difícil. Por mais que tentasse, Sancha

ainda estava magoada comigo pelo que aconteceu com Escobar. Os pais dela ficaram sabendo sobre o relacionamento, o que só piorou a relação da família. Mesmo assim, continuamos a dividir o apartamento. Por outro lado, Escobar estava tentando se adaptar à nova vida e, enquanto isso, eu recebia olhares por todos os corredores da universidade. Porém, eu aguentei firme e, em um ano, completei a graduação.

Se você, que está lendo isso, sabe quem é Bento Santiago, tome cuidado. Ele carrega mesmo a imagem de Apolo, deus do Sol, e ele sabe bem como fazer você acreditar que está caidinha por ele. Mas como eu disse, ele é a definição de *khalepa ta kala*: A beleza é áspera.



O dissimulado

Alexandra Mirian Lopes Emerich Barbosa

trilha sonora

Runaway

Aurora

Meu nome é Capitu, nasci antes da virada do milênio e o dia exato não faz diferença nessa história. Há muitos anos, minha família saiu do interior de Minas e veio morar na capital, eu era muito criança e não me lembro desse momento, mas tudo bem. O que me recordo é de conhecer uma pessoa, que mudou minha vida, Bento. O namoro começou no ensino médio, com algumas pequenas crises de ciúme que todos achavam ser por zelo.

Dois anos depois da formatura, entrei na faculdade, foi uma festa. Comecei a estudar Letras, mesmo com poucos homens nas

turmas, Bentinho ainda se sentia ameaçado. Ele já tinha um bom emprego e achou melhor morarmos juntos, eu aceitei, quem sabe assim tudo ficasse bem. As semanas foram passando e realmente tudo tinha melhorado, não haviam mais brigas e nem crises de desconfiança. Um dia na faculdade minha amiga tentava me convencer a ir para uma festa da turma:

— Sancha, não posso ir em uma festa agora, faz pouco tempo que as coisas melhoraram, preciso de mais tempo.

— Ele não precisa saber, diga que vai estudar até mais tarde ou que precisa fazer um trabalho comigo. — disse sorrindo e juntando as mãos, implorando.

— Ok, você me venceu. Vamos tirar uma foto, vai ser mais convincente. — assim que tiramos, enviei avisando que precisava fazer um trabalho difícil. “As duas ou mais alguém?”, ele respondeu. “Apenas nós duas, é um trabalho em dupla, não grupos”. “Me avise se precisar que eu te busque”, respondi ok e fomos para a festa. As horas foram passando e nem notamos. Um conhecido, famoso Escobar, se aproximou de mim perguntando por Sancha, dizendo que queria impressionar minha amiga. Nesse exato momento escutei a voz de Bentinho:

— Esse é seu trabalho?

— Já terminamos, com muito custo convenci ela a ficar dez minutos, só não queria ficar sozinha. — disse Sancha assim que chegou perto dele.

— Ela me disse que seria um trabalho, depois disso devia ir pra casa. — disse aumentando o tom de voz. — Flertar com esse Zé ninguém é parte do acordo entre vocês duas?

— Não era um flerte, ele só queria me perguntar uma coisa, meu amor.

— Não quero ouvir suas mentiras, Capitu. Vamos embora agora. — ele agarrou meu braço e foi me puxando até o carro. Todos ficaram chocados, mas ninguém interveio.

— Tá me machucando, Bento Santiago. — disse quase gritando.

— Agora você se preocupa com isso? E quando feriu meus senti-

mentos? Como se sentiu? Feliz, certo? — Achei melhor não responder, não queria piorar o que já estava ruim. Assim que chegamos em casa ele fechou a porta e disse que estava tudo bem, quando me virei sorrindo recebi o primeiro golpe no rosto.

— O que é isso, Bento? — levei a mão ao rosto, chorando. Ele nem sequer respondeu e continuou golpeando até que eu estivesse no chão, sem conseguir levantar.

— Você tem o final de semana todo, pode pensar no que fez enquanto o rosto desincha.

— E o resto do corpo que foi seu foco?

— Espero que ninguém veja, senão teremos um problema. — disse rindo entrando no quarto. No dia seguinte, um buquê em cima da mesa e um bilhete de desculpas. Nos dias que se passaram as coisas foram boas, ele estava carinhoso e demonstrava verdadeiro arrependimento. Um ano se passou, brigas e agressões continuaram acontecendo sem nenhum motivo aparente e eu me sentindo cada vez pior, com uma culpa que nem eu mesma entendia.

— Capitolina, planejei uma viagem maravilhosa. Você tem duas semanas para se preparar. — disse mexendo em meu cabelo com um sorriso no rosto.

— Depois do que fez ontem, essa é sua solução?

— Estou tentando me desculpar. — se abaixou ficando frente a frente com meu rosto.

— Da próxima vez, pense antes de deixar hematomas em mim. — fui para o quarto e me joguei na cama.

No dia seguinte tive aula, não poderia faltar mais uma vez para esconder as marcas. Tampei o que pude com maquiagem e evitei levantar muito o rosto. Passei o dia fugindo de Sancha que logo desconfiaria do meu comportamento. Depois da última aula, fiquei na sala um pouco mais esperando todos saírem. Assim que coloquei os pés do lado de fora, Sancha:

— Amiga, o que aconteceu? Passei o dia te procurando, nem na cafeteria eu te encontrei. Vamos almoçar juntas...

— Não posso, estou com muita pressa, preciso chegar logo em casa. — disse me desviando, tentando deixá-la para trás.

— Pode parar agora, já faz tempo que estou te observando, você tá estranha ultimamente. — correu até ficar de frente, segurando meus ombros. — Que droga é essa, Capitu? — arregalou os olhos.

— Não sei sobre o que está falando... — tentei puxar o cabelo e esconder a marca.

— Você sabe exatamente o que estou dizendo, que marca é essa? — me sacudiu.

— Não posso te contar o que houve, me entenda... — olhei para o chão.

— Eu sei quem fez isso, não precisa protegê-lo. Apenas me diga como isso aconteceu e durante quanto tempo. — nesse momento não consegui conter as lágrimas, sentei no chão e contei tudo. Me culpei muito, mas não entendia o motivo de fazer tal coisa.

— Ele se desculpou planejando uma viagem? Esse é o momento certo para se livrar dele. Você tem duas semanas para juntar o essencial e fugir dele. Eu te ajudo. — assim que chegamos, começamos a juntar as roupas na maior mala que encontramos.

— Escutou o barulho? — Sancha olhou assustada em direção a porta.

— É ele... — assim que ele entrou, foi me procurar.

— O que faz aqui Sancha? — disse.

— Capitu me contou da viagem romântica de vocês dois, resolvi ajudar com a mala. Tenho mais experiência com essas coisas. — tentou um sorriso, mas o nervosismo é mais evidente em seu rosto.

— O que mais ela disse?

— Tem algo mais que devo saber? — disse sarcasticamente.

— Acredito que não. — assim que se retirou do quarto, respiramos aliviadas.

O tempo foi passando, até que dois dias antes da viagem eu tinha tudo preparado. Durante a noite eu partiria. Não sobraria nenhum rastro meu, nenhum cheiro, nenhuma lembrança, apenas o meu partir...

Sancha me deu um remédio que o fará dormir, assim posso sair em segurança. Algum tempo depois que ele dormiu, saio sem fazer nenhum barulho. Quando saio pelo portão vejo Sancha me esperando em seu carro.

— Tudo pronto para sua nova vida?

— Acho... Acho que sim, deixei um bilhete que explica a situação. Será o suficiente para ele me deixar em paz e seguir sua vida.

— Espero que esteja certa...

Duas semanas se passaram, eu estava de férias e não precisava sair. Comecei a pensar muito sobre o que aconteceu, ele realmente aceitou? Eu estou segura? Alguns dias e talvez eu tenha mais certeza. Os dias se foram, o medo aumentou. Recebo uma mensagem anônima “como está a nova vida?”. É ele, tenho certeza.

— Sancha? Olha isso. — mostrei a ela.

— O que tem? Deve ser Escobar querendo notícias.

— Anonimamente? Qual o sentido?

— Não sei, amiga. Talvez tenha sido um engano dele. Você está presa aqui há muito tempo, está ficando paranoica. Se arrume, vamos ao mercado.

— É noite, não é seguro.

— Não está tarde, vamos logo.

Assim que saímos a desconfiança tomou conta de mim. Olhava para todos os lados e pensava ver ele em todos os rostos que passavam por mim. Até finalmente ver um homem agindo estranhamente do outro lado da rua.

— Ande mais depressa, tem alguém nos seguindo.

— Deixa disso, Capitu. As pessoas são estranhas, nada demais.

— Talvez seja melhor ir na delegacia. Ele não superaria. Vi histórias semelhantes e nunca terminam bem.

— Se for o que deseja, iremos. Primeiro vamos ao mercado e tira essa ideia doida de perseguição da cabeça. — seguimos nosso caminho. O mercado estava vazio, apenas um homem no caixa. — Você pega itens de limpeza, eu as comidas.

— Vamos juntas, não precisamos ser tão rápidas. — dei um sorriso amarelo.

— Qual é o combinado? Sem pânico. — ela seguiu para o lado oposto ao meu.

Guiando o carrinho de compras fui pegando o que estava na lista. Assim que passei dos detergentes, um deles cai no chão. Meu corpo gela, olho devagar para trás. Somente eu estou ali. Vou devagar até onde o sabão está caído, o pego do chão. Quando olho para o espaço vago da prateleira, vejo uma sombra passando rapidamente. Caio no chão com o susto.

— Tudo bem senhora? — diz o caixa saindo de uma porta.

— Sim, eu só... — olhei em volta- me desequilibrei ao pegar o detergente. — balancei o pote com um sorriso sem dentes.

— Quer ajuda para levantar?

— Não, não. Estou bem. — levantei depressa e fui até o carrinho novamente. Assim que virei no corredor seguinte escutei passos, como se alguém se aproximasse de mim.

— Sancha? — perguntei sem coragem de olhar o que vinha... Nenhuma resposta. Senti meu cabelo balançar, como um movimento próximo que gera uma pequena brisa. — Chega de brincadeiras. — me virei rapidamente, bastante ofegante. Nada... Começo a questionar minha sanidade, até que ponto é real? Será somente minha imaginação?

Depois das compras voltamos para casa. Tomei um longo banho, pensativa. “Pare de se preocupar, não há o que temer.” repetia tentando me convencer. Ontem recebi a visita de D. Glória, minha ex sogra. Ela estava chateada com a separação e preocupada com a situação do filho, que não dava muitas notícias.

— Você não pode ao menos ligar? Ver se está tudo bem... — insistia.

— Não somos mais um casal, Glória. Aqui está a chave da casa. — disse abrindo a gaveta e lhe entregando um chaveiro. — A senhora pode checar se está tudo bem com ele, não me sinto a vontade fazendo isso, desculpe.

Ela expressou gratidão por lhe dar a oportunidade de checar pessoalmente a situação. Passei a noite toda pensando na visita, nos olhos tristes e decepcionados da mulher. Ela é mãe, afinal. Acordei com dor de cabeça e percebi que dormi do pior jeito possível. Sinto dores por todo o corpo, uma sensação estranha.

Assim que consigo erguer meu corpo percebo um bilhete fixado em meu computador, “bom te ver no mercado”. O medo... Sinto uma falta de ar. Saio correndo do quarto e procuro por Sancha. Demora alguns minutos até que ela entre em casa.

— Como você diz que ele não está me perseguindo? — disse mostrando o bilhete tão perto de seu rosto que é impossível lê-lo.

— Se acalme. — ela o pega e lê. — Ok, está na hora de envolver a polícia. — seus olhos estavam arregalados.

— Seu primeiro encontro com Escobar é hoje, não posso tomar ainda mais seu tempo.

— Posso fazer os dois ainda hoje, vamos.

Contamos toda a história para a delegada; uma mulher alta, loira, com grandes óculos redondos no topo de sua cabeça. “Como você se caracteriza? Preciso colocar informações sobre seu tipo físico na ficha. Regras antiquadas.” ela perguntou fazendo um gesto, indicando não concordar com a obrigação.

— Parda, cabelo cacheado, olhos castanhos e 1,60 de altura. — assim que ela terminou a ficha, explicou que precisaria averiguar o álibi do agressor. — Como assim ele não será preso imediatamente?

— Não é um flagrante, você não tem marcas pelo corpo. Eu não estou julgando se a história é verdadeira ou não, estou do seu lado, não se preocupe. Algumas mulheres estão muito traumatizadas e acabam acreditando que o agressor está sempre por perto, as vezes estão, outras não.

Não me senti bem quando entrei em casa, quis logo deitar e descansar, de alguma forma esquecer o que ocorreu. Acordo comum barulho vindo da cozinha, me levanto assustada. Na geladeira há um bilhete avisando que estou sozinha. Já tinha esquecido do encontro...

Outro barulho vindo da sala. O Susto me fez derrubar a vasilha de vidro cheia de macarrão que estava na bancada.

Depois de juntar os cacos misturados com a comida, tomo um banho. Um filme... preciso de um filme. Nos primeiros 30 minutos já estou dormindo. Estou sentindo uma corrente de ar, mas não deixei nenhuma janela aberta. Estou com muito sono, não posso abrir o olho agora, mais 5 minutinhos... Que diabos é isso? Abri os olhos assustada, ouvi uma respiração por perto. Olho as horas. Ainda estou sozinha.

— Eu não tenho medo de você. — levantei pegando o celular. — Chega dessa brincadeira. — nenhum barulho, estou imaginando coisas ou estou certa? A porta se abre e vejo o rosto de Escobar, as pernas perdem a força e me sento no chão com as mãos no rosto.

— O que houve, Capitolina?

— Do que me chamou, Sancha?

— Não sei... Apenas estou preocupada com você. O que aconteceu aqui?

— Cochilei no sofá e acordei ouvindo alguém em casa.

— Está passando um filme de terror, talvez você tenha escutado e acabou se assustando. — disse Escobar se abaixando e me consolando.

— Talvez tenha razão, vou me deitar. Tive um dia bem cheio e não quero atrapalhar os dois em uma noite romântica. — a última palavra soou sarcástica mesmo sem minha intenção.

— Se precisar de algo, estamos aqui. — disseram os dois ao mesmo tempo.

Mais uma noite em claro, certo? Certo. Estou ouvindo os barulhos no quarto ao lado e isso não é nada agradável. Não vou passar o resto dos meus dias nessa situação, não vou deixar que me enlouqueçam. Por qual motivo eu falei no plural? Sim, as coisas começam a fazer sentido agora... Quando o sol invade o quarto percebo que não dormi durante todo o tempo. Escutei alguém saindo. Saí do quarto e encontrei ela apenas com uma blusa e uma calcinha.

— Assim que você se despede dele agora?

— Não seja careta. — sinto um calafrio ao ouvir a voz dela.

— Tive uma ideia, que tal viajarmos para a praia? Sua tia tem aquela casa... Onde mesmo? Ah é, Búzios. — fiz um gesto como uma ideia em desenho animado. — Diz que siiiiiim?

— Ok. — ela riu — Você me daria outra opção?

— Não...

Assim que chegamos na casa de praia, peço para que Sancha tome um banho, logo em seguida irei. Escuto o chuveiro. Preciso conferir o celular dela. Em uma pressa que jamais tive, vasculho todas as conversas, nada suspeito. Até que no fim vejo que uma delas está arquivada. Abro e leio. É Bentinho... Várias conversas, ela está ajudando a me enlouquecer. A última mensagem é avisando onde estamos.

Ela sai do banho, penso em esconder que sei de tudo, mas com um pico de adrenalina mudo de ideia. Indo até o quarto vou pensando se estou mesmo certa. Assim que entro ela fala primeiro.

— Achei que já estava no banho, o banheiro está liberado. — diz com um sorriso no rosto. Jogo o celular na cama, com a conversa aberta.

— O que é isso? Está me espionando. — o pega rindo, mas logo percebe que foi descoberta. A expressão assustada — Não é o que está pensando.

— O que tenho para pensar? Eu vi tudo.

— Ele mudou, me pediu uma chance de reconquistar vo... — antes que ela termine, dou um tapa em seu rosto.

— Não mente, você é minha melhor amiga, melhor do que ninguém sabe que mereço isso. — assim que termino a frase, percebo que ela está com um sorriso no rosto.

— Tarde demais, Capitolina. — sinto golpe na nuca.

Acordo com uma dor terrível na cabeça. Estou enxergando dobrado. Isso é a sala... Tem alguém de costas para mim na mesa. Escuto passos vindo de outro cômodo, fecho os olhos rapidamente.

— Eu precisei dar o golpe, ela descobriu tudo. Isso não devia ter acontecido. — Bento.

— Apenas vá comprar o que falei.

Assim que ele sai, abro novamente os olhos. Estou menos tonta agora. Tem de ter alguma coisa que sirva como arma, como uma defesa. Vejo um abajur em uma mesa. Retiro a parte de cima com cuidado, sem fazer barulho. Assim que levanto a mão para golpeá-la...

— Meu namorado deveria ter engravidado você — riu- assim vocês nunca se separariam.

— Namorado? — por alguns segundos não sinto meu corpo.

— Estamos juntos há alguns meses. Foi divertido mexer com sua cabeça. — levantou com uma arma na mão e um sorriso no rosto. — Até tive que sair com o Escobar, o mais sem sal dos homens. — apontou a arma em minha direção.

— Você não faria isso... — ela dispara. Me joga no chão. Não consigo sentir dor, quanta adrenalina. Assim que ela se abaixa para conferir se acertou onde queria, dou um golpe em seu rosto e o sangue cai em meu rosto. Ela está gritando no chão quando eu levanto e pego a arma. — Não sou como vocês, não vou matar ninguém. Só que isso não vai ficar assim. — dou mais um golpe e ela desmaia.

Saio correndo, o mais depressa que consigo. A dor vai surgindo, os músculos vão enfraquecendo, mas eu não posso parar... Eles têm que pagar. Assim que vejo uma delegacia sinto um gás a mais, um sentimento de vitória.

Estou salva...



O padre e o profano

Ana Clara Soares Freitas

trilha sonora

Animals

Maroon 5

As criadas perambulavam pela casa cheias de pressa. À procura do espartilho para lá, dos sapatos de cetim para cá e um motim em volta de sua senhora para prepará-lhe o melhor penteado. A confusão, eu mesma causara. Logo cedo despertei em pura ansiedade, pois não me continha ao pensar na importância daquele dia! Meu querido amigo de infância haveria de celebrar sua Missa Nova!

Dez anos atrás, prometi a Bentinho que estaria presente. Minto. Prometi comparecer exuberante nesse dia! As memórias que tinha de meu caro amigo eram das mais preciosas. Era justo que

sentisse tamanha alegria e entusiasmo!

— Capitolina, Capitolina! Se continuar assim, logo terá um ataque do coração! — zombou Ezequiel, que entrou no quarto cheio de ânimo.

— Contanto que aconteça após a Missa de Bentinho! — disse, divertindo meu marido.

Eu sequer conhecia mais a aparência de meu amigo, digo, do Padre Santiago! Seria novo acostumar-me chamá-lo assim! A hora da missa era próxima e Ezequiel e eu tínhamos chegado à Igreja com antecedência, pois queria assegurar que nos assentariamos perto ao altar. No caminho, ponderei se Bentinho tinha expectativas de ver-me. Guardara memória de mim ou se esquecera por causa dos muitos serviços e responsabilidades que adquiriu para ordenar-se padre? Certamente, havia sido ótimo aluno no seminário, pois fora encarregado Padre na Igreja Nossa Senhora da Candelária! Não sabia como eram determinadas essas coisas, mas a Candelária era uma igreja grande! Muito me alegrava pensar que Bentinho conquistara tal honra.

Ao início da Missa Nova pude ver como meu amigo havia mudado! O rosto de menino, do qual me recordava, agora era o rosto de um homem! E não só sua aparência, o jeito de Bentinho também era diferente. Parecia responsável e não tinha mais aquele olhar de quem não sabia muita coisa. Como o seminário o transformara! Bentinho agora era Padre Santiago! E eu, Capitolina, amiga de Padre! Esses pensamentos me prenderam pelo resto da celebração.

Assim que a Missa terminou, a mãe de Bentinho se aproximou com grande entusiasmo. Depois que seu filho foi enviado ao seminário, perdemos a proximidade entre as famílias. Bentinho vinha sempre visitar no início, mas à medida que ficara mais velho, convenceu-se de que não eram necessárias tantas viagens para rever sua família.

— Capitu! — exclamou Dona Glória — Ó! Como está belíssima! — disse e eu acatei o elogio com um enorme sorriso.

— Dona Glória, como tem estado a família?

— Vai bem a família, ora, muito bem! É um dia felicíssimo para

todos nós. — disse orgulhosa — E quanto ao Padre Santiago? Já o cumprimentara? Afinal, é a amiga de mais longa data do Padre!

— Mas é claro, Dona Glória! Ezequiel e eu estávamos nos preparando para ir quando a Senhora chegou! — disse e ela pareceu satisfeita.

Nos desfazendo da mãe orgulhosa de Bentinho, logo fomos até ele. Estava rodeado de fiéis muito admirados pelo novo padre. Se Bentinho ainda fosse parte do que era entes, estaria constrangido pelos elogios. Após alguns minutos de espera, o padre foi deixado só.

— Padre Santiago! — disse animadíssima.

Bentinho logo direcionou seu olhar para mim e, em seguida, meu marido, mas não demonstrou mudança no semblante. “Coisa de padre” concluí e logo me pus a sua frente.

— Meu caro amigo, como vai você!? — minha pergunta pareceu incomodá-lo. Talvez não deveria tê-lo chamado de forma tão pessoal perto dos fiéis. Tinha que manter postura de padre!

— Capitolina. Que benção dos Céus poder revê-la. Parece bem, sim, muito bem. — sua voz mantinha-se no mesmo tom frio — Como pode ver, hoje é um dia muito feliz para mim. Estou bem, graças a Deus.

— Ó, sim! Um dia importantíssimo! Veja, quero apresentar-lhe Ezequiel de Souza Escobar, meu marido!

Bentinho virou-se e encarou Escobar por alguns segundos, sem dizer nada. Parecia estar analisando-o. Mas Ezequiel era bem humorado demais, despercebido demais.

— Padre Santiago! Tudo bem, não mordo! — brincou e estendeu a mão para cumprimentá-lo. Bentinho sorriu sem parecer entredido e alcançou a mão que lhe fora estendida.

— Muito prazer, Senhor. Que felicidade ver que uma cara amiga está com a vida encaminhada.

— Sim, estamos muito bem, graças a Deus! Cinco meses atrás recebemos nosso primeiro filho! — disse Ezequiel.

— Filho? — perguntou. Parecia que Ezequiel acabara de confes-

sar o pior dos pecados ao padre. Apostasia das mais horrendas! Segundos depois, Bentinho fixou seu olhar em mim e disse:

— Está muito bem, Capitolina. Muito bem. Que Nossa Senhora te conserve assim. — o tom de sua voz ficara obscuro, de maneira que me senti muito assustada. Meu desconforto foi tamanho que não consegui dar-lhe resposta. Então, o padre se desculpou dizendo que tinha muitos afazeres e se retirou.

O tom frio na voz de Bento muito me incomodou. Já havia conversado com padres antes e frieza não era nenhum caráter exigido de Deus para tal ofício. Era verdade que nós não nos falávamos, nem nos víamos há muitos anos, porém não parecia correto pensar que um menino tão caloroso como era meu amigo de infância se transformara em alguém que não esboçava emoção. Além disso, quando o observei com os outros féis, me pareceu completamente diferente. Poderia ser que não estava feliz em me ver?



Depois do encontro com Bentinho na Igreja pela manhã voltamos para casa e eu segui minha rotina de costume. Mesmo assim, preciso dizer que, pelo resto do dia, repassei em minha memória várias e várias vezes a conversa que tivemos. É algo sobre o olhar que Bentinho tinha em mim... algo que eu nunca tinha visto nos olhos dele antes. Enquanto eu refletia sobre essas coisas, a expressão no meu rosto deve ter se transformado da água para o vinho porque, de repente, Ezequiel me encarava encucado.

— Por que essa expressão aflita no rosto, Capitu?

— Hum...

— “Hum” o quê?

— Não sei se conto... Vai me ter por maluca.

— Não pense assim. Já te tenho por maluca desde quando nos casamos.

Não me contive e cai no riso. Ezequiel sempre fora excelente em

fazer os outros rirem. Era uma das coisas que me fizeram apaixonada e, ainda hoje, muito amo meu marido. Então, acho que deveria confiar nele.

— Hoje na Missa Nova...

— Que tem a Missa Nova?

— Achei Bentinho muito estranho. Me olhava estranho, era frio. Nem parecia feliz de me ver. Não. Parecia que me ressentia. — disse soando meio emburrada.

— Ora... O homem agora é padre. É natural que tenha mudado. Coisa que sua vocação pede.

— Mas não foi assim com os outros! Não reparou enquanto esperávamos? Com os outros era sorridente e carismático. Parecia, de fato, o Bentinho. Agora, comigo, sua amiga de verdade...

— Bom, talvez não te tenha mais por amiga. Foram muitos anos sem se ver. Apesar... — interrompeu a si mesmo — Encontrei com ele hoje na mercearia. Quis saber quando nos casamos e sobre Angelina.

— Angelina? — exclamei.

— Sim... comentou que vocês tinham uma promessa. Você prometera que ele batizaria seu primeiro filho. Disse que gostaria muito de batizar Angelina.

Aquilo me perturbou mais ainda. Por que perguntou a meu marido, ao invés de mim? E se estava interessado na vida de sua amiga de infância, por que foi tão frio com ela? Eu não sei explicar porquê, mas me sentia aflita. Desejei muito que aquilo tudo fosse a perda de costume entre nós. Não havendo mais o que dizer, fomos dormir.



Passaram-se alguns poucos meses desde que Bentinho tornou à cidade para ser padre. Sua reputação cresceu rapidamente, pois todos os que assistiam à sua Missa ou se confessavam com ele acabavam admirados com sua tão grande piedade.

Os encontros entre Bentinho e Ezequiel continuaram. Diversas

noites, ao pé da cama, ouvi meu marido prestar elogios ao padre. Era simpaticíssimo, muito nobre do coração. E muito interessado na vida de nossa família. Ezequiel, claro, não notara esse detalhe. Sempre respondia largamente a todas as perguntas sobre nós. O apreço e respeito que todos na cidade sentiam por Bentinho me castigava de culpas. Dizia a mim mesma que minha ansiedade possuía fundamento, mas, ao mesmo tempo, não cria em minhas próprias palavras. Todos os dias, açoitava-me de pedras ao fim de cada debate em minha mente.

Tudo piorou quando Ezequiel começou a confessar com o Padre Santiago. Nunca me contou o que é que dizia para ele e, se tratando da sua fé pessoal, não tinha direito de insistir que o fizesse. Mas Ezequiel começou a mudar. Não que seu amor parecesse outro, mas um tanto de repente tornou-se severo, como se fosse responsabilidade sua cobrar-me certa postura. Reprendia-me quando ficava dispersa em casa, argumentava que como Senhora daquela casa, tinha que cumprir meus deveres de Senhora. Ao fim das Missas, forçava-me a conversar com Padre Santiago, insistindo que deveria dedicar-me à fé, pois era mãe agora e deveria educar nossa filha com os princípios certos. *Parecia conhecer os pensamentos de minha mente e crucificá-los todos; parecia odiar minhas suspeitas; parecia querer forçar-me a aproximar de Bentinho. Mas, de tudo, não parecia usar suas próprias ideias.*

Num Domingo, fui forçada a ter uma conversa privada com o Padre que insistiu muitíssimo que, estando com ele à sós, não lhe tratasse como Padre Santiago, mas como Bentinho. Ofereceu-me café enquanto relembrava episódios da nossa infância. Coisa que, em si, não teria mal algum se não tivesse mencionado a vez que nos beijamos. Me desfiz do assunto com pressa desesperada, mencionando o batismo de Angelina, pois sempre tratava de trazer-me à memória que prometi tal honra a ele.

Encerrei a conversa o mais cedo que pude e, naquele dia, não fui para casa. Nunca senti tamanho medo e a incerteza de meus julgamentos doía mais que chibatadas. Já não cabia mais em mim questionamento algum e senti, amargamente, a necessidade de encontrar qualquer um que me compreendesse.

Dirigi-me à casa de minha amiga mais íntima, Sancha, — nos conhecíamos desde o tempo dos estudos e nunca nos desvinculamos uma da outra — e chorei confessando cada canto de minha mente. Aquele dia, rezei 20 Ave Marias agradecendo pelo coração bondoso de minha amiga que acatou e compadeceu-se de cada palavra que proferi. Afirmou-me que, no meu lugar, estaria tão amedrontada quanto. E sentadas ali, com nada além de xicaras de porcelana preenchidas de chá postas à nossa frente, não possuíamos, nenhuma das duas, solução para meu problema. Apenas uma promessa de amparo e dois corações condoídos.



Certo dia, precisando ir ao comércio, desfiz-me de todos os criados, assegurando que iria sozinha. A aflição que se apegou a mim transpassara às minhas feições, de maneira que começaram a questionar quais seriam meus motivos. Por isso, passei a ficar só sempre que Ezequiel estava fora. Todavia, não poderia ter arrependimento maior quanto à minha escolha. Caminhando próximo ao mar, dei-me com Padre Santiago.

— Capitolina! Como tem passado? — cumprimentou-me, estranhamente animado.

— Padre Santiago. Estou bem. Voltando para casa após ter ido ao comércio. — disse tentando não render assunto.

— Estou vendo! — respondeu dirigindo olhar às sacolas em minhas mãos — Mas, veja, não me chame de Padre Santiago. Estando entre nós, continuo sendo o Bentinho — insistiu de novo. Sentia-me trêmula sempre que tentava aproximar-se de mim.

Ele tinha uma animação diferente em sua voz, não parecia sombrio como de costume. A pouca credibilidade de minhas acusações me fazia querer acreditar que Bentinho ainda era Bentinho e que minhas suspeitas não passavam de exageros. Mas eu não era mulher que se engane, não, jamais fui. Sempre fui capaz de ver o que estava à minha frente. Percebendo meu silêncio, Bentinho continuou:

— À propósito, reparei que ainda não foi ter comigo à Igreja fora as Missas! Andas confessando com outro padre? Que traição, *Capitu*! — e riu.

— Ora, eu não... não tenho ido confessar ultimamente — disse me arrependendo logo que vi a reação em seu rosto, como se eu tivesse lhe dado o que ele queria.

— Não tens confessado!? Eis aí o motivo de seu semblante tão abatido! O pecado aprisiona o homem, *Capitu*. — fez uma pausa de alguns segundos até que seu rosto se transformou. Era aquela expressão sombria outra vez.

— Não está certo isso, *Capitu* — disse balançando a cabeça — Planejava meditar nas escrituras ao fim da tarde, mas... se tratando de *ocê*. Venha. Voltemos para a Igreja e confesse comigo.

— Não! — exclamei.

Eu sentia medo como se tivesse sido posta frente à morte. O meu corpo começou a tremer ao ouvir aquela sugestão. Não. Eu sabia que não era uma sugestão.

— Não? — replicou em tom de repreensão — Que é essa resistência a Igreja, *Capitu*? — acusou.

— Ó, não. Não é resistência eu... eu apenas preciso voltar para a casa imediatamente. Saí antes de alimentar minha filha, pois dormia. Preciso voltar e amamentá-la. Prometo a Bentinho que ainda essa semana faço minha confissão. — disse chamando-o pelo apelido de infância na esperança de que isso fosse suficiente para aquele momento e me deixasse ir. Mas não. Seus olhos cresceram ao me ouvir chamá-lo pelo nome.

— Justamente por causa de sua filha é que digo. Não sabes que seu marido anda preocupado com sua fé? Diz que não é mais a mesma em casa. Não há desculpas, debes ir sem delongas confessar-se — asseverou. Sem que eu respondesse, começou a caminhar. Vendo que não sai de onde estava, virou-se e disse em alto tom “Venha, minha filha.” chamando a atenção de quem passava na rua. Fizera aquilo de propósito. Não podia desacatar o padre em público, então, com muita dificuldade comecei a caminhar ao seu lado.

Fazíamos todo o percurso em silêncio. Eu calava meus pensamentos, pois o que pressupunham que iria acontecer comigo era demais para mim. Eu clamava ao Céus por toda ajudava possível. Clamava pela vida de minha filha, meus pais. Clamava a todos os Santos que pudesse recordar. À apenas algumas ruas da igreja, avistei Sancha caminhando. Não sei sequer dizer quantas rezas fiz até que ela me avisasse também. Assim que o fez balancei a cabeça como dizendo sim a ela, esperando que ela entendesse. Aconteceu tão rápido que não pude observar sua reação e tive muito medo que Bentinho me notasse. Antes que eu pudesse pensar em qualquer outra estratégia, chegamos à igreja.

O longo corredor ao centro da Candelária nunca pareceu tão curto, e seu interior jamais fora tão escuro. Bentinho estendeu a mão e a pôs em minhas costas, como conduzindo-me a onde queria. Não me conduziu ao confessionário, nem aos muitos bancos dispostos ali. Colocou-me contra a parede e, ali, começou a puxar minhas roupas, a tocar minhas pernas.

— É assim que você vai viver pelo resto de sua vida — ele disse — por ter me traído.

Eu lutava da maneira que podia, mas sabia que sozinha não iria conseguir impedi-lo. Ele estava a ponto de vencer-me quando ouvimos a porta lateral da igreja se abrir.

— Padre Santiago! Trouxe os voluntários para expedição evangelística que me pedistes! — gritou Sancha.

Junto a ela estava um pequeno grupo de homens e mulheres fiéis. Ao entrarem, viram-me presa contra a parede com minhas roupas rasgadas nas mãos de Bentinho. Permaneceram paralisados por alguns segundos, que me pareceram uma eternidade. Eu chorava tanto que demorei a conseguir me controlar para dizer qualquer coisa.

— Socorro... — supliquei entre soluços. Bentinho logo me soltara, mas não conseguiu dizer nada.

— O padre é do demônio! — alguém gritou da multidão e logo todo o resto começou a se revoltar.

Gritavam e chamavam Bentinho por todos os nomes profanos que conheciam. Enfurecidos começaram a caminhar em nossa direção, fazendo com que Bentinho se desesperasse, lançando-me ao chão.

— Meus filhos... não se deixem enganar! — suplicava.

Sancha não se juntou à multidão que avançava contra Bentinho. Do lado de fora, começou a gritar pela rua:

— O PADRE POSSUIU UMA FIEL! VENNHAM VER! O PADRE SANTIAGO PROFANOU A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA! — exclamava reunindo mais uma multidão que se amontoava-se ao redor da Candelária.

Os fiéis que flagraram o Padre Santiago, puxaram-no pelas vestes e o carregaram até a rua. Eu fui enrolada em um véu que uma das Senhoras ali portava e me conduziram à multidão como prova.

— Vejam! É Capitolina Escobar! Ele tomara mulher casada! — ouvi dizerem.

Minha cabeça girava e nada parecia concreto mais. A perturbação e revolta era tão grande que atraiu os guardas. Atônitos tentavam apaziguar a situação. Foi quando me tiraram dali e me levaram daquele inferno.



Só pude ir para casa horas depois. Haviam interrogado àqueles que me descobriram e, só então, a mim. “Padre Santiago deve ser transferido para o interior” ouvi alguém dizer e percebi o quanto não queria mais saber daquela cidade.

Chegando em casa fui recebida com choros e lamentos dos criados. “Coitada da Dona Capitolina!” por todos os lados. Sancha, saindo do meio deles, veio e me abraçou. Ela me esperava ali fazia algumas horas. Ficamos ali ambas chorando. Eu não conseguia parar de agradecer-lá, dizer que era um anjo. Sim. Era um anjo enviado dos Céus para me prover salvação. Ficamos assim por alguns minutos, sendo separadas somente por Ezequiel.

— Minha Capitu... — disse chorando — não deve me perdoar jamais! Não sou digno... fui tão cego! Ó, minha Capitu... — ouvir suas palavras me fez chorar mais ainda.

— Ô, Zezé... não podes me deixar de novo. É só o que te peço. Tudo que quero é minha família — e nos abraçamos.

Eu já não sabia se chorava de angústia ou de alívio. Passados tantos meses presa sozinha naquele inferno, parecia luxuoso demais pensar que acabara. Tinha sido mandado para longe de mim o espinho da minha carne. Me apeguei à expectativa de que o próprio Deus o castigaria. Uma vida de condenação pelo o que fizera a mim. Nada mais justo.

Deitar em minha própria cama aquela noite fora o mais difícil. Imagens voltavam constantemente à minha memória, me deixando enjoada. Ezequiel ficou acordado ao meu lado durante toda a noite e me confortava pensar que, mesmo que não ainda, poderia sim ter minha vida de volta.

— Zezé... Quero ir-me embora — pedi.

— Embora? Desta casa?

— Não. Quero ir-me embora do Rio. Não quero lembrar de nada daqui. Não quero lembranças daquele Padre.

Ezequiel ficou em silêncio por um tempo após ouvir meu pedido, desprevenido.

— Pois, então, nós vamos. Vendo a mercearia e abro de novo em outra cidade. É o mínimo que te devo. Talvez nem isso... ainda não seria digno do seu perdão.

— Deixa disso. Não quero que guarde memória disso para sempre — repliquei.

— Que lugar te agrada mais? — perguntou.

— Me agrada onde Bento Santiago não esteja — afirmei.



Yacy

Jaynara Zanandreis

trilha sonora

No body, No crime

Taylor Swift

Minhas pernas não aguentavam mais a corrida, a perfuração em minha coxa esquerda me impedia de prosseguir mais rápido e o corte em meu rosto atrapalhava minha visão. Me escondi nos fundos da casa e esperei que o rapaz passasse por mim, se não percebesse minha presença abaixada na mureta, poderia correr até o carro na rua e fugir dali. Ouvi seus passos se aproximando e foi diretamente para a porta dos fundos que se encontrava aberta. Antes de fechá-la ainda pude ouvir sua voz me chamando.

— Vamos lá Capitu, você nunca foi boa em brincar de esconde-esconde.

Voltei para a frente da casa o mais silenciosamente possível, o carro de Bentinho ainda estava estacionado do outro lado da rua. Se estivesse certa, Escobar com certeza teria largado as chaves na ignição, atitude que nosso amigo sempre reaprendia. Assim que o liguei pude ver o assassino saindo da casa.

A figura ensanguentada de frente ao carro me encarava friamente. Imagens do corpo gélido de Escobar ainda estavam frescas em minha mente, não era assim que imaginava que terminariam as coisas. Ele avançou em minha direção e segurei o volante com força, as poucas aulas de direção que Bentinho havia dado se mostraram necessárias nesse momento. Pressionei o acelerador com toda a força que ainda tinha, consegui ouvir o pneu cantando contra o asfalto antes de sentir o impacto da máquina atingindo meu perseguidor. Minha cabeça foi de encontro ao volante e só pude ouvir o barulho das sirenes antes de apagar.



“E no último feriado prolongado, ocorreu mais um ataque do infame Maníaco de Jaci, desta vez na cidade de João Pessoa, totalizando assim seis casos nos últimos dois anos. A polícia confirmou a morte de Anna Flávia Rodrigues, 17 anos, e Leandro Almeida Costa, 16 anos, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. De acordo com testemunhas, as vítimas saíram de uma lanchonete no centro da cidade e foram em direção à praia para encontrar um grupo de amigos. Os corpos foram encontrados por um comerciante local, que confirmou a assinatura do assassino, um corte em formato de meia-lua no rosto da vítima feminina. A polícia federal segue na investigação, ainda sem suspeitos.”

Mais uma vez a rádio retratava sobre o Maníaco de Jaci, o último caso havia sido durante o Carnaval, em Maragogi, sete meses atrás. Agora, durante o feriado da Independência, ele atacou novamente. Sempre o mesmo padrão, um garoto e uma garota entre a faixa de 16 e 18 anos. Depois do terceiro caso, com a confirmação de um padrão nos assassinatos, Escobar e Bentinho me pediram para não prestar atenção

nos jornais, eles sabiam que me interessava em assassinatos em série, mas a preocupação por estarmos na faixa etária das vítimas era demais para eles. Agora não era diferente. Enquanto estávamos nos arredores de Reyes, Bentinho tentava ensinar Escobar o básico de como dirigir um carro e eu só conseguia prestar atenção na notícia.

— Capitu, é praticamente impossível para Escobar me ouvir enquanto a rádio está nesta altura, você poderia abaixar um pouco o volume? — Bentinho já estava bastante frustrado por Ezequiel não conseguir gravar corretamente o que cada pedal do carro representava: embreagem da esquerda, freio do meio e acelerador da direita. Bem simples, mas meu amigo ficava confuso com tudo que envolvia direita e esquerda.

— Desculpa, com a confirmação do sexto caso, me pergunto quando as pessoas da cidade vão tomar alguma atitude. Você estava em Olinda no feriado, imagina se tivesse acontecido algo? Todos os casos acontecem quando está fora com a família, não sei se fico mais preocupada por estarmos só Escobar e eu em Reyes, ou por você estar longe de casa durante os feriados.

— Olinda e João Pessoa são em estados diferentes, Capitu, minha família e eu estávamos bem. Nós viajamos há 3 anos e esse maníaco começou a atacar nos últimos dois anos, além do mais ele nunca atacou em uma cidade em que eu estava. Sério, nós vamos ficar bem.

— Vocês dois poderiam implicar menos um com o outro. Capitu, te ajudo com sua investigação pessoal em outro momento se quiser, mas esta é uma ocasião única, não é sempre que temos um professor particular de direção. Relaxa um pouco, até o Bentinho que é cheio de cismas está mais tranquilo que você. Reyes está sendo desleixada com toda a situação? Sim, mas é uma cidade pequena cheia de gente velha que não tem com o que se preocupar. Se ficarmos juntos, nada vai nos acontecer. Agora, Bentinho, repete o que eu tenho que fazer quando subir um morro...

Quando ambos colocavam uma ideia na cabeça, era difícil dissuadi-los. Desde que Bentinho ganhara um carro dos tios no aniversário de

16 anos, Escobar sempre implorava para dirigir. Nós dois não tínhamos as mesmas regalias que ele. Bento de Albuquerque Santiago vinha de uma longa família de advogados, o escritório de advocacia dos Santiago estava espalhado por todo o país, de forma que para seus tios não havia problema algum em presentear um garoto de 16 anos com um carro. Nem mesmo ensiná-lo a dirigir.

Ficamos a tarde inteira dentro do veículo, próximos a entrada da cidade. Escobar estava fazendo pouco progresso dirigindo, andamos quinhentos metros entre bruscas freadas, as trocas de marchas também eram um problema. Havia ficado o resto do dia com dores no corpo, principalmente na cabeça, os solavancos do carro tinham sido demais para mim.



Com a arrancada da ambulância pude sentir meu corpo pulando na maca. Uma máscara de oxigênio estava presa em meu rosto e podia sentir as mãos dos socorristas em minha perna. Minha visão turva e a luz forte em cima de mim me impediam de assimilar o meu arredor, mas ainda podia ouvir o que os outros falavam.

— A pressão arterial dela está caindo. O corte no rosto já não sangra mais, mas o ferimento na perna precisa ser controlado se não podemos perdê-la antes de chegarmos ao hospital na capital.



Estava em meu quarto revendo as informações sobre o caso, já tinha montado uma espécie de dossiê, havia gravado todas as notícias de TV, juntado recortes de jornais, salvado links de sites investigativos, e até mesmo de fofocas, e acompanhava a rádio todos os dias. Meu sonho em me tornar uma advogada criminalista gritava em momentos como este, queria descobrir tudo que podia sobre o criminoso.

Havia organizado cada caso cronologicamente. O primeiro ocor-

reu na Semana Santa de 2018, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. As vítimas, Izabela de Paula Oliveira, 15 anos, e Luccas Fernandes Senna, 17 anos, foram encontrados próximos a universidade da cidade. O segundo, ocorreu em Cascavel, uma cidade no interior do Paraná. As vítimas, Barbara Silva Miranda e Bruno Francisco da Costa, ambos com 16 anos, foram encontrados na praça principal da cidade. O terceiro caso fora em Goiânia. O quarto em Juiz de Fora. O quinto em Maragogi. E o mais recente em João Pessoa.

Doze vítimas no intervalo de dois anos, sempre durante feriados nacionais. Semana Santa, Dia das Crianças, Carnaval, Semana Santa novamente, outro Carnaval, e, por fim, Independência do Brasil. Em cada um desses casos, Escobar e eu estávamos sozinhos em Reyes. Bentinho viajava com a família, uma tradição adquirida nos últimos três anos, uma forma de lembrar as memórias de seus falecidos pais. Entretanto, o que mais me assustava era a assinatura do assassino: uma meia-lua. O nome que a mídia havia dado ao caso, ‘Maníaco de Jaci’, vinha de sua marca. Originário do tupi *Yacy*, a deusa da lua e da noite. Mas o que mais me atraía era o fato de possuir a mesma marca em meu joelho direito. Todos achavam minha fixação absurda, mas não podia evitar. Era como se ele chamasse por minha atenção.

Tinha certeza que ele se espelhava em conhecidos e via as vítimas como representações de sua realidade. Os rapazes mortos, sempre degolados, sem sinal de violência. Já as garotas, múltiplas facadas no abdômen e o corte no rosto. Conseguia pensar em apenas duas teorias para o caso: a primeira, sentia raiva de uma mulher em sua vida, por isso tamanha brutalidade, mas o rapaz lhe era querido e a ideia de machucá-lo não lhe apetecia; a segunda, era motivado pelo desejo de ter a moça apenas para si, de forma que o jovem era apenas uma peça a ser eliminada, sem importância.

Imersa em meu material investigativo, não reparei a entrada de Escobar e Bento em meu quarto, tinham essa mania. Me observar estudando enquanto esperavam por uma brecha para me levar em nossas “aventuras”.

— Então a donzela está mais uma vez fazendo sua própria investigação. Você poderia esquecer isso um pouco por esta tarde? Estávamos pensando em ir até as cachoeiras fora da cidade, sabe, para lidar melhor com esse calor.

Escobar, com seu jeito despojado, sempre tinha alguma ideia mirabolante na cabeça e Bentinho, já mais calado e retraído, sempre o seguia. Ao arrumar minhas coisas, não pude deixar de notar o olhar curioso de meu tímido amigo. Não era de seu costume gostar de casos assim, mas sabia que ele também se preocupava, de seu próprio jeito, com a situação.



— Você consegue ver o formato do corte na bochecha? É ele, tenho certeza. É a marca dele. A meia-lua.

— Se for mesmo o Maníaco de Jaci, então essa garota teve sorte.



Sorte. Foi o que meu pai disse por ter apenas um pequeno corte no joelho ao pular o muro da casa de Dona Ditinha. Naquele dia, Escobar estava de castigo - havia brigado na escola - e quando Bentinho e eu fomos a sua casa, sua mãe nos disse que ele não poderia sair para brincar naquele dia. Se dependesse de Bentinho, teríamos ido para casa, mas eu estava louca para recriarmos a briga, de forma que consegui convencê-lo a pular o muro comigo. Não era muito alto e com certeza já tínhamos feito isso antes, porém, naquele dia, me desequilibrei e cai no chão. Quando voltei para casa mancando, mamãe estava furiosa e papai não conseguia segurar o riso, ainda me lembrava dele a tranquilizando.

— Ora Fortunata, o que esperava da nossa garota? Você se lembra de quando tínhamos 13 anos, fazíamos muito pior fugindo para as águas fora da cidade. Além do mais, Maria não se machucou muito, apenas ficará com uma cicatriz no joelho. Veja, parece até uma meia-lua.

— Você ouviu dizer que o garoto que encontraram na casa era Ezequiel Escobar? Aposto que essa garota é Maria Capitolina.

— Se esta é Capitu e o outro corpo é Escobar, então onde está Bentinho?

— Ezequiel acha que você está ficando alienada com essa história de *serial-killer*. Tem certeza que toda aquela papelada vai te ajudar em algo?

— Sabe bem que sou naturalmente curiosa com investigações criminais, não consigo evitar, é mais forte que eu.

Nos banhar na cachoeira aos arredores de Reyes era nosso passatempo preferido. Nos dias quentes era o principal atrativo para jovens, por vezes íamos direto após as aulas, mas nosso horário preferido era sempre o fim de tarde, as águas mornas acolhiam a todos e podíamos nos refrescar tranquilamente. Desta vez, as turmas do terceiro ano se reuniram para um piquenique. Ideia de Escobar. Ele socializava com todos, enquanto Bento e eu preferíamos permanecer juntos.

— Bom, acho que talvez seria melhor se controlar um pouco, se nem mesmo a polícia com todos os seus recursos pode achar o assassino, como uma estudante do terceiro ano conseguiria? Ser advogada criminalista é algo complicado e uma garota do interior do Rio demoraria anos para conseguir algo, quem dirá em um caso tão complicado.

— Às vezes você consegue ser um completo idiota.

Bento Santiago podia ser meu melhor amigo, mas sabia como ser estúpido. Apesar de acariciar meu rosto enquanto falava, sua voz não demonstrava o mesmo que sua atitude. Me afastei dele e procurei por Escobar, ele lidava melhor com o humor estranho de Bentinho do que eu.

— Aqui está minha garota favorita! O que acha de um mergulho? Pode me contar suas ideias mirabolantes depois de um pulo na cachoeira.

— Bentinho disse que você estava me achando *alienada* com tudo isso...

— O que? Impossível! Sempre te apoiei com seu sonho de advogada criminalista, sei melhor do que ninguém da sua força e inteligência. Ele só devia estar implicando com você, antes de te buscar apostamos se você estaria com a cabeça na Lua, obviamente, eu ganhei.

Não parecia só implicância, mas não diria a Escobar.



— Estamos nos aproximando do Rio de Janeiro, vou avisar a emergência do São Vicente de Paulo para se preparem para nos receber.

— Ela está estabilizada, mas vai precisar de uma transfusão, perdeu muito sangue.



Em semana de provas, não tive tempo para me distrair com Jaci, somente após o último dia de testes que me preparei para maratona os capítulos gravados de jornal a respeito das investigações. Normalmente, convidaria os garotos, no entanto Bentinho adquiriu o hábito de me importunar nos últimos dias e Escobar conseguia ser um cego quando se tratava do amigo.

Fui para casa após almoçar com Sancha, uma antiga colega de classe. Quando cheguei em meu quarto, parecia que um furacão havia passado por ali. Minha mesa de estudos estava revirada, assim como minhas estantes de livros. Meus cadernos de anotações destruídos e folhas picotadas cobriam o chão do quarto. O computador se encontrava ligado e quando mexi nele, todos meus arquivos foram deletados, parecia que havia acabado de adquiri-lo diretamente da fábrica. Todo meu trabalho, meu esforço, tudo perdido. Sentei em minha cama com lágrimas nos olhos. Não podia acreditar no que estava acontecendo, noites em claro e dias de pesquisa, tudo jogado fora em um piscar de olhos.

Meus pais jamais teriam feito tamanha destruição, mamãe não aprovava meu envolvimento no caso, mas apenas torcia o nariz quando me via entretida. Papai achava fascinante e adorava ouvir minhas teorias, assim como Ezequiel. Bento podia não ter tato para lidar com o assunto, mas não invadiria minha casa para destruir minha pesquisa.

Ouvi vozes pela casa e desejei poder ficar sozinha por mais tempo, não queria responder a perguntas que nem mesmo tinha respostas ainda.

— Vossa bela Maria Capitolina, com seus olhos de ressaca, pronta para mais uma aventura com seus fiéis... — a voz de Escobar aos poucos foi morrendo ao notar o estado do quarto, parecia assustado até que pousou o olhar em mim, vendo minhas lágrimas, se apressou para me abraçar. — Oh minha amiga, sinto muito, sei como todo o material era importante para você. Posso te ajudar a refazer tudo se quiser, podemos ficar madrugadas acordados e até matar aula, prometo que essa parte sua mãe não vai descobrir. Posso obrigar o Bentinho a parar de te atazanar e ajudar também.

— Não prometo nada. — Bento estava parado na porta de braços cruzados, nos observando. O tom de voz era zombeteiro, o olhar frio e distante, jamais havia se dirigido a mim daquela forma. Havia raiva ali, não conseguia explicar, mas sabia que estava zangado.

Aquele em meu quarto não parecia em nada com meu amigo.



— Vamos entubá-la para controlar os níveis de oxigênio, a pancada na cabeça do acidente não parece ter causado nenhum trauma, mas vamos pedir uma tomografia por segurança. Encaminhem-na para UTI, vamos colocá-la em observação.



“Eu sei que está brava com Bentinho por ter reagido daquela forma mas não é justo nos ignorar desse jeito. Eu vou falar com ele e prometo

que irá se desculpar.” “Bentinho nos chamou para jantar com ele, disse que queria conversar. Posso te buscar e vamos caminhando até a casa dele.” “Ele se ofereceu para nos buscar de carro, sei que adora quando nós três estamos juntos no veículo.” “Capitu, por favor, me responde. Sabe que não gosto quando me deixa no vácuo.” “Você sabe o que é melhor do que Bentinho dirigindo? Eu dirigindo! Ele me deixou ir ao volante até a sua casa, se prepare!” “Capitu já tem dez minutos que estamos te esperando aqui embaixo, pode por favor descer e nos encontrar?” “Estou vendo a luz do seu quarto acesa.” “Estou vendo a luz do seu banheiro acesa.” “Ignora os dois últimos áudios, fiquei parecendo um louco.” “Estamos indo para casa do Bentinho, se quiser aparecer por lá, vou ficar feliz de te ver.”

Meu celular vibrava com as diversas mensagens de voz de Escobar, dez ao todo. Por fim, já era tarde quando resolvi ir para casa de Bento. Não morava muito longe de minha própria residência mas já estava escuro, passava das seis. Quando passei pelo pequeno portão, notei que apenas a luz da sala estava acesa, seus avós deviam estar na casa de José Dias, um antigo amigo da família. Ao entrar notei a mesa posta e alguém deitado no chão, antes que pudesse chamar por meus amigos senti um baque na cabeça.



— Senhora Fortunata, por favor, mantenha a calma. Os médicos fizeram tudo que podiam, a consciência dela vai e volta, tudo que podemos fazer agora é torcer pelo melhor.

— É minha filha de quem você está falando, quer que eu sente aqui e espere? Não vou ver minha Capitu morrer!



Quando acordei, estava sentada próxima à mesa de jantar, Bento tomou o lugar a minha frente, ele brincava com uma faca nas mãos, e

atrás de si pude ver Escobar no chão. Seu corpo estava estranhamente imóvel, porém não conseguia vê-lo por completo, uma dor alucinante em minha bochecha e a dor de cabeça me impediam de focar minha visão.

— Finalmente resolveu acordar. Você é mais pesada do que parece, te carregar até uma das cadeiras foi bem difícil. Não se preocupe, isso não vai ser como naquelas séries policiais que você adora assistir, nem te amarrei. Só quero conversar e depois poderá ficar com Escobar.

— Do que você está falando?

— Ora, você é mais esperta que isso, sempre a admirei nesse quesito. Sabe, não esperava que fosse contar para Ezequiel que estava te aborrecendo na cachoeira, ele resolveu tirar satisfação comigo depois que te deixamos em casa aquele dia, foi a primeira vez que brigamos. E depois que tive todo o trabalho de destruir a sua pesquisa idiota, sabe qual foi a primeira coisa que ele fez? Perguntou se era obra minha, que havia percebido como estava te tratando nos últimos dias, logo eu, que sempre fui tão carinhoso contigo, e que você estava chateada com tudo isso. Depois de tudo que nós três passamos juntos, depois de todo o trabalho que tive para esconder tudo, a primeira coisa que ele faz é se voltar contra mim. Por sua culpa, porque você não podia controlar esse seu sonho besta de advogada criminalista. E agora tudo foi arruinado.

— Bentinho você não está bem, nós podemos conversar outro dia. Escobar e eu voltamos amanhã se quiser.

— Escobar não vai voltar, Capitu! Você ainda não percebeu? Vamos, chegue perto dele! — Bento se aproximou de mim e me puxou pelo braço, com uma força, até então, desconhecida por mim. Cai no chão, próximo ao corpo de meu amigo e enfim pude vê-lo melhor. Ele estava de bruços, os braços debaixo do corpo, o rosto vidrado virado em minha direção, olhos vazios e inexpressivos. E uma poça de sangue pintava o piso embaixo de seu corpo.

— Por que você fez isso? Nós somos seus amigos!

— Você jamais entenderia! Todos esses anos desde que me mudei para cá, ver os dois juntos, era simplesmente insuportável! Era sempre

“Capitu e Escobar, melhores amigos de infância, ah, e o Bentinho.” Em todos os lugares que eu ia, era como se vocês estivessem por todo lado, zombando de mim. Do agregado, o outro, a vela. Não aguentava mais, então durante as viagens, pegava o carro que minha família alugava e ia para uma cidade vizinha. GPS é a melhor invenção do ser humano! Foi tão fácil, tão... prazeroso.

— Nós nunca te vimos dessa forma! Ezequiel te amava, eu te amava! Nenhuma daquelas pessoas mereciam isso!

— A única coisa que você amava era seu sonho estúpido. — Bento se aproximou de mim novamente e me ergueu pelos cabelos, fazendo-me ficar de pé. Bati em seus braços para tentar me livrar, mas sabia que era inútil. Senti sua faca entrando rapidamente em minha perna, uma terrível onda de dor tomou conta de meu corpo e não consegui segurar um grito agonizante. Me esforcei para encará-lo, sabendo o que iria acontecer. — Não se preocupe Capitu, se existe realmente uma vida após a morte, você irá para o mesmo lugar que Escobar.

Sem pensar no que poderia acontecer, mordi seu nariz com toda a força que ainda possuía, até sentir o gosto forte de ferro em minha boca. Bento urrou com a dor e se afastou de mim com as mãos no rosto. Fui o mais rápido que pude para porta, quase me atirando ao ar livre. Podia ouvir seus passos pesados atrás de mim e percebi que precisava ganhar tempo, corri para os fundos da casa, onde sabia que poderia enganá-lo.

Minhas pernas não aguentavam mais a corrida, a perfuração em minha coxa esquerda me impedia de prosseguir mais rápido e o corte em meu rosto atrapalhava minha visão. Me escondi nos fundos da casa e esperei que o rapaz passasse por mim, se não percebesse minha presença abaixada na mureta, poderia correr até o carro na rua e fugir dali. Ouvi seus passos se aproximando e se dirigiu para a porta dos fundos que estava aberta. Antes de fechá-la ainda pude ouvir sua voz me chamando.

— Vamos lá Capitu, você nunca foi boa em brincar de esconde-esconde.

Voltei para a frente da casa o mais silenciosamente possível, o carro de Bento ainda estava estacionado do outro lado da rua. Se estivesse certa, Escobar com certeza teria largado as chaves na ignição, atitude que nosso amigo sempre repreendia. Assim que o liguei pude ver o assassino saindo da casa.

A figura ensanguentada de frente ao carro me encarava friamente. Imagens do corpo gélido de Escobar ainda estavam frescas em minha mente, não era assim que imaginava que terminariam as coisas. Ele avançou em minha direção e segurei o volante com força, as poucas aulas de direção que Bento havia dado se mostraram necessárias nesse momento. Pressionei o acelerador com toda a força que ainda tinha, consegui ouvir o pneu cantando contra o asfalto antes de sentir o impacto da máquina contra meu perseguidor. Minha cabeça bateu contra o volante e só pude ouvir o barulho das sirenes antes de apagar.

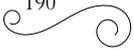


A primeira coisa que percebi ao abrir os olhos era a forte luz acima de mim, a intensidade ajudou a piorar as pontadas que sentia em minha cabeça. Pude sentir fios conectados em minhas mãos e braços e um tecido enrolado em minha cabeça. Estava deitada em um quarto que não se parecia em nada com o meu e estranhos barulhos chegavam aos meus ouvidos. Aos poucos, pude distinguir as vozes de meus pais.

— A polícia disse que os vizinhos ouviram barulhos vindo da casa dos Santiago, acharam que estavam invadindo a residência e ligaram para a delegacia. Você acredita, querido, que esse tempo todo era o Bentinho por trás de tudo? Quantas vezes Capitu não o levou para casa junto de Ezequiel... Ele jantou conosco!

— Escobar também foi enganado, Fortunata, mais que Maria, e olhe o que lhe aconteceu... Temos que agradecer por ela ainda estar aqui.

— Não consigo parar de pensar em Ditinha, sua voz no telefone estava terrível... Pádua, por que Bentinho faria tudo aquilo?



— Mamãe? Papai?

— Está tudo bem querida, você está a salvo. Acabou. — Suas expressões de alívio eram nítidas ao me mirarem, seus abraços reconfortantes. Sentia minha mãe afagar meus cabelos enquanto sussurrava em meus ouvidos. Não sei a quem tentava acalmar, a mim ou a ela, mas me deixei levar por suas palavras. As lágrimas corriam livres pelo meu rosto, permitindo sentir a tristeza que nem havia percebido segurar: estava mesmo tudo acabado.



O último piscar de olhos

Maria Laura de Paula Nogueira

trilha sonora

Wide Awake

Katy Perry

O problema de ter catorze anos e dois melhores amigos desde a infância era que, quando seu corpo começava a se desenvolver, eles reparavam. Não só eles, na verdade, todas as pessoas ao seu redor. Você encontrava parentes em festas familiares e eles comentavam sobre como você agora era uma “moça”. Por favor. Como se eu não tivesse consciência sobre a evolução do meu próprio corpo. Bentinho e Escobar eram meus amigos desde que eu conseguia me lembrar, mas, ultimamente, passaram a agir de modo estranho. Parecia que estavam numa competição interminável em relação a mim, sempre mandando indire-

tas e tentando me convencer a sair sozinha com um deles.

Enquanto isso, eu só pensava em focar nos meus projetos pessoais. Queria ser uma jornalista muito famosa no futuro e já estava organizando meus estudos para conseguir entrar numa faculdade de renome. “Você é uma jovem muito decidida, Capitu”, era o que mamãe costumava dizer. Eu, particularmente, me orgulhava muito disso. Meu grande plano de vida era me formar na escola aos dezessete anos e me mudar para São Paulo, onde cursaria a faculdade. Talvez vocês pensem que eu era demasiadamente nova para tomar essa decisão, mas, modéstia à parte, ainda não me conhecem.

— Eu vou para São Paulo com você, Capitu — Bentinho declarou. Olhei para seu corpo magro e baixo estendido na areia. O sol batia em seu rosto cheio de protetor solar e seus olhos estavam semicerrados, tentando enxergar apesar da alta luminosidade. — Vou fazer Direito no Largo São Francisco e te deixar muito orgulhosa!

— Bento, seus planos se baseiam em me deixar orgulhosa? — perguntei, erguendo as sobrancelhas. Era estranho ver meus amigos comendo na palma da minha mão, mas também era... interessante. Estávamos na orla da Praia Vermelha, tomando um sol e observando os turistas que visitavam a capital fluminense.

— Claro que não é só isso — ele se defendeu. — Também quero deixar minha mãe orgulhosa. — Revirei os olhos com sua declaração. Garotos eram tão influenciáveis. Mas Bentinho, em especial, era facilmente manipulável. Sua mãe sempre controlava seus passos e ele nunca tentava argumentar! *Ai* de mamãe se fizesse isso comigo.

— Ela está tentando dizer que você devia fazer suas próprias escolhas de vida, Bentinho — Escobar comentou, zombando de nosso amigo. Escobar era um garoto intrigante. Era estudioso e muito sagaz, também era magro, mas sua altura fazia com que se destacasse. Ainda assim, eu só sairia com ele quando fosse mais velha e um romance não pudesse estragar meus planos para o futuro.

— Você se acha o inteligente, né, Escobar? — Bentinho revidou, um pouco irritado. Antes que meu outro amigo respondesse, resolvi

intervir. Não queria vê-los discutindo de novo. Estava cansada daquilo.

— Ei, o que acham de um mergulho? — sugeri, ficando em pé. Senti meu cabelo preto e comprido balançar com o vento forte daquela tarde e, logo em seguida, notei que meus amigos encaravam meu corpo. Revirei os olhos. Como eu odiava a adolescência.

— Opa! Claro! — Escobar se prontificou ao meu lado, seu cabelo loiro estava bagunçado e cheio de areia. Seus olhos eram azuis da cor do mar.

— Eu também vou! — Bentinho, é claro, não ficou para trás. Ele não era tão gracioso quanto Escobar e seus olhos castanhos não chamavam muita atenção.



Três anos se passaram desde aquele dia na praia. Agora, com dezessete anos e meus sonhos prestes a se realizarem, eu já podia namorar. Escobar era a opção mais viável, já que Bentinho continuava permitindo que Dona Glória, sua mãe, controlasse suas decisões. Eu não poderia me envolver com alguém assim, era mulher demais para um garoto como Bento. Mas Escobar... Escobar tomava as próprias decisões, ia cursar engenharia em São Paulo e era desejado por outras mulheres, mas só tinha olhos para mim. Eu gostava de ter sua atenção e de passar o tempo com ele, apreciava suas histórias e como ele conseguia me fazer rir. Não demorou muito até que estivéssemos namorando.

Não me entendam mal, mas o único problema era Bentinho. Ele era meu amigo e eu o amava como um irmão. Eu desejava sua felicidade e, de modo algum, tinha planejado magoá-lo. Infelizmente, não era assim tão simples. Eu sabia que ele não lidaria bem com a minha escolha de ficar com Escobar. Me chamem de egoísta, mas eu precisava pensar no que seria melhor para mim, o que não significava que não me importava com a reação de Bento. Recentemente, ele parecia ainda mais passível de se chatear caso descobrisse a verdade. Meu amigo vinha me tratando com uma proximidade que nunca tivemos antes, ele beijava

minha bochecha e mandava mensagem desejando “*bom dia*” todas as manhãs, sem exceção.

— Você sabe que precisamos contar para ele — Escobar disse, depositando um selinho em meus lábios. Nós estávamos deitados no sofá de sua casa, assistindo a um filme. Não era a primeira vez que ele mencionava isso. — Eu quero ser seu namorado. Quero andar de mãos dadas com você por aí, te beijar na frente das pessoas.

— Escobar... — falei, preguiçosamente, beijando-o. Nós ainda não tínhamos assumido o namoro porque eu não queria ter que lidar com Bentinho. Enquanto isso, nos relacionávamos em segredo. — Você sabe que não podemos. Não quero vê-lo triste.

— Capitu, ficar triste faz parte da vida. Sei que ele aprendeu a ter tudo que quer, mas também tem que lidar com a realidade — afirmou. De fato, meu amigo nunca ter ouvido um “não” de quem quer que fosse complicava ainda mais nossa situação.

— Nós vamos contar a verdade, eu prometo — garanti. — Só espera mais um pouquinho. Vamos aproveitar essa tranquilidade do momento.

— Tudo bem — meu *quase* namorado falou, um pouco contrariado. — Mas só mais um pouco.

— Combinado — confirmei, beijando seus lábios mais uma vez.

Felizmente, os pais de Escobar estavam sempre fora, então nós podíamos ficar na casa sem que ninguém soubesse sobre nosso relacionamento. Porém, naquele dia, estávamos conversando quando a campainha tocou de repente. Meu coração disparou com o susto. O problema de esconder coisas era que apenas a possibilidade de sermos descobertos já me deixava aflita. Escobar correu até a janela da sala para ver quem era.

— Droga! — ele exclamou. — É o Bentinho.

— Ai, meu Deus! — soltei um gritinho. Eu estava nervosa, mas não deixaria esse sentimento me dominar. Por sorte, a sala ficava no segundo andar. — Já sei! Vai abrir a porta para ele. Eu vou sair pela janela do quarto da sua mãe.

— Pela janela? — ele indagou, incrédulo. — Capitu, estamos no segundo andar!

— Vai dar certo — prometi. — Pode ficar tranquilo.

— Eu prefiro não atender — ele teimou.

— Escobar, Bento já deve ter ido lá em casa e não me encontrou. Se você também tiver desaparecido, vai soar suspeito.

— Eu não aguento mais ter que esconder que estamos juntos! — ele reclamou. Eu o encarei, decidida a sair da casa. — Tudo bem, vou atender! — acabou se rendendo.

Escutei os passos de Escobar descendo as escadas e, logo depois, a porta se abriu. Corri para o outro quarto, que ficava na parte de trás da residência, ou seja, ninguém me veria saindo por ali. Os dois se cumprimentaram e eu ouvi Bentinho perguntar por mim. Eu não estava surpresa, tudo que ele fazia ultimamente era tentar descobrir onde eu estava. Esse hábito vinha me incomodando cada vez mais. Eu não gostava de ter que me explicar.

Por sorte, havia uma área de entrada em volta da casa e um pequeno telhado que a encobria. A distância entre a janela e essa cobertura não era tão grande, então, sem pensar muito, saltei sobre ela. Ouvi um barulho quando meu corpo pousou nas telhas, mas nada muito alto. Escorreguei ao tentar me pendurar na beirada da cobertura, mas acabei conseguindo pular até a área. Depois disso, tudo que precisei fazer foi saltar a grade baixa que cercava a entrada da casa de Escobar. Corri para longe, pensando em qual desculpa inventaria quando Bentinho perguntasse sobre onde eu estava.

No dia seguinte, acordei cedo porque precisava comprar os últimos utensílios para o apartamento onde moraria em São Paulo. Já estava tudo combinado: eu dividiria o lugar com outras duas garotas, mas teria um quarto só meu. As aulas na faculdade começariam em menos de um mês e eu mal podia esperar pela mudança. Assim que saí na rua, encontrei Bentinho sentado na entrada da minha casa.

— Bentinho? O que está fazendo aqui? — perguntei, fingindo espanto.

— Você sumiu ontem. Fiquei preocupado — ele falou.

— Eu estou ajeitando os últimos detalhes da minha mudança, lembra? — menti. Eu iria fazer isso apenas hoje.

— Por mim, você moraria comigo. Sabe que tenho dinheiro para pagar o aluguel, nem teria que se preocupar com isso — ele afirmou, pomposo. Revirei os olhos, irritada.

— Eu não preciso da sua ajuda, Bento — respondi, seca. Continuei andando e o deixei para trás, mas ele me seguiu.

— Por que não me disse que ia sair ontem? — Ele segurou meu braço. — Eu podia ter ido junto.

— Não nascemos grudados — afirmei, impassível. — Sabe disso, né?

— É claro que sei, Capitu. Mas não é minha culpa se quero passar a maior parte do tempo com você — declarou ele, soltando meu braço. Nós voltamos a caminhar. Às vezes, meu amigo me assustava um pouco. — Estou apaixonado e você sabe disso — completou. Eu realmente sabia, só não achei que ele tivesse consciência desse fato. Talvez eu tivesse subestimado a capacidade de Bento de analisar as situações à sua volta. Mas ele vinha agindo de modo tão estranho nas últimas semanas...

— Como está Dona Glória? — tentei mudar de assunto.

— Minha mãe está bem. Resolvendo a mudança para mim — respondeu.

Obviamente, Bento não teria que fazer nada. Sua mãe sempre cuidava de tudo.

— Que bom — respondi, sorrindo. Algumas vezes era necessário dissimular.

— Meu bem, vamos comigo à festa de despedida da nossa turma? — ele propôs. “Meu bem”? Aquilo estava ficando cada vez mais suspeito. No dia seguinte, minha turma do colégio daria a última festa antes de nos despedirmos de vez, já que a maioria estava indo para a faculdade. Para uma nova vida.

— Claro — confirmei. — Vamos eu, você e Escobar. — A expressão de meu amigo se fechou no momento em que ouviu o nome

de Escobar. Ele segurou minha mão com força e continuou andando, sem dizer nada. Eu realmente não entendia o que se passava em sua mente, mas estava cada vez mais preocupada.

Bentinho fez questão de me acompanhar em todas as lojas que precisei ir. Não aprovei a decisão, mas também não tinha escolha. Eu gostava de ter um tempo sozinha, meu espaço para fazer o que tivesse vontade. Mas Bento se esforçava para estar próximo a todo momento e essa atitude estava começando a me sufocar.

Senti meu celular vibrar no bolso. Provavelmente era Escobar, preocupado com a minha demora, já que eu tinha combinado de almoçar com ele. Fiquei horas rodando o centro com Bentinho e acabei perdendo a noção do tempo. Eu sentia que minhas energias eram sugadas sempre que estávamos sozinhos, era como se eu vivesse um relacionamento abusivo sem ao menos estar namorando.

— Não vai ver quem é? — Bento perguntou, se intrometendo mais uma vez.

— Eu não quero que você fique me controlando, Bentinho. — Tentei alertá-lo de que aquela situação estava me incomodando. Se ele não fosse como um irmão para mim, eu já teria dado um jeito de me afastar. Sabia que não era saudável tê-lo por perto.

— Não estou controlando, só fiz uma pergunta.



Eu estava terminando de me arrumar para a festa de despedida, que aconteceria em menos de uma hora. Combinei com Escobar que ele viria me buscar em casa e nós iríamos juntos. Eu estava linda com um vestido vermelho curto com mangas que iam de um ombro ao outro, meu cabelo longo estava solto e ondulado e meus olhos negros estavam marcados por uma maquiagem que os valorizava. Escutei a campainha tocar e fui ver quem era, na esperança de encontrar Escobar. Suspirei em decepção ao ver Bentinho do outro lado da porta. Não tínhamos combinado, mas era claro que ele apareceria.

— Bentinho! — cumprimentei-o, abrindo a porta para que entrasse.
— Você está linda! — elogiou ele, beijando minha testa. Sorri em agradecimento, dissimulando novamente. — Podemos ir?

— Não. Estamos esperando Escobar. — Bastou que eu dissesse isso para que ele fechasse a cara.

Não entendo por que você ainda é amiga dele — falou.

— Como assim? Ele é seu amigo também.

— Não é, não — negou. — Eu o odeio. Odeio quando ele está perto de você.

— Por quê? — perguntei, juntando toda a coragem que havia em mim. O medo corria por minhas veias, mas eu precisava entender o que meu amigo estava sentindo.

— Porque você é minha — declarou, imponente, o que me deixou ainda mais assustada. Eu tinha começado a desconfiar que algo estava realmente errado com Bento, era quase como se ele acreditasse estar vivendo numa realidade paralela. Uma realidade na qual éramos um casal. A campainha tocou novamente e eu respirei aliviada: era Escobar.

— Oi! — ele disse, vindo em minha direção para dar um beijo em meus lábios. Eu o empurrei antes que algo acontecesse e vi Bentinho olhar com desconfiança para nós.

Pedimos um táxi até o local da festa e passamos o caminho todo em silêncio. Eu insisti para sentar na frente, ao lado do motorista. Desse modo, tive privacidade para fazer uma pesquisa rápida: estava procurando uma possível explicação psicológica para o que meu amigo vinha experienciando. Descobri que podia ser uma espécie de delírio, misturado à obsessão. Acabei ficando ainda mais preocupada.

Passei a festa toda tentando dividir minha atenção entre Bento e Escobar. Era claro que meu *quase* namorado também não estava satisfeito com o andar da carruagem. Nós estávamos juntos, afinal de contas. Insatisfeito com a minha decisão de não contar a verdade para Bentinho, Escobar acabou indo embora mais cedo. Eu estava assustada, mas não tive escolha a não ser ficar sozinha com Bento. Torci para que nada acontecesse.

— Enfim a sós — meu amigo celebrou. Eu sorri para ele, fingindo que tudo estava bem. Não tive um tempo sozinha com Escobar para contar que algo estava mesmo errado, que precisaríamos resolver aquilo que passou a ser um grande problema.



No dia seguinte, fiz uma pesquisa mais profunda a respeito dos sintomas que Bento estava apresentando. Eu devia mesmo era levá-lo ao psiquiatra, mas duvidava que ele concordaria com isso. Pelo que li, esses possíveis delírios que meu amigo manifestava podiam ser a causa de sua crença sobre nosso namoro inexistente. Eles faziam com que Bentinho visse e acreditasse em coisas que não eram reais e isso causava uma ruptura com a realidade. Aquilo poderia ou não ser o que estava acontecendo, mas eu precisaria de uma análise profissional para ter certeza. Por isso, resolvi fazer uma visita à Dona Glória.

— Capitu! — ela disse, assim que me viu na entrada de sua casa.

— Oi, Dona Glória! Bentinho está?

— Infelizmente, não. Você queria falar com ele?

— Não, não. Queria falar com a senhora.

Sentamos no sofá da sala e eu contei toda a verdade para ela. Con-tei sobre as atitudes estranhas de seu filho, sobre ele agir como se namorássemos e sobre seu súbito ódio por Escobar. Eu tinha esperanças que ela concordasse em levá-lo ao psiquiatra, mas, em vez disso:

— Está decidido! Bentinho vai para o seminário — Dona Glória declarou.

— O quê? — perguntei, incrédula. — Não, ele precisa de ajuda profissional.

— Capitu, eu agradeço pelo apoio e pela sinceridade, mas só Deus pode curá-lo.

Saí dali completamente desesperada. Isolar Bentinho num seminário não resolveria seus problemas, eu estava certa disso, mas Dona Glória tinha sido muito clara. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Fui até

a casa de Escobar e revelei todos os últimos acontecimentos. Eu estava frustrada, mas precisava aceitar o caminho das coisas.

Eu sei que é horrível, mas pelo menos agora ele não vai mais te atormentar, né? Poderemos nos relacionar em paz — Escobar disse, me abraçando.

— Eu odeio ter que admitir que vai ser um alívio — suspirei. — Mas realmente queria ajudá-lo. Queria que não precisasse ser assim.

— Entendo. Sinto muito por isso — ele lamentou. — Você sabe que eu também gostava de Bentinho antes de toda essa loucura. Crescemos juntos, afinal.

— Sim... — respondi. Eu nunca imaginaria que nossa amizade terminaria assim.

— Mas ei — Escobar falou, mais animado. — Agora eu posso oficialmente te chamar de namorada? — perguntou. Eu ri de leve.

— Esse foi o pior pedido de namoro da história — falei. — Mas sim, pode — confirmei. Ele me beijou com carinho e ficamos assim por um bom tempo, até que, de repente, ouvi um estrondo.

Tudo aconteceu rápido demais. Bentinho tinha invadido a casa de Escobar. As janelas do primeiro andar estavam abertas e ele, provavelmente, tinha entrado por ali. O barulho que ouvi era da porta do quarto do meu namorado sendo aberta com a força de um chute. Analisei o semblante do meu amigo, ele parecia transtornado.

— Eu acabei de voltar para casa, Capitu! — Bentinho falou. — E sabe o que descobri? Que estou louco! Louco! — ele gritava. Escobar se levantou, ficando frente a frente com ele.

— Bento, vá embora daqui ou eu serei obrigado a chamar a polícia! — meu namorado disse, num tom imponente, mas Bentinho apenas começou a rir.

— Pois que chame! Eu não tenho medo! — declarou. Ele estava visivelmente exaltado. — Minha conversa agora é com Capitu.

— Bentinho... — eu disse, me levantando. — Apenas contei a verdade.

— A verdade? — ele riu, em escárnio. — Você é uma manipulado-

ra! Está manipulando minha mãe para poder ficar com ele! — berrou, apontando para Escobar.

Não, não é isso — neguei. — Estou preocupada com você!

— Cale a boca, Capitu! — ele gritou. — Suas mentiras acabam hoje! — Quando disse isso, eu finalmente entendi o que estava acontecendo.

Bento não queria só gritar comigo ou mandar em mim. Dessa vez, ele daria um fim a tudo. Vi quando ele tirou uma arma do bolso de trás da calça. Escobar arregalou os olhos e implorou para que nosso amigo se acalmasse. Seus pedidos foram inúteis. Meu coração estava disparado e eu nunca tinha sentido tanto medo até então. Quando a arma foi apontada para mim, eu apenas fechei os olhos e esperei que a dor me atingisse.

No entanto, só ouvi o barulho do tiro. Não senti nada. Quando abri meus olhos novamente, vi que Escobar tinha entrado na frente e sido baleado em meu lugar. Seu corpo caiu no chão e logo uma poça de sangue se formou ao redor. Tentei gritar um “não!”, mas minha voz não saiu. Escutei Bentinho rir mais uma vez.

— Que ato heroico! Morreu para salvar a amada! — ele constatou, gargalhando. —

Não adiantou nada, porque você também vai morrer — disse, apontando a arma para mim.

Dessa vez, mantive meus olhos abertos. Assisti à cena em câmera lenta, o gatilho sendo puxado, a bala vindo em minha direção, a expressão cruel de Bentinho. A dor não demorou a chegar. De repente, o último piscar de olhos e escuridão absoluta.



Ressaca

Laura de Assis Silva

trilha sonora

Evermore

Taylor Swift

A quem possa me ouvir.

Relembro essas memórias para tentar me recordar de quem sou e como vivi. Aqui, já sem vida, devo refletir sobre quem fui para talvez ajudar quem serei na próxima vida. Para mim, é como uma ressaca, algo que me puxa e não me permite mais sair.

Procuo na vastidão da minha mente alguma âncora que me mantenha ligada ao plano dos vivos, mas ao mesmo tempo, percebo que não há porque me prender a esse mundo se já estou aqui, morta. E por que? Como se deu minha morte? Talvez ainda me lembre

disso ao refletir sobre os relatos nesse documento.

Como já morri, minha memória é turva e afetada pelos sentidos que perdi tão recentemente. Por isso separo minha história pelos fatos essenciais, aqueles que consigo lembrar com clareza - e Bentinho Santiago contaminou todos eles.

A JUVENTUDE **(E a vez que Bentinho me fez cafuné)**

Nasci na rua de Matacavalos no tempo do verão. Sei que a melancolia me seguiu desde o berço, como uma lembrança de que eu nunca estive onde queria e onde deveria. Sonhava demais, desejava demais para quem era só mais uma jovem no meio do moderno Rio de Janeiro. Ia até a Lua e voltava, torcendo para que mais alguém aqui na Terra tivesse tido um sonho tão real quanto esse.

Na juventude, passava as mãos pelos cabelos de meu - até então - amigo Bentinho e sonhava em partir na calma de uma madrugada. Fui a primeira das meninas da minha classe a parar de usar tranças no cabelo - sempre soube que eu era a mais madura; e me imaginava já sendo reconhecida como mulher ao redor do globo.

— Que és isso? — Bentinho me perguntou certa vez. Eu lia Freud, A interpretação dos Sonhos, na esperança de que o conhecimento me levasse a lugares que sozinha eu não conseguiria.

— Freud. — Respondi com tom desinteressado. Bentinho sabia que eu não gostava de ser interrompida e que expressava bem qualquer que fosse o sentimento que me dominava. Agora era a irritação.

— O alemão? — Ele me questionou. Era nossa maior diferença; apesar de amar Bentinho, eu queria espaço e privacidade, e ele estava sempre por perto. Talvez ele me amasse mais do que eu amasse ele, ou talvez ele se odiasse tanto que precisava de mim para elogiá-lo e nada mais. Mas isso não é mais importante.

— É, esse. — Foi minha resposta.

Bentinho costumava me chamar de indecifrável. Apesar de passar-

mos todo o tempo juntos, eu me mantinha fiel a mim, e Bentinho se entregava mais. Para mim, o silêncio era respeito e para ele, o silêncio era uma negação: eu negando os sentimentos dele. E mesmo assim, o mais surpreendente entre nossos diálogos à tarde e nossos abraços escondidos era que eu o amava e ele me amava também.

Às vezes dávamos as mãos, tímidos, e escrevíamos nossos nomes no muro e ele seguia meu cheiro entre o jardim da casa enquanto Dona Glória fazia outros planos para ele, que eu achava ser o amor da minha vida.

Na nossa juventude, Dona Glória estabelecia a regras, e nós só concordávamos.

— Capitu só vem até às quatro da tarde. Capitu não pode ficar até à noite, não é coisa de boa moça. — Eu gostava de Dona Glória, mas quando Bentinho me revelou que iria ao Seminário, nunca odiei tanto as regras. Todos os minutos que nós poderíamos ter passado juntos e ela nos tirou. A vida que poderíamos ter juntos, mas D.Glória queria que ele fosse ao Seminário.

Eu apertava os olhos, refletindo sobre a jornada de Bentinho e como seríamos nós juntinhos depois da notícia do Seminário. Entendi, ainda entendendo Dona Glória e sua promessa. Eu e Bentinho debatemos, brigamos, mas a saída era uma só: ir ao Seminário. Foi uma das poucas vezes que vi Bentinho lutar pelo que queria.

Tínhamos a esperança de José Dias convencer Dona Glória que Bentinho não fosse ao Seminário, mas eu evitava o assunto. A separação contínua e a ideia de Bentinho desapegar-se de mim me deixava... perplexa. Tínhamos ali eu e Bentinho, amores e amigos desde sempre, e de súbito alguém queria nos arrancar de nós mesmos - naquela época eu ainda acreditava que pertencíamos um ao outro. E só hoje posso ver como a juventude nos deixa cegos.

Lembro-me daquela vez que Bentinho desembaraçou meus cabelos. Suas mãos eram leves e firmes, e fez duas tranças perfeitas e bem definidas com minhas mechas encaracoladas. Me deixava tão zonga com sua paz e tranquilidade enquanto trançava, que eu me fechava os

olhos e quase cedia e caía ao chão com seus toques singelos e delicados.

Quando acabou, propôs que colocasse fitas para proteger as tranças dos eventuais acidentes - ele sabia que eu mexia demais, dançava demais - e colocou uma fita enxovalhada com um laço apurado. Aqui se estabeleceu mais uma diferença entre nós. Bentinho queria me manter, me prever e prevenir que eu amadurecesse e largasse a fita. Me queria somente para si, sem que o mundo me conhecesse. E eu já não usava fitas e meus sapatos tinham saltos. E eu queria mesmo conhecer o mundo.

— Se estiver de morrer de saudade, você volta? Volta pra me ver?
— Questionei Bentinho. Ele era minha constância e o único que me entendia e me aceitava - eu, minha curiosidade, minha inquietude e os sonhos europeus; e naquela época eu sentia que sem essa metade de mim, eu morreria.

E quando ele me prometeu que se casaria comigo, foi a certeza que nós precisávamos de que nossas metades não estariam nunca separadas.

O SEMINÁRIO (Mulheres podem votar?)

Enquanto Bentinho fazia casa no seminário, me senti abandonada. Às vezes a solidão me acordava à noite, e às vezes era a preocupação. Andava perambulando pela casa e abria as janelas na esperança de não me sentir sufocada sem ele comigo. Afinal, sempre foi eu e ele, e doía ter que ser, desde então, só a Capitu. Sem o Bentinho.

Às vezes chegava com os olhos vermelhos no colégio. Adia as provas e ia mal nos testes orais, porque minha mente tinha ido junto ao Bentinho estudar a Bíblia. Amarrava os sapatos com certo desleixo por não focar nas minhas ações. Chegava até a tropeçar e ralar os joelhos, mas nenhum acidente se comparava a estar pela metade.

Fiz uma nova amiga: Sancha. Sancha tinha um nariz largo e era

a mais dócil que eu já tinha conhecido. Carregávamos nossos livros juntas e eu lhe emprestava meus lápis quando ela acordava atrasada e não levava o material completo. Assim como eu e Bento, Sancha e eu também éramos bem diferentes: era prendia fitas no cabelo e falava pausadamente, e eu era impaciente e andava com os cabelos livres.

— Ora, Capituzinha — Ela dizia devagarinho, como quem saboreia o doce de laranja antes de engolir. — Não consigo estudar assim... poderia parar de mexer os pés?

E ela falava tão calma e frouxa, que eu parava. Mas nunca cedi a minha inquietude.

Mas diferente de eu e Bento, Sancha e eu compartilhávamos dos mesmos ideais. Pensávamos diferente, mas chegávamos sempre ao mesmo resultado. Uma vez ela chegou abanando um jornal acima da cabeça, ofegante pela caminhada sob o sol do Rio de Janeiro.

— Viu isso? Tem uma senhora lá pra cima das Américas que quer que as mulheres votem.

— Não pode ser, Sancha. Mulheres não podem votar. — Nos entreolhamos, ela com o olhar sereno e eu com o olhar dissimulado. Era impossível!

— E se for possível?

E se for possível? Sancha, assim como eu, era desafiadora. E Bentinho não. Bentinho tinha medo da morte, de apanhar, de errar, de frustrar, e, principalmente, de mudar. E isso nos afastou até o que viria mais tarde: o divórcio.

Sancha e eu depois descobrimos que talvez as mulheres pudessem sim votar e que algumas mulheres sentiam prazer com as outras. Certa vez, Sancha me convenceu com seus toques gentis e sua lábia amorosa a tentar. Tentamos, nos beijamos e nos tocamos. Eu gostei, mas Sancha disse que não. Então nunca mais fizemos novamente.



BENTINHO DE NOVO (E o curso de Direito)

— Parece que tem pouco tempo que posso te tocar de novo. — Bento me disse no dia de sua volta. Estávamos conversando na varanda da casa dele e eu tentava o reconhecer novamente.

Aqui tínhamos nosso vinte e dois anos - ele de Abril, e meu aniversário quase chegando, Novembro. Bentinho agora era Doutor Bento, bacharel em direito, e voltava pra casa e para uma Capitu também mudada.

— Você acha que mulheres podem votar?

— Ora! — Bento parecia incrédulo, um sarcasmo maléfico saía de sua voz. — Não seja boba, Capitu. Esperança é uma coisa boa, mas você sempre sonha demais.

Desse momento eu lembro bastante. Ainda sinto o vento nos cabelos e o cheiro de cidade que saía de Bento. Foi o momento que percebi que nossas diferenças nunca seriam conciliáveis.

O almoço estava na mesa e Dona Glória já sabia do casamento. Parecia feliz, mesmo que a trajetória do filho não fosse o que ela esperava - a prova disso era o purê de batatas na mesa, um prato que D Glória considerava difícil, porém muito especial.

Na mesa, um rosto novo que eu acabara de conhecer: Escobar. Eu preferia Ezequiel, seu sobrenome, mas Bento fez questão que eu o chamasse pelo “seu devido nome”.

— Escobar é quem vai te ajudar com as preparações do casamento, Capitu.

— Eze-Escobar? Mas Escobar não é o noivo! — Questionei. Bento sempre se esquivou de tudo, especialmente dos grandes acontecimentos, mas eu achava (eu torcia) que o casamento seria diferente. Ao voltar aquele momento, percebo que talvez ele tivesse medo da mulher que eu era.

— É, Escobar. Eu tenho compromissos em São Paulo. — Aqui Bento faz o que já estava acostumado a fazer: me ignorar.

ESCOBAR **(E o bolo de cenoura)**

Escobar gostava de bolo de cenoura. Descobri porque fomos escolher os aperitivos para a festa de casamento, e ele recusou todos porque queria terminar a fatia de bolo de cenoura. Comia devagar, deliciava cada parte do sabor e não deixava cair nem um farelo. Lembrei de Sancha.

— Não vou te chamar pro casamento se você for devorar o bolo todo. — Ele sorriu com meu comentário. Sinto que sempre fomos amigos.

— Não devorarei, mas recomendo que você escolha esse aqui. — E foi o que eu escolhi, sem nem me importar seu meu noivo aprovava ou não.

Quando eu fui experimentar o vestido de noiva, Bento também não se dispôs a ir comigo. Por fora, demonstrei a tristeza de não ter meu noivo comigo, mas dentro comemorei a falta dos olhos jurados da minha vida.

Dona Glória escolheu o modelo. Fez as medidas e passou para a costureira e escolheu creme como a cor do vestido, e até pagou a mais para que a peça ficasse pronta antes do previsto. Escolheu também as rendinhas e as fitas que iriam no meu cabelo, e eu fiquei feliz que tinha mais alguém pra me apoiar - mesmo que não fosse meu noivo.

— Gostas? — Ezequiel me perguntou. Assenti, sentindo com os dedos as rendas e o véu que tampava meu rosto. Será que Bento gostaria? Eu sempre me importava com a opinião dele, e ainda tentava perceber quando ele deixou de se importar com a minha.

— É lindo. — Respondi. Imagino que Ezequiel tenha descoberto as intenções melancólicas por detrás da minha voz, porque me encarou com um certo tom de tristeza. Tristeza não, de dó. Dó de uma noiva que não tinha seu noivo presente.

O CASAMENTO (E minha mortalha de rendas)

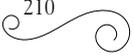
Em 1865, no casamento, Bento sorriu e eu chorei (na época de alegria), ouvimos os anjos cantar enquanto o padre falava os votos em Latim. Bento reconhecia as palavras e eu tinha decorado só algumas, mas morri de amor naquele instante, torcendo para que aquele sentimento durasse a vida toda, e nosso casamento também.

Bento me beijou contente e me carregou para fora da igreja e beijou minha testa como nunca tinha feito antes. Encarava cada parte das fitas no meu cabelo, como se quisesse guardar aquela memória intacta, para sempre.

— Nunca estive tão feliz. Mas nunca quero te ver com Escobar novamente. — Ele me disse. Lembro ainda de sua expressão, as bochechas altas e o sorriso gigante, afirmando cada palavra que ele me dizia. Apesar de querer nós sempre juntinhos, unidos, Bento me privava do que fazia bem, e eu morria aos poucos.

No meio de tanto, de tantos sorrisos e familiares, encarei Ezequiel com uma tranquilidade no peito e coragem pro momento que me esperava, como um agradecimento pela companhia. Ezequiel agora era meu grande amigo, fiel às nossas decisões feitas pelo bem do casamento e o maior apreciador de bolo de cenoura. Meu amigo, Ezequiel.

A partir de tal dia, tratei Bento como um marido deveria ser tratado. Fui mais meiga, mais dócil e delicada; colocava o almoço antes do esperado e sorria mais, sorria sempre. Vivia sorrindo, mas Bento não se fazia satisfeito com meus esforços: queria um filho. E ninguém podia lhe tirar essa ideia da mente.



A CHEGADA (De alguém inesperado)

Quando Ezequiel - meu filho, não meu amigo - nasceu, renasci. Achei que seria a cura para o meu “querer sempre mais”, sem saber que minha ambição não tinha cura, porque não era um erro: era eu. Ezequiel acabou com as dores e trouxe as alegrias, éramos outros!

Encarava-o e e decorava sua face em minha mente, desde o nariz arrebitado até às sardas nas pequenas bochechas. Eu segurava firmemente suas mãos quando ele deu os primeiros passos e sorria quando ouvi suas primeiras palavras. Ezequiel foi meu tudo, mesmo que tenha sido também a parte inicial do meu e do nosso fim.

Ezequiel era uma criança curiosa, semelhante a mim. Encarava por horas a pintura na sala de um cavaleiro segurando sua espada, orgulhoso da conquista. Meu filho não entendia como ele se mantia tão firme, com os dedos atrelados à espada alta. Certa vez, questionou Bento sobre a força do guerreiro.

— Mas, papai, por que é que ele não deixa cair a espada de uma vez? — Bento riu ironicamente com a pergunta. Assim como eu também não era compreendida, a curiosidade de meu filho também não. Em momentos como esse, ainda chego a me perguntar se em alguma fase Bento chegou a me entender e aceitar plenamente, sem mudanças e fitas, apenas eu. Tenho dúvidas da resposta ainda.

— Deus, como se assemelha à Escobar. — Ele chegava a dizer, como um alfinete entrando por debaixo das minhas unhas. Aos poucos, me sentia uma viva-morta, apaga pelos sentimentos exacerbados e demasiados de meu próprio esposo.

Em algumas conversas, eu deixava transparecer o cansaço, a dúvida permanente se eu era amada ou apenas suportada. Uma vez discutimos sobre a criação de Ezequiel, que corria bravo atrás dos cachorros da rua.

— Você não era assim quando criança, Bento.

— Mas gostavas de mim? — Foi uma pergunta que me deixou

surpresa, e eu já não tinha certeza da resposta. Gostar? Eu gostava de mamão e de passear à noite, quando o vento é mais forte. Bento era... um conhecido. Alguém que sempre estivera comigo, um hábito; e hábitos, mesmo que ruins, são difíceis de largar.

Sorri ironicamente e não respondi à pergunta.

A MORTE **(E como ela chegou em Matacavalos)**

Já sabíamos que tudo chega ao fim, mas quão esquisito foi ver Ezequiel partir. Aqui trato do amigo, não do filho.

Quando se deu a morte, tratei de acompanhar Sancha e impedir que a dor dela fosse maior do que o esperado. A morte na ressaca, no mar, é a mais inesperada, a menos prevista, afinal, tratava-se de um homem novo, ainda vívido. E como pode a força da natureza matar alguém tão único?

— Encomendou o bolo de cenoura para o enterro? — Sancha me perguntou. Doía. Doía perder um amigo e doía ver minha grande companhia cabisbaixa, e doía infinitamente mais ter que ser forte para mim e para ele. E para que o ciúme de Bento não consumisse todos nós, como uma labareda. E então se foi, e fizemos o enterro.

— Por que fez isso? — Perguntei a Bento, avistando que ele rasgava o discurso do enterro e jogava fora. Não tive resposta, apenas um olhar fulminante e talvez mais poderosos que uma espada na mão de um grande guerreiro. Novamente, tive que me conter.

Bento começou a jantar fora. Encarava Ezequiel e recusava sair com nosso filho, alegando que não podia “olhar criança”. Chegava tarde, meio zozzo e sem paciência para conversas ou atalhos, e falava firme com a família. Certa vez, obrigou Ezequiel a tomar mais uma xícara de café antes de ir à missa.

— Anda, bebes.

— Não quero, papai. Vamos nos atrasar.

— Bebe, anda! Seja homem! — E me encarava, certo de que a

falta que via no menino era culpa minha, da má mãe, da jovem curiosa que criou o filho como um besta.

Aqui há mais um marco, leitor. Foi o fim da minha história com Bento Santiago.

EUROPA (1:30 da manhã)

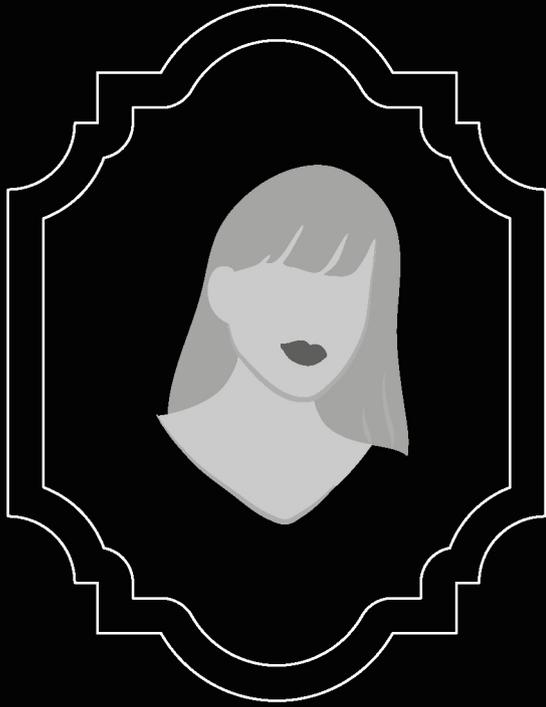
A vida na Europa certamente não era fácil. Aprendemos o idioma, fizemos aulas sobre os costumes e aprendemos as danças dos bailes, mesmo que Ezequiel tropeçasse vez ou outra. Ele cresceu um homem, um ser capaz e um coração muito bom, apesar da dor de estar em ambiente novo e sem o pai.

— Queres pão? — Me perguntou enquanto abria um sorriso. Tinha as faces claras e mãos um pouco calejadas pelo trabalho que assumia - sempre foi muito responsável.

— Não, obrigada. Amanhã a missa é cedo, preciso ir dormir.

Imagine a dor de ser acordada de madrugada com punhaladas nas costelas enquanto ouvia as palavras:

— Por que traíste meu pai?



Ira



Real identidade

Mayara de Almeida Faria

trilha sonora

Torture

Les Friction

Aquela era uma tarde de sábado muito quente para ter tantas pessoas aglomeradas em um espaço tão pequeno, especialmente estando cobertas por roupas pesadas como aquelas. A sensação era como se já estivesse no inferno, com resmungos à sua volta regrados a flores brancas em grandes esferas. As paredes brancas com suas pequenas manchas refletiam no chão de madeira estalante. O ar estava escasso pela quantidade de pulmões em uso, mas mesmo assim as pessoas se forçavam a ficar, por algum motivo.

Capitolina estava de pé, dolorosamente ereta, seus pés alinhados

dos e seus braços soltos ao redor do corpo. Seus olhos estavam fixos na peça de madeira à sua frente, mais especificamente no corpo deitado no macio estofado. Ele tinha cabelos grossos cuidadosamente presos em um lindo penteado, nariz reto e comprido, queixo largo que emoldurava o rosto daquela morena, que no passado mostraria seus lindos olhos claros e grandes, mas que agora ficariam fechados para sempre.

Há aqueles que dizem que em seu leito de morte as pessoas têm um vislumbre de toda a sua vida, porém Capitu não concordava com isso mais. Ali, olhando para seu próprio corpo, ali sim ela podia pensar com clareza em tudo o que houve. Remoer cada sentimento.

Ainda não podia acreditar nas acusações que Bento tinha feito a ela no dia anterior. Seria pela falta do relacionamento carnal entre eles que teria tido aquela conclusão? Logo ela, que nunca teve interesse em ninguém. Apenas conseguia se lembrar dos gritos frustrados entre os dois e de sua escolha inconsequente de sair sem avisar a ninguém. Quem poderia imaginar? Deveria ser o destino rindo de sua história. Morrerá afogada em um dia de ressaca, assim como todos diziam se sentir ao olhar para seus olhos.

Fitou as pessoas ao seu redor, escutando os murmúrios que hora ou outra saíam de suas bocas. Não sabia como, mas a história tinha se espalhado. Aquela falsa acusação.

Viu à sua direita o causador daquilo tudo. Bento Santiago. Ele mantinha um olhar vidrado no caixão à sua frente, apresentando leves tiques nervosos com seus dedos. Seguiu seu foco para um ponto mais afastado de todos, em uma das paredes mal cuidadas, ali estava Escobar, seu suposto amante. Viu de relance uma lágrima descer pelo seu rosto e, por reflexo, o espírito viu o homem ao seu lado cerrar os dentes em uma interpretação errônea. A raiva tomou conta da mulher. Apesar de tudo ele ainda a culpava? Ele ainda achava que suas paranoias estavam corretas? Ele não iria a defender? Deixaria toda sua honra ser quebrada em seu leito de morte?

Sua resposta lhe veio quando por fim viu Bentinho apertar os pu-

nhos e sair a passos decisivos do lugar, ignorando aqueles que o chamavam, não ficando ali para o sepultamento.

Como ele pôde!?

A raiva é um sentimento irracional. Você faz e fala coisas sem pensar, é como se fosse possuído por uma entidade que lhe diz para destruir tudo à sua frente, não necessariamente pela força. As palavras têm um grande peso e, quando ditas em meio a esse sentimento, não há arrependimento que as conserte, pois um vaso quebrado, por mais que seja colado, ainda terá as rachaduras para lhe lembrar. Não há como voltar no tempo para desfazer suas sentenças, por isso a importância de zelar pelo presente visando o futuro.

A raiva estava movendo todo aquele percurso. Pela raiva de Bentinho, Capitolina veio a falecer. Pela raiva de Capitu, Bentinho iria sofrer. A possessão estava completa, a mulher não queria pensar racionalmente, e ali parada em frente ao corpo adormecido de Santiago, ela sentenciou sua sina. Queria vingança pelo que ele lhe fez e em um pique de fúria ela mergulhou naquela alma, como quem nada em um mar sem pensar nas consequências. Novamente.

A areia invadia as juntas entre seus dedos, trazendo uma sensação reconfortante àquele homem que olhava sem realmente ver o sol mergulhando naquela imensidão de água. As ondas estavam calmas, atingindo seus calcanhares em um ritmo constante, quase como se o convidasse a entrar.

Repentinamente a água à frente de Bentinho começou a borbulhar, como se o mar estivesse entrando em ebulição. Franziu a testa e comprimiu os lábios, recuou assustado, sentimento esse que se intensificou ao ver cabelos negros flutuarem em meio à uma grande mancha nas águas.

O corpo de uma mulher surgiu e com seu aparecimento o clima fechou, o céu escureceu repentinamente, o mar se agitou e até a areia parecia querer o puxar para o abraço sufocante da morte. Aquela mulher tinha olhos injetados de ódio, suas roupas fúnebres e molhadas

colavam na pele anormalmente pálida. Tinha um rosto fechado, com marcas fundas em suas bochechas. Aquela era Capitu?

— Por que você fez isso comigo!? — gritou a mulher, recebendo como resposta um negar de cabeça. — Por que você fez isso comigo!? Por que me acusou? Por que me difamou? Você acha que te trai? Olhe nos meus olhos e veja se fiz isso! — Seus gritos vibravam na água e Bento quase conseguia sentir a terra tremer.

— Eu... eu não fiz nada! Eu não sei! — gritou o homem desesperado. — Por que você está aqui?

— Eu vim trazer a verdade — falou ela se aproximando e colocando sua mão cadavérica no pescoço do homem, encarando-o nos olhos intimidadoramente. — A sua verdade! Você é um miserável que culpa os outros por seus erros. Você é um lunático que cria paranoias e destrói as pessoas com elas!

— E-eu, não sou assim, sou correto — falou como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

— Correto!? — A voz de Capitolina fez o mundo ao redor tremer. O céu se rachou, as nuvens derreteram e o mar se enlameou. O cenário começou a girar e as cores se misturaram, trazendo náusea a Bentinho.

Não pode ser real!

— Não vai acordar — falou a mulher surpreendendo o homem. — Claro que sei o que está pensando, afinal estou dentro de você, não é? — Sorriu com deboche. — Que tal ver com os próprios olhos o quão desprezível você é? Se afogue em seus pecados, Bento.

Capitolina jogou Santiago no chão, porém este não sentiu o impacto da areia, ou de qualquer outra coisa. Estava caindo no infinito, sentia e ouvia vozes em seus ouvidos, risos distantes de timbres que lhe eram familiares, mas que naquele momento apenas lhe trazia pavor.

Sentiu por fim o impacto doloroso e seus sentidos foram perdidos, assim como seu fôlego. Ficou estirado no chão com sua mão na barriga por alguns minutos tentando recuperar a habilidade de respirar, e

quando conseguiu, um cheiro familiar de lavanda atingiu suas narinas. Abriu os olhos assustado e voltou a fechá-los com força pela claridade. Levantando-se com muito custo, voltou a tentar observar o local. Aquela era a sua casa de infância?

Andou pelos cômodos sem encontrar ninguém, até que por fim foi ao seu antigo quarto e lá, pra sua surpresa, viu a si mesmo criança sentado de frente a uma mesa, balançando as pernas alegremente. Lembrava-se daquele dia, por que estava ali!? Bentinho negou com a cabeça em desespero e tentou recuar um passo, mas foi impedido por uma mão pálida e uma voz sussurrada.

— Veja o pequeno Santiago — ela sussurrou e Bentinho fechou seus olhos em pânico. — Veja! — gritou, forçando o homem a voltar a encarar a cena.

As paredes do cômodo eram de um tom de azul-bebê irritante, assim como todos os adereços do quarto. A criança estava perfeitamente vestida em panos leves de mesmo tom, com seus cabelos espetados para todos os lados, claramente despenteados. Aquele sorriso poderia derreter qualquer um, quanta pureza, quanta alegria por estar pintando aquele cavalo naquela cor extravagante de rosa.

— Bento! — Ouviu uma voz grossa e pesada vir de atrás de si, fazendo com que se retesasse no mesmo momento, assim como a criança à sua frente. — O que está fazendo? — Um homem passou por si e foi em direção ao seu eu criança com os punhos cerrados, tirando o papel da frente do menino. — Onde arranjou isso?

— Peguei emprestado c-com alguém da escola — falou o menino com medo.

Com dureza, tanto o mais novo, quanto o mais velho viram o adulto rasgar o belo desenho em muitos pedaços e jogá-los na lixeira. O homem pegou os gizos usados pelo menino e quebrou-os ao meio com um olhar raivoso.

— Isso não é coisa de menino — impôs o mais velho. — Vista-se, vamos à igreja.

— Sim, papai — concordou a criança com o rosto abaixado ten-

tando a todo custo conter as lágrimas.

Sentiu novamente a mão da mulher em seu pescoço apertando-o, o sufocando-o mais ainda.

— Grande exemplo de família, olha como os princípios foram passados com maestria — disse Capitolina, que estava tomada pelo ódio. Ela não estava se importando com o que acontecia de fato nas lembranças, apenas queria torturar Bentinho, descontar toda sua frustração.

— E-ele estava certo — falou o homem em meio a calafrios.

— Certo!? — esbravejou o espectro. — Você quer ser como ele então? — questionou e pôde sentir a negativa do outro em seu âmago. — Me diga, você quer? — questionou novamente e viu quando o homem olhou para os próprios braços, notando com pavor quando marcas roxas surgiram em diversos lugares, assim como *flashes* de cenas indescritíveis por todo aquele quarto. — Pois está se tornando.

Capitolina segurou nos cabelos de Bentinho e o forçou a olhar no grande espelho que tinha naquele quarto, e lá ele viu, lá ele reviveu mais uma memória perdida. Aquele era ele, adolescente, humilhando um garoto qualquer em sua antiga escola após descobrir sobre sua identidade de gênero, o que era um pecado perante sua família e seus pensamentos.

— Por que, Santiago? Por que todos têm que viver conforme sua expectativa? — questionou. — Por que insiste em projetar o que você pensa nos outros e fazer disso uma verdade!? — gritou e novamente o jogou ao chão.

A queda não foi demorada como a última e logo o espírito viu o corpo de Bentinho cair em uma nova memória, porém o espectro se surpreendeu com o cenário daquela em específico. Era seu primeiro encontro com Santiago há muitos anos. Viu quando um carro preto parou na calçada e ela sabia que seu eu mais jovem voltava seu olhar para a rua de dentro do café naquele instante, totalmente sem esperanças.

Seu encontro com ela era uma tortura para Bento? Era aquilo que ele quis dizer? Porém, quando se aproximou dele com fúria, se surpre-

endeu novamente ao notar apenas a expressão de culpa, nada daquilo que ele apresentava na outra memória.

— Você deve fazer desse encontro o mais perfeito. — Ouviu uma voz de mulher vir de dentro do carro e um murmúrio em concordância. — Quero seriedade, Bento Santiago! Não sabe o quão difícil foi para nós encontrar alguém que fosse adequada a você!?

Os olhos outrora impregnados de ódio se suavizaram e encararam o homem de costas à sua frente. Não tinha sido apenas ela a ser obrigada àquilo? Então no fim era um acordo mútuo entre as famílias? Mas se ele não se importava, por que fez tudo aquilo? Por que todo o ciúme doentio? Do que ele se arrependia?

Viu quando a cena se modificou sem que ela interferisse em nada. Apenas pôde ver o carro evaporar como fumaça, deixando para trás apenas um sussurro de um questionamento que atingiu profundamente o fantasma. Quase conseguia sentir seu corpo estremecer de dentro do caixão, ou até mesmo seu coração falhar uma batida.

E se ela não quiser?

Levou seu olhar ao chão e questionou tudo o que estava fazendo agora. No fim sua morte não foi mais do que sua própria culpa, seu relacionamento conturbado não foi responsabilidade de nenhum dos dois, no fundo ela sabia, e agora pôde confirmar. Ela sabia, mas não queria aceitar, pois tinha se apegado, tinha se apaixonado por aquela imagem que tinha projetado daquele homem, ignorando o que ele se forçava a mostrar e que agora ela insistia em lhe exhibir. No fim ela era uma hipócrita por insinuar que ele projetava nos outros o que ele queria, afinal ele fazia isso por conta de seus traumas, mas agora ela fazia pelo simples querer, pela simples vingança injusta.

Vagarosamente ela levantou os olhos, arregalando-os levemente quando viu que a cena à sua frente era uma de não muito tempo atrás. Estavam na atual casa de Bentinho, na elegante sala de estar, com o sofá de veludo escuro e as cortinas pesadas. Lá estavam Bento e Escobar sentados na beira da janela lado a lado.

Não conseguia distinguir o que eles estavam falando de fato, ape-

nas se atentou na proximidade entre ambos, nos olhares e nas risadas sinceras. Nunca tinha visto o homem se portar daquela forma quando ela estava presente. Foi quando viu o olhar do Santiago da memória se desviar por alguns segundos aos lábios de Escobar que a realidade desmoronou em sua cabeça e ela notou que algo semelhante acontecia com o Bento da atualidade à sua frente, este que não se desviava da cena, encarando-a com afinco.

Capitu se lembrava do que acontecia a seguir, mas ela, na situação, nunca teria reparado na frustração e ciúme do homem quando ela própria impregnou a cena e tomou a atenção do melhor amigo do namorado para si, mas ali ela viu que em meio à sua risada e a do outro, Bentinho se consumia em pensamentos, esses que agora ela sabia que estavam sendo desconfigurados por tudo aquilo que ele se forçava a ser.

A cena foi brutalmente cortada em um surto de raiva do homem que deveria ser sua vítima. Sua respiração estava pesada e seus olhos lacrimejando enquanto furiosamente repetia em murmúrios vários “nãos”. Bentinho levou suas mãos ao rosto, apertando sua própria face em um desespero que nunca havia sentido antes.

Ele apenas queria que tudo aquilo acabasse e ao sentir a mão da mulher em seu ombro teve o impulso de implorar para que ela fosse embora, ou que pelo menos voltasse a lhe mostrar seus abusos de infância. Porém se surpreendeu ao olhar para Capitolina e encontrá-la em sua forma normal, nada de tom pálido, rosto cadavérico ou olhos de ódio, pelo contrário, ela quase parecia um anjo naquele momento, o que fez com que perdesse totalmente a fala.

O que ela podia fazer? Não tinha sentido estar ali, nenhum dos dois tinha culpa da vida que tiveram. Por mais que tentasse negar, ela não era tão diferente de Santiago. Sem liberdade. Talvez a diferença entre eles fosse apenas que Capitolina tinha um pensamento mais forte e sempre tentou negar os costumes da família, mas agora ela entendia perfeitamente que Bentinho nem ao menos isso teve a chance de fazer.

— Vai negar até quando, Bentinho? — perguntou com leveza e viu o homem se surpreender ao escutá-la usar seu apelido pela primei-

ra vez desde que aquela visita começou. — Você conhece seu eu verdadeiro, apenas você pode saber quem você é — falou ela levando uma das mãos ao cabelo do homem, arrumando uma das mechas que havia caído em seus olhos. — Você não pode ser reprimido pelas vontades dos outros, agora eu vejo isso, eu deveria ter feito isso também, não fiz, não posso mais, mas você sim. — Com delicadeza ela pegou a mão de Bentinho e caminhou com ele por aquele amontoado de memórias.

— Para onde está me levando? — questionou Bento atônito com a reviravolta de acontecimentos.

— Para seu futuro — disse e viu quando o homem arregalou os olhos. — Ou pelo menos aquele que acontecerá se você continuar desse jeito.

Uma forte luz tomou os olhos de Bentinho, forçando-o a fechar as pálpebras em uma careta. Quando os abriu se sentiu ainda mais confuso ao se ver parado em um corredor de hospital, ainda de mãos dadas com o espírito da mulher.

— Não solte minha mão, não estamos mais em suas memórias, aqui pode ser perigoso — falou Capitolina, o que fez com que Bentinho acenasse em concordância de imediato.

Andou por alguns metros e foi parado bruscamente por Capitu, esta que tinha um olhar sério em seu rosto. Franziu o cenho em desentendimento e se assustou quando ouviu uma comoção vir do outro lado do corredor, parecia alguém correndo enquanto outras pessoas tentavam o parar.

Espantou-se quando viu a si mesmo dobrar o corredor e parar à porta que estava à sua direita. Logo em seguida vieram alguns seguranças que insistiram que fosse embora e aguardasse, o que ele negou veementemente, e isso era surpreendente, já que odiava causar esse tipo de transtorno.

Em meio ao caos de palavras a porta enfim foi aberta e de lá saiu uma médica acompanhada de sua equipe. Ao ver o motivo de toda confusão, a mulher apenas pediu para que os seguranças se retirassem. Viu como ele perguntou a ela com desespero, como “ele” estava e ain-

da viu a si próprio se debulhar em lágrimas em frente a todos após um aceno negativo de cabeça da doutora.

— O quê? — questionou sem entender.

— Escobar morreu — esclareceu o espectro. — Overdose. Suicídio — falou pausadamente. — Aparentemente não somos apenas nós que temos problemas, não é? — perguntou com um sorriso compreensivo ao notar o desespero estampado no rosto do homem.

Antes que este lhe questionasse algo, ela seguiu em frente e mudou a cena para uma próxima. Nessa estava ele, já idoso, sentado em uma poltrona no que parecia ser sua casa, sozinho a olhar as folhas de outono caírem das árvores lá fora. Ele parecia divagar sobre alguma coisa, talvez sobre sua vida? Sobre suas escolhas? Não sabiam, a única coisa que podiam concluir de fato era sobre a fotografia encardida que estava na mão do velho Bento, uma dele ao lado de seu melhor amigo, em um tempo em que as coisas eram mais felizes.

Quando Bentinho abriu a boca para dizer algo a imagem se dissipou e logo se viu novamente naquela praia de águas calmas e areia reconfortante.

— Aquilo? — balbuciou Bentinho.

— Você deve deixar de pensar no que os outros pensarão de você — começou Capitolina, cortando novamente o homem. — Pela primeira vez, Bentinho — falou ela pondo suas mãos nos ombros alheios. — Pense por si próprio, veja quem você é e se aceite assim — disse e lhe ofereceu um sorriso. — Por mais que nosso relacionamento tenha sido errado, eu ainda te amei, de um jeito estranho, mas tudo o que passamos foi válido, pois ainda éramos amigos — falou e viu uma lágrima cair do rosto sofrido do homem. — Eu já perdi para a morte, mas você não precisa também — murmurou enquanto lhe abraçava afetuosamente. — Encontre quem você é.

Os lençóis foram puxados repentinamente e logo o rosto de Bento Santiago se ergueu dentre eles ao se sentar em um solavanco. Ele tinha a respiração pesada, olhos arregalados cheios de lágrimas e uma constante sensação de suar frio. Olhou ao seu redor e constatou que por fim

estava em sua casa, na realidade, sozinho.

Pousou a mão na cabeça e reviveu tudo aquilo que tinha visto em seu estranho sonho. Ficou por minutos em um estranho monólogo sobre o quanto tudo parecia impossível, o quanto sua sanidade estava afetada, quando por fim notou algo diferente em suas cobertas.

Uma luz apareceu por entre os panos. Aquele era seu celular, o que era estranho, pois tinha certeza que o tinha deixado carregando do outro lado do cômodo. Pegou-o com as mãos trêmulas e ali viu o contato de Escobar selecionado. Novamente as lágrimas retornaram a seus olhos, mas dessa vez em meio a um sorriso.

Bloqueou o aparelho e levou-o à própria testa, curvando-se de leve, deixando que as gotas escorressem de seus olhos até seu queixo.

— Me desculpe — falou em meio aos soluços. — E obrigado.



Joias Raras

Anne Helena de Melo

trilha sonora

Lovely

Billie Elish

Ainda que os dias de verão se passassem lentamente, era uma boa forma de aproveitar seu casamento recente. Ao menos assim pensou Capitu ao chegar à fazenda da família de Bentinho, onde passariam a morar. E, embora fosse uma mulher já acostumada com a cidade, não viu problemas em se mudar para o campo quando o marido pediu, alegando que precisava assumir as responsabilidades pelos negócios da família. Capitu não queria ser algum tipo de pedra no sapato e sabia que alguns sacrifícios precisavam ser feitos, entretanto não era como se não estivesse animada com as novidades em sua vida.

Desde pequena sua única realidade foi a cidade, sempre iluminada, sempre acordada, então talvez o campo lhe fizesse bem. O ar puro e a calma daquele lugar permitia que antigos hobbies voltassem a sua vida, como ler e pintar. Coisas que raramente tinha tempo ou ânimo para fazer na cidade, por estar sempre ocupada ou estressada demais para dar atenção a si mesma. Era triste, mas era a realidade de uma mulher de vinte e nove anos que há muito já não falava com a própria família. Contudo, não duvidava que logo que soubessem de seu casamento voltassem a lhe incomodar com as mesmas histórias sobre ter aprendido a lição e achado o homem certo para esquecer as bobagens que vinham a sua mente.

Entretanto, este era um dos menores problemas que poderia ter desde a noite anterior, quando, ao acordar de madrugada para tomar um copo de água, percebeu uma movimentação estranha no escritório do marido. Seu primeiro intuito fora deixá-lo em paz, afinal poderia ser apenas negócios de família. Mas ao ouvir o próprio nome seguido da risada de Escobar, soube que algo estava errado. Não era burra, apesar de ser tida como tal muitas vezes, apenas era mais analista que a maioria das pessoas. Pelo pouco que conhecia de Escobar podia dizer que não confiava nele, conhecia aquele olhar que ele lançava de longe e tinha a certeza de que aquele homem era tão traiçoeiro quanto o mais vil dos demônios.

Ciente disso, a mulher permitiu-se usar de uma das artimanhas que descobrira sobre a casa para escutar o que era dito naquele cômodo. Andou para o segundo andar a passos rápidos enquanto agradecia mentalmente pelos carpetes que abafavam o som de seus passos, e entrou no cômodo, que sabia ficar logo acima do escritório. Era uma pequena biblioteca que agora também funcionaria como seu ateliê. Andou para a protuberância na parede localizada entre as duas prateleiras, onde também agora um de seus quadros estava pendurado cobrindo grande parte da parede. Não relutou ao se agachar e retirar a tampa do pequeno filtro de ar que ali estava posicionado. Mas, infelizmente, não conseguiu ouvir algo que fizesse muito sentido, apenas alguns números, que eram baixos demais para se tratar das finanças da

fazenda, seguidos de risadas. Ainda assim, Capitu permaneceu em seu posto ouvindo toda a conversa sem sentido. Depois de cerca de vinte minutos daquela ladainha interminável, apenas conseguiu entender que seu marido, no dia seguinte, despacharia algum tipo de pacote.

Talvez, se não fossem as mentiras da manhã seguinte vindas de Bentinho, poderia ter se sentido culpada por ouvir uma conversa sem permissão. Mas o marido havia de fato escondido a presença de Escobar e assim negara qualquer entrega a ser feita.

Fora toda essa junção de fatos que levou a mulher a tomar mais cuidado até com os passos dentro da casa. Se ao menos as mentiras não fossem tão deslavadas, poderia estar mais tranquila, comtudo não era o caso. Perto do anoitecer, quando se reuniram na mesa do jantar, Capitu não poderia estar mais determinada a descobrir sobre o que escutou na noite anterior.

— Bentinho, querido, há quanto tempo não te vejo tão cansado. Está trabalhando até tarde? — a mulher perguntou com um sorriso doce, quase que genuinamente preocupada. No fundo ainda queria que apenas estivesse pensando demais. — Sei que os negócios da família precisam de atenção, mas não se esforce demais.

— Por que a pergunta? Estou parecendo algum tipo de zumbi por acaso? — o homem respondeu sorrindo e logo depois fez uma careta divertida ao colocar a língua para fora e fechar os olhos como se indicasse que parecia um morto.

Toda aquela encenação acabou por arrancar algumas risadas descontraídas do casal, apenas uma piada inocente, mas, para Capitu, a isca havia sido jogada.

— Ontem de madrugada acabei acordando e vi que não estava ao meu lado na cama, cheguei a ir ao corredor quando vi que estava demorando, mas pensei que estaria trabalhando, então achei melhor não incomodar. — Apesar de manter o olhar baixo para o próprio prato, ela pode ver os dedos do marido se apertarem no próprio garfo. Ele estava tenso, mas ao erguer o rosto a mulher percebeu que ele ainda tinha a mesma feição doce de sempre.

— Você estava me procurando? Não se preocupe, é apenas por um tempo, quando tudo se estabilizar por aqui voltarei a manter meu sono em dia... É difícil controlar tudo sozinho.

— Eu apenas fiquei preocupada. Sabe que pode contar comigo, né? Não estou implicando com algo, não pense assim, apenas quero te ajudar.

— Eu agradeço. Capitu, você é a melhor esposa que eu poderia pensar em ter. Faz tanto tempo que estou envolvido que não vejo Escobar para beber um pouco há muito.

Capitu conseguiu captar a armadilha naquela frase. Bentinho já sabia que Escobar não lhe agradava em presença e citar o nome dele com tanta gratuidade era no mínimo suspeito. Por isso não tentou esconder a feição de desgosto ao ouvir o nome do homem, não era a hora de fingir simpatia, isso levantaria suspeitas.

— Não posso dizer que acho isso ruim, não confio nele — respondeu revirando os olhos de leve antes de voltar a olhar para o marido.

— Mas se essa for uma permissão disfarçada para convidá-lo, ao menos diga-le que traga Sancha para me fazer companhia. Gosto do jeito que ela me olha, como se eu fosse a mulher mais inteligente do mundo, faz bem ao meu ego.

Novamente os dois riram e nesse momento Capitu percebeu que finalmente o marido afrouxou o talher na mão. Talvez agora estivesse fora de suspeitas, ao menos por enquanto. Ela não sabia se Bento percebeu sua intenção com aquela conversa, mas ele certamente pensava que não havia que o que se preocupar no momento e isso era o suficiente.

Continuaram o jantar intercalando assuntos corriqueiros sobre seus dias em particular, sem muitos jogos de palavras desta vez. Logo que terminaram a refeição se aprontaram e subiram para a biblioteca, pois ainda era cedo demais para dormir. E enquanto Capitu pintava, Bento limitou-se a ler e observar a mulher de soslaio. Ele não podia deixar de perceber a beleza nos cabelos negros e longos levemente ondulados, o corpo esguio que a fazia ser um pouco mais alta que ele.

Conseguia visualizar o rosto bem desenhado, com a mandíbula levemente marcada, os lábios que pareciam formar um coração quando ela sorria. Isso além dos olhos marcantes e negros como a noite.

O homem logo se aproximou da esposa, primeiro deixando que os dedos se embrenhassem nos fios negros, e logo puxou a mulher para um beijo. O clima não demorou a esquentar entre os dois, fazendo com que migrassem para o quarto de casal, apenas algumas portas à frente. Embora Bentinho tivesse tido o cuidado de esperar tempo o suficiente para a esposa dormir antes de se vestir e descer para o escritório, como fizera na madrugada anterior, ele ainda estava um passo atrás de Capitu. O homem ainda não desconfiava que ela podia ter escutado algo da última reunião e que poderia muito bem ser capaz de forjar um sono tranquilo apenas para sair minutos depois do marido, voltando ao posto que ocupara durante a última reunião.

Desta vez, quando entrou no escritório, Escobar já lhe esperava sentado no sofá enquanto tinha uma caixa amarronzada em mãos incrustada com uma joia amarela. Bento franziu o cenho com a imprudência do amigo, mas antes que pudesse pestanejar de alguma forma o riso dele ecoou pelo cômodo.

— Eu até teria anunciado minha visita mais cedo, meu caro amigo, mas não queria estragar sua diversão. — Escobar era um homem alto de cabelos loiros, pele clara e olhos amendoados que tinham um brilho assustador. Mas claro, não para Bento, que já conhecia há muito aquele homem para temer algo vindo de alguém como ele. — Agora que sua madame já se recolheu tenho assuntos mais sérios a tratar, em especial sua relutância em...

— Não ouse tocar nesse assunto, Escobar. Sei que acredita que essa é a melhor forma, mas eu não quero envolvê-la nisso — Bento disse seguindo para a mesa central, e tirou de lá outra caixa, quase igual a do amigo, com a diferença que a joia na caixa era azul. — Ao menos enquanto ela estiver sob controle, vou mantê-la assim, depois vejo como me livro do problema.

Escobar acenou positivamente, colocando a caixa ao lado da que

Bento havia tirado da gaveta, e suspirou cansado. Nos últimos tempos tudo parecia se tornar cada vez mais problemático para os homens, como uma espécie de castigo divino por suas ações durante os séculos. Primeiro as entregas haviam sido saqueadas e agora teriam que esperar mais algumas semanas para que finalmente tivessem acesso ao material de vigilância. Embora soubessem que nada escaparia de seus olhos, ainda queriam acabar com aquilo rápido.

— Sabe, Escobar, se por acaso seu medo se concretizar e ela descobrir, eu a mato. — Bento se levantou de seu assento e pegou as duas caixas antes de continuar andando até a porta. — Cheguei a desconfiar dela mais cedo, mas não acho que tenha ideia do que acontece aqui, apenas tem o sono leve. Vou passar a colocar algo na bebida dela à noite e está feito.

— Uma hora ela irá perceber, meu amigo. — Escobar riu ladino sabendo que falar sobre isso poderia machucar o amigo. Ele estava mesmo gostando dessa menina Capitu.

— Não gosto dos joguinhos que faz com sua esposa idiota. Enquanto Capitu estiver sob controle eu a mantereí viva, mas não serei cruel o suficiente para fazê-la de marionete como fez com Sancha. Isso não é vida, é melhor uma morte rápida. — Bento virou-se novamente e abriu a porta. — Não fique em meu escritório, não se demore.

Desta vez Capitu foi capaz de identificar o momento certo que o marido saiu pela porta principal. Tentou controlar os próprios temores perante o que havia ouvido. Sua vida corria mesmo perigo. Mas não era momento para sentir medo, tinha que se atentar a mais coisas do que a sua maldita autopiedade. Se era uma guerra, lutaria até o fim.

Não se preocupou em colocar o roupão e desceu as escadas apressadas apenas com a camisola longa. Estava correndo contra o tempo, já fazia alguns minutos que Bento havia saído do escritório e Escobar ainda permanecia lá, o que apenas queria dizer que ele estava mexendo em algo indevido. Era o momento perfeito.

— Fico feliz em não estar errada sobre sua personalidade traiçoeira, Escobar. Creio que meu marido não estaria nem um pouco satisfei-

to com sua presença aqui. — A mulher adentrou o escritório e fechou a porta atrás de si enquanto olhava para o homem. Ele pareceu assustado por alguns segundos vendo a mulher. Fechou a gaveta que mexia com pressa, tentando ao máximo se recompor.

— Posso dizer o mesmo sobre você, bonequinha. — Escobar passou a mão nos fios loiros, ajeitando-os para trás, enquanto procurava normalizar a respiração. Se fosse Bento voltando e o visse mexendo em suas gavetas estaria mesmo morto. — Pelo jeito teremos um funeral.

Capitu riu com desdém. Ao que parecia o seu doce marido era capaz de colocar medo até mesmo no melhor amigo, se podia dizer que realmente eram amigos. Isso a fazia se questionar como não havia percebido o perigo em que se colocara ao entrar naquele casamento. O homem que amava não era quem pensou.

— Não pretendo morrer tão jovem, assim como sei que você também não. Por isso me dirá o que está acontecendo. — A mulher franziu o cenho ao perceber Escobar se aproximar, mas ele não ousou lhe encostar um dedo.

— E por que diria isso? — Tudo parecia ainda melhor para Escobar. Agora entendia o que Bento havia visto naquela mulher, ela era inteligente e destemida. O tipo de pessoa que ao se envolver poderia ter dado um tiro no próprio pé, mas era impossível se desviar disso.

— Porque, caso contrário, direi a Bentinho que fui acordada à noite com um ladrão no escritório dele... E se eu começar a gritar aqui certamente os empregados irão confirmar minha história. — Aquele não era um dos melhores argumentos e quase podia ouvir Escobar dizer “Ele não confia mais em você do que confia em mim”, o que era uma verdade. — E então ele vai matar a nós dois. O que me diz?

Por alguns segundos a morena chegou a pensar que não havia conseguido, mas o sorriso esnobe no rosto do loiro foi a confirmação de que o havia persuadido.

— Essa é a minha proposta: quero o lugar que seu marido ocupa, mas para isso preciso dele morto e só vou conseguir se achar algo que me ajude neste local. Como moradora da casa, tem mais tempo para

investigar. Te dou dois dias, a partir do sol nascer, caso contrário garantirei que não viverá mais. — Escobar sorriu ao ver a feição confusa da mulher, mas ainda assim determinada. — Caso consiga eu te garanto que vai viver, não ligo se quiser sumir ou sei lá.

Ainda que não confiasse no homem, Capitu aceitou o acordo. Sabia que mesmo que não conseguisse estaria morta, mas estava apostando tudo agora. Não iria padecer sem lutar.

— Te vejo amanhã então, doce Capitu. Trarei a idiota de minha esposa caso queira conversar.

No dia seguinte, quando acordou, Capitu viu Bento ao seu lado na cama, como se estivesse ali a noite toda. Logo que o viu se mexer, virou para o marido forjando uma feição sôfrega e reclamou de estar se sentido doente. Prontamente, Bento levantou da cama para procurar alguns remédios. Entregando um copo com água e um comprimido à esposa. Ele chegou a mencionar que desmarcaria o encontro com Escobar e Sancha, mas Capitu insistiu que seria bom ter o ego inflado estando doente. E novamente os dois riram em conjunto.

Logo após o almoço, as visitas chegaram. Enquanto Escobar e Bento se dirigiam à sala de estar onde estavam as bebidas, Capitu guiou Sancha a seu ateliê. Logo que chegaram, Sancha andou em direção aos quadros e já estava pronta para fazer algum elogio quando foi interrompida por Capitu.

— Essa sua cara de sonsa até me enganou no início, Sancha, mas não vou cair novamente. — Capitu viu Sancha se virar com uma feição um tanto assustada. — Sei que nossos maridos estão envolvidos em algo grande e letal, então é melhor...

— Se sabe disso então reze para morrer logo, não queira se tornar uma marionete como eu. — Pela primeira vez os olhos verdes de Sancha demonstraram algum sentimento. Ela não chorava, mas Capitu era capaz de sentir o sofrimento e a amargura emanando da moça, e isso fez com que suavizasse a expressão.

Capitu se aproximou dela e tocou em seu ombro. Ficou a surpresa ao ver a mulher praticamente se jogar contra ela em busca de algum

conforto, passando os braços em torno da morena e recostando a cabeça em sem ombro. Sem pensar muito, Capitu apenas retribuiu o abraço, vendo Sancha se encolher. A moça era menor que ela e tinha os cabelos cor de mel lisos muito bem penteados com um creme que cheirava a jasmim.

— O que ele fez com você? — perguntou genuinamente preocupada. Não esperava aquela reação de Sancha, era como se ela desmoronasse depois de anos sendo sustentada por um suporte inadequado.

— Eu descobri tudo e fui punida, não posso desobedecer Escobar. Eu simplesmente não consigo, é horrível. Apenas posso agir assim com você agora porque ele me disse que caso perguntasse algo eu deveria responder. Você deveria apenas aceitar e viver enquanto pode, eles são...

— Sancha, sei que seu marido vai me matar mesmo que eu dê o que ele quer, eu preciso saber. Por favor. — Capitu olhou para Sancha quase em desespero. Não queria morrer, mas não viveria como um bibelô. — Eu prometo que mato Escobar se conseguir sobreviver.

Pela primeira vez os olhos esverdeados de Sancha pareceram brilhar em esperança e ela ergueu o rosto para fitar a mais alta como se ainda se questionasse o que estava fazendo. Sem se afastar da segurança que Capitu parecia proporcionar, Sancha respirou fundo sem poder falar nada pelas ordens que tinha e logo a morena entendeu.

— Como eu acabo com eles? — Capitu perguntou levando a destra até o rosto da menor, acariciando a bochecha de leve e fazendo-a suspirar.

— Eles têm uma joia dentro do corpo, você precisa tirar de lá com um pedaço de vidro, não sei onde a de Bento está e nem a de Escobar. É isso que ele quer saber. Ele vai morrer quando o corpo não estiver mais em contato com a joia, ela que dá imortalidade a eles. São quatro ao total, não sei onde estão as outras.

— Mesmo que eu não consiga, prometo que não vou te deixar sofrendo em vida, Sancha.

Dito isso, as duas se separaram. Enquanto Capitu seguiu para um

de seus quadros, Sancha sentou-se em um dos sofás, adotando novamente a postura que tinha antes daquele momento, apenas uma mulher que gostava de falar enquanto ignorava os problemas. Pela primeira vez, Capitu não achou aquilo irritante.

Depois do jantar, quando novamente Capitu se viu sozinha com seu marido, ela já não podia se sentir a mesma. Não podia falhar agora e não era apenas por si. Tinha que descobrir onde estava a pedra e tirar antes que Escobar o fizesse. Precisava ser rápida. Na hora de dormir, viu o marido lhe trazer outro comprimido, alegando ser para as náuseas, e apesar de saber ser um sedativo, Capitu tomou para não causar desconfianças. Deixou o copo propositalmente cair no chão e escondeu um dos cacos com o pé. Bento foi rápido em limpar a sujeira e, antes que pudesse perceber, Capitu estava apagada.

Pela manhã foi difícil despertar, sabia que era o efeito do sedativo da noite anterior. Sentiu que os braços de Bento se enroscavam em seu corpo. Rolou para deixar o braço cair para fora da cama, pegou o caco e o escondeu na manga longa da camisola branca que usava. Sentiu o corpo ser puxado para cima do corpo do marido e deixou se levar, acabando por ficar deitada em cima dele, recostando a cabeça sobre seu peitoral. Sentiu a destra do marido acariciar seus fios e sorriu ladino com a ironia do momento.

Levou a mão até o rosto de Bento, acariciando o lugar, e desceu aos poucos. Quando chegou perto da garganta pode sentir os músculos dele ficarem tensos por alguns segundos. Capitu levantou o tronco, agora estava sentada sobre os quadris do marido, e sorriu de forma doce.

— Você tem cócegas. — Viu Bento balançar a cabeça em afirmação com um sorriso no rosto enquanto levava as mãos até os botões da camisa da esposa, que ficavam nas costas, e começou a desabotoar.

Capitu não fez nada para impedir, apenas ficou reparando no marido. Foi quando viu um brilho vindo da garganta de Bento, e nesse momento soube o que precisava ser feito. Não hesitou em tirar o caco de vidro da manga disfarçadamente e, simulando um carinho, fincou

o caco na garganta do homem em um movimento rápido e segurou a joia branca em suas mãos com força.

Bento por sua vez sentiu o corpo reagir rápido e agarrou a mão da mulher em busca da joia, a dor lasciva em sua garganta era amenizada pelo pouco poder que ainda lhe restava. Quando finalmente a mão da esposa foi aberta, não havia mais nada ali, a joia já fazia parte do corpo dela.

— Aprenda uma coisa para a próxima encarnação, Bento. Não me subestime — Capitu disse enquanto via o homem se engasgar com o próprio sangue.

Ainda meio trêmula, a mulher saiu de cima do corpo vendo o sangue ainda fluir do ferimento. Sua cabeça rodava com a velocidade dos acontecimentos, estava livre, havia vencido. Suas roupas se encontravam manchadas de vermelho, assim como os lençóis, mas não se preocupou em limpar. Apenas andou até o telefone localizado no segundo andar e ligou para o número de Escobar, que não demorou a atender.

— Eu descobri algo, venha rápido, diga que Sancha quer me ver. Não tenho muito tempo, você precisa chegar antes dele. — Logo que disse, desligou e foi correndo para o quarto. Ignorando toda a bagunça de sangue, despiu-se, limpou-se devidamente e colocou uma roupa limpa e apresentável.

Não demorou mais que alguns minutos para Escobar entrar pela porta da frente arrastando Sancha pelos braços. Capitu já estava a sua espera na sala principal. Desde que a joia se fundra ao seu corpo, certos conhecimentos vieram a sua mente: a joia branca era a líder e depois havia mais três, a amarela, a azul e a vermelha, de Escobar. Sabia que as duas primeiras foram escondidas em um cofre no banco por seu marido, ele e o amigo haviam tirado dos outros portadores, e que a vermelha estava no braço esquerdo de Escobar.

— Onde está? — Capitu se aproximou de Escobar, ignorando Sancha, e sorriu de leve. Ele não desconfiava de nada, pois estava cego pelo poder. — Me diz, você não conseguiria pegar para você mesma a joia.

— Na garganta — disse simplista e voltou o olhar para Sancha por alguns segundos. — Meu marido está lá em cima, vocês estão atrasados.

Escobar soltou Sancha, tirando uma faca de vidro do bolso, e se pôs a subir as escadas. Capitu olhou para a mulher dos olhos esverdeados, sorriu, mostrou o vidro ensanguentado e fez um sinal para que subissem.

As mulheres correram escada acima e chegaram ao quarto a tempo de ver Escobar abrir a porta e se assustar com o corpo em cima da cama já cheio de moscas. Ele se virou furioso, mas não teve tempo de reagir quando Capitu avançou contra ele, e em um golpe certo arrancou a pedra vermelha do braço do homem com o vidro. O loiro caiu no chão sentindo o braço latejar com a dor, ainda confuso com a forma que havia sido enganado.

— Sabe, Escobar, não deveria ter tentado me enganar. Mas está tudo bem, não vai viver para cometer o mesmo erro.

Da mesma forma que havia feito com Bento, Capitu rasgou a garganta do loiro e o viu se afogar no próprio sangue por alguns segundos antes de se voltar para Sancha. Ela permanecia ajoelhada no chão, seu rosto molhado de lágrimas e os braços envoltos do próprio corpo. Quando se aproximou, Capitu percebeu que Sancha lhe agradecia.

Em resposta, a morena se ajoelhou ao lado da menor, trouxe o corpo dela contra o seu e a envolveu em um abraço delicado. Passou as mãos sobre as costas dela, acalmando-a, e depositou um beijo sobre seus cabelos cor de mel. Permaneceram assim por alguns minutos antes de a morena se lembrar que ainda tinha a pedra vermelha na mão. Afastou-se de leve e encostou a jóia no peito de Sancha.

— Apenas se quiser... — Logo que recebeu um aceno da mulher, viu a pedra ser absorvida por ela e sorriu em contentamento.

Sancha se limitou a passar os braços em volta de Capitu, escondendo o rosto no ombro da mulher, e suspirou com a sensação de conforto que a atingiu pela primeira vez na vida.

— Depois eu te ajudo a limpar, agora vamos apenas ficar assim...



D. Capitolina

*B*árbara Fernandes Sena

trilha sonora

Triste, Louca ou Má

Francisco, el Hombre

Capítulo I – A promessa

No dia 14 de fevereiro, o corpo da criança foi encontrado na Rua de Mata-Cavalos no bairro Engenho Novo às 15:00 pela própria mãe, essa havia deixado a pequena com a criada para atender à igreja e, ao voltar, deparou-se com a terrível cena. A criada está desaparecida, o pai tem histórico criminal por uso de drogas e não tendo nenhum álibi de onde estava naquela tarde, está respondendo como o principal suspeito. Encontramos o corpo na sala de estar com marcas de agressões e...

Interrompi a fala do delegado Inácio desligando de imediato o rádio. Aquilo não podia ser verdade, eu conhecia Escobar por tantos anos que duvidava da sua capacidade de se quer, esmagar um gafanhoto... quanta deslealdade a minha! Eu não duvidava, tinha certeza da moral do meu amigo e ele jamais teria os pensamentos impuros de um assassino. Lembrei-me de um episódio do passado. Sancha estava eufórica com a notícia recém descoberta de que seria mãe, Escobar ainda mais, parecia que iria explodir de felicidade a qualquer momento e, naquele momento, o Rio de Janeiro tornou-se um lugar ainda mais jucundo de se habitar. O recente pai faltava anunciar no jornal o nome da criança: “Será José, se for menino e, Maria, se for menina. O nome de uma criança deve carregar o significado sagrado para honrar as vontades d’Aquele que nos abençoou com o milagre da vida”.

Escobar era um santo.

Bentinho estava tomando uma xícara de café no canto direito da sala principal, ele estava pensativo e seu olhar carregava sofrimento.

— Querido?

— Ele não seria capaz de fazer isso, Capitu.

Antes que eu pudesse responder, o telefone tocou.

— Residência dos Santiago. — anunciei já esperando a voz familiar soar pela máquina.

— Capitu? — era Sancha.

— Sancha, que bom...

Bentinho pegou o telefone de minha mão e sem tardar assegurou a promessa:

— Que me levem décadas, Sancha, eu prometo provar que Escobar é inocente.



Capítulo II – Uma palavra

A tarde do dia 1 de março de 1871 carrega a reminiscência dolorosa de um dia lamentoso; ponho a pena à mão para narrar o dia do julgamento de Escobar.

Bentinho havia se apoderado do caso como se tratasse de uma acusação para com ele mesmo, foram noites e noites mal dormidas, pesadelos constantes, crises de estresse, a comida não mais o agradava em sabor. Tudo havia se tornado mecânico como a engrenagem de um relógio velho, mas que ainda lutava pelo seu propósito de exibir o horário precisamente certo. Meu marido não podia defender o amigo por seu envolvimento pessoal, seria antiético e desrespeitoso com o juramento que tinha feito à jurisprudência durante sua graduação das leis, no entanto, trabalhou arduamente para coletar provas que poderiam ajudar na comprovação da inocência de Escobar. Claro que nada descoberto mudou o destino do homem, ao contrário eu não teria adjetivado o dia como lamentoso.

Irei poupar-lhes a descrição minuciosa de todo o processo de um julgamento criminal, logo, pulemos para a parte final.

— Maria Capitolina, de 3 anos, foi encontrada na sala de estar da residência dos pais com lesões em seu pescoço, costelas e cabeça, o que indica que o veneno, Cianeto, foi o último recurso do assassino para tirar a vida da criança. Foram encontradas pegadas de tamanho 44, compatíveis com as do presente réu, próximo ao corpo da criança. Apenas a mãe, Sancha, de 24 anos, o pai, Escobar, de 24 anos e a criada Martina, de 60 anos, encontrada morta no riacho próximo a casa, tinham fácil acesso à moradia. Nenhuma parte da casa apresentava sinais de arrombamento. Não foi apresentado nenhum álibi quanto ao relato de Ezequiel de Souza Escobar, ele afirmou estar na praia do Flamengo desde às 13h do mesmo dia.

Uma palavra. Nas leis, basta uma palavra para determinar o destino de um sujeito.

— A partir da análise das provas e testemunhos, declaro o réu Eze-

quiet de Souza Escobar culpado pelo homicídio culposo de Maria Capitolina de Souza com pena de 25 anos.

Prendi minha respiração na tentativa de aquilo ter sido apenas um sonho ruim, mas o choro de Sancha me privou de fantasiar um pouco mais e me arrastou para a árdua realidade agora moldada pela proclamação de uma palavra: culpado.

Escobar havia matado a própria filha.



Capítulo III – Nada estava certo

Havia chegado o Outono.

O convívio com meu marido era uma incógnita, uns dias ele aparentava estar bem, fazia piadas, brincava com nosso pequeno Ezequiel, me convidava para dançar, e... ah, esses eram os meus dias favoritos. Por outro lado, em outros dias, que apelidei de “dias de calvário”, Bentinho se afundava no trabalho, passava horas e até mesmo dias no escritório de advocacia, nesses dias, ele mal olhava para mim ou para Ezequiel. Parecia ter raiva.

Em um dos dias agradáveis, fomos com Ezequiel visitar Sancha, eram raros os dias que Bentinho se dispunha a ir conosco, mas esse foi diferente; eu estava acostumada a fazer o trajeto semanal somente com meu filho, afinal, distância não era nada longínqua e o caminho trazia uma nostalgia deleitosa dos tempos de mocidade que compartilhamos no bairro do Engenho Novo. Estacionamos em frente à residência, descemos em rumo a entrada da moradia e dei dois leves toques com aldrava amarela que habitava na antiga porta de madeira. Sancha não demorou a aparecer.

— Meus queridos amigos! Que bom que vieram. — Jamais duvidei das palavras da minha melhor amiga, entretanto, o tom de alegria era digno de uma dramatização de péssimos intérpretes. — Como o

Ezequiel está grande! Que belo menino!

— Está cada vez mais parecido com Escobar, não acha? — Bentinho sorriu verdadeiramente pela primeira vez em meses.

Havia chegado o Inverno.

Bentinho não mais oscilava entre dias bons e ruins, agora tinha apenas dias ruins. Não sei ao certo como narrar o momento em que percebi que havia perdido meu marido para o padecimento provocado pela injustiça que fora destinada ao nosso amigo, mas o perdi. A perda, também foi, aos poucos, definhando minha melhor amiga. Uma vez ela me dissera que não tinha mais identidade. “Uma mulher que perde o marido torna-se viúva, um filho que perde os pais torna-se órfão, mas qual é o nome dado a uma mãe que perde um filho? Não existe tal palavra”. E, assim se sentia Sancha, um espaço vazio em meio a tantas palavras.



Capítulo IV – A alma é cheia de mistérios

Para uns, sonhos são, unicamente, imagens que o inconsciente humano cria no momento de adormecimento. Os amantes da psicanálise podem até estender tal significado para o de um desejo oprimido que é manifestado pela mente. Já eu me atrevo a expandir o conceito para o viés religioso, tenho para mim que sonhos são a porta de entrada para o que há de mais sagrado: a alma humana; esse é o caminho encontrado por Ele para comunicar todo o tipo de mensagem que tenha uma importância inerente. E assim aconteceu no dia 18 de janeiro de 1872. Fui deitar-me às 22h conforme o costume, antes dei um beijo em Ezequiel, que, apesar de já ter 5 anos, nunca dormia sem meu beijo, e ao cobrir-me o corpo, olhei para Bento Santiago, meu marido, já adormecido ao meu lado. Ao longo dos anos havíamos quebrados tantas promessas matrimoniais, afinal, Bentinho, eu não consegui amar-te

todos os dias, não tive forças o suficiente para acompanhar-te em todos os momentos de tristeza e, muito menos, fora você fiel a mim, trocara nosso casamento e nosso filho pelo ofício. Com esse pensamento caí no sono.

Como havia dito antes, os sonhos falam. E estes me disseram coisas que antes nunca havia escutado. Primeiramente, fui levada ao dia em que fomos na casa de Sancha e Escobar no ano anterior, estávamos comemorando o aniversário de 2 anos da Maria.

Ezequiel, esboçando um sorriso, caminhou em direção ao pai.

— Vejam só. Agora ele está imitando os passos do Escobar. — disse Sancha.

Ezequiel tinha a mania de repetir gestos que via com muita frequência.

— Ezequiel, pare logo com isso, há de tomar jeito e andar com seus próprios passos. — ordenou Bentinho.

Antes eu não pude perceber, mas agora a raiva transparecia o rosto dele.

Posteriormente fui direcionada a um domingo corriqueiro em que fomos à igreja e Escobar depositou suas mãos em meus braços num ato espontâneo de risada e Bentinho alternou o olhar entre mim e Escobar.

Antes eu não pude perceber, mas agora a raiva transparecia o rosto dele.

E assim prosseguiu o sono por mais seis ou sete lembranças, em todas, Bento não demonstrava nada além de raiva.



Capítulo V – A denúncia

Acordei no dia seguinte ainda com as imagens vívidas do sonho que tive na noite passada, todas as cenas terminavam com a minha

mesma conclusão sobre o sentimento de Bentinho e eu me encontrei em uma situação conflitante, deveria duvidar do meu marido ou duvidar d'aquilo que sempre acreditei ser uma mensagem divina? Minha querida mãe já falecida, Dona Fortunata, ordenaria que eu rezasse mil padre-nossos pelo questionamento chulo.

Afastei meus pensamentos do acontecido e desci para tomar o café da manhã sozinha, já que a essa hora Bentinho havia se direcionado ao escritório e Ezequiel ainda estava dormindo. Sentei-me na cadeira da ponta diante da mesa retangular de madeira escura, peguei a xícara de porcelana branca que já estava na mesa, despejei um pouco de café no recipiente e o cheiro atingiu-me tão forte que por um segundo senti-me novamente uma moça de 16 anos brincando de escrever juras de amor no muro que limitava a casa de D. Glória e a minha.

D. Glória, mãe de Bentinho, sempre soube fazer o melhor café da região — às más línguas que já me julgam, saibam que essa senhora me convidava diariamente para o café da tarde, ao contrário, minha mãe me repreenderia por maus modos.

Fui interrompida por Ezequiel que acabava de adentrar a cozinha.

— Acordou cedo, filho.

— O ruído dos porcos não me deixou dormir por mais tempo. — disse indo em minha direção. — Bença, mãe.

Abracei meu filho.

— Deus te abençoe, querido. Aceita café? — nunca havia feito essa oferta a ele, não sei por que a fiz hoje.

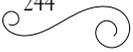
— Papai não me deixa beber café.

— Como? — estranhei.

— Uma vez no escritório, antes de irmos para a missa, ele me ofereceu café e quando fui beber puxou a xícara de volta. Estava até chorando.

— Por que ele puxou a xícara?

— Não sei. Acho que ficou bravo, disse que eu não era filho dele. Por isso, eu não bebo café, não quero o papai bravo comigo.



Capítulo VI – Em que se explica o explicado

Prontamente terminei de tomar meu café, coloquei Ezequiel para brincar com o filho do vizinho e parti para o andar de cima, mais precisamente para o escritório pessoal de Bentinho. Aquela última conversa com meu filho incomodou meus pensamentos a ponto de me fazer cogitar barbaridades. Que péssima mulher eu era.

Entreí no único cômodo da casa que havia frequentado pouquíssimas vezes — novamente, peço ao leitor que poupe os julgamentos prévios, eu respeitava o limite de trabalho do meu marido e, francamente, não tinha nada que me fizesse ter desejo de ficar naquele espaço. Até o presente momento. Eu só iria mexer nas gavetas e encontrar papéis de casos aos montes. Exceto que não foi isso o que realmente aconteceu. Ao abrir a terceira gaveta e vasculhar até o fundo dessa, encontrei um pequeno pacote cinza que revelava os seguintes dizeres: Cianeto.

Meu Bentinho. O mesmo homem que uma vez desistira do sacerdócio para ficar com a mulher que amava, que escrevia nossos nomes no muro da antiga casa, que mostrou coragem ao pedir ajuda a um homem que odiava na tentativa de salvar nosso amor, tinha sido capaz de assassinar uma criança de 3 anos.

Delimito aqui a linha que será traçada como o máximo de descrição que terão sobre todos os sentimentos ruins que pude sentir naquele momento. Bentinho nunca será digno de tê-los expressos em um papel como este, a literatura deve narrar o que deve narrar, mas tem de preservar a dignidade de seu conteúdo e Bento Santiago desconhece tal virtude.

E num ato de puro destemor, ou tolice, dirigi-me para a Penitencia do Flamengo. Eu estava indo visitar Escobar.



Capítulo VII – Uma pergunta tardia

Após a visita a Escobar, suas primeiras palavras ainda ecoavam em minha mente, “Posso não ser o detentor de um passado brilhante, Capitu, mas eu jamais seria capaz de machucar a minha vida. Maria Capitolina era a minha vida”.

Esperei pela volta de Bentinho do escritório de advocacia, a ironia disfarçada nessa frase me fez rir diante tanta incredulidade na situação em que eu me encontrava.

— O que te faz rir uma hora dessa? — Bento havia entrado pela porta principal.

— Encontrei-me questionando para os ares sobre a facilidade de conseguir comprar Cianeto nos dias atuais.

Pude ver a cor da face do sujeito desaparecer.

— Capitu...

— Como você pode fazer isso? — retirei forças de algo divino para não começar a chorar.

— Capitu, veja bem, eu sei que parece absurdo, mas, de fato, tenho uma explicação para o crime que cometi.

O silêncio deu o sinal para Bento continuar.

— Não consegui ver os toques e olhares perversos que Escobar direcionava a você? Claro que não! Já estava caída pelos encantos do cafajeste há anos. Mas não me entenda mal, eu não culpo você, Capitu. — Bento se aproximou — Eu fiz isso por nós, você não conseguiu escapar da lábia do crápula e, dele, gerou Ezequiel como uma cruz pelo pecado cometido. Eu iria tirar aquilo que ele me tirou antes, um filho. Antes d’aquela tarde de fevereiro, eu planejei tudo, fiz a cópia da chave da residência, usei o calçado que Escobar menos iria dar falta no guarda-roupa e claro, realizei o ato no mesmo cômodo em que ele pela primeira vez pusera as mãos sujas em você. — ele se aproximou mais — Foi um toque sutil em sua mão, um observador desatento não teria visto, mas eu vi, Capitu. — aproximou mais — Há alguns males que são para o bem, mas nada disso terá serventia se não entender as

minhas motivações. Capitolina Santiago, você me perdoa?
Após a pergunta, Bento me beijou.



Capítulo VIII – O diabo não é tão feio como se pinta

No dia 4 de março de 1896, 25 anos e 3 dias desde a morte de Maria Capitolina, Escobar foi visitar minha família no Flamengo. Ezequiel já havia partido para a Europa a fim de dar continuidade a sua pesquisa sobre vulcões, aos 30 anos ele já era professor-chefe do departamento de geografia da Universidade de Cambridge. Logo, restou apenas eu e Bentinho na residência.

Escobar chegou para o café da tarde, ao contrário do que qualquer um pensaria, ele aparentava saúde e portava vestes elegantes, com um sorriso no rosto, cumprimentou eu e meu marido.

— Meus amigos! Quantas saudades eu tive. — Escobar nos abraçou.

— Entre, entre. O café há de esfriar diante tantos assuntos pendentes que temos a tratar. Como está Sancha? — questionou Bentinho

Nos sentamos diante da mesa farta de comida que eu mesma havia separado a manhã toda para preparar. Servi o café para todos e tratamos de conversar.

— Sancha está bem, graças a Deus, estamos pensando em começar uma vida nova na Europa. Acredito que o Novo Engenho não tenha nada mais a nos oferecer depois de tanta injustiça.

— De fato, amigo. Vá! A Europa é uma ótima opção para recomeços. Ficou sabendo que Ezequiel partira também? — Bentinho deu um gole no café.

— Sim! Sancha comentou que ele está traçando um futuro brilhante. E como vai o escritório, Bentinho? Muitos casos?

Não houve resposta.

Aos que desconhecem os efeitos do Cianeto vou explicar brevemente. De imediato, há ânsia ou vômito, dor de cabeça, tontura e aceleração do coração, momentos depois, vem a inconsciência seguida da morte causada por insuficiência respiratória ou cardíaca.



Capítulo IX – E bem, e o resto?

Os motivos que me põem a pena à mão não é pedir perdão pelos meus pecados, há alguns males que são para o bem.

Escobar e eu havíamos feito uma promessa um para o outro no dia 19 de janeiro de 1872. A sentença dele envolvia 25 anos em uma prisão e a minha, mais 24 anos de um casamento com um lunático que havia assassinado uma criança inocente por ciúmes. Após o acontecimento do café da tarde, meu amigo se despediu e partiu com Sancha para a Europa, e eu não tardei em escrever essas páginas.



Leitores, não abaxem as páginas ainda! Lembram-se que pedi que poupassem julgamento prévio? Pois agora dou-lhes a liberdade de deliberarem sobre minha moral. Não peço perdão, peço julgamento pelo que fiz e Deus há de julgar-me pelo crime que cometi.

No entanto, não me arrependo.

Capitu



As rosas de Capitu

Deborah Célia Gomes Rodrigues

trilha sonora

I'm sorry

Brenda Lee

O espelho

Há segredos que ainda hoje, relembro minhas memórias, prefiro fingir que nem eu mesma sei. Gostaria de que o tempo tivesse apagado minhas memórias e me deixasse ficar na ignorância como todos. Acredito que apenas o fato de ter que conviver com estes segredos há tantos anos seja o meu maior castigo, se é que eu deveria ser castigada. Às vezes me questiono sobre minhas próprias ações, vivendo em um tribunal eterno: um lado tenta me defender,

dizer que nunca cometi crime algum e se fiz algo, foi em legítima defesa; mas o outro lado provoca, diz que nunca fui santa, que eu deveria ter vergonha, confessar-me e provar as más línguas que eu realmente não era uma boa moça. Deixo eles debatendo enquanto tomo minha xícara de chá. Um dia se entram em acordo não sei, finjo que não é comigo e continuo minha vida.

Porém, hoje, antes mesmo que eu conseguisse chegar até a cozinha e colocar a água na chaleira para esquentar, encontrei com meu reflexo no espelho. Quando meus olhos se encontraram com os olhos refletidos, não pude evitar o tribunal. Certas coisas na vida acontecem quando menos se espera. Não havia programado minhas tarefas imaginando que teria que ter uma dessas conversas. Achava que seria um dia como qualquer outro, que uma xícara de chá resolveria, como resolveu por tantos anos.

Não minta para si mesma, Capitu. O chá nunca resolveu nada. Foi o café. Pare de ignorar a sua própria companhia e permita que seja julgada. Ou ao menos tenha coragem de entrar no tribunal e gritar para que ao menos façam a pergunta correta. Que por todos esses anos, estão que discutem uma questão irrelevante, que o que esses olhos vivenciaram e sabem nem se comparam ao que você realmente fez. Vá, Capitu, confesse.

Mas não digo. Pois não há necessidade. A melhor parte da história é que não importam as respostas, apenas a história. Pois deixe que percam eles a sanidade fazendo as perguntas que bem entendem que julgam fazer. Não me importa a resposta, não me importa o julgamento. Se precisarem de mim, diga a eles que estou na cozinha, ocupada fazendo o meu chá e que não estou disposta a conversar com olhares atrevidos que só sabem julgar o que uma mulher fez pelo que conta um homem. Se nem ao menos estão dispostos a ouvir a moça, por mim, que se danem.

Meu menino

Nunca suportei os olhares. Há alguns anos, quando o pior aconteceu, mandei todos embora. Dispensei todos os criados. Deixo apenas uma senhora e seu marido, que vem, fazem o serviço que precisam fazer e por logo já se vão. Deixo o chá pronto para eles e asso um bolo, pois também não sou nenhuma sem educação. Às vezes ainda preparo o almoço, colho flores no jardim e digo umas bobagens, para que pensem que é a tristeza que me assola. Choro dizendo que sou solitária, que meu filho nunca me visita e que a missa de domingo é minha única alegria. A senhora é boa, ela espalha os boatos na cidade, então me deixam em paz, pois mulher viúva tem mesmo é que ser triste, deixe ela quieta em sua casa, não perturbe. Deixem eles que pensem que sofro com a morte de meu marido. É melhor do que pensarem que sofro é de culpa.

Sei que se perguntam, oh Capitu, como ficastes viúva, depois de que digo coisa tal. Mas não, prefiro mudar de assunto, que nem eu mesma aguento essas falsas lamúrias, já me basta o teatro que faço com toda a cidade. Conto do meu filho, pois este sim é minha única alegria. Não me importo se não me visita, porque apesar de todo o amor incondicional que por ele tenho, seus olhos são ainda piores do que os meus. Ele estava do meu lado, quando disse para que saísse da sala e deixasse eu e o pai conversando. Foi a última vez que ele viu o pai, era um menino ainda, mas já amava o pai mais do que a mim. Poderia eu o entender, pois quando menina também fui capaz de amá-lo. Mas olha só, cá estou falando do homem quando disse que não iria falar. É por isso que não confio nem em mim com meus segredos.

Mas o menino, ah meu menino tinha um daquele olhos. Os malditos olhos que iniciaram toda uma discussão. Perdoe-me filho, maldita seja eu por ter notado a semelhança e falado como se não fosse nada. Maldita seja eu por saber do ciúme do meu marido e achar que ele não veria maldade alguma em minha fala. Maldita sou eu. Quando olho nos olhos do meu menino, creio eu que ele desconfiou. Que quando

o pai ofereceu o café ele bem que aceitou o destino e achou melhor bebê-lo antes que meu marido bebesse, do tanto que o amava. Não bastou muito para que a cena se alterasse, mãe sabe das coisas, entrei logo por aquela sala e foi quando tudo desmoronou. Meu marido, ô homem desconfiado.

Melhor voltar a contar do meu menino. Digo meu porque não ele nunca precisou de um pai, somente de mim, sua mãe. Ficam que lhe perguntam suas origens, mas eu sei, eu que rezava todas as noites que me abençoasse com um filho, eu que temi que não seria boa esposa por não procriar, eu que carreguei por meses em minha barriga e eu vivi a maior das dores quando ele saiu de dentro de mim. E quando eu o vi, não me importei se o tive como dever de esposa, não, eu percebi que o tive por amor de mãe e que marido nenhum merecia um filho. Aquele menino era meu e era tudo que me bastava. Era tudo que o bastava também. No máximo de uma pensão, que filho precisa mesmo é de dinheiro, pai não precisa não. Claro que eu não posso olhá-lo muito tempo. Dói o coração e arrepia o corpo. Ele é um espelho ambulante refletindo os meus segredos. Ainda que só o visse aos sábados e domingos, assim que cresceu um pouco mais tratei de o enviar para um colégio interno, bom que fica inteligente e quem sabe vai estudar as leis como meu marido deveria ter ido desde o início. Como desejei que tivesse ido. Nunca teria conhecido Escobar.

Por isso faço chá. Não preciso de mais motivos para acordar.

Minhas rosas

Que as histórias fiquem de lado por agora, não quero arriscar-me a dizer mais. Este assunto me assombra e só a mim deve assombrar. Não, nem a mim. Nem eu mesma tenho que me torturar. Pego minha xícara e vou-me ao jardim.

Esse papo todo está me atrasando, tenho que cuidar das minhas rosas. Não há no mundo outras flores que eu prefira cultivar. São belas e perigosas. Sabem bem se defender de mãos que não sabem onde

podem encostar. Quisera eu ter nascido rosa. Poderia envolver-me de espinhos e nunca teria tido em minha vida um segredo sequer para esconder do espelho e poderia continuar a namorar minha imagem. Meu marido sempre me criticou, dizia que eu gostava demais de mim. Talvez eu tenha mesmo nascido rosa. Por fora era apenas uma flor admirável. Meus espinhos eram internos.

Não internos o suficiente. Nunca me protegeram como deveriam. Agiram tardiamente e apenas como vingança, por não terem conseguido espetar quem tocava a rosa na hora certa. Eu mesma tive que fazer espinho, arrancar levemente as pétalas e agir em minha defesa.

Chega. Não irá mais me tocar. Não irá mais me tratar como se fosse sua.

Pois serás sempre minha, dizia ao me segurar, desde que a tomei para mim, eu a quis, mas se prometeu a ele, não me importa o nome que carrega, importa apenas que eu te faça minha.

Chega. Não. Não vou reviver momentos tais.

Vou cuidar das flores. Elas não devem ser tocadas, apenas admiradas. Elas não são minhas, nada é. São apenas flores. Inocentes flores. Rego-as bem e deixo-me cair sobre a cadeira que deixo no jardim, para tomar meu chá enquanto as admiro. Queria que eu tivesse tido uma jardineira como eu, que cuidasse de mim. E que eu nunca tivesse que ter sido espinho, apenas rosa.

A chuva

Antes mesmo que eu pudesse levar aos lábios a xícara, veio a chuva. Eu não esperava por ela. Ai, minhas rosas! Eu havia acabado de as regar, elas iriam se afogar. As rosas que eu cultivei com tanto amor e zelo, seriam levadas embora pela chuva. Só um homem poderia ser tão cruel para enviar as águas que as levassem embora. Seu maldito! Pois nem defunto me esquece. Que as leve, vá, leve-as embora daqui. São apenas flores. Eu as plantarei novamente. Roube todas as flores que quiser, mas não a mim. Pois a mim já roubou demais. Leve tudo que

quiser, não me importa. Porque eu lhe roubei o que mais importava-te neste mundo.

Observei encharcada o estrago que havia mandado para que tirasse de mim as minhas amadas rosas. Não sei se chorei. Não diferenciei as lágrimas da chuva em meu rosto.

O chá

Demorei-me a notar a xícara em minhas mãos. O que antes era chá, agora era chuva. Era realmente o dia do tribunal. Ele não me levou apenas as flores. Levou consigo o símbolo de minha paz. Não poderia mais escapar. Não poderia mais fingir que não era comigo. Pois era.

Pensei brevemente em voltar a cozinha, preparar uma nova xícara para mim. A chuva em minhas mãos me dizia que não. Ele destruiria a mim em uma próxima tentativa. As flores eram um aviso.

A praia

Não era uma caminhada longa. Não havia sido anos atrás, quando sai antes da missa e fui a esta mesma praia. Desta vez levei comigo a chuva, que ia transbordando na xícara. Daquela vez também levei uma bebida, mas em uma pequena garrafa. Quando cheguei a areia, pensei que iria vê-lo aqui, a minha espera, como esteve anos atrás. Pensei que diria que a viagem à Europa mudaria nossas vidas, que inventaria uma tragédia e ninguém nunca saberia. E eu poderia finalmente ser dele. Mas ele nunca entendeu que eu nunca o quis.

Sentei-me na areia. O mar estava ainda mais rebelde. Parecia que ele o controlava. Afinal, era parte do mar. Não tinha mais dúvidas de que agora chorava. Meus olhos choviam como o céu. Não conseguia enxergar nada. As lágrimas me levaram embora para anos atrás.

Venha comigo.

Você nunca entendeu que eu não te amo. Nunca amei.

Não me importa. Eu a quero para mim.

Então vá. Prove que me merece. Amanhã mesmo quando entrar no mar, vá até aquelas pedras ao longe e traga um cascalho para mim. Se provar que é corajoso o suficiente, aceitarei os seus planos de bom grado.

Faço o que tiver que fazer para estar com você.

Na manhã seguinte sai cedo. Não sabia se meu plano funcionaria. Achei melhor me preparar. Garantir que não teria mais problemas. Que eu seria livre novamente. Peguei o que chamei de espinho da rosa e coloquei em sua garrafa. Entreguei e disse-lhe para beber tudo, que lhe daria energia.

Não sei se funcionou. Ou se apenas foi um acidente e não conseguiu.

Mas a culpa ficou em mim.

Nunca entendi porque ninguém nunca notou minha barra do vestido suja de areia. Acho que estavam presos no meu olhar. Nas minhas lágrimas.

A casa torna

Não sei dizer quanto tempo me deixei ficar na areia. Acredito que tempo o suficiente para que outras pessoas notassem. Um senhor me tirou da areia da praia e me ajudou a ir para casa. Ele não disse nada sobre minhas lágrimas, apenas praguejou dizendo que eu devia estar louca por estar na praia no meio de uma tempestade. Perguntou se eu precisava que mandasse chamar alguém.

– Não há necessidades. Eu estou em casa.

– Filho? Oh meu menino, como é bom te ver! Porque não me avisou em suas cartas que me visitaria? Eu teria mandado arrumar um banquete para te receber.

– Quis fazer-lhe uma surpresa, mamãe. Agradeço, meu bom senhor, pode deixar que eu cuidarei dela agora.

Ele me esperou na sala enquanto me limpava e vestia roupas lim-

pas. Deixei minha xícara de chuva no criado ao lado da minha cama. Não sei se queria esquecer aquele dia. Ezequiel preparou para mim uma xícara de café, para que eu me esquentasse. Falou que eu não podia viver mais sozinha, que era preciso ter alguém nesta casa, que na manhã seguinte arrumaria novos criados para mim e que não passaria tanto tempo fora estudando. Parecia querer ser o homem da casa. Pobre menino. Mal é o homem de si mesmo.

O café

Não bebi o café. Apenas sentei-me no sofá e pedi que me fizesse um chá.

– Foi assim que ele morreu, não foi?

Não disse mais nada.

Tem coisas que nem se começam a dizer, porque se começam, tem que terminar. E é melhor deixar certas coisas em seu lugar.

Os olhos

Voltei-me ao espelho antes de dormir. Os olhos que me olhavam pareciam satisfeitos com minha confissão. Mas não completamente. Não havíamos terminado a conversa. E não terminaríamos. Relembro do terror que vivi. Sabia que meu marido nunca teria acreditado em mim. Nunca confiou em mim. É preciso confiar para amar. Mas eu também nunca confiei nele. Tive medo do que faria se soubesse as coisas que eu havia vivido. Não teria me acolhido e me abraçado. Teria me julgado e expulso de casa.

No dia em que ele acusou, disse que o menino não era seu filho, pensei em confrontá-lo, fazer com que ele proferisse aquele absurdo. Mas fiz-me de dissimulada, de que não havia ouvido nada. Pedi que o menino saísse e me deixasse conversando com meu marido. Disse-lhe apenas:

– Vá, beba o café, querido. Vai esfriar.

– Capitu...

– Beba o café, Bentinho.

Malditas palavras que proferi. Ele pegou a xícara e bebeu em minha frente. Meus olhos foram sua última visão. Culpei-me. Não pelo veneno. Não havia como eu saber o que ele havia feito com aquele café. Ou talvez eu soubesse. Não importa agora. A escolha de tomá-lo foi dele. Eu apenas o disse para fazer. Quando ele caiu, corri e o peguei em meus braços.

Chorei, sim, não minto que chorei. A culpa por mais um homem que eu via partir. Porém, estarei mentindo se dizer que não havia misturada as lágrimas de culpa algumas lágrimas de alívio. Finalmente estava livre dos espinhos da vida.

Vá, durma, Capitu. Amanhã faz outro chá. Seu segredo está seguro, afogou-se na xícara de café. Deixem eles que continuem as perguntas incertas.

– Boa noite, mamãe.

– Boa noite, meu menino.

É meu. E está é a resposta.

Então

Na manhã seguinte, vi que as rosas haviam sobrevivido.
Assim como eu.



Sobre a Curadoria

As *fanfics* e a curadoria textual existem no limiar entre o conceito e a (re)organização, uma vez que ambas valem-se da administração do que já existe e da criação de novos significados. Se alguém que lê uma determinada obra e decide narrar sua própria visão dela é considerado um escritor de *fanfic*, então também o curador pode ser entendido como um narrador¹ que tece seu conceito através do texto de outros autores.

Existem muitas semelhanças entre as duas atividades e uma curadoria especificamente de *fanfics* abre ainda mais espaço para interseções. De acordo com estudiosos², “as obras de arte tornam-se indissociáveis do modo como entram em contato com o público.” Similarmente, o gênero *fanfic* tornou-se inseparável do ambiente digital, já que são as plataformas virtuais que permitem com que elas sejam colaborativas, interativas e remotas. Por esse motivo e pelo infortúnio da pandemia, tanto as reuniões da Curadoria - formada por um grupo de voluntários com experiência em *fanfics* - quanto as *postagens*, leituras e comentários aconteceram em ambiente virtual.

Quando decidiu-se que as obras, produzidas pelos alunos e inspiradas em *Dom Casmurro*, comporiam um livro intitulado “*Ecos de Capitu*”, fez-se necessário a criação de critérios que filtrassem – bem como as *tags* dos sites de *fanfics* – quais histórias seriam escolhidas para que o livro fosse um projeto coeso. Afinal, na curadoria,

1 BRANDÃO, Luís Alberto. Curadoria Textual. In: RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cleber Araújo (org.). Tarefas da edição: pequena mediapédia. Belo Horizonte: LED, 2020. p. 55-60. ISBN 978-65-86729-05-4. E-book

2 Ibid., p. 55.

é necessário “haver um arcabouço conceitual geral que organize [a obra] [...] por mais heterogêneo e aberto à imprevisibilidade que ele seja.”³ Assim, foi preciso manter em mente qual era o objetivo da publicação: dar voz à Capitu e continuidade ao legado da famosa história de Machado de Assis, além de proporcionar visibilidade às fanfics como gênero literário.

Por isso, todas as histórias deveriam ser fanfics oneshot (somente um capítulo) com qualidade literária, na qual alguma dinâmica entre Bentinho, Capitu e Escobar se mantivesse presente. Por último e talvez principalmente, todas as obras deveriam dar à Capitu o protagonismo e a voz que ela não teve em Dom Casmurro. Independente do destino que cada autor reservara para a personagem, ela mesmo contaria sua história dessa vez.

Em seguida, a equipe de curadoria colocou em movimento o conceito por trás do livro: as várias faces, vozes e vidas de Capitu. Cada sessão da publicação expressa o sentimento trazido pelas fanfics daquela parte. A primeira sessão, por exemplo, abarca as fanfics mais leves nas quais Capitu tem um relacionamento amigável com Bentinho. Já na segunda, Capitu é determinada e independente. Na terceira, Bentinho interfere na sua vida fazendo com que a sensação geral seja de frustração. Na quarta, Capitu tem medo da pessoa controladora e agressiva que Bentinho se mostra ser e, por último, na quinta sessão, Capitu se vinga de Bentinho. Essas histórias mostram a progressão e as possibilidades de releitura da famosa tensão entre os personagens.

A palavra curadoria, “a partir de sua origem no latim *curare*, significa cuidar, zelar, tratar.”⁴ De certo modo, o objetivo da curadoria desse livro foi cuidar da imagem de Capitu e zelar por sua

3 Ibid., p. 56.

4 STEIMER, Isadora dos Santos Garrido; CRIPPA, Giulia. Curadoria e Crítica. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 13, ed. esp, p. 137-144, Set 2017.



voz. Tratamos de multiplicar seus olhos para averiguar se seriam todos de cigana obliqua e dissimulada e mesmo que fossem, era mais do que tempo de proporcionar à Capitu outros narradores que não Bentinho e outro curador que não Machado de Assis. Neste livro, é primordial considerar que tanto as fanfics, quanto as muitas versões de Capitu se encaixam na definição de curadoria: algo coletivo, colaborativo e de autoria múltipla⁵.

O resto é saber se as Capitus desse livro já estavam dentro da de Dom Casmurro.

Equipe da Curadoria

5 BRANDÃO, op. cit., p. 57.

Sobre a organizadora



Raquel Abreu-Aoki

Raquel Abreu-Aoki possui Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso pela Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Pos-Lin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e graduação em Letras, também, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora adjunto da Faculdade de Letras da UFMG, atuando em três eixos: ensino, pesquisa e extensão na área dos Estudos Linguísticos (Leitura e Produção Textual, Análise do Discurso, Retórica e Processos de escrita criativa).

Sobre as autoras

Jessica Rossmann Martins



Gáucha de nascença e mineira de criação, é bacharel em Cinema de Animação e Artes Digitais e graduanda em Letras - Tradução Português/Inglês. Escreve fanfics desde pequeninha, mesmo antes de conhecer o termo. Seu gênero favorito para ler e escrever é YA com romances LGBT+.

Instagram: @jessrosins

Twitter: @jessrosins

Ana Luiza Hübner



Nasceu em Alagoas, mas se considera uma nômade e cidadã do mundo já que morou em vários Estados e também fora do Brasil. É graduada em Letras pela UFMG com ênfase em tradução literária no idioma espanhol, e é atriz enquanto não está trabalhando com tradução para dublagem de filmes e séries de tv. Além disso, é amante de gatos, café, chocolate e viagens de carro.

Instagram: @naluhubner

Júlia Miranda de Oliveira



Nasceu na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Aos 23 anos, cursa Letras na UFMG. É vegetariana, tem uma gata chamada Juno, ama chá gelado, romances e assistir filmes com viagem no tempo. Escreve (e ama) histórias desde a infância, mas não tem o costume de mostrá-las para ninguém.



Lara Cadar

Lara Cadar é mineira, nascida no ano de 1996. Filha do meio, entre irmãos e livros, criou um pequeno mundo de fantasia maior que ela mesma. Estudante de Letras, fascinada por palavras e apaixonada por histórias. Acredita que Capitu não traiu Bentinho.



Júlia Cadar

Júlia Cadar nasceu em 1998 na cidade de Belo Horizonte. Desde pequena sua paixão sempre esteve nas palavras e nas histórias e então, naturalmente, todas as suas ocupações envolvem letras. Formou em Edição e cursa mestrado de Literatura Inglesa pela UFMG, trabalha como professora de Inglês, lê e revisa sempre que pode e, apesar de escrever todos os dias, ainda sente receio em se denominar escritora.

Twitter: @cadar_j Instagram: juliehelder
Email: servicoslit@gmail.com

Capitu não traiu Bentinho.



Ariele Soares dos Santos

Sou Ariele Santos, escritora, futura professora, tricoteira e estudante de Letras na UFMG. Escrevo porque acredito que essa seja uma forma de me expandir ao máximo. ser outres e representar quem ainda não se viu em nenhum outro lugar. Acredito também que a vida é composta de dramas no sentido da ação e das emoções que se elevam a ponto de precisarem sair do corpo de alguma forma, creio que a arte seja a melhor delas. Escrever sempre é um ato inédito, nunca me canso de ir desvendando o que surgirá no papel.

Minhas redes sociais são o Instagram @arieless e o e-mail soaresariele034@gmail.com!

Foto: Bará Fotografia



Luísa Rocha Vasconcelos

Luísa Rocha nasceu em 11 de maio de 2000 (sim, 2000). É natural de Belo Horizonte e filha mais velha de três irmãos. Estuda Letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e tem grande interesse pela literatura. Sua maior conquista foi ler 70 livros em 2014. Nunca mais conseguiu repetir a proeza, mas continua tentando até hoje.



Luíza Carolina Silva

Luíza Carolina Silva cursa Tradução Português-Inglês na Faculdade de Letras da UFMG. Começou a escrever histórias quando entrou no mundo das fanfics em 2009 e, a partir de então, nunca mais parou. Adora pipoca e suco de maracujá, ama ler livros e mangás, e é completamente apaixonada por animês. Atualmente, publica histórias com protagonismo LGBTQIAP+ de forma independente na Amazon.

Siga Luíza nas redes sociais: @azulicos no Twitter e no Instagram.



Suyhanne K. Pena Leite

Suyhanne Katarynne nasceu dois anos antes da virada do século em Belo Horizonte e desde então nunca se mudou. Graduanda de Letras na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), ela caiu nas graças da literatura no mais tardar da adolescência e não parou mais de escrever. Dedicar a maior parte de seu tempo à escrita e desde então se equilibra no limbo entre seus bloqueios criativos e suas inúmeras e compulsivas inspirações.



Sofia Morais Coelho

Sofia Morais Coelho é belo-horizontina nascida em 2000, atualmente graduanda em Letras Clássicas — Latim pela Universidade Federal de Minas Gerais. Estuda piano desde os onze anos e seu amor pela leitura se expandiu mais ou menos na mesma época com a descoberta das fanfics, que também a levou a descobrir a paixão pela escrita. Bartender nas horas vagas, recentemente também começou sua trajetória como modelo New Face. Para ver um pouco de tudo isso ou entrar em contato com ela, é só acessar seu Instagram ou mandar um e-mail: @sofia_morais_ e sofiamoraisc@gmail.com



Júlia Teixeira

Aspirante a escritora e futura professora de inglês, Júlia Lara Pimenta Teixeira, nasceu em 22 maio de 1999. Belo-horizontina nata, ela, hoje, é graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais. Fascinada pela cultura pop e tudo o que a envolve, Julia é apaixonada por acompanhar histórias e sonha com o dia em que poderá contar as suas.

Camila Contine



Desde os doze, morando no interior de São Paulo, já gostava muito de escrever e exercitar meu lado artístico – que na época eu não sabia que realmente existia. Fui de desenhos para tentativas de poemas, de poemas para relatos em um diário e, então, para histórias e romances que decidi começar a compartilhar na internet. Sentir a mágica da criação e da escrita sempre me trouxe a felicidade que eu sabia que precisava, e conseqüentemente, me mostrou o caminho que eu devia seguir. Atualmente, com vinte e dois anos e fazendo faculdade de Letras em Belo Horizonte, já não amo apenas escrever, mas também leio, traduzo e aprendo novos idiomas, na intenção de continuar cercada de infinitas palavras e histórias.

E-mail: camilacontine@hotmail.com

Laura Ribeiro



Nascida nos anos 90 em Belo Horizonte, Laura é aquariana, ilustradora, quadrinista e autora de contos de ficção científica e romance água com açúcar. Já publicou textos em editoras como Cartola e Abril, e em revistas brasileiras de literatura como a Maçã do Amor. É fã de pássaros, de videogames e dos dias em que finge descansar.

Instagram: @livroarcano

E-mail: lauraribaraujo@hotmail.com

Rafaela dos Santos Araújo



Nascida em 1999, Rafaela Araújo é estudante de Letras/Inglês na Universidade Federal de Minas Gerais. A belo-horizontina é filha do meio de três irmãos e começou a escrever aos 12 anos, encontrando conforto e acolhimento no universo das fanfics. Aos 13 anos, Rafaela finalizou seu primeiro livro original que jamais saiu de seu pendrive. O sonho de publicar um livro a acompanha desde a adolescência e ela mal pode esperar para ter seu nome depois da palavra “autora”.

Você pode encontrá-la no Instagram (@rainbowleoh) ou pelo e-mail: araujosantosrafaela@gmail.com

Foto: @mr_tchola.

Alexandra Mirian L. E. Barbosa



Precisei chegar à universidade para começar a escrever histórias, fanfics para ser mais direta. Mesmo quase habilitada em tradução, resolvi mergulhar de cabeça na escrita e deu tão certo que aqui estou eu, nesse projeto lindo. Para uma iniciante, ter uma oportunidade como essa, é gratificante e marcará para sempre minha vida.

Capitu não traiu Bentinho.

Instagram: @alexandraemerich

Ana Clara Soares Freitas



Nascida em Belo Horizonte, Ana Clara Soares começou a escrever aos oito anos de idade com pequenas letras de música. Seu interesse pela literatura permaneceu na adolescência, o que fez com que estendesse sua escrita a outros gêneros, como poesias, romances e crônicas. Mais tarde, ingressou na Universidade Federal de Minas Gerais no curso de Letras, aprimorando seu conhecimento em Literatura. Em O padre e o profano – primeira publicação da autora – Ana Clara tenta transmitir a sua perspectiva particular do personagem Bentinho, do clássico Dom Casmurro, de Machado de Assis, e reinventa o enredo, mantendo alguns eventos da história original. Uma escrita mais dramática e pessimista do famoso casal machadiano apresentada em uma fanfiction one shot. Instagram: @a_claraana_

Taynara Zanandreis



Taynara Zanandreis, 22 anos, mineira natural em Belo Horizonte mas apaixonada por Recife, graças aos 3 anos que passou lá. Cursa Letras/Inglês pela UFMG desde 2017 e espera poder trabalhar na faculdade depois dos estudos. Construiu o amor por livros quando criança, encontrou o universo das fanfictions cedo e sonha em se tornar uma grande escritora quando mais velha. Espera poder compartilhar as mesmas paixões com as pessoas através da literatura.

Instagram: @itszanawhat

Maria Laura Nogueira



Maria Laura Nogueira é uma escritora do sul de Minas Gerais que cursa Letras na UFMG. Não gosta de ser chamada pelo nome composto, ama sucos de morango e histórias românticas com finais realistas (especialmente se forem protagonizadas por personagens LGBTQIAP+). Começou a escrever aos dezesseis anos, graças à influência da plataforma digital Wattpad, na qual sua principal obra atingiu mais de 190 mil leituras. Além disso, já publicou diversos contos e um romance de maneira independente pela Amazon. Redes sociais: @marialauranog



Laura de Assis Silva

Filha de professores, nasci com a literatura no sangue e o desejo de criar mundos e finais alternativos - geralmente felizes. Sempre me encontrei em histórias paralelas e vi no mundo das fanfictions uma oportunidade de criar um universo melhor e com jornadas árduas, mas sinceras e alegres. Atualmente associo os estudos de Letras a quem sempre fui, aspirante a escritora, bissexual, e alguém que vê o mundo sob um filtro amarelo; e assim espero tocar as pessoas de forma singela e aprender sempre mais com as trocas entre individualidades.



Nayara de Almeida Faria

Nayara de Almeida Faria, exímia sonhadora, aspirante a contadora de histórias, além de amante de romances de ficção e suspense. Nascida em Pará de Minas-MG, residindo hoje em Belo Horizonte. cursando Letras na UFMG, está em sua segunda publicação, pela matéria Oficina de Fanfics, este é um conto baseado no clássico Dom Casmurro, de Machado de Assis.



Anne Helena de Melo

Anne Helena de Melo, nascida em Pará de Minas-MG, mas fez sua cidade Belo Horizonte. É estudante de letras, na UFMG, e apaixonada por leitura e escrita. Está, com muita honra, em sua primeira publicação de um conto desenvolvido durante a matéria Oficina de Fanfics baseado no clássico Dom Casmurro, de Machado de Assis. Grande entusiasta da ficção, tendo como referência obras que misturam suspense e magia, principalmente assuntos que se relacionam ao ocultismo.



Bárbara Fernandes Sena

Bárbara Fernandes Sena nasceu na cidade de Santa Luzia, em Minas Gerais, tem 23 anos e, atualmente, é graduanda em Letras - licenciatura em Inglês - pela UFMG. Durante a infância, foi incentivada pelos pais a manter o hábito de leitura e, por isso, hoje nutre paixão pela leitura de diversos gêneros - de ficção à literatura de testemunho - e pelo estudo de línguas.

Instagram: @barbarafsna



Deborah Célia Gomes Rodrigues

Deborah sempre foi apaixonada por livros e quadrinhos, por isso dedicou-se a estudar estes objetos fascinantes. É formada em Letras Edição pela UFMG e estudou design editorial na UNA. Fundou a Editora Abelhas em 2021 e trabalha como diagramadora, transformando textos em livros. Atualmente está viciada em qualquer objeto com estampa de abelhas.

Instagram: @editoraabelhas

E-mail: editoraabelhas@gmail.com

Site: www.editoraabelhas.com

